

SERGIPE:

Perfil e Perspectivas do
Setor Industrial



SERGIPE: PERFIL E PERSPECTIVAS DO SETOR INDUSTRIAL

SISTEMA FIES

Eduardo Prado Oliveira
Presidente

SUPERINTENDENTE CORPORATIVO

Paulo Sérgio de Andrade Bergamini

INSTITUTO EUVALDO LODI - NÚCLEO REGIONAL

Paulo Roberto Dantas Brandão
Superintendente

SENAI – DEPARTAMENTO REGIONAL

Paulo Sérgio de Andrade Bergamini
Superintendente

SESI – DEPARTAMENTO REGIONAL

Acrízio José Campos Souza
Superintendente



SERGIPE: PERFIL E PERSPECTIVAS DO SETOR INDUSTRIAL

ARACAJU
2010



©2010.FIES

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

FIES

Federação das Indústrias do Estado de Sergipe

Trabalho elaborado por uma equipe cujos nomes estão relacionados na folha de créditos.

Ficha Catalográfica

FIES. IEL. Sergipe: perfil e perspectivas do setor industrial. Aracaju, 2010. 222 p.il.

1. Indústria de Sergipe. 2. Economia Sergipana. 3. Perspectiva I. Federação das Indústrias do Estado de Sergipe – FIES. II. Instituto Euvaldo Lodi – IEL. III. Título.

CDU: 338.45.01(813.7A/Z)

FIES – Federação das Indústrias do Estado de Sergipe
Av. Carlos Rodrigues da Cruz, s/nº Ed. Albano Franco
Centro Administrativo Augusto Franco
CEP: 49080-190 - Aracaju – Sergipe
Tel.: (79) 3226-7400 / 3226-7418
Fax: (79) 3226-7493





MENSAGEM DO PRESIDENTE

Após um período em que a economia brasileira era caracterizada pelas baixas taxas de crescimento, surgiu a necessidade de se adotar políticas públicas e privadas capazes de fomentar a retomada do crescimento econômico. Em Sergipe, é visível a integração entre as políticas de desenvolvimento adotadas no estado e no país, mas, vale ressaltar que o estado sergipano possui uma dinâmica econômica mais acelerada, apresentando, na maioria das vezes, taxas superiores de crescimento superiores às do Brasil e do Nordeste.

Diante do cenário de retomada do crescimento da economia, a Federação das Indústrias do Estado de Sergipe – FIES, apresenta o livro “SERGIPE: Perfil e Perspectivas do Setor Industrial”, com elaboração técnica da competente equipe de pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe e do Núcleo de Informações Econômicas da FIES, cujo objetivo é analisar a dinâmica recente da indústria sergipana, bem como os desafios e perspectivas.

Foi enfatizado o desempenho recente da indústria sergipana frente ao da economia brasileira, foi destacado também o comportamento dos principais setores de atividade, a distribuição espacial das principais indústrias, as características e estratégias das principais cadeias produtivas sergipanas, os impactos da crise enfrentada no final de 2008 e os principais gargalos e oportunidades para o desenvolvimento da indústria nos próximos anos.

Do mesmo modo, é importante ressaltar a contribuição das informações fornecidas por empresários e gestores públicos, que permitiu incrementar a discussão acerca dos desafios e perspectivas encontradas nas diversas cadeias produtivas do estado, que embora promissoras, ainda encontram desafios a serem ultrapassados.

Enfim, este estudo permitiu identificar as vantagens comparativas de Sergipe, possibilitando o aperfeiçoamento das políticas que potencializaram tais vantagens, levando o Estado a um processo de desenvolvimento cada vez mais acelerado.



Eduardo Prado de Oliveira
Presidente do Sistema FIES



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
PARTE I	25
DINÂMICA RECENTE DA INDÚSTRIA SERGIPANA.....	25
I - DINÂMICA DA ECONOMIA E DA INDÚSTRIA EM SERGIPE NO PERÍODO RECENTE.....	27
I.1 COMPORTAMENTO DA ECONOMIA SERGIPANA.....	27
I.2 TRAJETÓRIA DO SETOR INDUSTRIAL SERGIPANO.....	35
I.3 DESEMPENHO DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS SERGIPANAS.....	42
II PRINCIPAIS ATIVIDADES INDUSTRIAIS EM SERGIPE: UMA ANÁLISE DO PERÍODO RECENTE.....	55
II.1 INDICADORES DE DESEMPENHO DA INDÚSTRIA GERAL SERGIPANA.....	55
II.2 COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA EXTRATIVA MINERAL EM SERGIPE.....	64
II.3 COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO EM SERGIPE.....	68
II.4 COMPORTAMENTO DOS PRINCIPAIS SETORES DE ATIVIDADE DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO EM SERGIPE.....	72
II.4.1 Principais setores de atividade.....	72
II.4.2 Análise das mudanças estruturais nos principais setores de atividade.....	75
II.5 INDICADORES DE COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO SERGIPANA.....	81
III DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA INDÚSTRIA EM SERGIPE.....	85
III.1 CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DOS TERRITÓRIOS SERGIPANOS.....	85
III.2 IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE INDUSTRIAL NOS TERRITÓRIOS.....	88
III.3 DISTRIBUIÇÃO DA ATIVIDADE INDUSTRIAL ENTRE OS TERRITÓRIOS.....	98
IV CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS SERGIPANAS.....	111
IV.1 PETRÓLEO E GÁS.....	113
IV.1.1 Cadeia produtiva do petróleo e gás.....	114
IV.1.2 Panorama geral da cadeia produtiva do petróleo e gás.....	118
IV.2 FERTILIZANTES.....	120
IV.2.1 Cadeia produtiva da indústria de fertilizantes.....	122
IV.2.2 Panorama geral da cadeia produtiva da indústria de fertilizantes.....	124
IV.3 ALIMENTOS E BEBIDAS.....	125
IV.3.1 Cadeia produtiva de alimentos e bebidas.....	126
IV.3.2 Panorama geral da cadeia produtiva de alimentos e bebidas.....	133
IV.4 TÊXTIL E CONFECÇÕES.....	134

IV.4.1	<i>Cadeia produtiva da indústria têxtil e de confecções</i>	136
IV.4.2	<i>Panorama geral da cadeia produtiva da têxtil e confecções</i>	139
IV.5	CONSTRUÇÃO CIVIL E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO	140
IV.5.1	<i>Cadeia produtiva da indústria da construção civil</i>	142
IV.5.2	<i>Indústria de cimento</i>	146
IV.5.3	<i>Indústria de cerâmica de revestimento</i>	148
IV.5.4	<i>Indústria de cerâmica vermelha</i>	150
IV.5.5	<i>Panorama geral da cadeia produtiva da indústria da construção civil</i>	151
PARTE II	155
CENÁRIO E PERSPECTIVAS	155
V	CENÁRIO ATUAL PARA A ECONOMIA SERGIPANA	157
V.1	OS EFEITOS DA CRISE FINANCEIRA RECENTE SOBRE A ECONOMIA BRASILEIRA	157
V.2	IMPACTOS DA CRISE FINANCEIRA SOBRE A ECONOMIA SERGIPANA	163
V.2.1	<i>Impactos sobre o setor industrial</i>	167
V.2.2	<i>Impactos sobre as setores de atividades nas cadeias produtivas</i>	169
V.2.3	<i>Impactos sobre o comércio exterior</i>	181
V.3	PERCEPÇÃO DA CRISE NOS PRINCIPAIS SETORES DE ATIVIDADE DA INDÚSTRIA SERGIPANA	185
VI	PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA SERGIPANA	193
VI.1	PRINCIPAIS GARGALOS PARA O DESEMPENHO FUTURO DA INDÚSTRIA SERGIPANA	193
VI.2	PRINCIPAIS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS PREVISTOS EM SERGIPE	201
VI.3	PRINCIPAIS OPORTUNIDADES A SEREM APROVEITADAS PELO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA SERGIPANA	205
VII	CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA AGENDA PRÓ- DESENVOLVIMENTO PARA O ESTADO DE SERGIPE	215
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219
LISTA DE ENTREVISTADOS	222

LISTA DE TABELAS

Tabela I-1: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do PIB a preços básicos , 1996-2007. (%).....	29
Tabela I-2: Nordeste e Sergipe: Participação proporcional no PIB a preços básicos do Brasil, 1995-2007. (%).....	30
Tabela I-3: Brasil: Taxa de investimento e carga tributária bruta , 2000-2007.....	31
Tabela I-4: Brasil e Sergipe: Participação da Administração Pública no PIB, a preços básicos , 1995-2007.(%).....	31
Tabela I-5: Brasil e Sergipe: Grau de abertura econômica, em perspectiva comparada , 2000-2007. (%).....	33
Tabela I-6: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxas de crescimento do Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 1996-2007. (%).....	37
Tabela I-7: Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto dos setores de atividade, a preços básicos, 1996-2007. (%).....	38
Tabela I-8: Brasil e Sergipe: Participação das atividades econômicas no PIB, a preços básicos*, 1995-2007. (%).....	40
Tabela I-9: Sergipe: Participação proporcional na composição do Valor Adicionado Bruto do Brasil, a preços básicos, por atividade econômica, 1995-2007. (%).....	41
Tabela I-10: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades econômicas no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, 2002-2007. (%).....	43
Tabela I-11: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades industriais no Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 2002-2007. (%).....	44
Tabela I-12: Brasil, Nordeste e Sergipe: Peso da atividade extrativa mineral no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, da Indústria Geral, 2002-2007. (%).....	48
Tabela I-13: Sergipe: Participação das atividades industriais no Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, no Brasil e no Nordeste, 2007. (%).....	49
Tabela I-14: Sergipe: Indicador de importância relativa das atividades industriais no VAB da indústria, a preços básicos, em relação ao Brasil e ao Nordeste, 2007. (uncl).....	51
Tabela II-1: Brasil, Nordeste e Sergipe: Número de unidades locais e de pessoal ocupado na Indústria Geral, 1996-2007.....	58
Tabela II-2: Brasil, Nordeste e Sergipe: Valor da Transformação Industrial e dos Salários, retidos e outras remunerações da Indústria, Geral 1996-2007. (Valores constantes).....	61
Tabela II-3: Sergipe: Indústria Extrativa Mineral. Unidades Locais, Pessoal Ocupado, Valor da Transformação Industrial e Salários e outras remunerações. 1996-2007.....	67
Tabela II-4: Sergipe: Indústria de Transformação. Unidades Locais, Pessoal Ocupado, Valor da Transformação Industrial e Salários e outras remunerações. 1996-2007.....	71

Tabela II-5: Sergipe: Indústria de Transformação. Valor da Transformação Industrial, Unidades Locais e Pessoal Ocupado segundo setor de atividade. (2007).....	73
Tabela II-6: Sergipe: Número de estabelecimento por porte de empresa da Indústria de Transformação segundo setor de atividade. 2008.....	74
Tabela II-7: Sergipe: Pessoal Ocupado, segundo Setor de Atividade da Indústria de Transformação, 1996, 2000 e 2007	76
Tabela II-8: Sergipe: número de estabelecimento por porte de empresa da Indústria de Transformação. 2000 e 2008	77
Tabela II-9: Sergipe: Variação do Número de Unidades Locais, segundo Setor de Atividade da Indústria de Transformação, 1996-2007.....	78
Tabela II-10: Sergipe: Evolução da Participação dos Setores de Atividade no Valor da Transformação Industrial, Unidades Locais e Pessoal Ocupado da Indústria de Transformação, 1996, 2000 e 2007	79
Tabela III-1: Caracterização Sócio-Econômica dos Territórios Sergipanos	86
Tabela III-2: Sergipe: Composição Setorial do PIB a Preço Básico de Cada Território, 2007. (%).....	88
Tabela III-3: Sergipe: Diferença em Pontos Percentuais da Participação Relativa das Atividades Econômicas Dentro de um Mesmo Território entre os anos 2000 e 2007.....	89
Tabela III-4: Sergipe: Distribuição Relativa do Número de Estabelecimentos por Setor de Atividade Econômica Dentro de um Mesmo Território, 2008. (%).....	90
Tabela III-5: Sergipe: Distribuição Relativa do Número de Estabelecimentos Industriais por Atividade Dentro de um Mesmo Território, 2008. (%).....	92
Tabela III-6: Sergipe: Distribuição Relativa do Número de Empregos por Setor de Atividade Econômica Dentro de um Mesmo Território, 2008. (%).....	94
Tabela III-7: Sergipe: Distribuição Relativa do Número de Empregos Industriais por Atividade Dentro de um Mesmo Território, 2008. (%).....	95
Tabela III-8: Sergipe: Importância relativa das atividades econômicas do estado entre os territórios, 2007. (%)	98
Tabela III-9: Sergipe: Importância Relativa do Número de Empregos Entre os Territórios por Setor de Atividade Econômica, 2008. (%).....	99
Tabela III-10: Sergipe: Importância Relativa do Número de Empregos Industriais Entre os Territórios por Atividade, 2008. (%).....	100
Tabela IV-1: Sergipe: Estimativa da participação dos setores de atividades da indústria no PIB e no PIB industrial, 2007.....	112
Tabela IV-2: Sergipe: número de estabelecimentos, segundo o porte (absoluto e relativo) nas indústrias têxtil e de confecções, 1994 a 2008.....	136
Tabela IV-3: Brasil: Composição da cadeia produtiva da construção civil, 2008	145

LISTA DE QUADROS

Quadro II-1: Sergipe: Vantagem Competitiva Revelada da Indústria de Transformação segundo Setor de Atividade, 1996-2007.....	81
Quadro II-2: Sergipe: Vantagem Competitiva Revelada da Indústria de Transformação segundo Setor de Atividade, 2003 a 2007	83
Quadro IV-1: Sergipe: Principais cadeias produtivas e setores de atividade industrial associados	113
Quadro IV-2: Brasil: Elos da cadeia produtiva de petróleo e gás na etapa de pré-produção	116
Quadro IV-3: Sergipe: Elos da cadeia produtiva de alimentos na etapa da produção..	128
Quadro IV-4: Sergipe: Elos da cadeia produtiva de bebidas na etapa da produção	132
Quadro V-1: Sergipe: Impactos da crise de 2008 e fatores mitigadores	186
Quadro V-2: Sergipe: Impactos da crise de 2008 em setores selecionados	188
Quadro VI-1: Sergipe: Principais fatores condicionantes do desenvolvimento industrial (2010-2015).....	194
Quadro VI-2: Sergipe: Investimentos industriais estruturantes (2010-2015).....	202
Quadro VI -3: Sergipe: Potencialidades e Oportunidades estruturantes do setor industrial – Horizonte 2010/2015	208
Quadro VII-1: Sergipe: Agenda Pró-Desenvolvimento da Indústria do estado de Sergipe	216

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I-1: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços básicos, 1996-2007 (média móvel bienal)*.....	25
Gráfico I-2: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços básicos, 1996-2007.....	29
Gráfico I-3: Brasil e Sergipe: Participação da Administração Pública no PIB, a preços básicos, 1995-2007 (%).	32
Gráfico I-4: Brasil e Sergipe: Coeficiente de abertura econômica*, 2000-2007.....	34
Gráfico I-5: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 1996-2007 (média móvel bienal)*. (%).....	36
Gráfico I-6: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 1996-2007. (%).....	37
Gráfico I-7: Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto dos setores de atividade, a preços básicos, 1996-2007. (%).....	39
Gráfico I-8: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades econômicas no PIB, a preços básicos*, 2007. (%).....	40
Gráfico I-9: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades industriais no Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 2002-2007. (%).....	45
Gráfico I-10: Sergipe: Participação dos Setores no Valor Adicionado Bruto Industrial de Sergipe. 2007 (%).	46
Gráfico I-11: Sergipe: Participação dos Setores no Valor Adicionado Bruto Industrial de Sergipe. 2002 a 2007 (%).	47
Gráfico I-12: Brasil, Nordeste e Sergipe: Peso da atividade extrativa mineral no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, na Indústria Geral, 2007. (%).....	49
Gráfico II-1: Grandes Regiões: Participação no Número de Unidades Locais da Indústria Geral. 1996, 2000 e 2007 (%).	56
Gráfico II-2: Grandes Regiões: Participação no Pessoal Ocupado da Indústria Geral. 1996, 2000 e 2007 (%).	56
Gráfico II-3: Grandes Regiões: Participação no Valor da Transformação Industrial da Indústria Geral. 1996, 2000 e 2007 (%).	57
Gráfico II-4: Brasil, Nordeste e Sergipe. Índice de Evolução do Número de Unidades Locais da Indústria Geral. 1996 a 2007. (1996=100).....	59
Gráfico II-5: Brasil, Nordeste e Sergipe. Índice de Evolução de Pessoal Ocupado da Indústria Geral. 1996 a 2007. (1996=100).....	60

Gráfico II-6: Sergipe. Participação no Número de Unidades Locais, Pestoal Ocupado e Valor da Transformação Industrial do Nordeste na Indústria Geral. 1996 e 2007. (%)	62
Gráfico II-7: Sergipe: Produção de Petróleo, 1978-2009 (anos selecionados). (em mil m ³)	64
Gráfico II-8: Sergipe. Produção de Gás Natural (em mil m ³). 1994-2009	65
Gráfico II-9: Preços médios no mercado spot do Petróleo do tipo West Texas Intermediate (WTI) - 1999-2008. (em US\$)	66
Gráfico II-10: Sergipe. Número de Unidades Locais na Indústria de Transformação, 1996 e 2007.	70
Gráfico II-11: Sergipe. Pestoal Ocupado na Indústria de Transformação, 1996-2007..	71
Gráfico V-1: Brasil: Taxa de crescimento anual do Produto Interno Bruto, a preços de mercado, 2000-2009. (%)	158
Gráfico V-2: Brasil: Taxa de crescimento trimestral do Produto Interno Bruto, a preços de mercado, 2008.I – 2009.IV (acumulada ao longo do ano / mesmo período do ano anterior). (%).....	159
Gráfico V-3: Brasil: Taxa de crescimento trimestral do Produto Interno Bruto, a preços de mercado, 2008.I – 2009.IV (trimestre / mesmo trimestre do ano anterior). (%)	160
Gráfico V-4: Brasil: Taxa de crescimento trimestral do Valor Adicionado Bruto dos setores de atividade, 2009.I – 2009.IV (trimestre / mesmo trimestre do ano anterior). (%)	161
Gráfico V-5: Brasil: Taxa de crescimento trimestral do Valor Adicionado Bruto das atividades industriais, 2009.I – 2009.IV (trimestre / mesmo trimestre do ano anterior). (%)	162
Gráfico V-6: Brasil e Sergipe: Taxa de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços de mercado, 2007 a 2010 (%)	164
Gráfico V-7: Sergipe: Saldo do emprego formal. 2008 a 2010. Acumulado de doze meses	166
Gráfico V-8: Sergipe: Saldo do Emprego formal na indústria de transformação. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses	168
Gráfico V-9: Sergipe: Soma do consumo industrial e do consumo do mercado livre trimestrais da área da Energia. 2008 a 2010. (GWh).....	168
Gráfico V-10: Sergipe: Saldo do Emprego Formal nas Indústrias Têxtil e de Confecção. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses	170
Gráfico V-11: Sergipe: Saldo do emprego formal na indústria de calçados e couro. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses	171

Gráfico V-12: Sergipe: Saldo do emprego formal na indústria de alimentos e bebidas. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses. _____	172
Gráfico V-13: Sergipe: Produção de Petróleo. 2008-2010. (Em mil Barris Equivalentes de Petróleo) _____	174
Gráfico V-14: Sergipe: Produção de Potássio. 2008-2010. (Em mil toneladas) _____	175
Gráfico V-15: Sergipe: Produção de Amônia e Uréia. 2008-2010. (Em mil toneladas) _____	176
Gráfico V-16: Sergipe: Saldo do Emprego Formal na Indústria de Minerais Não Metálicos. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses _____	177
Gráfico V-17: Sergipe: Produção de Cimento. 2008-2010. (Em mil toneladas) _____	177
Gráfico V-18: Sergipe: Saldo do emprego formal na indústria de produtos químicos, farmacêuticos e veterinários. Acumulado de 12 meses.....	178
Gráfico V-19: Sergipe: Saldo do Emprego Formal na Indústria da Construção. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses _____	179
Gráfico V-20: Sergipe: Consumo aparente de cimento. 2008 a 2010. (Toneladas) _____	181
Gráfico V-21: Sergipe: Exportações Anuais. 1996-2009 (em mil US\$) _____	182
Gráfico V-22: Sergipe: Taxa de crescimento das exportações anuais. 2008 a 2009. Produtos selecionados. (em %) _____	183
Gráfico V-23: Sergipe: Importações Anuais. 1996-2009 (em mil US\$) _____	183

LISTA DE FIGURAS

Figura III-1: Sergipe: Distribuição espacial dos estabelecimentos industriais, 2008	102
Figura III-2: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos industriais, 2008	103
Figura III-3: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos da Indústria Extrativa Mineral, 2008	104
Figura III-4: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos da Indústria Química, 2008	105
Figura III-5: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos na Indústria Têxtil, 2008	106
Figura III-6: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos na Construção Civil, 2008	107

LISTA DE DIAGRAMAS

<i>Diagrama IV-1: Sergipe: cadeia produtiva de petróleo e gás</i>	115
<i>Diagrama IV-2: Sergipe: condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de petróleo e gás</i>	119
<i>Diagrama IV-3: Sergipe: cadeia produtiva de fertilizantes</i>	122
<i>Diagrama IV-4: Sergipe: condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de fertilizantes</i>	124
<i>Diagrama IV-5: Sergipe: cadeia produtiva de alimentos e bebidas</i>	126
<i>Diagrama IV-6: Sergipe: condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de alimentos e bebidas</i>	133
<i>Diagrama IV-7: Sergipe: cadeia produtiva têxtil e de confecções</i>	137
<i>Diagrama IV-8: Sergipe: Condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de têxtil e confecções</i>	140
<i>Diagrama IV-9: Sergipe: cadeia produtiva da construção civil</i>	143
<i>Diagrama IV-10: Sergipe: cadeia produtiva do cimento</i>	147
<i>Diagrama IV-11: Sergipe: cadeia produtiva de cerâmica de revestimentos</i>	149
<i>Diagrama IV-12: Sergipe: Condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva da construção civil</i>	151
<i>Diagrama V-1: Mecanismo de Transmissão da Crise na Economia Sergipana</i>	163

LISTA DE SIGLAS

- BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- CODISE** – Companhia de Desenvolvimento Industrial de Sergipe
- CVT** – Centro de Vocação Tecnológica
- EMSEIUR** – Empresa Sergipana de Turismo
- FAFEN** – Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados de Sergipe
- FIES** – Federação das Indústrias do Estado de Sergipe
- IEL** – Instituto Evaldo Lodi
- IFS** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sergipe
- FAC** – Programa de Aceleração do Crescimento
- PCPR** – Programa de Combate à Pobreza Rural
- PIB** – Produto Interno Bruto
- PRODETUR** – Programa de Desenvolvimento do Turismo
- PROMINP** – Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural
- PROUNI** – Programa Universidade para Todos
- PSDI** – Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SEDETEC** – Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, da Ciência e Tecnologia e do Turismo
- SEINFRA** – Secretaria de Estado de Infra-Estrutura
- SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- SEPLAN** – Secretaria de Estado do Planejamento
- SERGAS** – Sergipe Gás S/A
- SERGIPETEC** – Sergipe Parque Tecnológico
- UAB** – Universidade Aberta do Brasil
- UFS** – Universidade Federal de Sergipe
- UN-SEAL** – Unidade de Exploração e Produção de Sergipe e Alagoas
- ZPE** – Zona de Processamento de Exportações



INTRODUÇÃO

A dinâmica de crescimento da economia sergipana tem se mostrado cada vez mais integrada ao desempenho da economia brasileira, sobretudo no período mais recente. Nos cinco anos que antecederam a crise financeira instalada no final de 2008, a economia brasileira apresentou uma taxa média de crescimento do PIB de 4,7% ao ano, chegando, no auge, em 2007, a 6,1% ao ano, sinalizando o retorno a uma dinâmica de crescimento acelerado, após a depressão nas taxas de crescimento observadas nas décadas de oitenta e noventa. A avaliação das implicações desse desempenho sobre a dinâmica de crescimento da economia sergipana, em particular dos efeitos sobre o setor industrial do estado, é o tema de interesse do presente trabalho.

O estudo teve origem a partir da demanda da Federação das Indústrias do Estado de Sergipe – FIES –, através do Instituto Euvaldo Lodi – Núcleo Regional de Sergipe, numa perspectiva de atualização de estudo anteriormente realizado (FIES, 2007). A elaboração técnica do trabalho ficou sob a responsabilidade da equipe de pesquisadores do departamento de economia da Universidade Federal de Sergipe, com apoio do corpo técnico do Núcleo de Informações Econômicas da FIES. Foram utilizados dados secundários obtidos de fontes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Ministério do Trabalho e o Ministério do Desenvolvimento e da Indústria e Comércio. A metodologia incluiu ainda entrevistas com empresários dos mais importantes segmentos industriais e gestores públicos do estado, com o objetivo de captar a percepção desses agentes sobre o comportamento recente e as perspectivas futuras da economia sergipana.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira parte, do capítulo I ao capítulo IV, caracteriza a indústria sergipana e suas cadeias produtivas associadas, montando uma distribuição espacial e avaliando o comportamento dos segmentos industriais no período que precede a crise financeira, iniciada no final de 2008. A segunda parte, envolvendo os capítulos V e VI, avalia os impactos da crise sobre a economia sergipana e aponta perspectivas futuras de desenvolvimento para o estado. Os capítulos mencionados buscam responder às seguintes questões:

- Capítulo I: Como se comporta, no período recente, a indústria sergipana em relação ao desempenho verificado no país?
- Capítulo II: Como se comportaram, nesse período, os principais setores de atividade da indústria em Sergipe?
- Capítulo III: Como se distribuem espacialmente as principais atividades industriais no estado?
- Capítulo IV: Quais as características e estratégias das principais cadeias produtivas sergipanas?
- Capítulos V: Quais os impactos da crise sobre os segmentos industriais sergipanos?
- Capítulo VI: Quais os principais gargalos e oportunidades para o desenvolvimento da indústria sergipana nos próximos anos?

PARTE I

DINÂMICA RECENTE DA INDÚSTRIA SERGIPANA



I - DINÂMICA DA ECONOMIA E DA INDÚSTRIA EM SERGIPE NO PERÍODO RECENTE

Este capítulo trata do desempenho recente da economia sergipana, em perspectiva comparada com a economia brasileira e com a economia nordestina. O período tem foco na década atual, até o momento anterior à crise de 2008. Para melhor situar a análise foram utilizados dados da segunda metade da década de 90. A análise busca caracterizar a dinâmica da economia sergipana, com foco no desempenho do setor industrial. Na primeira seção, analisa-se a trajetória geral de crescimento da economia sergipana. A segunda seção trata especificamente do desempenho do setor industrial sergipano. Por fim, a terceira seção abrange as atividades econômicas, com foco no comportamento das atividades industriais no estado.

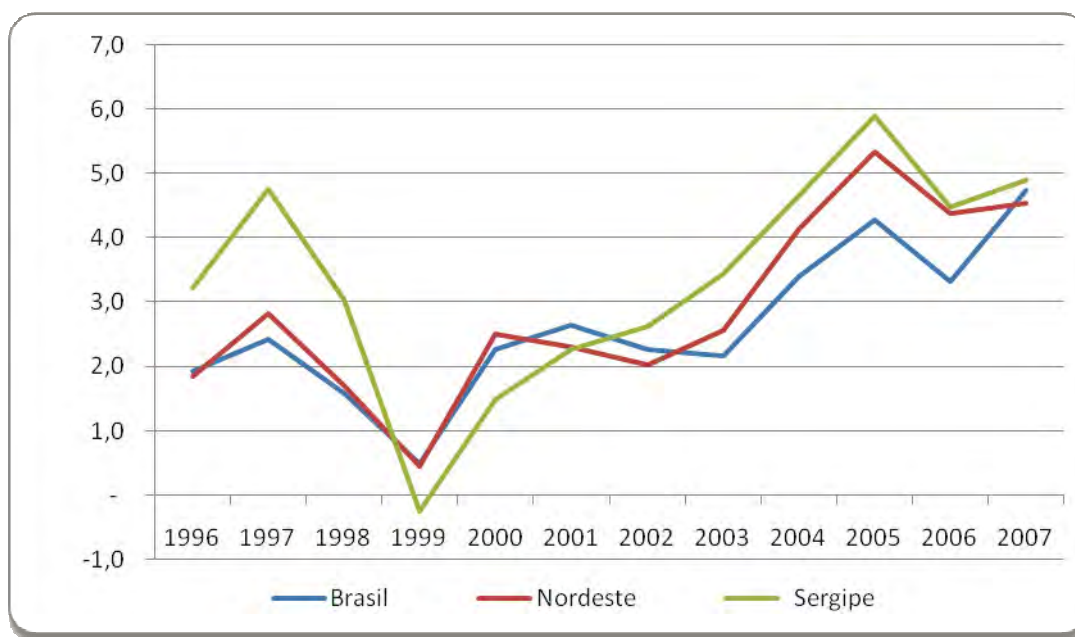
I.1 Comportamento da Economia Sergipana

A trajetória de crescimento da economia sergipana, no período recente, apresenta duas características importantes. Em primeiro lugar, demonstra uma tendência crescente, revertendo a trajetória anterior, observada no final dos anos 90. Em segundo lugar, essa trajetória segue, com algumas especificidades, o movimento da economia brasileira. O entendimento de tais especificidades requer a caracterização e análise da economia sergipana, objeto deste trabalho.

O Gráfico I-1 mostra a taxa média de crescimento, considerando a média móvel bienal, do Produto Interno Bruto a preços básicos, sem inclusão de impostos, que é um conceito mais próximo da evolução da produção dos setores econômicos. Observa-se que a economia sergipana, quando comparada com a economia brasileira e com a economia nordestina, sofreu um maior impacto da crise do final dos anos 90. O Brasil, nesse período, sofreu os efeitos da crise da Rússia, em 1998, e da crise cambial, em 1999, que conduziu a política macroeconômica do sistema da âncora cambial para o sistema de metas inflacionárias. Na sequência, em 2001, com os problemas energéticos, e, em 2002, com a instabilidade na transição de governo, a economia brasileira teve uma breve reversão na trajetória ascendente.

Os dados do Gráfico I-1, mostram ainda que, assim como no momento de crise, a etapa de recuperação é também mais intensa na economia sergipana. O estado de Sergipe, que, no final dos anos 90, apresentava taxas de crescimento superiores à média nacional e nordestina, repete o desempenho no início desta década, sobretudo com a elevação das taxas de crescimento a partir de 2002.

Gráfico I-1: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços básicos¹, 1996-2007 (média móvel bienal)*.



Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

Nota: Média móvel bienal, tomando o ano anterior e o ano corrente. Considera o primeiro valor da série.

A taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto a preços básicos, em períodos de tempo, ilustra esse comportamento mais acentuado da expansão em Sergipe, conforme apresentado na Tabela I-1 e no Gráfico I-2. Mesmo considerando a crise do final dos anos 90, a economia sergipana apresenta, entre 1996 e 2000, uma taxa média de crescimento anual de 2,46%, acima das taxas nordestina e brasileira. No período 2001 a 2007, a taxa média de crescimento de Sergipe chega a 4,23% ao ano, bem acima da taxa média do período anterior e, mais uma vez acima das taxas nordestina e brasileira.

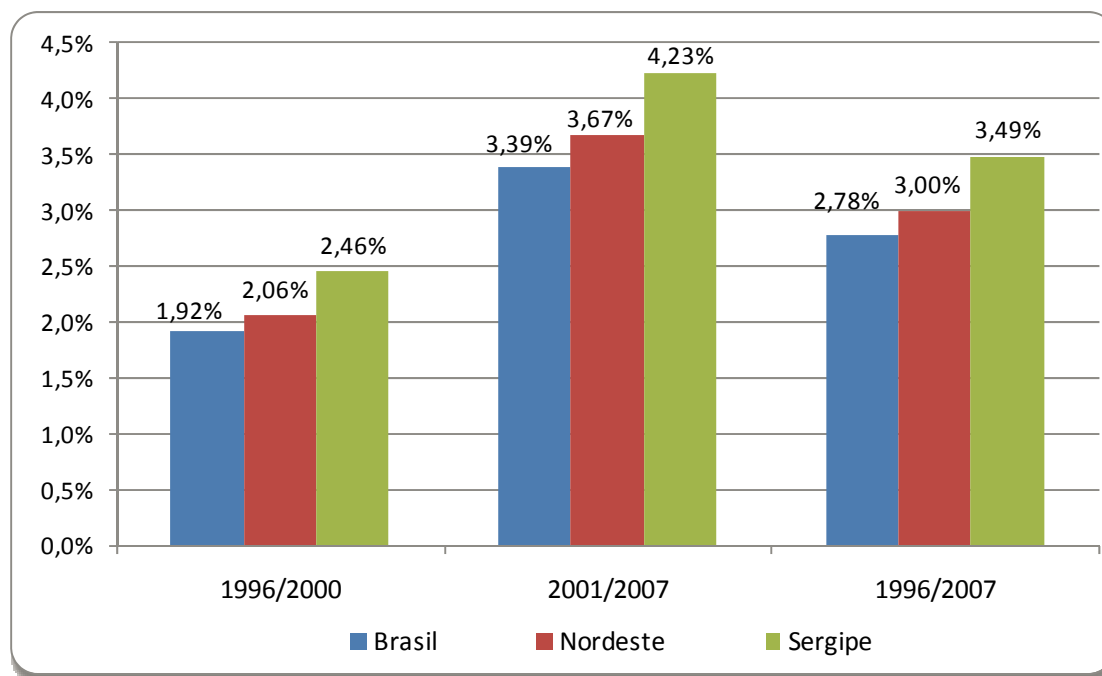
¹ Preços básicos correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, excluindo os impostos sobre produtos

Tabela I-1: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do PIB a preços básicos, 1996-2007. (%)

PIB	Taxa Média de Crescimento (%)		
	1996/2000	2001/2007	1996/2007
Brasil	1,92	3,39	2,78
Nordeste	2,06	3,67	3,00
Sergipe	2,46	4,23	3,49

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Considerando o período total, de 1996 a 2007, a economia sergipana cresceu a uma taxa média anual de 3,49%, enquanto a região Nordeste cresceu a uma média de 3,0% e a economia nacional a uma média de 2,78%. Assim, a despeito dos impactos maiores da crise do final dos anos 90 no estado, o crescimento acentuado de Sergipe, nos momentos de expansão, acima da média da região e do país, resulta nesse desempenho de destaque da economia sergipana.

Gráfico I-2: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços básicos, 1996-2007

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

O comportamento das taxas de crescimento do Nordeste e de Sergipe, a partir da segunda metade da década de 90, altera positivamente o peso dessas economias no cenário nacional, como apresenta a Tabela I-2. No caso do Nordeste, a participação de 12,31% na composição do PIB nacional, em 1995, sobe para 12,74% em 2000 e para 13,33% em 2007. Essa tendência também ocorre na economia sergipana. Em 1995, Sergipe contribuía 0,56% do PIB nacional, crescendo para 0,57% em 2000 e atingindo 0,66% em 2007.

Tabela I-2: Nordeste e Sergipe: Participação proporcional no PIB a preços básicos do Brasil, 1995-2007. (%)

PIB	Participação no PIB do Brasil (%)		
	1995	2000	2007
Nordeste	12,31	12,74	13,33
Sergipe	0,56	0,57	0,66

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nessa dinâmica de crescimento, devem ser destacados alguns elementos importantes, como o comportamento do investimento, o peso do setor público e o grau de abertura econômica. A taxa de investimento representa a capacidade da economia em expandir a sua base produtiva. O peso do setor público é relevante, considerando-se historicamente a sua participação na economia brasileira. Da mesma forma, o grau de abertura deve ser considerado pelo fato de ser um dos fatores que podem trazer oportunidades de crescimento, além do mercado interno, e motivar a competitividade das empresas. No caso do peso do setor público e da abertura econômica, é possível verificar a situação de Sergipe na economia nacional.

Na economia brasileira, a expansão desta década ocorreu sem que fossem retomadas as taxas de investimento verificadas na década anterior, o que significa uma menor capacidade de expansão da base produtiva, em relação ao que já se verificou anteriormente. No momento áureo, em 2007, a taxa de investimento atinge 17,4% do Produto Interno Bruto, como mostra a Tabela I-3, quando na primeira metade da década de 90 a taxa de investimento estava girava em torno de 20,0%, chegando a superar este patamar em dois anos.

No que se refere ao peso do setor público, podem ser avaliados a expansão da carga tributária e o peso da administração pública na composição do PIB. Nesse caso, estão incluídas saúde e educação públicas, além de seguridade social. No que tange ao primeiro item, a Tabela I-3 mostra a expansão da carga tributária nacional, que se expande de 30,4%, em 2000, para 34,7%, em 2007.

Tabela I-3: Brasil: Taxa de investimento e carga tributária bruta , 2000-2007

Ano	PIB ¹ (R\$ 1.000.000,00)	Investimento (R\$ 1.000.000,00)	Taxa de Investimento ² (%)	Impostos e Contribuições (R\$ 1.000.000,00)	Carga Tributária Bruta ³ (%)
2000	1.179.482,00	98.151,00	16,8	358.130,93	30,4
2001	1.302.136,00	221.772,00	17,0	414.949,30	31,9
2002	1.477.822,00	42.162,00	16,4	478.084,60	32,4
2003	1.699.948,00	259.714,00	15,3	542.250,24	31,9
2004	1.941.498,00	12.516,00	16,1	637.252,07	32,8
2005	2.147.239,00	42.237,00	15,9	726.348,41	33,8
2006	2.369.484,00	89.328,00	16,4	808.608,77	34,1
2007	2.661.344,00	64.137,00	17,4	923.655,45	34,7

Fonte: IBGE - Contas Nacionais do Brasil 1995-2007; IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Notas: (1) Produto Interno Bruto a preços de mercado, que corresponde à soma dos valores adicionados dos diversos setores, incluindo os impostos sobre produtos; (2) Dada pela razão entre o montante de investimento e o Produto Interno Bruto, a preços de mercado; (3) Dada pela razão entre o valor de impostos e contribuições e o Produto Interno Bruto, a preços de mercado

À expansão da carga tributária correspondeu uma elevação da participação da administração pública na composição do PIB, saindo de 14,93%, em 2000, para 15,46%, em 2007, como apresenta a Tabela I-4. Observe-se, contudo, que este patamar ainda é inferior aos 15,95%, vigentes em 1995.

Tabela I-4: Brasil e Sergipe: Participação da administração pública no PIB, a preços básicos , 1995-2007.(%)

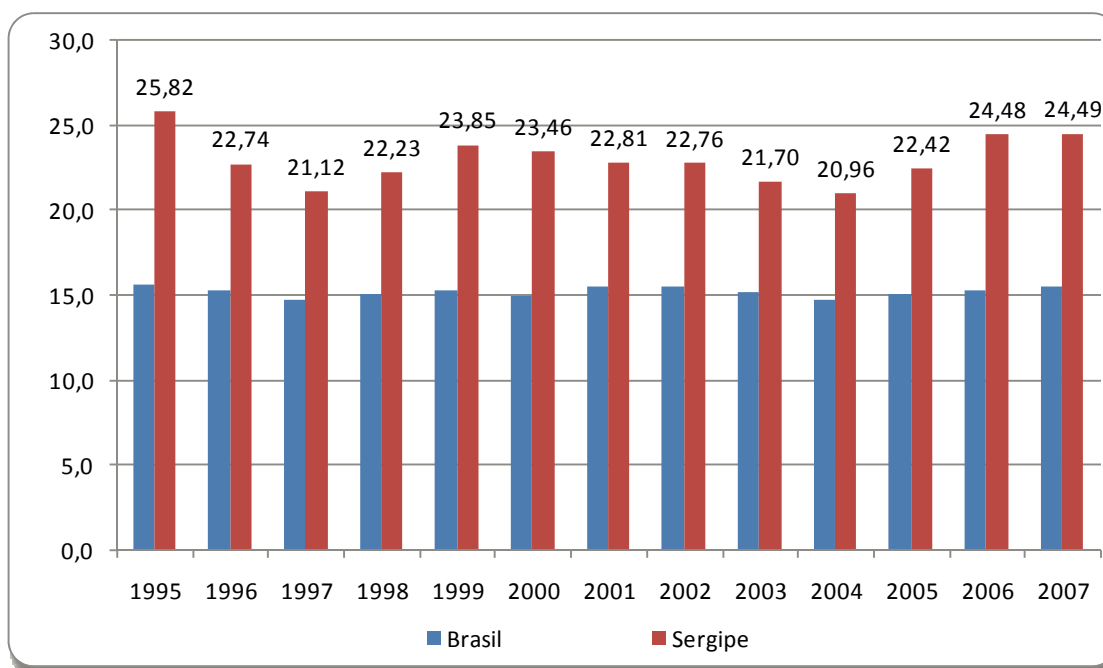
Administração Pública	Participação no PIB(%)		
	1995	2000	2007
Brasil	15,59	14,93	15,46
Sergipe	25,82	23,46	24,49

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Em Sergipe a situação é similar, com expansão do peso da administração pública na composição do PIB do estado, na atual década, mas sem retomar a participação vigente em 1995, como apresenta a Tabela I-4. Entretanto, chama atenção o fato de que o peso da administração pública em Sergipe, superior a 20,0% na composição do PIB, é bastante superior ao que se verifica no país, como destaca o Gráfico I-3. Em 2007, a administração pública respondia por 24,49% da composição do PIB em Sergipe. Isso dá a dimensão da importância do setor público na tendência de crescimento do estado.

Em relação à abertura ao exterior, a economia brasileira passou por mudanças significativas, a partir dos anos 90. Em 1995, a corrente de comércio exterior, representada pelos fluxos de exportações e importações, correspondia a 16,0% do Produto Interno Bruto a preços de mercado. Na década atual, percebe-se uma mudança de patamar, fazendo com que o comércio exterior passasse a representar mais de 20,0% do PIB do país. Como mostra a Tabela I-5, o comércio exterior representava 21,7%, em 2000, passando para 25,2%, em 2007.

Gráfico I-3: Brasil e Sergipe: Participação da administração pública no PIB, a preços básicos, 1995-2007 (%).



Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração dos autores. Elaboração própria.

A situação do comércio exterior em Sergipe pode ser analisada a partir dos dados da Tabela I-5. Os dados consideram a participação do estado na composição do PIB a preços de mercado nacional e na corrente de comércio do país. Para manter a sua posição em relação à economia nacional, o estado deveria ter no comércio exterior um peso equivalente àquele que tem na composição do PIB, significando que a importância de Sergipe no comércio exterior seria tão significativa quanto o seu papel na composição do PIB.

Os dados apresentados mostram um grau relativamente menor de abertura da economia sergipana. Por um lado, percebe-se que o estado não acompanha o movimento de abertura da economia do país. A participação de Sergipe decresce ao longo da década, em termos da sua participação na corrente de comércio nacional, atingindo 0,10% em 2007. Isso segue na tendência contrária de participação do estado no PIB nacional, que cresce ao longo da década. Por outro lado, merece destaque o fato de que Sergipe possui um peso bem maior na composição do PIB, em torno de 0,60%, do que a sua participação no comércio exterior do país, em torno de 0,10%. Isso demonstra que a economia sergipana é relativamente mais fechada do que economia brasileira. Essa situação encontra-se ilustrada no Gráfico I-4.

Tabela I-5: Brasil e Sergipe: Grau de abertura econômica, em perspectiva comparada , 2000-2007. (%)

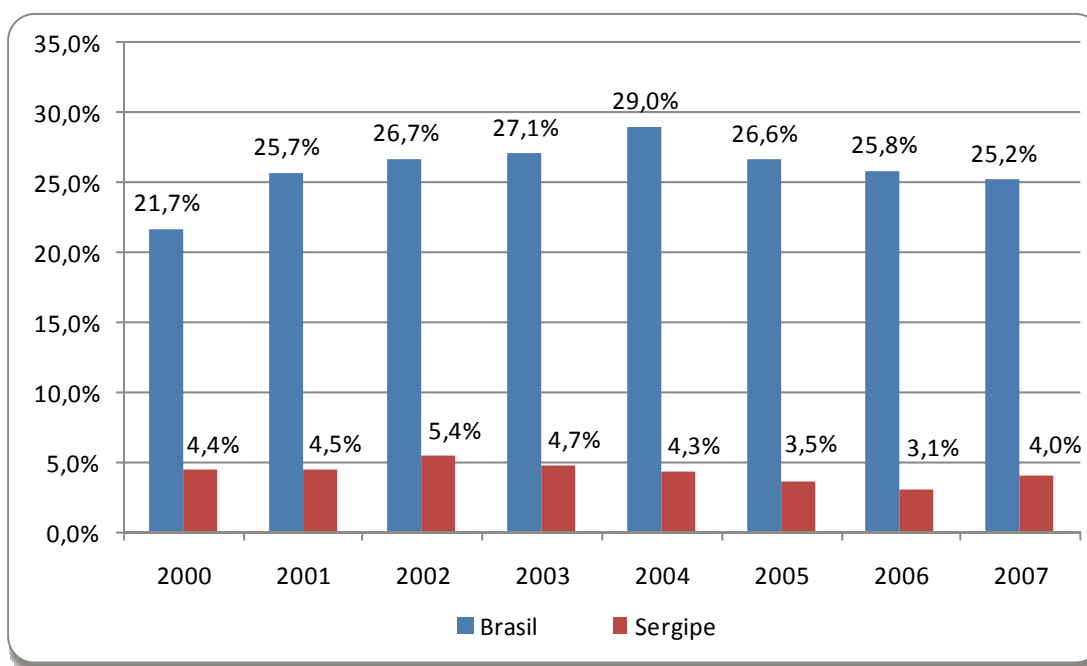
Ano	Brasil			Sergipe	
	PIB ¹ (R\$ 1.000.000,00)	Corrente de Comércio ² (R\$ 1.000.000,00)	Coefficiente de Abertura ³ (%)	Participação no PIB nacional (%)	Participação na Corrente de Comércio nacional (%)
2000	1.179.482,00	256.183,00	21,7	0,55	0,11
2001	1.302.136,00	334.367,00	25,7	0,62	0,11
2002	1.477.822,00	394.277,00	26,7	0,64	0,13
2003	1.699.948,00	460.042,00	27,1	0,64	0,11
2004	1.941.498,00	562.514,00	29,0	0,63	0,09
2005	2.147.239,00	572.204,00	26,6	0,63	0,08
2006	2.369.484,00	612.137,00	25,8	0,64	0,08
2007	2.661.344,00	670.955,00	25,2	0,63	0,10

Fonte: IBGE - Contas Nacionais do Brasil 1995-2007

Notas: (1) Produto Interno Bruto a preços de mercado, que corresponde à soma dos valores adicionados dos diversos setores, incluindo os impostos sobre produtos; (2) Fluxo de comércio considera a soma de exportações e importações; (3) Dado pela razão entre o fluxo de comércio e o Produto Interno Bruto a preços de mercado.

Os dados apresentados no Gráfico I-4 ressaltam o reduzido grau de abertura da economia sergipana. Enquanto o Brasil passa do coeficiente de 21,7%, em 2000, para 25,2%, em 2007, numa tendência de ampliar a abertura ao comércio exterior, Sergipe mantém o seu grau de abertura, saindo de 4,4%, em 2000, para 4,0%, em 2007, numa tendência divergente da economia brasileira. Chama atenção o reduzido grau de abertura da economia sergipana, com coeficiente inferior a 5,0% em praticamente toda a década.

Gráfico I-4: Brasil e Sergipe: Coeficiente de abertura econômica*, 2000-2007.



Fonte: IBGE - Contas Nacionais do Brasil 1995-2007; IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

Os dados apresentados mostram que a economia sergipana seguiu uma trajetória próxima da observada na economia brasileira e nordestina, com redução nas taxas de crescimento no final dos anos 90 e recuperação desde o início desta década. A economia sergipana apresentou uma taxa média de crescimento superior às médias nacional e regional.

Essa dinâmica de crescimento revela algumas características importantes na economia nacional: i) recuperação ainda tímida das taxas de investimento, ii) elevação da carga tributária, com aumento do peso da administração pública na composição do PIB, nesta década, embora em nível inferior a 1995, iii) incremento do comércio exterior, em relação ao PIB, configurando um processo de abertura econômica.

Em Sergipe, por um lado, percebe-se a mesma tendência em relação ao peso da administração pública na composição do PIB, embora deva ser ressaltado que essa participação é bastante superior ao que se observa no Brasil. Isso demonstra a importância relativamente maior do Estado na dinâmica de crescimento de Sergipe. Por outro lado, Sergipe não acompanhou o processo de abertura econômica do país, configurando a economia do estado como relativamente mais fechada que a economia brasileira.

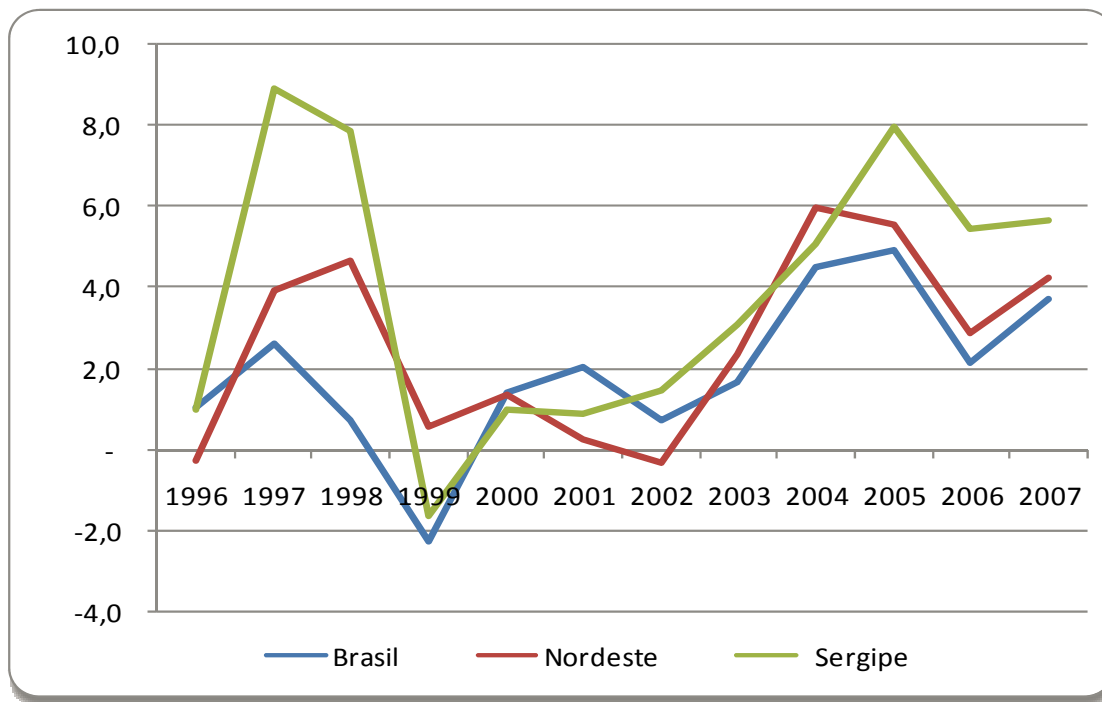
I.2 Trajetória do Setor Industrial Sergipano

A dinâmica de crescimento da economia sergipana, no período recente, mais intensa do que a observada na média nacional, está bastante relacionada ao crescimento do setor industrial. A indústria sergipana apresenta, no mesmo período, uma trajetória de crescimento superior ao que se verifica na indústria regional e na indústria nacional.

No Gráfico I-5, construído a partir da taxa média de crescimento, considerando a média móvel bienal, do Valor Adicionado Bruto², é possível verificar tais resultados ao longo de todo o período. Na segunda metade da década de 90, até antes da crise de 1999, a indústria sergipana cresceu a taxas superiores às aquelas observadas para a indústria nordestina e para a indústria nacional. Na retomada do crescimento, sobretudo a partir de 2002, a indústria sergipana volta a apresentar um padrão de crescimento superior às médias nordestina e nacional.

² O conceito equivale ao Produto Interno Bruto a preços básicos, para o respectivo setor.

Gráfico I-5: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 1996-2007 (média móvel bienal)*. (%)



Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

Nota: Média móvel bienal, tomando o ano anterior e o ano corrente. Considera o primeiro valor da série

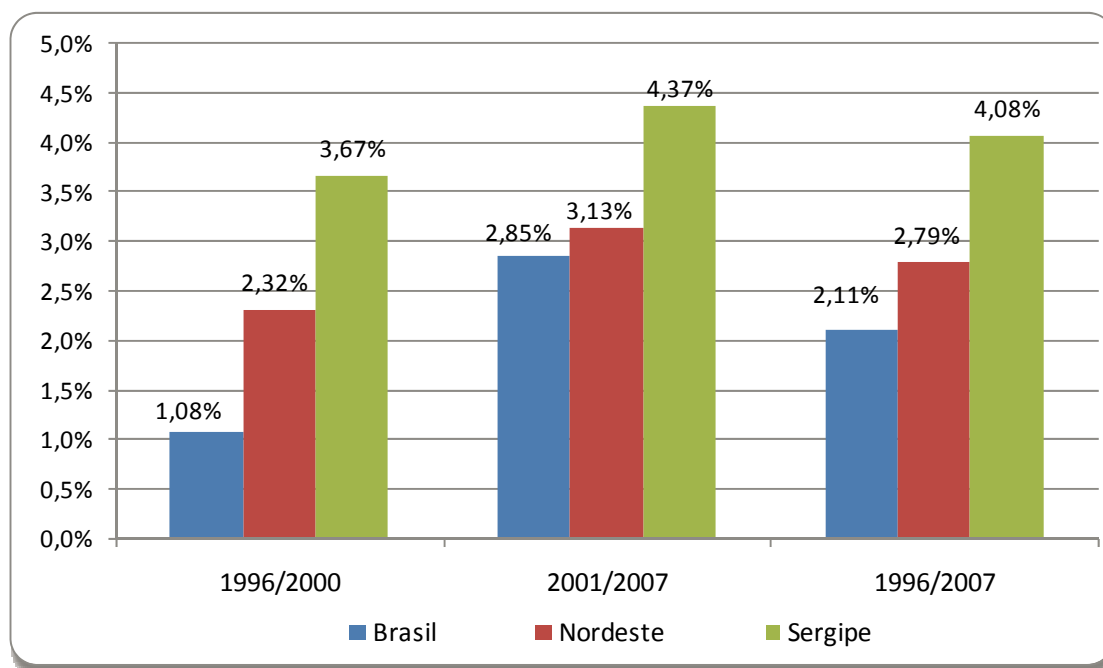
A taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto do setor industrial mostra como se comportou a indústria sergipana em relação à região e ao país, nos respectivos períodos de tempo, conforme apresentado na Tabela I-6 e no Gráfico I-6.

Apesar da crise do final dos anos 90, a indústria sergipana cresceu, entre 1996 e 2000, a uma taxa média anual de 3,67%, enquanto a indústria nordestina crescia a 2,32% ao ano e a indústria nacional a 1,08% ao ano. No período 2001 a 2007, a indústria sergipana apresenta uma taxa média de crescimento ainda maior, chegando a 4,37% ao ano, mais uma vez acima da média de crescimento da indústria nordestina, de 3,13% ao ano, e da indústria nacional, de 2,85% ao ano. Isso está ilustrado no Gráfico I-6.

Tabela I-6: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxas de crescimento do Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 1996-2007. (%)

Indústria	Taxa Média de Crescimento		
	1996/2000	2001/2007	1996/2007
Brasil	1,08%	2,85%	2,11%
Nordeste	2,32%	3,13%	2,79%
Sergipe	3,67%	4,37%	4,08%

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Gráfico I-6: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 1996-2007. (%)

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

Considerando o período total, de 1996 a 2007, a indústria cresceu na região Nordeste a uma média anual de 2,79% e no país a uma média de 2,11%. No mesmo período, a indústria sergipana cresceu a uma taxa média anual de 4,08%, chegando a quase o dobro do que se observou no país. Desse modo, embora tenha sofrido com a crise de 1999, fica claro o crescimento acentuado da indústria sergipana nos momentos de expansão, acima da média da região e do país, o que contribui para explicar o crescimento da economia sergipana.

O papel de destaque da indústria sergipana, para explicar o desempenho da economia do estado, pode ser melhor visualizado quando comparado ao comportamento dos demais setores econômicos do estado. Em Sergipe, a indústria apresenta-se, entre 1996 e 2007, como o setor mais dinâmico, como mostra a Tabela I-7.

Tabela I-7: Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto dos setores de atividade, a preços básicos, 1996-2007. (%)

Setor	Taxa Média de Crescimento		
	1996/2000	2001/2007	1995/2007
Agropecuária	-1,41%	6,33%	3,03%
Indústria	3,67%	4,37%	4,08%
Serviços	2,32%	3,85%	3,21%

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nota: Preços básicos correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, excluindo os impostos sobre produtos,

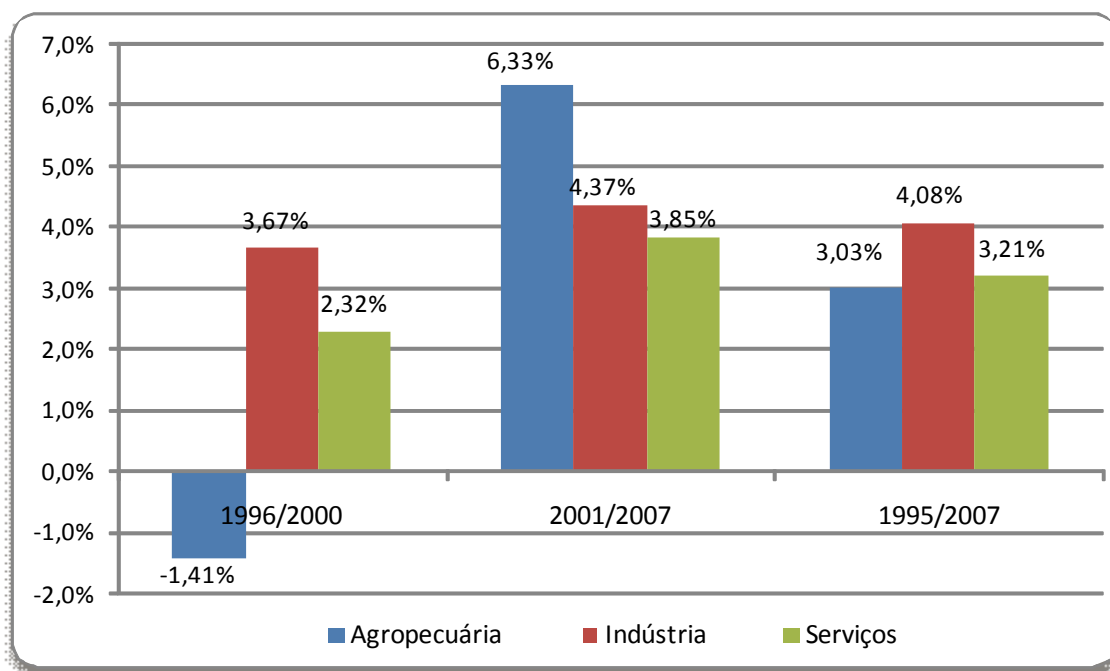
No período 1996 a 2007, a indústria é o setor que alcança maior taxa média de crescimento, atingindo 3,67% ao ano, enquanto o setor de serviços alcança 2,32% e a agropecuária tem desempenho negativo, de – 1,41%. No período seguinte, a indústria é o segundo setor com maior taxa média de crescimento, alcançando 4,37% ano, enquanto a agropecuária e o setor de serviços obtêm taxas médias anuais de, respectivamente 6,33% e 3,85%.

Tomando o período total, de 1996 a 2007, ilustrado no Gráfico I-7, enquanto a agropecuária cresceu a uma taxa média de 3,03% ao ano e o setor serviços de 3,21% ao ano, a indústria cresceu a uma taxa média anual de 4,08%, mais que um ponto percentual acima da agropecuária, ao ano. Isso mostra que a trajetória de crescimento do setor industrial ajuda a explicar o desempenho da economia sergipana no período.

A trajetória de crescimento do setor, contudo, não será determinante se o setor não tiver um peso considerável na composição do PIB. Um setor relativamente pequeno, por maior que seja a sua taxa de crescimento, pode não influenciar significativamente o desempenho do conjunto da economia. Nesse sentido, é importante

analisar o peso de cada um dos setores na composição do PIB, a fim de investigar a efetiva influência do seu crescimento sobre o desempenho da economia.

Gráfico I-7: Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto dos setores de atividade, a preços básicos, 1996-2007. (%)



Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

Os dados da Tabela I-8 mostram que o setor industrial tornou-se relativamente mais importante para Sergipe do que o é para o Brasil. Em 2007, o setor industrial respondia por 30,59% do PIB em Sergipe, enquanto no Brasil participava com 27,81%. Observe-se que, no Brasil, o setor industrial praticamente manteve a sua importância ao longo do período, uma vez que representava 27,53% em 1995. Em Sergipe, o setor industrial cresceu em importância, tendo em vista sua participação de 26,0% na composição do PIB, em 1995.

Esse crescimento de importância na composição do PIB sergipano ocorreu somente no setor industrial. Observe-se que tanto o setor de serviços como o agropecuário tiveram redução de importância na composição do PIB do estado. O setor agropecuário sai de 6,50% na composição do PIB, em 1995, para 4,62%, em 2007. E o setor de serviços cai de 67,50% na composição do PIB, em 1995, para 64,79%, em 2007. Deve-se considerar,

contudo, que o aumento da participação do setor industrial em Sergipe na década atual pode ser explicado, em parte, pela mudança na metodologia do IBGE, a partir de 2001, que passa a considerar a renda gerada pela hidrelétrica de Xingó na atividade de produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana.

Tabela I-8: Brasil e Sergipe: Participação das atividades econômicas no PIB, a preços básicos*, 1995-2007. (%)

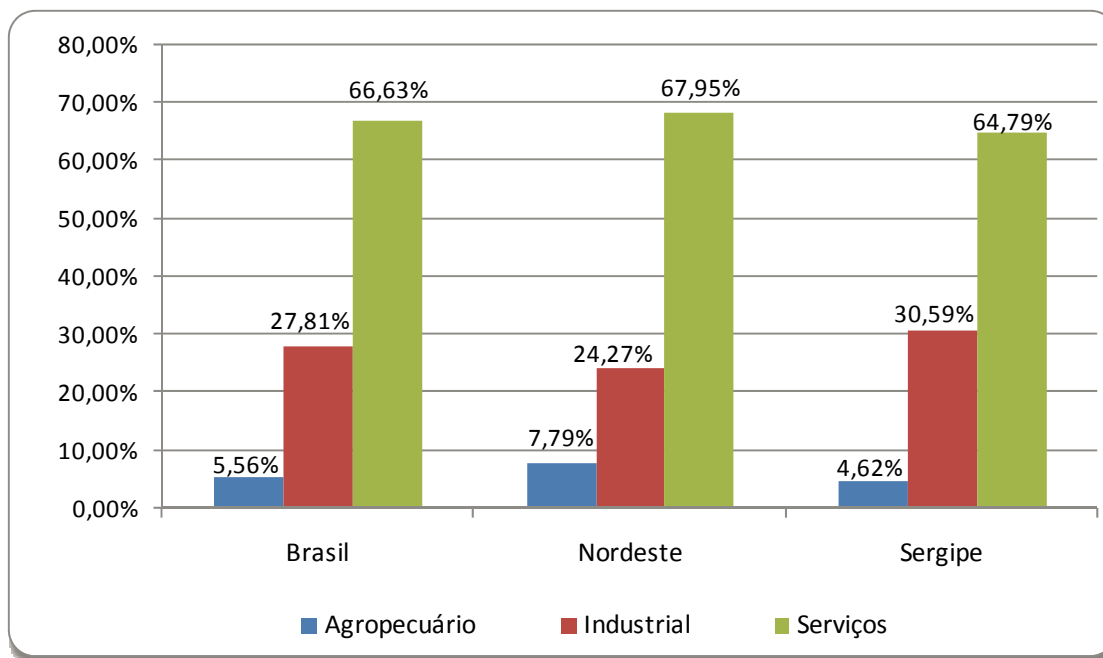
Setor	Brasil				Sergipe			
	1995	2000	2001	2007	1995	2000	2001	2007
Agropecuário	5,77	5,60	5,97	5,56	6,50	4,58	4,33	4,62
Industrial	27,53	27,73	26,92	27,81	26,00	24,73	31,16	30,59
Serviços	66,70	66,67	67,11	66,63	67,50	70,69	64,51	64,79
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nota: Preços básicos correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, excluindo os impostos sobre produtos.

Neste quadro, é importante ressaltar outro dado que revela a importância do setor industrial em Sergipe, como ilustra o Gráfico I-8.

Gráfico I-8: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades econômicas no PIB, a preços básicos*, 2007. (%)



Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

Em 2007, o setor agropecuário, em Sergipe, participa com 4,62% do PIB, tendo proporcionalmente um peso menor do que o observado no Nordeste, com 7,79%, e no Brasil, com 5,56%. O setor de serviços no estado participa com 64,79% do PIB, tendo também proporcionalmente um peso menor do que o observado no Nordeste, com 67,95%, e no Brasil, com 66,63%. O contrário ocorre no setor industrial. Em Sergipe este setor participa, em 2007, com 30,59% da composição do PIB, um peso maior do que o observado no Nordeste, com 24,27%, e no Brasil, com 27,81%.

Além de observar a participação do setor industrial na composição do PIB de Sergipe, é importante verificar como evoluiu o setor em relação à indústria no Brasil. Os dados da Tabela I-9 revelam que o setor industrial sergipano correspondia, em 1995, a 0,53% do valor adicionado bruto da indústria no país, passando a representar 0,73%, em 2007, salto em parte explicado pela mudança metodológica do IBGE, em 2001, como mencionado anteriormente. No caso do setor agropecuário verificou-se a redução da sua participação no Valor Adicionado Bruto destes na economia nacional.

Tabela I-9: Sergipe: Participação proporcional na composição do Valor Adicionado Bruto do Brasil, a preços básicos, por atividade econômica, 1995-2007. (%)

Setor	Participação no Brasil			
	1995	2000	2001	2007
Agropecuário	0,64	0,47	0,46	0,55
Industrial	0,53	0,51	0,74	0,73
Serviços	0,57	0,61	0,62	0,64
Total	0,56	0,57	0,64	0,66

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Outro dado relevante a observar diz respeito à participação do respectivo setor no país quando comparado ao que a economia sergipana representa no cenário nacional. Como mostra a Tabela I-9, em 2007, a economia sergipana respondia por 0,66% do PIB a preços básicos do país. Neste ano, o setor industrial sergipano respondia por 0,73% do valor adicionado bruto da indústria no país, sendo o único setor nessa condição em Sergipe. Ou seja, o setor industrial sergipano mostrava-se proporcionalmente mais

importante na indústria nacional do que a economia de Sergipe o era frente à economia do país. Destaca-se desse modo o papel da indústria para explicar a dinâmica de crescimento da economia sergipana.

Os dados apresentados mostram a importância da indústria para explicar a dinâmica de crescimento da economia sergipana no período recente. A indústria em Sergipe cresceu mais do que a indústria no Nordeste e no Brasil, no período de 1996 a 2007. Considerando em relação aos outros setores da economia sergipana, a indústria cresceu mais que o setor de serviços e que o agropecuário. É importante destacar, além do crescimento, o peso do setor na composição do PIB.

Nesse sentido, deve-se destacar que o setor industrial em Sergipe, em 2007, respondia por mais de 30,6% do PIB, enquanto no Brasil chegava a 27,8%, sendo o segundo setor em nível de importância na composição do PIB. Deve-se ressaltar ainda que o setor industrial, em Sergipe, cresceu em importância, entre 1995 e 2007, fazendo com que o seu peso na composição do Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, na indústria nacional, de 0,73%, seja superior ao peso da economia sergipana, de 0,66%, no Produto Interno Bruto, a preços básicos, na economia do país. Esses dados demonstram a relevância da dinâmica do setor industrial para entender a trajetória de crescimento da indústria sergipana.

I.3 Desempenho das Atividades Industriais Sergipanas

O desempenho do setor industrial sergipano, mencionado anteriormente, deve ser considerado a partir do comportamento das principais atividades industriais no estado. A trajetória dessas atividades industriais em Sergipe se mostra distinta dos padrões que se observa para a indústria regional ou nacional. Esta análise será objeto da presente seção. Para o estudo, foram utilizados dados da presente década, onde não há mudanças na definição da série de dados.

A Tabela I-10 apresenta o comportamento do conjunto de atividades econômicas, em 2002 e 2007, para Brasil, Nordeste e Sergipe. Nesse período, no Brasil, a agropecuária perde participação, enquanto o setor industrial e o setor serviços apresentam um leve aumento da sua importância na composição do PIB. No Nordeste, a agropecuária também perde participação, mas isso ocorre ainda com o setor industrial e apenas o setor serviços aumenta sua participação.

Por sua vez, em Sergipe, entre 2002 e 2007, percebe-se um aumento do setor agropecuário na composição do PIB e, seguindo a tendência do país e da região, também uma elevação da participação do setor serviços. Em relação ao setor industrial, há, como no caso do Nordeste, uma redução relativa da sua participação na composição do PIB.

Tabela I-10: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades econômicas no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, 2002-2007. (%)

Setor / Atividade	Brasil		Nordeste		Sergipe	
	2002	2007	2002	2007	2002	2007
Agropecuário	6,62	5,56	8,82	7,87	4,54	4,62
Industrial	27,05	27,81	24,58	24,54	31,97	30,59
Extrativa mineral	1,60	2,35	1,39	1,80	3,66	6,22
Transformação	16,85	17,03	12,40	11,42	11,66	9,72
Eletricidade, gás e água ¹	3,32	3,58	4,25	5,00	10,49	8,06
Construção Civil	5,28	4,86	6,54	6,31	6,16	6,59
Serviços	66,33	66,63	66,61	67,59	63,49	64,79
Comércio	11,33	13,15	11,82	14,39	10,88	12,03
Intermediação financeira ²	7,47	7,68	4,94	4,42	4,87	4,00
Administração Pública ³	15,53	15,46	21,46	22,16	22,76	24,49
Outros Serviços ⁴	32,00	30,34	28,38	26,62	24,98	24,27
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007

Nota: (1) Abrange produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, (2) Abrange intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados, (3) Abrange administração, saúde e educação públicas e seguridade social, (4) Abrange: i) alojamento e alimentação, ii) transporte e armazenagem, iii) comunicações, iv) atividades imobiliárias, aluguéis, v) saúde e educação mercantis, vi) serviços prestados às empresas, vii) serviços domésticos, viii) outros serviços coletivos, sociais e pessoais.

No setor serviços, a análise das atividades mostra a tendência de aumento geral da participação, entre 2002 e 2007, do comércio e da administração pública. No setor agropecuário, como comentado, o aumento da participação ocorre apenas em Sergipe, embora em 2007 o estado ainda seja o ente que possui o menor peso desse setor na composição do PIB. No setor industrial, há um aumento da participação na composição do PIB, em Sergipe, das atividades extrativa mineral, que passa de 3,66%, em 2002, para 6,22%, em 2007, e construção civil, que sai de 6,16% para 6,59%, no mesmo período.

Esta análise pode ser ilustrada ainda a partir dos dados da Tabela I-11, que considera a participação das atividades industriais não no total do PIB, mas no total do setor industrial, em cada um dos períodos, possibilitando observar o comportamento relativo da atividade industrial a partir do comportamento do setor, tenha este sido ascendente ou descendente no período.

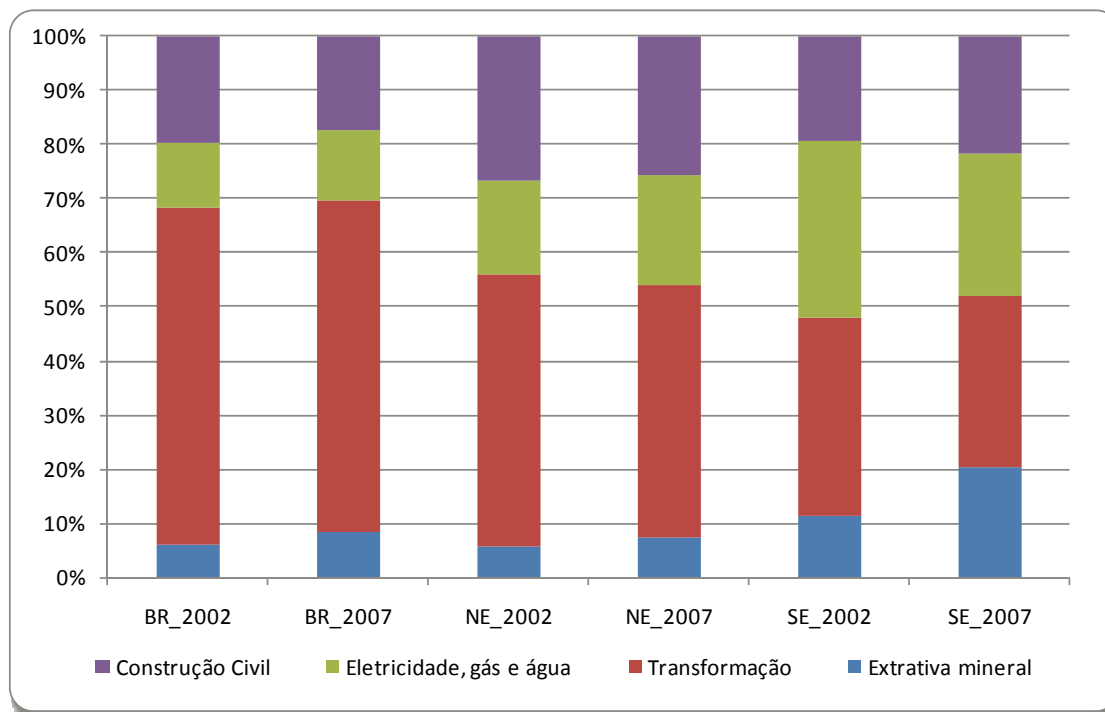
Os dados da Tabela I-11, ilustrados no Gráfico I-9, permitem observações relevantes acerca do peso das atividades industriais no Valor Adicionado Bruto da indústria e da mudança desse peso na década, possibilitando inferir sobre a trajetória de cada uma das respectivas atividades.

Tabela I-11: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades industriais no Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 2002-2007. (%)

Atividade Industrial	Brasil		Nordeste		Sergipe	
	2002	2007	2002	2007	2002	2007
Extrativa mineral	5,93	8,43	5,64	7,35	11,45	20,32
Transformação	62,30	61,23	50,45	46,56	36,46	31,77
Eletricidade, gás e água	12,25	12,85	17,30	20,39	32,82	26,36
Construção Civil	19,52	17,48	26,60	25,71	19,27	21,55
Total Indústria	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007

Gráfico I-9: Brasil, Nordeste e Sergipe: Participação das atividades industriais no Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, 2002-2007. (%)



Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007. Elaboração própria.

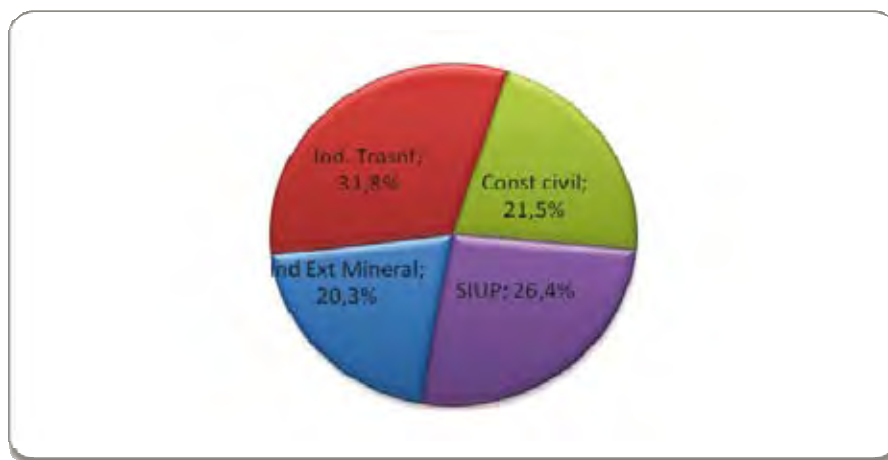
Em relação ao peso das atividades industriais, em Sergipe, merecem destaque a atividade extrativa mineral e a produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana³. A atividade extrativa mineral teve trajetória ascendente, chegando a 20,32% do Valor Adicionado Bruto do setor industrial, em 2007. A produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, embora com queda na participação, atinge 26,36% nesse ano, revela um peso bem maior do que o observado no Nordeste e no Brasil, por conta da presença da usina hidrelétrica de Xingó. Já a indústria de transformação em Sergipe, com 31,77% do setor industrial, em 2007, tem praticamente metade do peso dessa atividade no país. Vale ressaltar que o comportamento das atividades industriais é analisado em termos relativos, o que não implica dizer, por exemplo, que a indústria de transformação tem queda absoluta no valor da produção.

³ Esse setor, anteriormente era chamado de SIUP, Serviços Industriais de Utilidade Pública.

No tocante à trajetória das atividades industriais, Sergipe mostra na produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana uma tendência de redução da participação no PIB, contrária ao que se observa no Nordeste e no país, onde a tendência é ascendente. No caso da construção civil, a tendência de ascensão é contrária ao que se observa na região e no país, sendo que apenas em Sergipe verifica-se uma tendência ascendente. Já na indústria de transformação e na extrativa mineral, com destaque para esta última, Sergipe segue a tendência observada na região e no país.

A participação mais expressiva do setor industrial na economia sergipana pode ser atribuída a dois segmentos com grande significado na geração de riqueza no estado, em proporção muito maior do que no total do país: i) a indústria extrativa mineral, por conta da presença da Petrobras, e ii) peso da produção de energia na usina hidrelétrica de Xingó no setor de produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana. O Gráfico I-10 resume a participação das principais atividades industriais de Sergipe.

Gráfico I-10: Sergipe: Participação dos setores no Valor Adicionado Bruto industrial de Sergipe. 2007 (%).

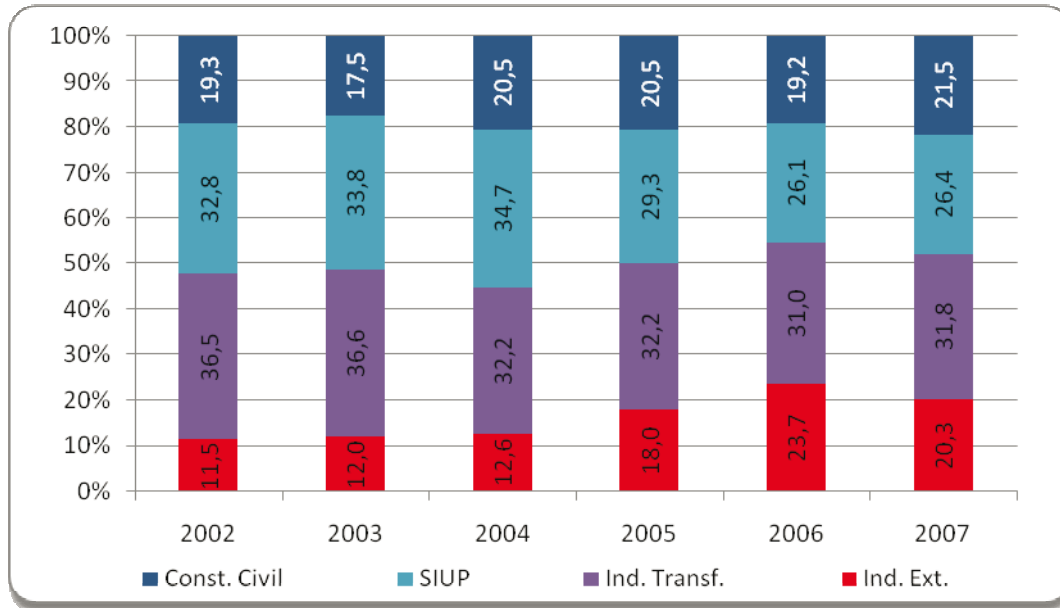


Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2007. Elaboração própria.

Em relação à riqueza produzida no estado, a indústria extrativa mineral, em 2007, respondia por 6,2%, frente a 2,4% da economia brasileira. Já o setor de produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana respondia, naquele ano, por 8,1% da riqueza gerada em Sergipe, e por 3,6%, em média, no Brasil. O setor da construção civil, finalmente, participou com 6,6% do da riqueza gerada em 2007 em

Sergipe. Observando na estrutura do Setor Industrial, internamente, a indústria de transformação, em 2007, representava 31,8% do VAB, os SIUPs 26,4%, a Construção Civil 21,5% e a Indústria Extrativa Mineral, 20,3%. Essa configuração resultou do movimento da evolução expressa no Gráfico I-11.

Gráfico I-11: Sergipe: Participação dos setores no Valor Adicionado Bruto industrial de Sergipe. 2002 a 2007 (%).



Fonte. IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. Elaboração própria.

Entre 2002 e 2007, dois movimentos importantes alteraram essa distribuição setorial da industrial sergipana, fazendo com que a construção civil e a indústria extrativa mineral elevassem suas participações na riqueza gerada. De um lado, os programas habitacionais do governo federal e sua contraface estadual fizeram com que o segmento da construção civil desse início a um importante ciclo expansivo, que fez com que sua participação no Valor Adicionado Bruto (VAB) industrial subisse de 19,3% para 21,5%, no período. Isso fez com que essas duas atividades elevassem suas respectivas participações relativas, no conjunto do PIB industrial.

De outro lado, a retomada dos investimentos de exploração de petróleo por parte da Petrobras no estado, viabilizados pelo aumento considerável dos preços internacionais, fez com que se ampliasse a participação da indústria extrativa mineral em quase 9,0 pontos percentuais, passando de 11,5% do VAB industrial em 2002 para

20,3%, em 2007. O crescimento acelerado desses dois setores fez reduzir a participação da produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana e da indústria de transformação no VAB industrial, mesmo tendo se verificado importante expansão do valor produzido por esses segmentos. A parte mais significativa desses movimentos se verificou a partir do ano de 2005.

O papel da indústria de transformação e da extrativa mineral em Sergipe fica mais claro quando se consideram os dados relacionados à transformação industrial de bens, que agrega o Valor Adicionado Bruto dessas duas atividades, como mostra a Tabela I-12.

Tabela I-12: Brasil, Nordeste e Sergipe: Peso da atividade extrativa mineral no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, da Indústria Geral, 2002-2007. (%)

Atividade Industrial	Brasil		Nordeste		Sergipe	
	2002	2007	2002	2007	2002	2007
Indústria Geral ¹	68,23	69,67	56,09	53,90	47,91	52,09
Peso ² da Ext. Mineral	8,69	12,11	10,05	13,63	23,90	39,01

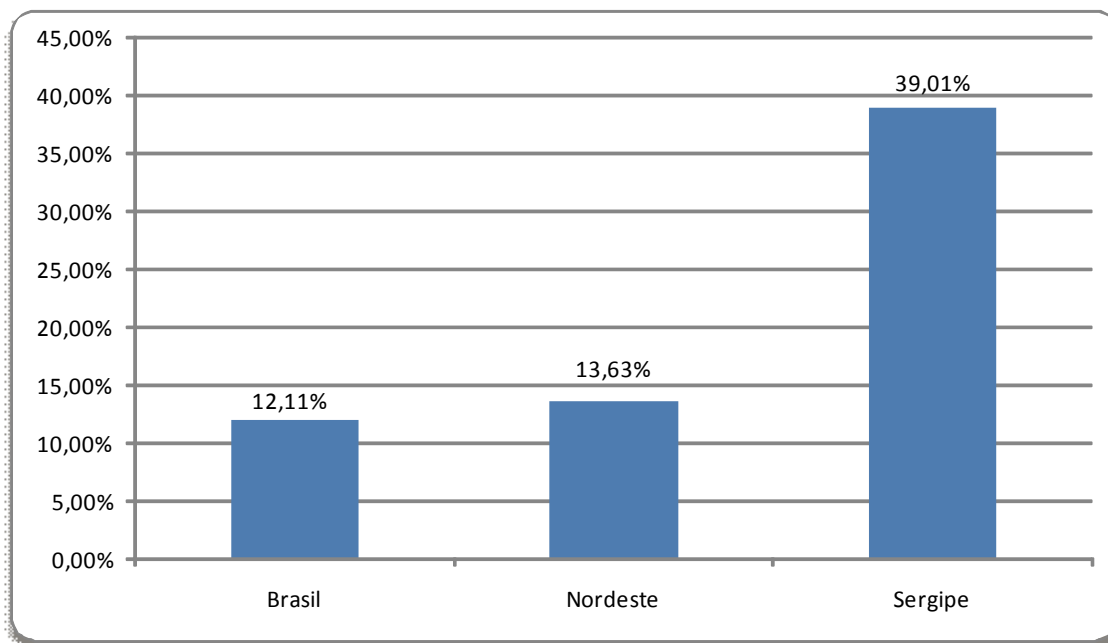
Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007

Nota: (1) Considera a participação das indústrias de transformação e extrativa mineral no total do Valor Adicionado Bruto do setor industrial, (2) Considera a participação da indústria extrativa mineral no total do Valor Adicionado Bruto, a preços de mercado, da atividade de transformação industrial.

Os dados da Tabela I-12 mostram que as atividades da Indústria Geral, agregando as indústrias extrativa mineral e de transformação, respondiam, em 2007, por cerca de 70% do Valor Adicionado Bruto da indústria no país, enquanto no Nordeste e em Sergipe essa participação é de pouco mais de 50%.

Em relação à importância da atividade extrativa mineral, o peso dessa atividade no conjunto das atividades de transformação industrial destaca a particularidade de Sergipe. Como ilustrado no Gráfico I-12, o peso dessa atividade no Valor Adicionado Bruto das atividades de transformação industrial, em 2007, não ultrapassa 15% na região e no país, mas chega a cerca de 40% no caso de Sergipe. Vale destacar que, em 2002, essa participação estava próxima de 25% em Sergipe, tendo sofrido significativa elevação em função da elevação da participação da indústria extrativa mineral e redução da participação da indústria de transformação no estado nesse período.

Gráfico I-12: Brasil, Nordeste e Sergipe: Peso da atividade extrativa mineral no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, na Indústria Geral, 2007. (%)



Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007. Elaboração própria.

A importância de cada atividade industrial de Sergipe pode ser observada ainda a partir da sua contribuição à produção do país ou da região, quando comparada com a contribuição do setor industrial e do total da economia do estado. Em relação ao papel da indústria no estado, conforme apresentado anteriormente, deve-se observar o quanto a indústria sergipana representa na indústria nacional, em relação ao que a economia do estado representa na economia nacional. Igual raciocínio aplica-se aos dados em relação ao Nordeste, como mostra a Tabela I-13

Tabela I-13: Sergipe: Participação das atividades industriais no Valor Adicionado Bruto da indústria, a preços básicos, no Brasil e no Nordeste, 2007. (%)

Setor / Atividade de Sergipe	No Brasil	No Nordeste
Industrial	0,73	6,27
Extrativa mineral	1,76	17,34
Transformação	0,38	4,28
Eletricidade, gás e água	1,50	8,11
Construção Civil	0,90	5,26
Total Economia	0,66	5,03

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007. Elaboração própria.

Em 2007, a economia sergipana respondia por 0,66% da economia nacional, enquanto a indústria sergipana respondia por 0,73% da indústria nacional. No mesmo período, a economia sergipana respondia por 5,03% da economia nordestina, enquanto a indústria sergipana respondia por 6,27% da indústria nordestina. Ou seja, a indústria sergipana tem um peso proporcionalmente maior do que a economia do estado, tanto no cenário regional como no nacional.

Isso ocorre, à exceção da indústria de transformação, em todas as atividades industriais do estado. Na produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, por exemplo, Sergipe, com participação de 1,50% nesse setor no país, representa em 2007 mais do que o dobro da participação da economia sergipana no cenário nacional. Na atividade extrativa mineral, Sergipe, com participação de 1,70% nesse setor no país, representa, em 2007, quase o triplo da participação da economia sergipana no cenário nacional. Quando comparado ao Nordeste, Sergipe segue a mesma tendência observada no cenário nacional, com destaque mais uma vez para a atividade extrativa mineral, que representa mais que o triplo da participação da economia sergipana no cenário regional.

O comportamento das atividades industriais em Sergipe, determinante do desempenho do setor industrial, pode ser resumido a partir de um indicador próximo a um quociente locacional⁴. Esse tipo de indicador preocupa-se com a localização das atividades entre regiões, procurando identificar, em termos relativos, padrões de concentração espacial.

O indicador utilizado compara a participação do setor no estado com a participação do mesmo setor na economia nacional ou regional⁵. Se o valor do

⁴ Ver Haddad (1989).

$$QL = \frac{VAB_{i,BRA}}{\frac{VAB_{i,SER}}{VAB_{T,BRA}}}$$

onde $VAB_{i,SER}$ é o VAB da atividade i em Sergipe, $VAB_{i,BRA}$ é o VAB da atividade i no Brasil, $VAB_{T,SER}$ é o VAB total de Sergipe, $VAB_{T,BRA}$ é o VAB total do Brasil.

quociente for superior a 1,0, significa que o estado é relativamente mais importante, no contexto nacional ou regional, em relação ao setor, do que em termos gerais dos outros setores. Os dados estão apresentados na Tabela I-14, mostrando os quocientes locacionais de Sergipe, em 2002 e 2007, quando utiliza-se como referência o Brasil e o Nordeste.

Tabela I-14: Sergipe: Indicador de importância relativa das atividades industriais no VAB da indústria, a preços básicos, em relação ao Brasil e ao Nordeste, 2007. (und)

Quociente Locacional da Atividade Industrial	Sergipe/Brasil	Sergipe/ Nordeste
Extrativa mineral	2,65	3,45
Transformação	0,57	0,85
Eletricidade, gás e água	2,26	1,61
Construção Civil	1,36	1,05
Total Indústria	1,10	1,25

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007.

Os dados da Tabela I-14 apresentam, para todos os anos, um quociente locacional superior a 1,0, seja quando comparado com o Brasil ou quando comparado com o Nordeste. Isso mostra que a indústria é relativamente mais importante em Sergipe do que no Brasil ou no Nordeste. Isso é verificado, à exceção da indústria de transformação, para as demais atividades industriais.

No caso da construção civil, a atividade em Sergipe é praticamente tão importante quanto no Nordeste, porém mais importante que no Brasil. No caso da produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, na mesma tendência, a atividade em Sergipe é mais relevante que no Nordeste, mas ainda mais importante que no Brasil, embora venha perdendo participação no VAB industrial do estado, ao longo do tempo. Por fim, no caso da atividade extrativa mineral, o quociente locacional mostra que essa é a atividade mais relevante em Sergipe, quando comparada com o Brasil e com o Nordeste, tendo apresentado tendência ascendente, em função do seu aumento de participação no VAB industrial do estado, ao longo do tempo.

Embora explique a dinâmica positiva da economia sergipana, a análise de dados mostra que o setor industrial em Sergipe sofreu uma perda relativa de participação na composição do PIB, entre 2002 e 2007, principalmente na atividade de produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza. No caso da construção civil, apenas em Sergipe verificou-se um aumento da participação dessa atividade na composição do PIB. E no caso da atividade extrativa mineral, seguindo as tendências nacional e regional, a atividade aumentou sua participação na composição do PIB em Sergipe.

A comparação do peso dos respectivos setores, em 2007, mostra que a produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, embora com queda de participação, ainda tinha uma grande participação na composição do VAB da indústria, chegando a representar 26,36%, em 2007, mais que o dobro do que se verifica no país. A indústria de transformação tem em Sergipe uma participação de 31,70% do VAB da indústria, o que é praticamente a metade do que se verifica no país. Observe-se que, isso não implica dizer que a indústria de transformação é menos importante no estado, uma vez que se trata de uma participação relativa. Nesse caso, merece destaque no estado a atividade extrativa mineral, representando, em 2007, 20,32% do VAB industrial do estado, quase o triplo do que se verifica no país. Quando considerado o VAB da indústria de transformação e da extrativa mineral, esta última participa, em 2007, com 39,01%, quando no país chega a 12,11% e no Nordeste a 13,63%.

Em relação à importância da indústria, a maior parte das atividades industriais sergipanas apresenta um quociente superior a 1,0, com destaque para a atividade extrativa mineral. Isso mostra que a indústria é relativamente mais importante em Sergipe do que no Nordeste e no Brasil.



SACMI





II. PRINCIPAIS ATIVIDADES INDUSTRIAIS EM SERGIPE: UMA ANÁLISE DO PERÍODO RECENTE

A dinâmica de crescimento do setor industrial, como apresentado no capítulo anterior, apresenta trajetórias distintas entre as quatro grandes atividades industriais: i) indústria extrativa mineral, ii) indústria de transformação, iii) serviços de produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana e iv) construção civil. Neste capítulo, buscou-se detalhar o desempenho dos setores de atividade ligados à indústria de transformação. Nesse sentido, busca-se analisar menos o comportamento relativo da indústria de transformação e mais a sua evolução absoluta, a partir de um conjunto de indicadores de desempenho e indicadores de competitividade dos setores de atividade da indústria, detalhando o comportamento dos setores de atividade. Foi incluída ainda nesta análise a indústria extrativa mineral, em função da sua importância para o estado.

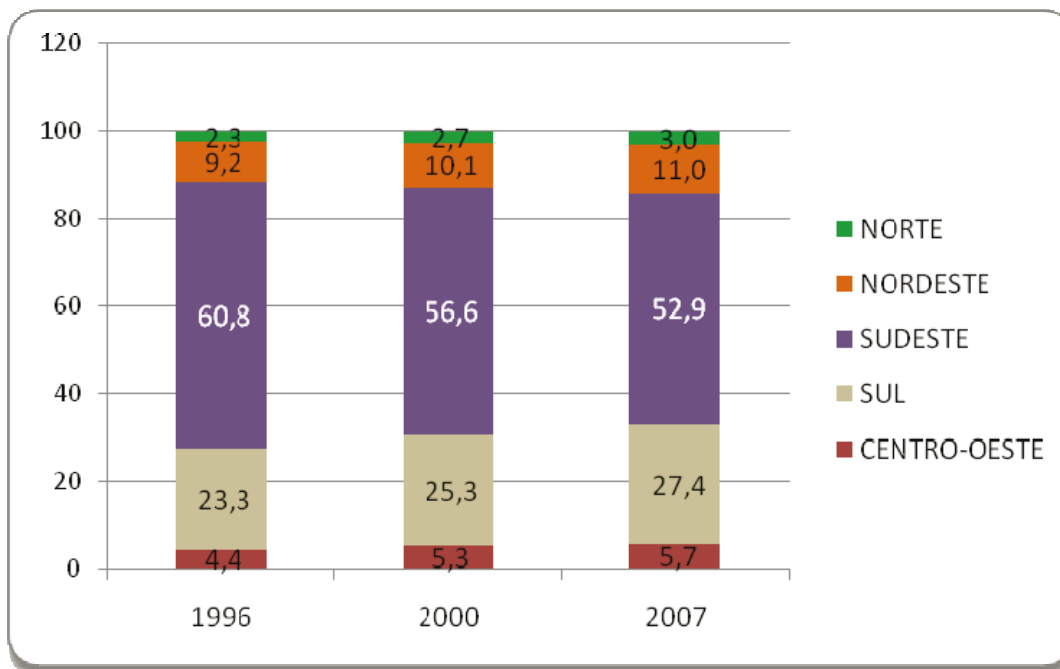
A primeira seção analisa indicadores de desempenho da indústria geral sergipana, que abrange a atividade extrativa mineral e a indústria de transformação. A segunda seção avalia o comportamento da atividade extrativa mineral. A terceira seção avalia o comportamento da indústria de transformação. Na quarta seção, são detalhados os principais setores de atividade da indústria de transformação. Por fim, a seção final analisa indicadores de competitividade da indústria de transformação.

II.1 Indicadores de Desempenho da Indústria Geral Sergipana

O agrupamento denominado Indústria Geral abrange a indústria de transformação e a indústria extrativa mineral, de acordo com a classificação do IBGE constante na Pesquisa Industrial Anual – PIA. Esta pesquisa apresenta um conjunto de indicadores importantes, que serão analisados nesta seção, tais como: i) número de unidades, ii) pessoal ocupado, iii) salários e remunerações pagos e iv) Valor de Transformação Industrial – VTI.

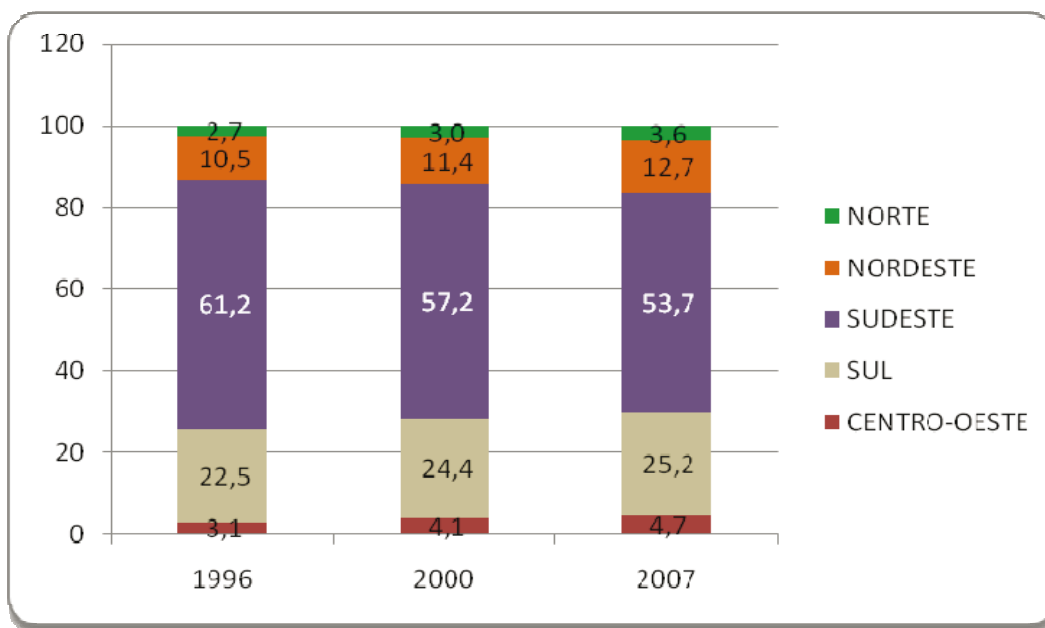
A análise desses indicadores permite verificar a evolução da desigualdade inter-regional da indústria no país. Observa-se, nos últimos anos o chamando “espraiamento” da atividade industrial no Brasil de modo consistente. Essa situação se consubstancia na perda de participação da região Sudeste e no aumento de peso das demais macrorregiões brasileira, em termos de unidades produtivas, pessoal ocupado e valor de transformação industrial, como apresentado nos Gráficos, II-1, II-2 e II-3, respectivamente.

Gráfico II-1: Grandes Regiões: Participação no número de unidades locais da indústria geral. 1996, 2000 e 2007 (%).



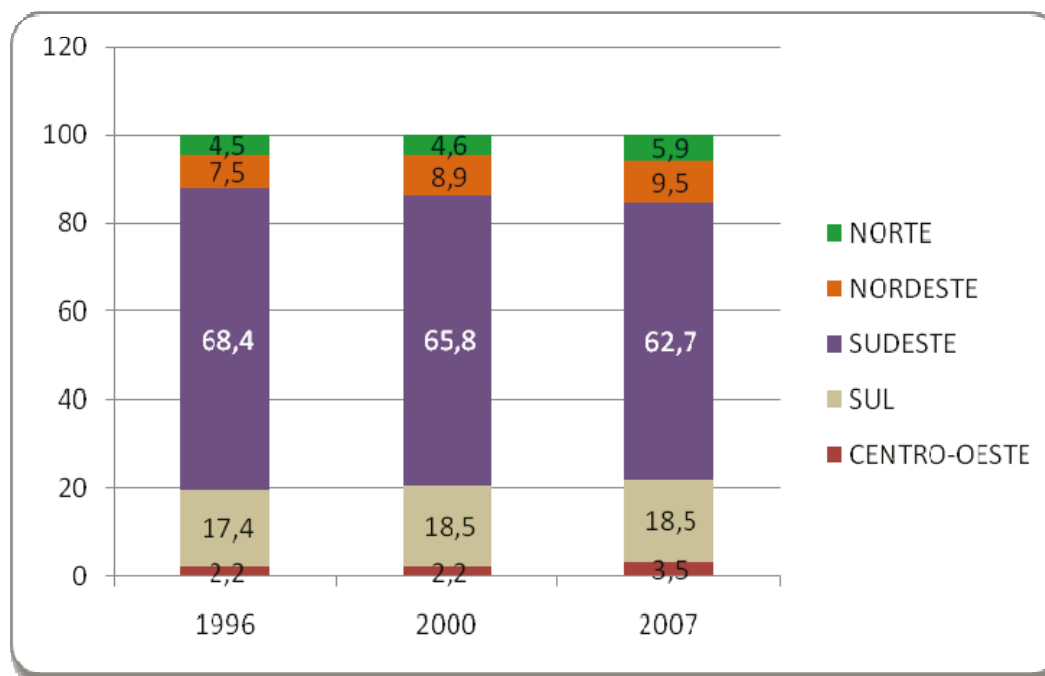
Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996-2000-2007. Elaboração própria

Gráfico II-2: Grandes Regiões: Participação no pessoal ocupado da indústria geral. 1996, 2000 e 2007 (%).



Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996-2000-2007. Elaboração própria

Gráfico II-3: Grandes Regiões: Participação no Valor da Transformação Industrial da indústria geral. 1996, 2000 e 2007 (%).



Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996-2000-2007. Elaboração própria

Apesar de manter o seu amplo predomínio na atividade industrial e sediar o núcleo mais moderno da estrutura industrial do País, concentrando mais da metade dos empregos, unidades produtivas e Valor da Transformação Industrial, a região Sudeste vem perdendo de forma expressiva participação nos indicadores analisados. Em 1996, essa região respondia por 60,8% das unidades produtivas, 61,2% do pessoal ocupado e 68,4% do Valor da Transformação Industrial. Em 2007, esses indicadores haviam caído, respectivamente, para 52,9%, 53,7% e 62,7%, significando uma queda de cerca de 8,0% no número de unidades produtivas, 7,5% no total de pessoal ocupado e 6,7% no VTI.

A região Nordeste, por sua vez, aumentou sua participação no número de unidades produtivas totais da indústria de 9,2%, em 1996, para 11%, em 2007. O incremento no total de pessoal ocupada da região foi ainda superior, passando de 10,5%, no primeiro ano, para 12,7%, no último. Finalmente, a participação no VTI subiu de 7,5% para 9,5%, no período. A desconcentração regional da indústria no Brasil em

direção ao Nordeste mostra também efeitos positivos em relação a Sergipe, no período 1996-2007, como mostram os dados da Tabela II-1.

Em 1996, a Indústria Geral no Brasil contava com 246.736 unidades produtivas locais. Em 2007 já havia 363.076 dessas unidades, um incremento de 116.340. O número de pessoas ocupadas também conheceu uma elevação significativa, passando de 10,1 milhões no início do período para 14,3 milhões no final, significando, 4,3 milhões de postos de trabalho na atividade industrial brasileira⁶.

Tabela II-1: Brasil, Nordeste e Sergipe: Número de unidades locais e de pessoal ocupado na Indústria Geral, 1996-2007

ANO	Unidades Locais (und)			Pessoal Ocupado (und)		
	BR	NE	SERGIPE	BR	NE	SERGIPE
1996	246.736	22.643	475	10.109.956	1.064.942	18.969
2000	279.592	28.375	615	10.462.022	1.188.967	24.178
2007	363.076	40.077	855	14.346.179	1.824.296	37.097

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual 1996-2007.

Na região Nordeste, o número de unidades produtivas aumentou de 22.643, em 1996, para 40.077, em 2007. Em termos do pessoal ocupado a elevação foi de 1,1 milhão para 1,8 milhão, no mesmo período. Isso produziu uma ampliação do número de unidades em 17.434 e de 759.354 postos de trabalho, entre 1996 e 2007.

O desempenho da indústria sergipana foi superior ao do Brasil e ao da média nordestina, nesse período. Em 1996, a Indústria Geral de Sergipe contava com 475 unidades produtivas e 18.969 pessoas ocupadas. Em 2007, o número de unidades já se apresentava 80% superior e o pessoal ocupado quase havia dobrado, respectivamente com 855 unidades e 37.097 pessoas ocupadas.

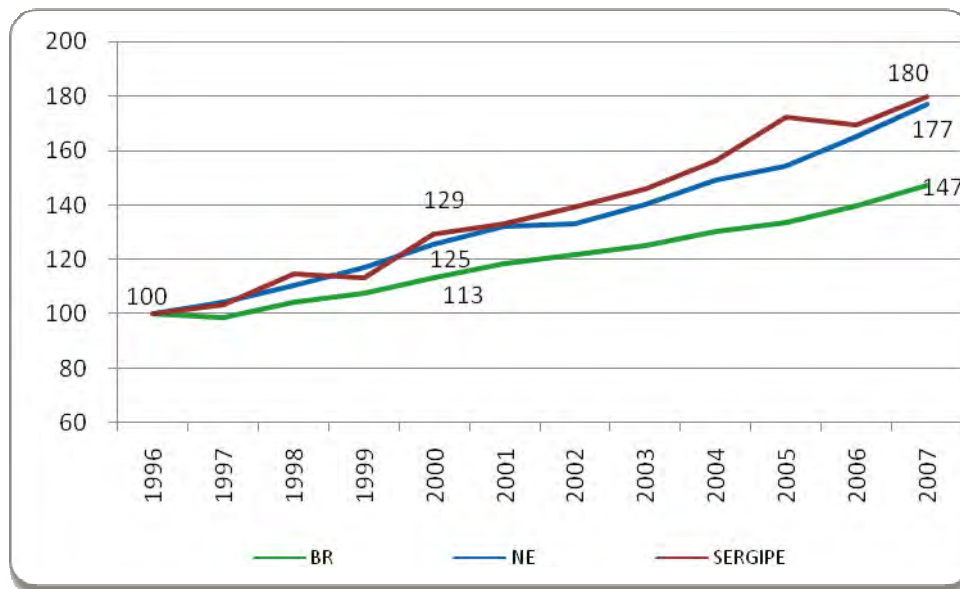
A evolução mais favorável da indústria geral do Nordeste e de Sergipe se configura no ritmo mais intenso de criação de unidades produtivas e de empregos no setor, e no crescimento do peso da região e do estado no Valor da Transformação

⁶ Desde 1997, o crescimento de unidades produtivas locais cresceu todos os anos, o mesmo acontecendo com o pessoal ocupado desde 1998, ainda que esse incremento tenha se acelerado a partir de 2004, e o de número de unidades produtivas, a partir de 2005 (ver Anexo).

Industrial e no total de salários e remunerações pagos no período 1996 -2007. O Gráfico II-4 mostra a evolução dos dados referentes ao número de unidades locais na Indústria Geral.

A inclinação das curvas de crescimento do número de unidades produtivas locais no Nordeste e em Sergipe é bem mais acentuada do que a curva referente ao do total do Brasil. Com índice 100 em 1996 para as três séries, até 2000, o número de unidades produtivas havia crescido 13% para o Brasil, 25%, para o Nordeste e 29%, no caso da indústria geral de Sergipe. A partir de 2004, para Sergipe, e 2005, para o Nordeste, o crescimento se tornou mais acelerado e se afastou positivamente dos resultados anuais do Brasil. Entre 1996 e 2007, a indústria geral de Sergipe aumentou em 80%, frente a evolução similar do Nordeste, com 77%, e 47%, no Brasil como um todo.

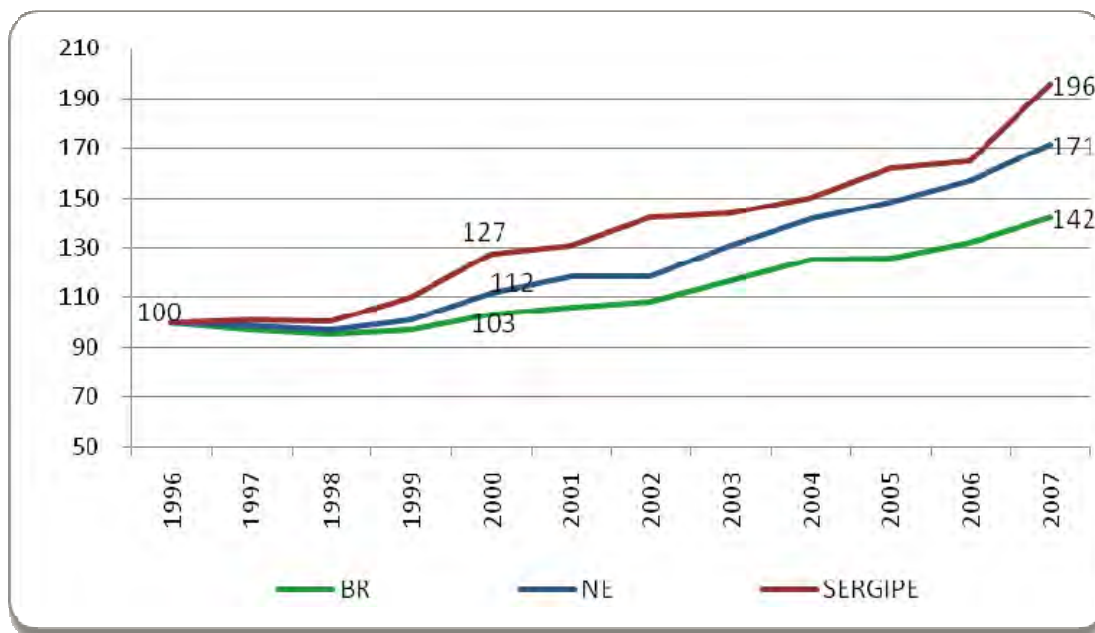
Gráfico II-4: Brasil, Nordeste e Sergipe. Índice de evolução do número de unidades locais da indústria geral. 1996 a 2007. (1996=100)



Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996 a 2007. Elaboração própria

O desempenho relativo de Sergipe e do Nordeste é ainda mais favorável quando se observa o volume de pessoal ocupado na indústria geral, como mostra o Gráfico II-5.

Gráfico II-5: Brasil, Nordeste e Sergipe. Índice de evolução de pessoal ocupado da indústria geral. 1996 a 2007. (1996=100)



Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996 a 2007. Elaboração própria

Entre 1996 e 2000, o pessoal ocupado na indústria geral no Brasil permaneceu praticamente estagnado, com decréscimo entre 1996 e 1998 e ligeira recuperação em 1998 e 1999. O contingente de pessoas ocupadas na indústria geral brasileira de 2000 era apenas 3% superior ao existente em 1996. Esse quadro começou a se alterar em 2003, ano a partir do qual a curva de geração de emprego industrial no Brasil passou a ter uma inclinação claramente ascendente. Em 2007, o pessoal ocupado na indústria geral se situava 43% acima do resultado de 1996.

O indicador teve evolução muito superior em Sergipe e no Nordeste, mas seguindo a trajetória de menor crescimento até 2002 e uma aceleração a partir do ano seguinte. Entre 1996 e 2000, o contingente de pessoal ocupado na indústria geral de Sergipe subiu 27%, e o do Nordeste 12%, taxas significativamente superiores à conhecida pela média brasileira. Em 2007, o pessoal ocupado na indústria sergipana já se situava 96% acima do patamar de 1996, e a do Nordeste, 71%.

Esse crescimento diferenciado do número de unidades produtivas e de pessoal ocupado na região Nordeste e em Sergipe, em particular, foi acompanhado pelo incremento do Valor da Transformação Industrial e pela massa de salários e remunerações pagos na indústria geral, como mostra a Tabela II-2.

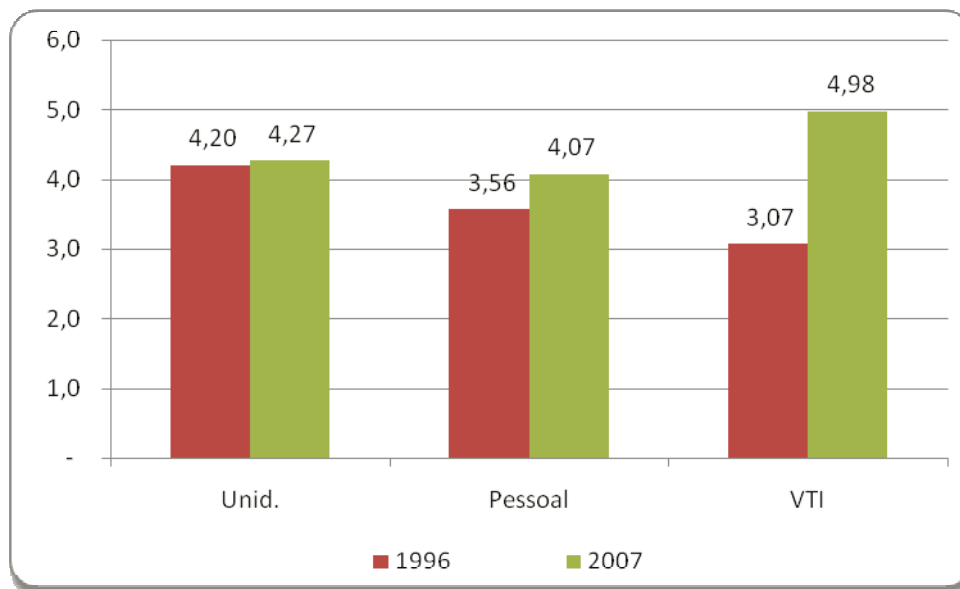
Tabela II-2: Brasil, Nordeste e Sergipe: Valor da Transformação Industrial e dos salários, retiradas e outras remunerações da indústria geral. 1996-2007. (Valores correntes)

Ano	Valor da Transformação Industrial- VTI			Salários, retiradas e outras remunerações		
	BR	NE	Sergipe	BR	NE	Sergipe
	(R\$ Milhões)	Part (%)	Part (%)	(R\$ Milhões)	Part (%)	Part (%)
1996	160.527	7,5	0,2	47.548	6,9	0,4
2000	254.327	8,9	0,4	56.456	7,1	0,4
2007	606.191	9,5	0,5	131.903	8,3	0,5

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual. 1996 a 2007. Elaboração própria

Em termos correntes, o VTI setorial do Nordeste passou de R\$ 12,1 bilhões em 1996, para R\$ 54,7 bilhões, em 2007, incremento real de 74% quando corrigidos pelo IGP-M do período. O VTI da indústria geral sergipana se elevou de R\$ 371 milhões, em 1996, para 2,9 bilhões, em 2007, em termos nominais, refletindo uma taxa de 182,4%, com a correção do IGP-M. Também foi expressivo, ainda que menos acentuado, o incremento da massa de salários e remunerações, que no caso da indústria nordestina passou de 3,3 bilhões, no primeiro ano, para R\$ 11 bilhões, no último, e no caso de Sergipe, de R\$ 178 milhões, para R\$ 650 milhões, no período, incrementos reais de 64,2% e 80,3%, respectivamente, quando corrigidos pelo IPCA. Os dados apresentados no Gráfico II-6 refletem essa evolução.

Gráfico II-6: Sergipe. Participação no número de unidades locais, pessoal ocupado e Valor da Transformação Industrial do Nordeste na indústria geral. 1996 e 2007. (%)



Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996 e 2007. Elaboração própria

Como se pode perceber, o setor industrial sergipano não apenas acelerou seu crescimento nos últimos anos, como o vem fazendo a taxas mais aceleradas do que as médias brasileira e nordestina, mesmo considerando que a taxa de expansão da região tem sido mais acentuada do que a do país. Com isso, a participação da indústria geral de Sergipe no total da região Nordeste, entre 1996 e 2007, passou de 4,20% para 4,27% no caso do número de unidades produtivas, de 3,56% para 4,07%, no total de pessoal ocupado, e de 3,07% para 4,98%, em termos de Valor da Transformação Industrial.

Apesar do crescimento diferenciado da região Nordeste e de Sergipe ser uma característica de todo período 1996-2007, é importante destacar que nos anos noventa o crescimento foi menos acelerado e esteve principalmente relacionado ao deslocamento de empresas para a região atraídas pelos incentivos fiscais e pressionadas pela competição com empresas asiáticas nos mercados interno e externo. Já na primeira década do novo século, são adicionados novos determinantes, relacionados ao ciclo expansivo da economia brasileira, iniciado em 2004, em grande parte centrado no aumento do crédito e no poder de comprar da população de faixas de renda mais baixas que têm um peso mais expressivo na região Nordeste. Fatores como elevação real do

salário mínimo e de benefícios previdenciários, ampliação dos programas de renda mínima, redução de taxas de juros ao consumidor, ampliação de operações de crédito consignado, impactaram muito mais fortemente a economia de Sergipe e do Nordeste como um todo, do que a média da economia brasileira. A evolução mais favorável do mercado de consumo nordestino tem atraído empresas para os estados da região que, em alguns casos, estão mais voltadas para o mercado regional, em outros visam atender complementarmente o mercado nacional e, em número menor, voltadas para o comércio exterior. Cientes desse novo cenário, os governos locais travam dura disputa para mostrar aos empresários, atraídos pelo crescimento do mercado nordestino, as vantagens relativas dos seus estados frente aos demais da região.

Os dados apresentados mostram que a Indústria Geral no Nordeste teve um desempenho acima da média nacional, fazendo com que a região elevasse a sua participação da seguinte forma: i) em número de unidades, de 9,2%, em 1996, para 11,0%, em 2007, ii) em pessoal ocupado, de 10,5%, em 1996, para 12,7%, em 2007, iii) no Valor de Transformação Industrial, de 7,5%, em 1996, para 9,5%, em 2007.

Isso é resultado do crescimento mais acentuado do Nordeste, em comparação com o Brasil. No caso de Sergipe, o desempenho é ainda mais expressivo do que aquele apresentado pelo Nordeste e pelo país, quando se observa o crescimento, entre 1996 e 2007, de: i) número de estabelecimentos, que cresce 47,0% no Brasil, enquanto o Nordeste apresenta crescimento de 77,0% e Sergipe 80,0%, ii) pessoal ocupado, que cresce 42,0% no Brasil, enquanto chega a 71,0% no Nordeste e a 96,0% em Sergipe.

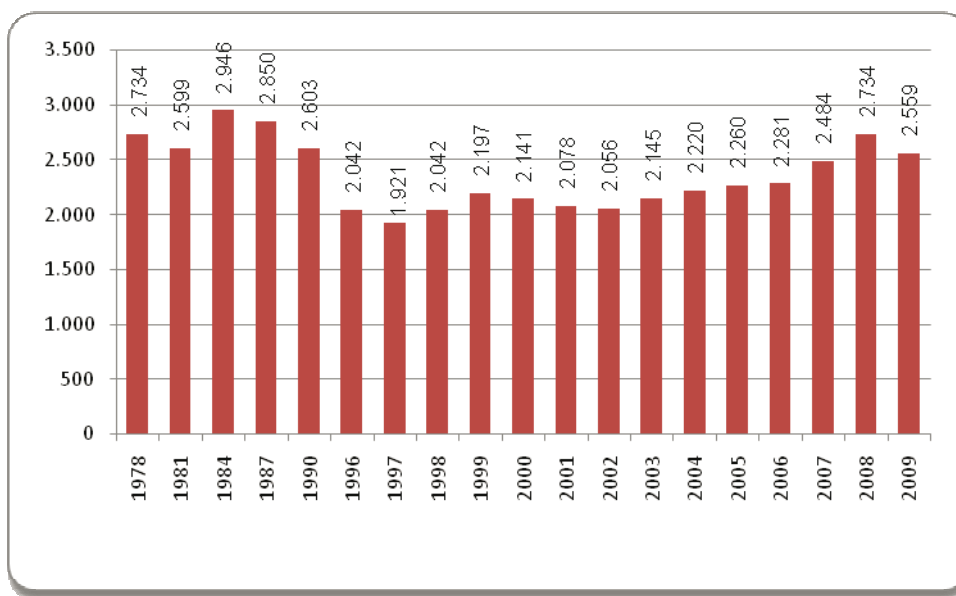
Com isso, Sergipe avança na sua participação dentro da região Nordeste, considerando, entre 1996 e 2007, os seguintes indicadores: i) em número de unidades produtivas, passou de 4,20% para 4,27%, ii) no caso do pessoal ocupado, de 3,56% para 4,07%, iii) em termos de Valor da Transformação Industrial, de 3,07% para 4,98%. Isso confirma as análises evidenciadas no capítulo I, acerca da tendência da indústria sergipana apresentar uma dinâmica de crescimento mais acentuada que a observada no Nordeste e no Brasil.

II.2 Comportamento da Indústria Extrativa Mineral em Sergipe

O setor extrativo mineral tem importante significado na matriz industrial sergipana, como já foi assinalado no capítulo anterior. A presença da Petrobras em Sergipe desde o final dos anos cinquenta é um dos elementos distintivos da economia no estado. Esse quadro, ao lado dos demais segmentos da indústria, concorre de forma significativa para os melhores indicadores econômicos e sociais de Sergipe relativamente aos demais estados nordestinos.

A exploração de petróleo em Sergipe atravessou um período de profunda dificuldade a partir de meados dos anos oitenta, registrando uma trajetória decrescente de produção à medida em que os campos de exploração perdiam produtividade e novos poços não eram explorados na mesma velocidade. O Gráfico II-7 ilustra o comportamento da produção de petróleo no estado.

Gráfico II-7: Sergipe: Produção de petróleo, 1978-2009 (anos selecionados). (em mil m³)



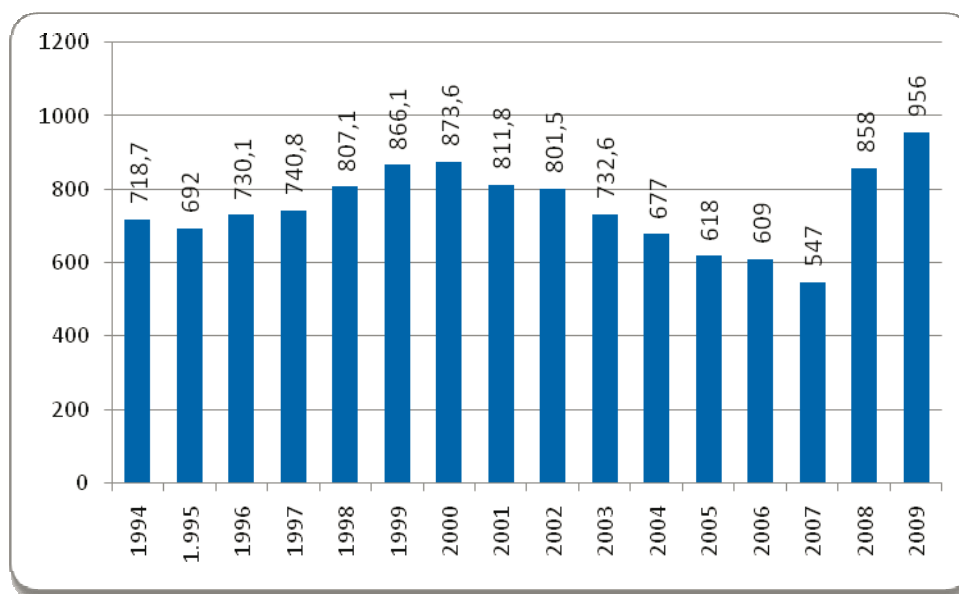
Fonte. Petrobras e Agência Nacional de Petróleo. Elaboração própria.

Em relação ao pico de produção alcançado em 1978, com a extração de 2,7 milhões de metros cúbicos, a produção em 1996 atingiu 2,0 milhões de metros cúbicos, uma queda de 25%. Somente em 2003, seja por conta da recuperação dos preços

internacionais do petróleo que viabilizou a retomada da exploração de campos maduros e a realização de investimentos em novos campos, seja em função de mudança de estratégia por parte da empresa em direção a retomada de um papel mais atuante no desenvolvimento brasileiro, a produção de petróleo em Sergipe iniciou um novo ciclo de expansão, fazendo com que, em 2008, fosse retomado o ponto mais alto de produção de 30 anos atrás.

Em 2009, a crise financeira internacional impactou fortemente a atividade da empresa no estado, mas com normalização da produção no segundo semestre deste ano, como será visto em capítulo subsequente. A produção de petróleo de 2008 somou, assim, os mesmos 2,7 milhões de metros cúbicos de 1978. A retomada do crescimento da produção petrolífera em Sergipe se deve em grande parte à exploração do campo de Piranema, na plataforma continental, secundada pelos investimentos nos campos maduros. O movimento de produção de gás natural segue a tendência da produção de petróleo, como ilustra o Gráfico II-8.

Gráfico II-8: Sergipe. Produção de gás natural (em mil m³). 1994-2009



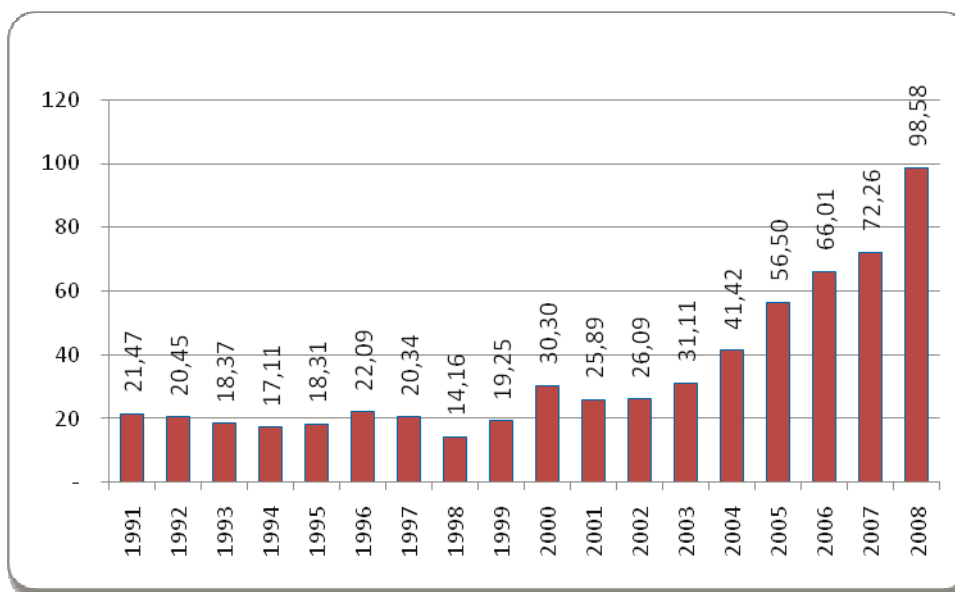
Fonte: Petrobras e Agência Nacional de Petróleo. Elaboração própria

A produção de gás natural de Sergipe conheceu um importante período de crescimento no período 1994 a 2000, quando passou de 719 mil metros cúbicos, para 874 mil

metros cúbicos. Após esse período, a produção de gás natural entrou em trajetória descendente até 2007, ano em que atingiu 547 mil metros cúbicos. Com a entrada em operação do campo de Piranema em 2007, a produção de gás natural deu um salto, alcançando o volume de 956 mil metros cúbicos, em 2009, o maior da série histórica.

Esse comportamento da produção de petróleo e gás natural é, em larga medida, influenciado pelos preços do petróleo no mercado internacional, que são uma variável determinante na decisão de exploração dos campos por parte das empresas do setor, inclusive da Petrobras. A queda acentuada nessas cotações, no final de 2008, associada à crise financeira internacional, por exemplo, levou a estatal a recuar na produção de campos sergipanos, em um período de menor liquidez financeira da empresa. Em uma perspectiva de médio e longo prazos, a cotação do produto no mercado internacional informa a viabilidade econômica da exploração dos campos petrolíferos. O movimento de preços do petróleo no mercado internacional está apresentado no Gráfico II-9.

Gráfico II-9: Preços médios no mercado spot do petróleo do tipo West Texas Intermediate (WTI) - 1999-2008. (em US\$)



Fonte. Extraído de Agência Nacional de Petróleo.

O preço médio do barril tipo *West Texas Intermediate* – WTI – manteve-se relativamente estável no mercado spot no período de 1991 e 1997, em torno de US\$ 20/barril. Depois de uma queda acentuada em 1998 e recuperação do nível anterior em

1999, o preço médio mundial do barril de petróleo mudou de patamar entre 2000 e 2003, para iniciar uma escalada acelerada a partir de 2004, somente interrompida pela crise financeira do final de 2008. Mesmo com a queda dos últimos meses de 2008, preço médio anual do barril WTI alcançou US\$ 98 naquele ano, com pico mensal de US\$ 134,20, em agosto e vale de US\$ 42,45, no mês de dezembro.

Esse novo cenário aquecido do mercado do petróleo em meados da primeira década do novo século abriu novas fronteiras de exploração no Brasil, estimulando a Petrobras a anunciar o início da exploração dos campos pré-sal. Para Sergipe, a elevação dos preços internacionais e o consequente aumento da lucratividade da empresa também foram fundamentais para a retomada dos investimentos da Petrobras em exploração e na tomada de decisões estratégicas no sentido de maior aproximação com os centros nacionais de Ciência & Tecnologia, o que redundou em importantes investimentos, como por exemplo na criação de um núcleo de excelência de petróleo e gás no campus da Universidade Federal de Sergipe.

Esse quadro mostra que a produção de petróleo em Sergipe não se constitui em um enclave. Em torno da exploração de petróleo e do gás natural, estruturou-se em Sergipe uma importante cadeia produtiva que abrange a formação de um pólo de produção de fertilizantes, um conjunto de serviços e fornecedores de materiais especializados para a produção de petróleo e gás, além de importantes efeitos indiretos via renda tributária para o estado e municípios e massa salarial de empregados e fornecedores. Um quadro geral do setor pode ser visualizado a partir da Tabela II-3, construída a partir de dados da Pesquisa Industrial Anual – PIA, do IBGE.

Tabela II-3: Sergipe: Indústria extrativa mineral. Unidades locais, pessoal ocupado, Valor da Transformação Industrial e salários e outras remunerações. 1996-2007

Ano	Unidades locais	Pessoal ocupado	Salários e outras rendas	VTI
	(Und)	(Und – em 31/12)	(R\$ Mil – valores correntes)	(R\$ Mil – valores correntes)
1996	16	2.656	95.166	89.491
2000	14	2.087	93.354	385.079
2007	24	3.723	343.761	1.186.231

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual. 1996 e 2007.

Em 2007, a indústria extrativa mineral contava com 24 unidades produtivas no estado e gerava, diretamente, 3.723 empregos, sem considerar todo um conjunto de empresas prestadoras de serviço não enquadrados no setor, mas que são fornecedoras da cadeia produtiva de petróleo e gás. Os salários e remunerações pagos em 2007 alcançaram a cifra de R\$ 343,8 milhões e o valor da transformação industrial atingiu R\$ 1,2 bilhão.

Como se trata de um setor concentrado no entorno da empresa petrolífera estatal, o número de estabelecimentos é relativamente restrito, apesar do aumento verificado entre 1996 e 2007, de 16 para 24 unidades locais. O pessoal ocupado aumentou 40% nesse período. Já os salários tiveram elevação de 78,4%, corrigidos pelo IPCA. E o Valor de Transformação Industrial registrou um crescimento bem mais acentuado no período, chegando a 386,5%, corrigido pelo IGP-M.

Os dados analisados mostram que a produção de petróleo em Sergipe, embora ainda não tenha retornado ao período de auge da produção, ocorrido na década de setenta, apresentou uma tendência de elevação nas últimas duas décadas. Esse movimento revelou-se a partir do que ocorreu, entre 1996 e 2007, com os seguintes indicadores: i) aumento no número de estabelecimentos, de 16 para 24 unidades locais, ii) elevação do pessoal ocupado em 40%, iii) crescimento dos salários de 78,4%, corrigidos pelo IPCA, e iv) crescimento do Valor de Transformação Industrial, chegando a 386,5%, corrigido pelo IGP-M.

II.3 Comportamento da Indústria de Transformação em Sergipe

A moderna indústria de transformação sergipana remonta ao último quartel do século XIX com a implantação de grandes unidades têxteis na esteira da guerra de secessão que afastou temporariamente a produção norte-americana do mercado internacional. Na transição para o século XX, a indústria têxtil e usinas de açúcar

recém-instaladas em substituição aos antigos engenhos conformam o núcleo central da nova etapa industrial de Sergipe.

A vocação industrial de Sergipe é marcante e guarda especificidades em relação a alguns estados do Nordeste, pela permanência do peso do empresariado local na atividade, ao longo dos tempos. No ciclo de regime militar, investimentos importantes de empresas estatais nas atividades de produção de fertilizantes (amônia, uréia e potássio) e a instalação de fábricas de cimento, acompanhadas da expansão da produção de petróleo e gás, alteraram a estrutura industrial local, com a ampliação do peso dos bens intermediários. A evolução industrial dos anos noventa é marcada pela abertura comercial, pela crescente pressão competitiva externa e pela retração do investimento produtivo estatal.

Esses vetores provocaram uma importante reestruturação produtiva da indústria sergipana, a exemplo do que estava ocorrendo no Brasil, com desaparecimento de alguns empreendimentos de porte e pelo *downsizing* e reposicionamento de mercado de empresas tradicionais. Esses movimentos, associados à disputa entre os estados para atrair empreendimentos industriais, especialmente do Centro-Sul, do País no âmbito da chamada guerra fiscal, conduziram a novas mudanças na estrutura da indústria de transformação, com a chegada de número expressivo de novas empresas, em setores diversos e com diferentes portes.

Isso resultou numa matriz produtiva em que convivem grandes empreendimentos fundados nos diferentes ciclos econômicos, desde empresas de origem estatal (privatizada no caso da Vale), empresas tradicionais reestruturadas e uma miríade de novos investimentos em setores diversificados, atraídos pela guerra fiscal, ainda que houvesse uma predominância dos investimentos na indústria calçadista, em termos de empregos gerados e do Valor da Transformação Industrial.

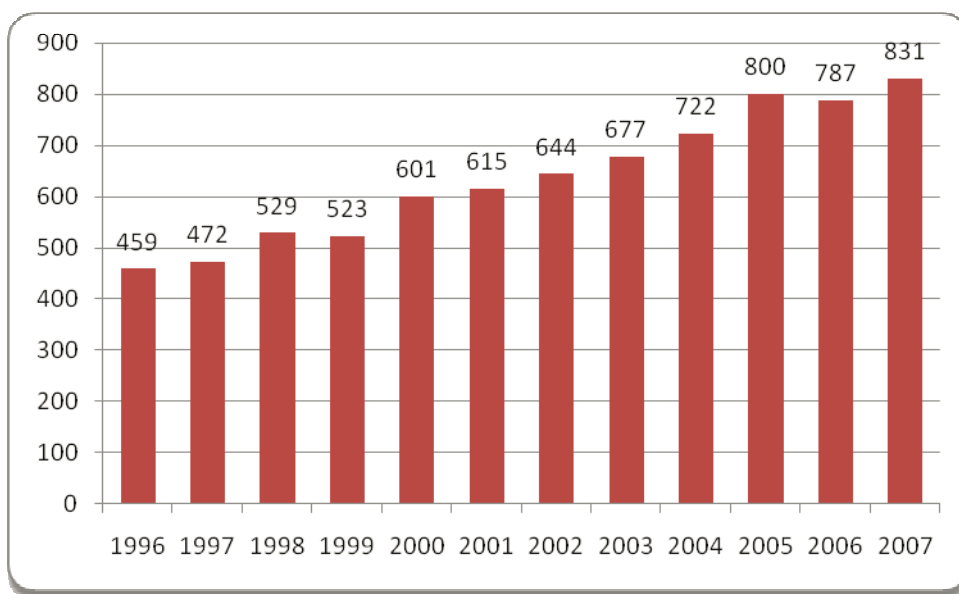
A tradicional indústria têxtil passa a conviver com novos empreendimentos no setor, em geral de menor porte, atraídos pelos incentivos fiscais, e com uma diversidade de empresas de portes pequenos e médios na indústria de confecção, mas permanece muito suscetível aos ciclos de valorização cambial ou de estratégias agressivas de conquista de mercado de produtores asiáticos, notadamente da China. Surge também

uma indústria de alimentos e bebidas mais moderna e diversificada, impulsionada pela crescente urbanização e elevação do poder de compra, e são realizados investimentos na indústria de etanol.

Mais recentemente, com o ciclo expansivo da economia brasileira iniciado em 2004, nova corrente de investimentos de empresas diversificadas se dirige para o estado, atraída pelo crescimento mais acelerado do mercado de consumo nordestino e ainda fomentada pelos incentivos fiscais, além do efeito germinativo da retomada dos investimentos da Petrobras. Isso incrementou o número de unidades locais na indústria de transformação, como mostra o Gráfico II-10.

Movidos pelos fatores descritos acima, o número de unidades produtivas da indústria de transformação aumentou ao longo de todo o período 1996-2007, com ligeiros recuos pontuais, em 1999 e 2006. Foram criadas 372 novas unidades produtivas, ampliando o seu número de 459 para 831, o que consiste em um incremento significativo de 81%. Essa tendência resultou no aumento do pessoal ocupado na indústria de transformação, como mostra o Gráfico II-11.

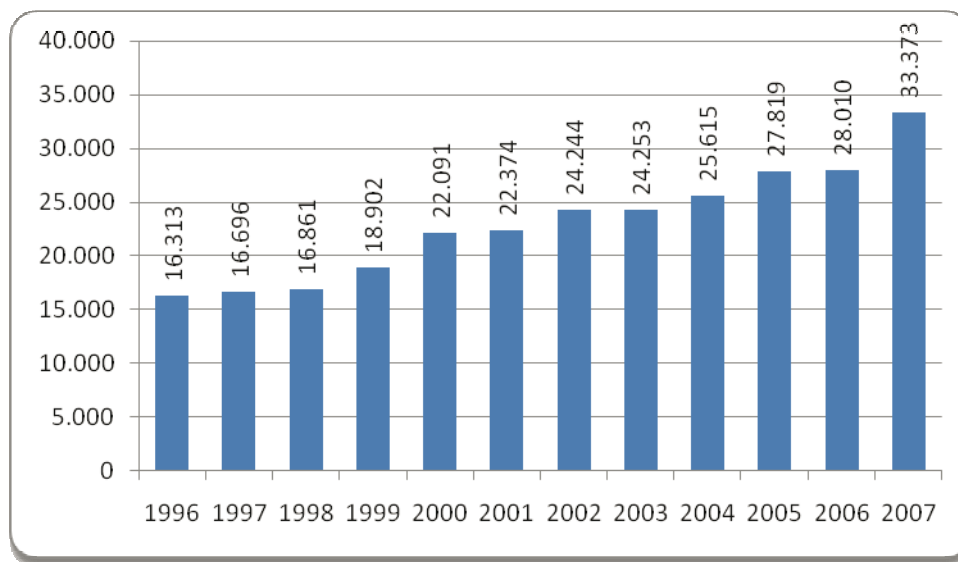
Gráfico II-10: Sergipe. Número de unidades locais na indústria de transformação, 1996 e 2007.



Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual. 1996 e 2007. Elaboração própria

O pessoal ocupado na indústria de transformação mais do que dobrou no período, passando de 16.313 em 1996 para 33.373, em 2007, com destaque para esse último ano, quando foram criadas mais de cinco mil vagas.

Gráfico II-11: Sergipe. Pessoal ocupado na indústria de transformação, 1996-2007.



Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual. 1996 e 2007. Elaboração própria

Em relação ao Valor da Transformação Industrial, este pulou de R\$ 282 milhões, em 1996, para R\$ 1,7 bilhão em 2007, em termos correntes. Isso significa um incremento de 117 % quando corrigido pelo IGP-M. Já a soma de salários e remunerações, passou de R\$ 82,5 milhões para R\$ 307 milhões, representando um aumento real de 83,5%, quando descontado o IPCA. O resumo dos dados está apresentado na Tabela II-4.

Tabela II-4: Sergipe: Indústria de transformação. Unidades locais, pessoal ocupado, Valor da Transformação Industrial e salários e outras remunerações. 1996-2007

Ano	Unidades locais	Pessoal ocupado	Salários e outras rendas	VTI
	(Und)	(Und – em 31/12)	(R\$ Mil – valores correntes)	(R\$ Mil – valores correntes)
1996	459	16.313	82.533	281.850
2000	601	22.091	127.126	641.777
2007	831	33.373	306.638	1.668.370

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996 e 2007.

A evolução favorável dos principais indicadores da indústria de transformação sergipana no longo prazo confirma a sua capacidade de adaptação e de recuperação frente às oscilações da conjuntura econômica e aos surtos de valorização cambial. O fundamental, nesta perspectiva, é observar, como, ao longo dos ciclos, comportam-se os setores produtivos, com o surgimento de novas cadeias produtivas, as mudanças nos setores consolidados, o processo de diversificação econômica, a maior participação de grupos empresariais de fora do estado na sua matriz industrial e os novos nichos de mercados conquistados pelo empresariado local.

Os dados apresentados apontam para o crescimento da indústria de transformação, em Sergipe, quando se avaliam não dados relativos, mas evolução em dados absolutos. Alguns indicadores são ilustrativos nesse sentido, refletindo o comportamento ocorrido entre 1996 e 2007: i) incremento das unidades produtivas, em 81%, ii) duplicação do pessoal ocupado, iii) elevação real do montante de salários e remunerações, de 83,5%, quando descontado o IPCA, e iv) crescimento do Valor da Transformação Industrial de 117 %, quando corrigido pelo IGP-M.

II.4 Comportamento dos Principais Setores de Atividade da Indústria de Transformação em Sergipe

Nesta seção, são apresentados os principais setores de atividade da indústria de transformação, que montam a base para algumas das principais cadeias produtivas do estado. São analisadas ainda as mudanças estruturais ocorridas nesses setores de atividade no período recente.

II.4.1 Principais setores de atividade

Na estrutura setorial da indústria de transformação de Sergipe, segundo a Pesquisa Industrial Anual – PIA – de 2007, em termos do Valor da Transformação Industrial – VTI –, destacavam-se onze setores de maior peso, como mostra a Tabela II-5.

Os quatro maiores setores do parque industrial sergipano, nesse critério, eram, em 2007: i) a fabricação de alimentos e bebidas, ii) a indústria de minerais não-

metálicos, iii) a indústria química e iv) a indústria têxtil. Cada um desses setores representava, naquele ano, mais de 10% do Valor da Transformação Industrial.

Tabela II-5: Sergipe: Indústria de transformação. Valor da Transformação Industrial, unidades locais e pessoal ocupado segundo setor de atividade. (2007)

SETORES	VTI		Unidades Locais		Pessoal Ocupado	
	R\$ mil	%	N.	%	N.	%
Ind. de transformação	1.668.370	100,0	831	100,0	33.373	100,0
Alim. e bebidas	550.214	33,0	238	28,6	9.074	27,2
Mín não Metálicos	321.049	19,2	126	15,2	4.170	12,5
Ind. Química	256.402	15,4	49	5,9	1.963	5,9
Têxtil	188.324	11,3	44	5,3	4.367	13,1
Calçados e couro	96.276	5,8	16	1,9	3.093	9,3
Maq. e equip.	68.180	4,1	22	2,6	1.982	5,9
Metalurgia	49.069	2,9	53	6,4	876	2,6
Vestuário	23.972	1,4	64	7,7	2.222	6,7
Plástico e borracha	22.715	1,4	24	2,9	1.014	3,0
Edição e gráfica	20.447	1,2	46	5,5	802	2,4
Móveis e diversos	17.646	1,1	65	7,8	1.209	3,6

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual. 1996 e 2007.

Em um grupo intermediário, surgiam três setores que, individualmente, respondiam por entre 5,8% e 2,9% do VTI de 2007: v) calçados e couro, vi) máquinas e equipamentos e vii) metalurgia, segmentos relativamente novos na sua estrutura industrial. Ainda no grupo dos onze setores mais representativos, apareciam quatro atividades também relativamente novas e que estão em grande parte associadas à expansão da economia urbana estadual: viii) vestuário, ix) plásticos e borrachas, x) edição e gráfica e xi) móveis e indústria diversas. Em termos de emprego, a classificação resultaria diferente. Os setores têxtil, de calçados e de confecções galgariam posições.

Estes onze setores representam o que é de mais expressivo na indústria de transformação de Sergipe. Outros segmentos importantes da indústria de transformação, além dos onze listados, são o de celulose e papel, o de material elétrico e a fabricação de veículos e carrocerias. Esses setores de atividade

apresentam ainda características diferenciadas em relação ao porte dos estabelecimentos, como mostra a Tabela II-6.

Tabela II-6: Sergipe: Número de estabelecimentos por porte de empresa da indústria de transformação segundo setor de atividade. 2008

Setores	Micro	Pequeno	Médio	Grande	TOTAL
	De 0 A 19 empregados	De 20 a 99 empregados	De 100 a 499 empregados	500 ou mais empregados	
Alim. e bebidas	67	34	13	2	116
Min não Metálicos	39	56	4	0	99
Vestuário	20	11	10	0	41
Móveis e diversos	19	18	1	0	38
Têxtil	12	11	10	1	34
Edição e gráfica	11	12	1	0	24
Plástico e borracha	15	5	3	0	23
Ind. Química	11	8	3	0	22
Produtos de metal	9	11	2	0	22
Maq. e equip.	6	5	0	1	12
Calçados e couro	3	3	3	2	11
Produtos de madeira	4	4	0	0	8
Celulose e papel	2	4	1	0	7
Veic, Carroc e reboques	2	5	0	0	7
Outros	8	13	3	1	25
Total	228	200	54	7	489

Fonte: Rais/MTE, 2008.

Os empreendimentos de grande porte se concentravam nos segmentos calçados, alimentos e bebidas, têxtil, fabricação de máquinas e equipamentos. As indústrias de médio porte se distribuíam por vários setores, mas apresentavam uma certa concentração nos segmentos de alimentos e bebidas, têxtil e vestuário, minerais não-metálicos, plásticos e borracha, química e calçados. Os empreendimentos de pequeno porte e os microempreendimentos estão em setores bem diversificados.

Em relação a essa composição dos setores de atividade da indústria de transformação sergipana, é elucidativo analisar os fatores motivadores para a instalação das atividades no estado.

Alguns dos principais setores industriais sergipanos foram estruturados ainda nos anos setenta e oitenta, com forte presença de empresas estatais. Outros são mais recentes e respondem às políticas de atração de investimentos no âmbito das disputas fiscais entre as unidades da federação.

Os segmentos mais importantes em termos de VTI foram atraídos pela base de recursos naturais de Sergipe, nos casos de parte da indústria química e de minerais não-

metálicos. Outros, pela possibilidade de fornecer para o mercado local e nordestino, seja para o consumo das famílias, seja para a demanda do próprio setor industrial que foi se adensando, como a indústria de alimentos e bebidas. Em alguns setores, as empresas atuam a partir de Sergipe para atender o mercado nacional ou internacional, como são os casos da indústria têxtil e de calçados e, em menor grau a de produtos metalúrgicos. No segmento têxtil, com uma produção de tecidos, fios e fibras diversas, as empresas abastecem o mercado de outras regiões do país.

A indústria de alimentos e bebidas envolve desde a fabricação de cerveja à produção de açúcar, suco de laranja, biscoitos e massas, beneficiamento de leite, pimentas e chás, entre outros produtos. Na fabricação de minerais não metálicos, o grande destaque é a produção de cimento. A indústria química abrange o pólo de fertilizantes e a nascente cadeia produtiva de cosméticos e produtos de higiene. É interessante também destacar a produção de máquinas e de produtos metalúrgicos, em alguns casos bastante influenciados pelo segmento produtivo de petróleo e gás. A indústria química e a produção de máquinas e de produtos metalúrgicos, em 2007, participavam com 7% do VTI da indústria sergipana, quando em 1996 se limitavam a apenas 1%.

II.4.2 Análise das mudanças estruturais nos principais setores de atividade

Os principais setores de atividade da indústria em Sergipe sofreram mudanças importantes, desde 1996, influenciados pelos fatores econômicos observados ao longo do período. Isso é evidenciado pela alteração nos indicadores analisados.

A indústria de transformação de Sergipe, segundo dados da Pesquisa Anual da Indústria, ocupava 33.373 pessoas em 2007. Os setores que contavam com os maiores contingentes de trabalhadores eram: i) fabricação de alimentos e bebidas, com 9.074 pessoas, ii) indústria têxtil, com 4.367 pessoas, iii) fabricação de minerais não-metálicos, com 4.170 pessoas, iv) calçados e couro, com 3.093 pessoas, e v) vestuário, com 2.222 pessoas. Também eram importantes empregadoras, as atividades de fabricação de móveis e diversos, plásticos e borracha e a fabricação de produtos metalúrgicos. Esses dados, bem como a sua variação no período estão apresentados na Tabela II-7.

Tabela II-7: Sergipe: Pessoal ocupado, segundo setor de atividade da indústria de transformação, 1996, 2000 e 2007

Setores	Pessoal Ocupado			Variação de Pessoal Ocupado	
	1996	2000	2007	1996 a 2007	2000 a 2007
Indústrias de transformação	16.313	22.091	33.373	17.060	11.282
Alim. e bebidas	3.713	5.198	9.074	5.361	3.876
Têxtil	4.512	3.402	4.367	-145	965
Mín não Metálicos	1.675	2.815	4.170	2.495	1.355
Calçados e couro	876	842	3.093	2.217	2.251
Vestuário	1.622	2.068	2.222	600	154
Maq. e equip.	27	1.033	1.982	1.955	949
Ind. Química	644	973	1.963	1.319	990
Móveis e diversos	608	763	1.209	601	446
Plástico e borracha	370	679	1.014	644	335
Metalurgia	339	636	876	537	240
Edição e gráfica	543	602	802	259	200
Celulose e papel	99	158	479	380	321
Veic, Carroc e reboques	240	230	411	171	181
Fumo	237	238	362	125	124
Produtos de madeira	309	749	261	-48	-488
Outros	499	1.705	1.088	589	-617

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996, 2000 e 2007.

Entre 1996 e 2007, foram criados 17.060 empregos na indústria de transformação de Sergipe, dos quais 11.282 foram gerados entre 2000 e 2007. Os setores que mais ampliaram o número de pessoas ocupadas entre 1996 e 2007 foram a fabricação de alimentos e bebidas, com 5.361 novos empregos, a fabricação de minerais não metálicos, com 2.495 novos empregos, a fabricação de calçados e couro, com 2.217 novos empregos, a fabricação de máquinas e equipamentos, com 1.955 novos empregos, e a indústria química, com 1.319 novos empregos.

Dentre os setores observados, apenas os segmentos têxtil e o de produtos de madeira, perderam empregos ao longo do período. Deve-se atentar para o fato de que, no período mais recente, de 2000 a 2007, o setor têxtil ampliou o pessoal ocupado com a contratação de 965 pessoas, enquanto a fabricação de produtos de madeira reduziu o contingente de pessoas ocupadas. Essa expansão do emprego mostra relação estreita com a expansão do número de estabelecimentos, conforme mostra a Tabela II-8, fazendo uma classificação por porte da empresa.

Tabela II-8: Sergipe: número de estabelecimento por porte de empresa da Indústria de Transformação. 2000 e 2008

Porte	2000		2008		Taxa de crescimento entre 2000 e 2008 (%)
	No.	Part.(%)	No.	Part.(%)	
Micro (de 0 a 19 empregados)	127	44,4	228	46,6	36,7
Pequeno (de 20 a 99 empregados)	124	43,4	200	40,9	33,0
Médio (100 a 499 empregados)	30	10,5	54	11,0	36,7
Grande (500 ou mais empregados)	5	1,7	7	1,4	28,0
Total	286	100	489	100	35,0

Fonte. MTE- Relatório Anual de Informações Sociais. 2000 e 2008.

Com base nos dados do Relatório Anual de Informações Sociais – Rais –, do Ministério do Trabalho e Emprego, a indústria de transformação de Sergipe contava com 489 estabelecimentos, em 2008. Desses, 228 estabelecimentos possuíam até 19 empregados podendo ser classificados com microempreendimentos, 200 estabelecimentos tinha entre 20 e 99 empregados, entendidos como de pequeno porte, 54 estabelecimentos contavam entre 100 e 499 empregados, considerados de médio porte e 7 empreendimentos industriais registravam mais de 500 empregados, pertencendo ao agrupamento de grande porte. Desse modo, em 2008, 87,5% dos estabelecimentos contavam com até 99 empregados.

Entre 2000 e 2008, empresas de todos os portes registraram aumento no número de estabelecimentos industriais, com destaque para os segmentos de médio porte e os microempreendimentos. Nessa faixa, os estabelecimentos tiveram um incremento de 36,7% no número de estabelecimentos, frente à expansão de 33% no número de estabelecimentos de pequeno porte e de 28% nos de grande porte. Essa expansão dos estabelecimentos por setor de atividade pode ser ilustrada a partir dos dados da Tabela II-9.

Entre 1996 e 2007, a indústria de transformação de Sergipe ampliou o número de unidades locais em 372, das quais 142 unidades entre 1996-2000 e, mais 230 unidades locais entre 2000 e 2007. A indústria de alimentos e bebidas, apesar da implantação de oitenta novas unidades instaladas, reduziu sua participação de 34,4%, em 1996, para 27,8%, em 2007, em razão das maiores taxas de crescimento de outros setores.

Tabela II-9: Sergipe: Variação do número de unidades locais, segundo setor de atividade da Indústria de Transformação, 1996-2007

Setores	Variação do número de Unidades Locais		
	1996-2007	1996-2000	2000-2007
Indústrias de transformação	372	142	230
Alim. e bebidas	80	36	44
Min não Metálicos	74	25	49
Ind. Química	33	13	20
Móveis e diversos	27	7	20
Têxtil	26	3	23
Vestuário	24	8	16
Metalurgia	20	5	15
Maq. e equipamentos	16	1	15
Edição e gráfica	13	12	1
Plástico e borracha	12	9	3
Calçados e couro	10	1	9
Máquinas e materiais elétricos	9	-3	12
Celulose e papel	4	2	2
Produtos de madeira	3	13	-10
Veículos, Carrocerias e reboques	1	3	-2
Outros setores	20	7	13

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual. 1996, 2000 e 2007.

Foram implantadas ainda em Sergipe, entre 1996 e 2007, 80 unidades produtivas de alimentos e bebidas, 74 unidades produtivas de fabricação de produtos minerais não-metálicos, incluindo fabricação de cimento e derivados, cerâmicas, entre outros; 33 indústrias do setor químico, em uma variedade de subsectores; 27 no segmento de móveis e diversos; 26 têxteis, em geral de porte bem menor do que as plantas tradicionais; 24 na indústria de vestuário; 20 metalúrgicas; 16 de fabricação de máquinas e equipamentos; 12 de plásticos e borracha; 10 de calçados e couro, das quais 9 delas no segundo período; 9 de máquinas e materiais elétricos; e 4 de celulose e papel. Esse quadro trouxe alterações na participação dos setores de atividade quando considerado o Valor de Transformação Industrial, como mostra a Tabela II-10.

Ao longo do período 1996-2006 a indústria de alimentos e bebidas recebeu novos investimentos, diversificou-se e ampliou a sua participação no Valor da Transformação Industrial- VTI de 25,8%, em 1996, para 28,6%, em 2000, atingindo cerca de 1/3 do VTI industrial em 2007, somando o ganho de 7,1 pontos percentuais de participação entre os anos extremos. A indústria de minerais não metálicos também ampliou sua participação na indústria de transformação entre 1996 e 2007, passando de 15,1% do VTI total no primeiro ano, para 19,2% no último. Esse ganho de participação, todavia, se verificou entre 1996 e

2000, registrando certo recuo no segundo período, não em razão de queda do valor transformado e, sim, em razão do crescimento mais acelerados de outros setores.

Tabela II-10: Sergipe: Evolução da participação dos setores de atividade no Valor da Transformação Industrial, unidades locais e pessoal ocupado da Indústria de Transformação, 1996, 2000 e 2007

Setores	Participação no VTI (%)			Variação de Participação (Pontos percentuais)	
	1996	2000	2007	1996 a 2007	2000 a 2007
Alim. e bebidas	25,8	28,6	33,0	7,1	4,3
Mín não Metálicos	15,1	22,6	19,2	4,2	-3,3
Ind. Química	7,9	20,9	15,4	7,5	-5,6
Têxtil	29,0	9,1	11,3	-17,7	2,2
Calçados e couro	10,4	0,6	5,8	-4,6	5,2
Maq. e equip.	0,2	5,3	4,1	3,9	-1,2
Metalurgia	0,8	3,6	2,9	2,1	-0,7
Vestuário	2,3	1,2	1,4	-0,9	0,3
Plástico e borracha	1,5	1,6	1,4	-0,1	-0,2
Edição e gráfica	2,8	1,1	1,2	-1,5	0,1
Móveis e diversos	1,0	0,6	1,1	0,1	0,5
Celulose e papel	0,0	0,3	0,9	0,9	0,6

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual. 1996, 2000 e 2007.

A indústria química apresentou trajetória semelhante à do setor de minerais não metálicos, embora com oscilações de participação mais acentuadas, registrando forte crescimento no primeiro período e recuo no segundo. Nos anos mais recentes, ainda não captados pela PIA, o setor recebeu novos empreendimentos nas atividades de produção de fertilizantes, cosméticos e etanol que certamente vão revelar o crescimento da participação setor como um todo na estrutura industrial.

Alguns setores de bens de consumo não-duráveis, como têxtil, confecção e calçados, muito expostos à competição internacional e sensíveis à taxa de câmbio, apresentaram trajetórias similares entre si, com forte queda de participação na estrutura do VTI na segunda metade dos anos noventa, mas com recuperação importante, ainda que parcial, já na primeira década do novo século. A indústria têxtil, fortemente atingida pela abertura comercial dos anos noventa, reduziu a sua participação no VTI no ano 2000 a menos de 1/3 do que apresentava em 1996, com perda de 17,7 pontos percentuais de participação. No segundo período analisado, o setor têxtil apresentou certa recuperação, o que propiciou o ganho de 2,2 pontos de participação. O setor, como já assinalado, é extremamente sensível ao grau de abertura comercial e às taxas reais de câmbio.

A indústria de calçados e couro também sofreu um forte revés entre 1996 e 2000, reduzindo sua participação no VTI da indústria de transformação sergipana de 10,4% para meros 0,6%, deixando de ser um setor expressivo naquele momento. Entre 2000 e 2007, a indústria calçadista retomou de modo significativo o seu nível de atividade em Sergipe, de modo que, nesse último ano já representava 5,8% do VTI industrial. Os investimentos no setor nos anos mais recentes, ainda não captados pela última PIA, registrando o maior crescimento do emprego industrial em 2009, vão elevar, certamente, o peso da indústria calçadista no VTI industrial sergipano. Cabe ainda mencionar o crescimento da participação da fabricação de produtos metalúrgicos e de celulose e papel.

O mais significativo para destacar, nos dados analisados, é que apesar das oscilações que a economia brasileira enfrentou nas últimas décadas, a indústria de Sergipe vem crescendo e se diversificando. Há motivos, assim, para ser otimista em relação ao futuro da indústria sergipana. Como rumos importantes a serem seguidos, no sentido de potencializar essa trajetória, devem ser destacados:

- i. Fortalecimento das cadeias produtivas estratégicas em torno dos setores mais significativos,
- ii. Fomento às Aglomerações Produtivas Locais, e
- iii. Estímulo à incorporação de mais conhecimento técnico no processo produtivo, como forma de incrementar a competitividade da indústria sergipana.

Os dados apresentados mostram a dinâmica dos setores de atividade industrial em Sergipe, no período de 1996 a 2007, a partir de alguns indicadores. Em termos de geração de empregos, os quatro setores que mais cresceram foram: i) fabricação de alimentos e bebidas, ii) produtos minerais não-metálicos, iii) fabricação de calçados e artefatos de couro e iv) de produção de máquinas e equipamentos, ficando a indústria química em quinto lugar nesta lista. Pelo critério de expansão do número de unidades industriais, aparecem com maior destaque os setores de: i) fabricação de alimentos e bebidas, ii) produtos minerais não-metálicos, iii) indústria química e iv) fabricação de móveis, ficando a indústria têxtil em quinto lugar. E no que se refere à expansão do Valor de Transformação Industrial, os setores de maior crescimento foram:

i) indústria química, ii) fabricação de alimentos e bebidas, iii) produtos minerais não-metálicos, iv) produção de máquinas e equipamentos.

Essa dinâmica apresenta o movimento significativo das indústrias têxtil, química e de fabricação de calçados e artefatos de couro, entre 1996 e 2007. A primeira e a última perdem importância, enquanto a indústria química passa a figurar entre as quatro mais importantes do estado. Nesta classificação, os setores de atividade com participação superior a 10% no VTI considerados os mais importantes são: i) fabricação de alimentos e bebidas, que passa de 25,8% para 33,0%, no período 1996-2007, ii) produtos minerais não-metálicos, que sai de 15,1% para 19,2%, no período 1996-2007, iii) a indústria química, que passa de 7,9% para 15,4%, no período 1996-2007, e iv) indústria têxtil que sai de 29,0% para 11,3%, no período 1996-2007.

II.5 Indicadores de Competitividade da Indústria de Transformação Sergipana

A análise do comportamento dos setores de atividade da indústria sergipana precisa ser comparada com a sua performance em relação à indústria brasileira, a fim de verificar se a expansão observada é relevante no cenário nacional. O Quadro II-1 resume os dados do comportamento da competitividade da indústria sergipana considerando o período de 1996 a 2007.

Quadro II-1: Sergipe: Vantagem competitiva revelada da Indústria de Transformação segundo setor de atividade, 1996-2007

Setores	Participação no VTI	Participação no Pessoal Ocupado	Vantagem Competitiva Revelada entre 1996 e 2007
Alim. e bebidas	+	+	Alta competitividade econômica e ocupacional
Calçados e couro	+	+	
Maq. e equip.	+	+	
Edição e gráfica	+	+	
Min não Metálicos	+	+	
Ind. Química	+	+	
Têxtil	+	+	
Plástico e borracha	+	+	
Móveis e diversos	+	+	
Celulose e papel	+	+	
Metalurgia	+	-	Alta competitividade econômica e baixa competitividade ocupacional
Vestuário	+	-	

Nota: Os setores de atividade foram classificados de alta competitividade quando elevaram sua participação no total do setor e de baixa competitividade quando perderam participação no total setorial do Brasil, observando-se o Valor da Transformação Industrial e o Pessoal Ocupado.

Fonte: Elaboração própria.

Nesse sentido, foram observados os avanços que a indústria sergipana alcançou em relação à indústria nacional, em termos da geração de empregos e do Valor de Transformação Industrial. Em ambos os casos, considerou-se a indústria sergipana como competitiva caso ela consiga avançar mais que a indústria brasileira nos respectivos critérios.

No período entre 1996 e 2007, a produção da indústria de transformação de Sergipe vem avançando mais rapidamente do que as médias brasileiras e nordestina, revelando a competitividade da indústria local e a efetividade das políticas de atração de investimentos. Essa vantagem competitiva da indústria de transformação se revela tanto quando se observa o Valor da Transformação Industrial - VTI, como quando se considera o pessoal ocupado. Entre 1996 e 2007, a participação de Sergipe no VTI brasileiro aumentou em 64% e no pessoal ocupado cresceu em 44%, ainda que a participação no VTI tenha recuado após 2001.

Quando se observa o pessoal ocupado no setor no total nacional, verifica-se que, ao longo do período 1996-2007, com as exceções de vestuário e produtos metalúrgicos, todos os demais setores sergipanos aumentaram suas participações no pessoal ocupado do setor no âmbito do país.

Assim, as atividades de alimentos e bebidas, calçados, máquinas e equipamentos, edição e gráfica, química, têxtil, plástico e borracha, móveis e diversos, registraram alta competitividade econômica e ocupacional, enquanto metalurgia e vestuário registram alta competitividade econômica e baixa competitividade no indicador ocupacional. Essa situação é distinta da que se observa no período mais recente, entre 2003 e 2007, representado no Quadro II-2.

Quadr II-2: Sergipe: Vantagem competitiva revelada da indústria de transformação segundo setor de atividade. 2003 a 2007

Setores	Participação no VTI	Participação no Pessoal Ocupado	Vantagem Competitiva Revelada entre 2003 e 2007
Calçados e couro	+	+	Alta Competitividade econômica e ocupacional
Maq. e equip.	+	+	
Edição e gráfica	+	+	
Alim. e bebidas	+	-	Alta Competitividade econômica e baixa competitividade ocupacional
Metalurgia	+	-	
Vestuário	+	-	
Min não Metálicos	-	+	Alta competitividade ocupacional e baixa competitividade econômica
Ind. Química	-	+	
Plástico e borracha	-	+	
Móveis e diversos	-	+	
Celulose e papel	-	+	
Têxtil	-	-	Baixa competitividade econômica e ocupacional

Nota: Os setores de atividade foram classificados de alta competitividade quando elevaram sua participação no total do setor e de baixa competitividade quando perderam participação no total setorial do Brasil, observando-se o Valor da Transformação Industrial e o Pessoal Ocupado.

Fonte: Elaboração própria.

No período mais recente, entre 2003 e 2007, em que se acelerou o crescimento econômico nacional, observa-se que alguns segmentos industriais sergipanos obtiveram taxas de crescimento do VTI abaixo da média brasileira (ou registraram recuo superior) e taxa de expansão do emprego inferior à apresentada pelo setor nacionalmente, enquanto outros setores mantiveram suas trajetórias de crescimento acima da média nacional nos dois indicadores.

As atividades de fabricação de calçados, de máquinas e equipamentos e de edição e gráfica apresentaram taxas superiores à média nacional na ocupação de pessoal e no valor de transformação industrial e, nesse sentido, podem ser classificados como tendo alcançado alta competitividade econômica e ocupacional no período de 2003 e 2007. As atividades de fabricação de alimentos e bebidas, metalurgia e vestuário, no período, aumentaram suas participações no VTI e reduziram no emprego nacional, sendo caracterizadas como de Alta Competitividade econômica e baixa competitividade ocupacional. As atividades de minerais não-metálicos, química, plástico e borracha, moveis e diversos e celulose e papel, apresentaram alta competitividade ocupacional e baixa competitividade econômica. Finalmente, no período 2003-2007, o setor têxtil sergipano apresentou baixa competitividade ocupacional e econômica.



III. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA INDÚSTRIA EM SERGIPE

A dinâmica recente da indústria sergipana, abordada nos dois primeiros capítulos, pode ser melhor compreendida com a investigação sobre o exame da maneira como se organiza sua distribuição espacial no estado. Isso permite observar a importância relativa de cada atividade industrial no interior de cada um dos diferentes territórios e no estado como um todo.

Neste sentido, o objetivo principal deste capítulo é evidenciar a evolução recente da configuração do setor industrial da economia sergipana, revelando seus efeitos espaciais no estado e localizando geograficamente suas principais atividades industriais, em termos de importância relativa e de maior potencial competitivo.

III.1 Caracterização Sócioeconômica dos Territórios Sergipanos

Em 2007, a Secretaria de Planejamento do governo do estado de Sergipe realizou um diagnóstico do desenvolvimento econômico do estado, em que sobressaíram enormes desigualdades socioeconômicas entre os municípios, as quais podiam ser percebidas no nível da sua distribuição espacial. De acordo com o entendimento da SEPLAN-SE na ocasião, uma proposta de desenvolvimento sustentável para o estado passaria, além do impulso das atividades econômicas com atenção às condições ambientais, pelo respeito à identidade cultural dos territórios sergipanos e pela inclusão social (FALCÓN, 2008).

Assim, em convênio com a Universidade Federal de Sergipe, foi definido o processo de territorialização do estado de Sergipe, o qual resultou na adoção de oito “territórios de identidade” para fins de planejamento das ações governamentais: i) Agreste Central, ii) Alto Sertão, iii) Baixo São Francisco, iv) Centro Sul, v) Grande Aracaju, vi) Leste, vii) Médio Sertão e viii) Sul (SEPLAN, 2007).

Nesta perspectiva, passa-se a discutir a estruturação do desenvolvimento industrial no estado a partir deste recorte espacial, procurando, ao evidenciar a maneira como estas atividades se distribuem no espaço, contribuir com o desenvolvimento econômico dos territórios sergipanos.

Na Tabela III-1, são apresentadas as principais características socioeconômicas de cada um dos oito territórios.

Tabela III-1: Caracterização Sócioeconômica dos territórios sergipanos

Território	PIB ¹ (R\$ mil)	Pop ² (hab.)	Unidades Locais ³ (Nº)	Pessoal ocupado assalariado ³	Salários e outras remunerações ³ (R\$ mil)	Salário médio mensal ³ (Salários Mínimos)	IDH ⁴
Agreste Central	1.265,0	222.197	2.697	17.439	138.868	1,64	0,646
Alto Sertão	1.433,9	137.926	1.133	8.209	72.343	1,90	0,575
Baixo São Francisco	714,4	123.482	1.108	10.620	86.405	1,73	0,614
Centro Sul	1.075,5	213.492	2.465	15.692	131.908	1,75	0,599
Grande Aracaju	9.254,8	847.941	15.783	222.550	3.389.804	3,22	0,751
Leste	1.255,4	90.452	780	11.197	222.444	4,10	0,645
Médio Sertão	284,7	62.644	438	3.814	28.685	1,55	0,621
Sul	1.611,9	241.292	2.361	17.526	165.400	1,87	0,616
Sergipe	16.895,7	1.939.426	26.765	307.047	4.235.857	2,9	0,682

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) IBGE – Cadastro Central de Empresas 2007 (CEMPRE), (4) IPEA. Elaboração própria.

Nota: (1) Ano de referência 2007, (2) População residente em 2007, (3) Ano de referência 2007, (4) Calculado com base no Censo 2000.

Na análise desta tabela, de imediato percebe-se que, o território mais importante do estado é a Grande Aracaju. Mais da metade do PIB estadual (54,78%) e quase metade da população (43,72%) concentram-se nesse território; dos quais 37,6% e 26,83%, respectivamente, apenas no município de Aracaju. Nesse território concentram-se também 58,97% das unidades empresariais locais de Sergipe, as quais mobilizam 72,48% de todo pessoal assalariado ocupado e detém 80% de toda massa salarial e de outras remunerações que são recebidas no estado. Do ponto de vista do IDH, o território da Grande Aracaju situa-se 10% acima da média estadual.

Em termos da importância estadual, em segundo lugar situa-se o território Sul, com 9,54% do PIB e 12,44% da população de Sergipe. Seu principal município - Estância - apresenta 5,12% e 3,16% do PIB e da população estaduais, respectivamente. No território do Sul localizam-se 8,82% das empresas formais sergipanas, as quais empregam 5,71% do pessoal ocupado assalariado, que recebem 3,90% do total da massa salarial e de outras remunerações percebidas no estado. Do ponto de vista social, nota-se que o IDH do território representa 90% da média sergipana.

No outro extremo do desenvolvimento encontra-se o território do Médio Sertão, com as menores repartições de produto e população de Sergipe: 1,69% e 3,23%, respectivamente. Sua principal cidade, Nossa Senhora das Dores, possui apenas 0,64% do PIB e 1,23% da população do estado. Embora esse não seja o município com o menor PIB de Sergipe, – que é Amparo do São Francisco, com PIB de R\$ 9.891.340, o que é equivalente a 0,06% do PIB de Sergipe, ou aproximadamente 10,9 vezes menos do que o de Nossa Senhora das Dores – ele é o menor dentre as cidades mais importantes de cada território de planejamento.

No território do Médio Sertão existem apenas 438 unidades empresariais locais (1,64% do total sergipano) que empregam 1,24% do total de pessoal ocupado assalariado e que recebem somente 0,68% de toda massa salarial e outras remunerações de Sergipe. Ao contrário do que estes dados econômicos poderiam indicar, o IDH do território atinge 91% da média sergipana e situa-se em quarto lugar na hierarquia dos territórios com relação a esse indicador.

Em Sergipe, do ponto de vista econômico, o território mais importante é o da Grande Aracaju. Nele se concentram mais da metade do PIB, quase metade da população estadual e do total das unidades empresariais locais, mobilizando quase 3/4 do pessoal assalariado ocupado e 4/5 de toda massa salarial e de outras remunerações que são recebidas no estado. Igualmente do ponto de vista social, a qualidade de vida neste território situa-se aproximadamente 10% acima da média estadual.

III.2 Importância da Atividade Industrial nos Territórios

A importância da atividade industrial em termos espaciais no estado pode ser percebida através da análise da Tabela III-2, que revela a composição relativa do PIB a preço básico – excluídos os impostos – entre os três principais setores econômicos nos oito territórios sergipanos. A análise destes dados permite perceber quais são os territórios, e respectivos municípios principais, que apresentam maior participação industrial na composição do produto gerado em cada um dos oito territórios do estado.

Como se pode observar, a participação das atividades industriais no valor do PIB a preço básico de Sergipe é de 30,59%. É importante ressaltar também que, em Sergipe, a participação do setor industrial no PIB a preço básico, no ano de 2007, é maior do que aquela apresentada em termos do Brasil (27,81%) e da região Nordeste (24,27%).

Os dados da Tabela III-2 revelam igualmente que, o território da Grande Aracaju, assim como o município de Aracaju, apresenta uma participação das atividades industriais no PIB a preço básico inferior a média estadual, tendo em vista a concentração das atividades desse território no setor de serviços (mais de 73%).

Tabela III-2: Sergipe: Composição setorial do PIB a preço básico de cada território, 2007. (%)

Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	8,22	16,36	75,42	100
Alto Sertão	8,86	58,94	32,20	100
Baixo São Francisco	14,24	20,28	65,49	100
Centro Sul	11,54	14,91	73,54	100
Grande Aracaju	0,94	25,90	73,16	100
Leste	4,16	66,11	29,73	100
Médio Sertão	18,34	9,36	72,31	100
Sul	6,73	30,68	62,60	100
Sergipe	4,62	30,59	64,79	100

Fonte: IBGE – PIB Municipal 2007. Elaboração própria.

Merecem também destaque os dados referentes ao território Sul de Sergipe, o qual se encontra em torno da composição média sergipana do PIB a preço básico e, seu principal município – Estância – na medida em que apresenta um vigoroso e diversificado parque industrial possui quase metade do seu produto gerado no Setor Industrial, ou seja 49,57% (vide anexo).

Registre-se igualmente que, o território do Alto Sertão – da mesma forma que seu principal município, Canindé de São Francisco – apresenta os maiores valores de participação industrial na composição do PIB a preço básico de Sergipe: 58,94% e 86,80%, respectivamente (vide anexo). Esse resultado decorre da presença da usina hidrelétrica de Xingó nesse município. Até o ano de 2001 a geração de energia elétrica era contabilizada no setor de serviços e, desde então, essa atividade passou ser considerada como pertencente ao setor industrial, dentro do subsetor “eletricidade, água e gás”.

Por outro lado, para entender a evolução recente da composição relativa do PIB a preço básico de Sergipe, procurou-se analisar o período de 2000 a 2007 em cada território, conforme exposto na Tabela III-3. A primeira observação a notar é que, como foi referido anteriormente, a modificação metodológica na obtenção dos dados referentes à produção industrial é que explica as enormes variações percentuais apresentadas no território do Alto Sertão, bem como do município de Canindé do São Francisco, entre os anos de 2000 e de 2007. Neste território o setor industrial aumentou sua participação no PIB a preço básico em mais de trinta pontos percentuais, ao mesmo tempo em que o setor de serviços decresceu quase na mesma medida.

Tabela III-3: Sergipe: Diferença em pontos percentuais da participação relativa das atividades econômicas dentro de um mesmo território entre os anos 2000 e 2007

Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	-1,57	2,09	-0,51	100
Alto Sertão	-4,21	37,44	-33,23	100
Baixo São Francisco	3,41	-1,75	-1,65	100
Centro Sul	-1,45	-0,18	1,63	100
Grande Aracaju	0,06	1,02	-1,08	100
Leste	-2,20	25,19	-22,99	100
Médio Sertão	4,33	0,25	-4,58	100
Sul	0,58	-5,41	4,83	100
Sergipe	0,04	5,86	-5,90	100

Fonte: IBGE – PIB Municipal 2000-2007. Elaboração própria.

Nesta tabela observa-se também que, no período em questão, o território do Sul sergipano, bem como o município de Estância, apresentou redução na participação das atividades industriais na composição do PIB a preço básico. Em ambos os casos, essa

redução veio acompanhada de um aumento proporcional na participação relativa do setor de serviços.

Na Tabela III-3 deve ser destacado ainda que, o território do Leste sergipano revela uma expressiva variação na composição do PIB a preço básico no período recente. Neste território, a evolução positiva da participação das atividades industriais em mais de 25%, concomitante a queda de mais de 20% do setor de serviços, se deveu principalmente ao incremento na atividade de extração de petróleo e gás nos seus municípios (com destaque para Carmópolis, Divina Pastora e Japaratuba), e aos aumentos no preço dessas commodities no período, com seus efeitos de ligação em cadeia.

A Tabela III-4, a seguir, fornece a idéia da distribuição do número de estabelecimentos em cada um dos oito territórios sergipanos entre os três setores de atividade econômica. Deve-se ressaltar que, por se tratar de dados da RAIS, esses números referem-se apenas a estabelecimentos formais.

Os casos que, em 2008, superaram a média sergipana de 14,39% do número total de estabelecimentos formais industriais foram os dos territórios Leste (19,90%), Agreste Central (15,30%) e Grande Aracaju (14,89%). Do ponto de vista municipal merecem destaque os casos de Carmópolis (36,30%), Nossa Senhora do Socorro (25,79%), Campo do Brito (23,93%), São Cristóvão (23,27%), Canindé do São Francisco (20,37%), Itabaiana (18,08%), Tobias Barreto (17,94%) e Lagarto (14,87%).

Tabela III-4: Sergipe: Distribuição relativa do número de estabelecimentos por setor de atividade econômica dentro de um mesmo território, 2008. (%)

Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	18,99	15,30	65,70	100
Alto Sertão	12,96	13,56	73,48	100
Baixo São Francisco	21,03	11,91	67,06	100
Centro Sul	13,94	14,27	71,80	100
Grande Aracaju	5,04	14,89	80,07	100
Leste	26,36	19,90	53,74	100
Médio Sertão	29,85	5,47	64,68	100
Sul	30,98	10,99	58,03	100
Sergipe	11,07	14,39	74,54	100

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Na Tabela III-4, deve-se observar igualmente que, para o caso dos territórios sergipanos Agreste Central e Centro Sul, ela expressa a mesma proporcionalidade relativa entre os setores econômicos devidamente caracterizada na Tabela III-2. No entanto, para os todos os outros seis territórios, incluindo a média do estado como um todo, esta tabela tende a subestimar a importância da participação industrial no total de estabelecimentos. Tal performance pode ser, em parte, explicada pelo fato de provavelmente o número de estabelecimentos industriais informais ser muito maior do que o número de estabelecimentos formais, quando comparados aos outros dois grandes setores das economias locais nos territórios.

De toda forma e ainda assim, pensa-se que existem vantagens em se utilizar essa base de dados da RAIS, pois ela permite o acesso a uma fonte relativamente atualizada e que permite a decomposição dos dados por territórios e municípios sergipanos entre as principais atividades industriais que se encontram formalmente instaladas, como sendo da indústria: Extrativa Mineral; Mineral não Metálica; Metalúrgica; Papel e Gráfica; Química; Têxtil; Alimentos e Bebidas; Eletricidade, Água e Gás; e, Construção Civil.

Assim, na Tabela III-5 a seguir, apresenta-se o número de estabelecimentos industriais em 2008, segundo as principais atividades desenvolvidas em cada um dos oito territórios sergipanos. Em termos gerais, esta tabela revela que, as atividades da indústria da construção civil são responsáveis por mais de um terço (36,78%) do número de estabelecimentos industriais formais de Sergipe. Dentre os territórios que ultrapassam esta média estadual devem ser citados, os casos do Alto Sertão (49,04%), Grande Aracaju (42,43%), Leste (46,02%) e Médio Sertão (39,13%), onde a indústria da construção civil é ainda mais importante do ponto de vista do número total dos estabelecimentos formais industriais.

Tabela III-5: Sergipe: Distribuição relativa do número de estabelecimentos industriais por atividade dentro de um mesmo território, 2008. (%)

Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Agreste Central	1,82	14,12	5,69	3,87	5,24	5,92	21,64	0,91	24,15
Alto Sertão	1,27	1,91	2,55	2,55	2,55	4,46	26,11	1,27	49,04
Baixo São Francisco	9,15	11,27	4,23	1,41	2,11	2,82	42,25	2,11	23,24
Centro Sul	1,78	4,58	4,83	2,29	6,11	27,23	21,37	0,76	16,28
Grande Aracaju	2,62	3,10	4,90	7,62	4,05	7,42	16,43	0,99	42,43
Leste	6,25	6,25	6,82	1,14	3,41	3,98	18,18	1,70	46,02
Médio Sertão	2,17	10,87	4,35	2,17	0,00	8,70	28,26	0,00	39,13
Sul	0,88	14,96	3,52	4,69	5,57	18,18	18,18	1,47	22,87
Sergipe	2,63	5,55	4,83	5,94	4,27	9,39	18,78	1,06	36,78

(1) Extrativa Mineral, (2) Mineral não Metálica, (3) Metalúrgica, (4) Papel e Gráfica, (5) Química, (6) Têxtil, (7) Alimentos e Bebidas, (8) Eletricidade, Água e Gás, (9) Construção Civil.

Fonte: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Esses números revelam que, apesar dos grandes empreendimentos da construção civil de Sergipe se concentrarem no município de Aracaju, há um grande número de micro e pequenas empresas distribuídas em diversos municípios do estado, com destaque para os casos de: 61,54% em Japaratuba, 57,14% em Canindé de São Francisco, 56,76% em Carmópolis, 54,72% em Campo do Brito e 52,89% em São Cristóvão.

A atividade responsável pelo segundo maior número de estabelecimentos industriais formais em Sergipe é a indústria de alimentos e bebidas, a qual representa 18,78% do seu total. Com um peso relativo superior a esta média estadual se destacam os territórios sergipanos do Alto Sertão (26,11%), do Médio Sertão (28,26%), do Baixo São Francisco (42,25%) e do Agreste Central (21,64%).

Do ponto de vista dos municípios (vide anexo) devem ser ressaltados os casos de Nossa Senhora da Glória com a produção principal de leite e seus derivados (35,09%), de Propriá e as empresas de beneficiamento de arroz e de avicultura (48,08%), de Lagarto e as empresas de alimentos e bebidas (26,63%), de Nossa Senhora das Dores (28,57%) e de Estância (21,54%).

Em seguida deve-se destacar o caso da indústria têxtil que possui 9,39% dos estabelecimentos formais industriais do estado. Neste caso, o maior número de

estabelecimentos se concentra nos territórios do Centro-Sul e Sul e, em especial, nos municípios de Tobias Barreto (69,77%), Nossa Senhora das Dores (14,29%) e de Estância (13,08%)

De acordo com a Tabela III-5, a indústria extrativa mineral responde pelo segundo menor número de estabelecimentos industriais formais dentre as mais importantes atividades industriais de Sergipe (2,63%). Esse número poderia fornecer uma idéia de subestimação da importância desta atividade no estado, dado que as empresas deste segmento são, em média, maiores do que aquelas de outras atividades. Nesse segmento, os destaques são os territórios sergipanos do Baixo São Francisco (9,15%) e do Leste (6,25%) e os municípios de Japaratuba (30,77%), Laranjeiras (6,06%), Nossa Senhora das Dores (4,76%) e Propriá (3,85%).

A indústria química representa apenas uma pequena parte do número de estabelecimentos industriais formais em Sergipe (4,27%). No entanto, merecem destaque os municípios de Laranjeiras, Campo do Brito, Lagarto e Estância, com 27,27%, 11,32%, 11,06% e 10,77%, respectivamente, de seus estabelecimentos industriais formais nessa atividade. O elevado peso desse segmento no município de Laranjeiras, certamente deve-se ao fato de, além de abrigar a sede da FAFEN-SE, situar diversas outras fábricas e misturadores de fertilizantes químicos e outras empresas que trabalham na sua cadeia produtiva.

Os serviços de utilidade pública; eletricidade, água e gás; representam apenas 1,06% do número de estabelecimentos industriais formais do estado. Essa participação permanece em percentuais baixos para todos os territórios e municípios de Sergipe, resultado bastante esperado, tendo em vista os rendimentos de escala dessas atividades, que fazem com que um menor número de empresas atue sobre o mercado.

Por outro lado, a fim de estabelecer uma comparação com os elementos discutidos logo acima, é preciso analisar a distribuição do número de empregos formais oferecidos nos setores econômicos em cada território sergipano, conforme os dados da Tabela III-6, apresentada a seguir. Em 2008, o setor industrial de Sergipe responde por

aproximadamente 20% dos empregos formais do estado. Os territórios sergipanos que superam esta média são, em ordem de importância hierárquica, o Médio Sertão (26,16%), o Leste (25,16%), o Centro-Sul (24,64%), o Agreste Central (24,60%) e o Sul (23,17%).

Tabela III-6: Sergipe: Distribuição relativa do número de empregos por setor de atividade econômica dentro de um mesmo território, 2008. (%)

Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	3,62	24,60	71,78	100
Alto Sertão	1,41	8,60	89,99	100
Baixo São Francisco	16,51	13,11	70,38	100
Centro Sul	3,75	24,54	71,71	100
Grande Aracaju	2,06	17,88	80,06	100
Leste	15,85	25,16	58,99	100
Médio Sertão	3,85	26,16	69,99	100
Sul	7,80	23,17	69,03	100
Sergipe	4,00	19,90	76,09	100

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Do ponto de vista municipal (vide anexo), merecem destaque o volume de emprego industrial apresentado pelos casos de Nossa Senhora das Dores (50,27%), de Japarutuba (45,47%), de Nossa Senhora do Socorro (36,71%), de Laranjeiras (37,36%), de Estância (35,14%), de Lagarto (27,81%), de Carmópolis (27,80%), de Itabaiana (24,56%), de Campo do Brito (22,93%), de Tobias Barreto (21,88) e de São Cristóvão (20,16%).

Ao se comparar os dados da Tabela III-6 com a Tabela III-4 apresentada anteriormente, percebe-se que, em Sergipe, a participação dos empregos industriais formais no volume total de empregos da economia é maior do que a participação do número de estabelecimentos industriais formais para quase todos os territórios. A exceção a esta regra é o caso do território sergipano do Alto Sertão. Isso permite inferir que, o setor industrial em Sergipe tem um impacto maior na criação de empregos do que a distribuição dos estabelecimentos industriais poderia levar a intuir.

A seguir, na Tabela III-7, apresenta-se o número de empregos industriais em 2008, segundo as principais atividades desenvolvidas em cada um dos oito territórios

sergipanos. No estado de Sergipe, as atividades industriais que oferecem um maior volume de emprego são, em ordem de importância, os segmentos da construção civil (33,04%), alimentos e bebidas (16,45%), têxtil (10,63%), extrativo-mineral (7,14%) e minerais não metálicos (7,11%).

Ao se analisar cada um dos segmentos os dados indicam que, em termos da construção civil, ressaltam-se, acima da média sergipana, os territórios do Alto Sertão (33,33%) e da Grande Aracaju (43,23%), com destaque para os municípios de Carmópolis (80,41%), Campo do Brito (67,46%), São Cristóvão (64,47%), Canindé do São Francisco (63,73%) e Aracaju (50,07%).

Tabela III-7: Sergipe: Distribuição relativa do número de empregos industriais por atividade dentro de um mesmo território, 2008. (%)

Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Agreste Central	0,88	19,88	1,36	0,73	3,70	6,04	4,78	0,20	12,90
Alto Sertão	2,30	3,88	0,00	0,00	0,00	2,44	23,99	10,49	33,33
Baixo São Francisco	5,51	11,47	1,67	0,19	0,32	29,15	42,15	0,06	9,48
Centro Sul	2,91	3,94	1,21	0,25	13,00	15,00	9,48	0,94	7,12
Grande Aracaju	5,68	4,42	2,08	3,21	3,45	10,06	14,36	7,17	43,23
Leste	53,06	6,32	0,99	0,00	4,34	0,90	8,16	2,19	23,78
Médio Sertão	0,00	0,64	0,07	0,00	0,00	1,49	96,80	0,00	1,00
Sul	0,00	24,34	2,61	0,51	2,81	23,49	27,99	10,96	4,36
Sergipe	7,14	7,11	1,86	2,29	3,90	10,63	16,45	5,89	33,04

(1) Extrativa Mineral, (2) Mineral não Metálica, (3) Metalúrgica, (4) Papel e Gráfica, (5) Química, (6) Têxtil, (7) Alimentos e Bebidas, (8) Eletricidade, Água e Gás, (9) Construção Civil.

Fonte: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Em termos do segmento extrativo-mineral, enquanto o estado apresenta uma média de 7,14% dos empregos industriais, destaca-se o território do Leste (53,06%) e o município de Japaratuba com 97,51% dos empregos.

Os dados referentes ao segmento de minerais não metálicos – com uma média estadual de 7,11% dos empregos industriais totais – demonstram a pujança e vigor das empresas da indústria cerâmica e de revestimentos cerâmicos, em que os territórios a serem destacados são os casos do: Sul (24,34%); Agreste Central (19,88%) e os municípios de Itabaiana (41,60%) e Campo do Brito (10,75%);

Baixo São Francisco (11,47%) e o município de Propriá (19,96%); além dos municípios considerados isoladamente de Laranjeiras (15,83%) e Nossa Senhora do Socorro (14,49%).

Do ponto de vista dos empregos ocupados na indústria química sergipana – os quais no estado representam 3,90% do total industrial – os territórios do Centro Sul (13,00%) e do Leste (4,34%) se destacam acima da média. Naquilo que se refere aos municípios, ressalte-se os casos de Lagarto (23,69%), Laranjeiras (24,03%), Nossa Senhora do Socorro (6,10%), Estância (4,53%) e Carmópolis (4,25%).

Na análise do segmento produtor de alimentos e bebidas um dado surpreende: no território do Médio Sertão ele é responsável por 96,80% dos empregos industriais e no município de Nossa Senhora das Dores por 97,73%. A Tabela III-7 revela ainda a forte fragilidade da estrutura industrial neste território, com ausência total de unidades formais nos segmentos extrativo-mineral, químico, papel e gráfica e de eletricidade, água e gás, além de inexpressivos percentuais nos segmentos de minerais não metálicos, metalúrgico, têxtil e construção civil.

As empresas produtoras do segmento têxtil responsáveis por 10,63% dos empregos industriais de Sergipe se concentram nos territórios do Baixo São Francisco, Centro Sul e do Sul, com respectivamente 29,15%, 15,00% e 23,49% dos empregos industriais de cada um deles. Nesse segmento os destaques municipais que demonstram importância relativa dos segmentos nas economias locais são: Tobias Barreto (86,41%), Estância (27,91%), Nossa Senhora do Socorro (20,99%) e Propriá (11,54%).

Por fim, destaca-se que, no estado de Sergipe, o segmento de eletricidade, água e gás é responsável por 10,96% dos empregos industriais do Alto Sertão, 10,96% do Sul e 7,17% da Grande Aracaju. Neste segmento, destacam-se ainda a responsabilidade de 35,78% dos empregos industriais do município de Canindé do São Francisco, causados pela presença da hidrelétrica de Xingó em seu espaço. Nos municípios de Estância e de Aracaju, os percentuais expressivos de 17,12% e 9,67%, respectivamente, justificam-se pela sede das empresas concessionárias da distribuição: Sulgipe e Energisa.

No que concerne à importância da atividade industrial nos territórios, observou-se que a participação das atividades industriais no valor do PIB a preço básico de Sergipe é de um pouco menos de 1/3, sendo maior do que no Brasil e na região Nordeste. É o território do Sul, que se encontra em torno da composição média sergipana, em termos de setores, do PIB a preço básico do estado e são os territórios do Alto Sertão e do Leste, aqueles que apresentam elevadas participações da indústria, devido fundamentalmente à produção de energia elétrica e ao segmento extrativo-mineral, respectivamente.

Essa participação na riqueza gerada não se traduz diretamente em termos do número de estabelecimentos industriais formais existentes, pois são os territórios do Leste, do Agreste Central e da Grande Aracaju aqueles que se situam acima da média sergipana. Dentre as atividades industriais destaca-se a construção civil responsável por pouco mais de 1/3 do total de estabelecimentos do estado, estando mais presente nos territórios do Alto Sertão, da Grande Aracaju, do Leste e do Médio Sertão.

O segmento produtor de alimentos e bebidas, responsável por quase 1/5 do total de estabelecimentos industriais do estado, é importante para as economias industriais dos territórios sergipanos do Alto Sertão, do Médio Sertão, do Baixo São Francisco e do Agreste Central. O segmento têxtil, o qual possui aproximadamente 10% dos estabelecimentos industriais do estado, concentra-se nos territórios do Centro-Sul e do Sul e, em especial, nos municípios de Tobias Barreto, Nossa Senhora das Dores e de Estância.

Em termos da distribuição do número de empregos formais oferecidos nos setores econômicos em cada território, observou-se que, em 2008, o setor industrial de Sergipe respondia por aproximadamente 1/4 e que, desse ponto de vista, os territórios sergipanos mais importantes eram o Médio Sertão, o Leste, o Centro-Sul, o Agreste Central e o Sul. Notou-se ainda que, a participação dos empregos industriais formais no volume total de empregos da economia é maior do que a participação do número de estabelecimentos industriais formais para quase todos os territórios, sendo os segmentos da construção civil, alimentos e bebidas, têxtil, extrativo-mineral e minerais não metálicos os mais importantes em ordem decrescente.

III.3 Distribuição da Atividade Industrial entre os Territórios

Nesta seção, procura-se analisar a distribuição do setor industrial entre os diferentes territórios sergipanos, assim como entender a maneira como se dá sua configuração espacial em termos de perspectiva comparada. Nesse sentido, a Tabela III-8 abaixo permite visualizar os dados da distribuição relativa das atividades econômicas do estado entre os territórios, revelando os mais importantes em termos da participação na formação do PIB a preço básico.

Observa-se que o território da Grande Aracaju concentra quase metade do produto industrial de todo o estado, 44,94%. Nota-se ainda que, o território do Alto Sertão responde por 17,81% do produto industrial de Sergipe e que o território do Leste, com a sua vigorosa indústria de extração de petróleo, participa com 17,07%. Por sua vez, o território do Sul sergipano, com a sua diversificada planta industrial localizada principalmente no município de Estância, gera 9,46% do produto industrial.

Tabela III-8: Sergipe: Importância relativa das atividades econômicas do estado entre os territórios, 2007. (%)

Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	PIB preço básico
Agreste Central	13,55	4,07	8,85	7,61
Alto Sertão	17,75	17,81	4,59	9,24
Baixo São Francisco	13,55	2,91	4,44	4,39
Centro Sul	16,40	3,20	7,44	6,56
Grande Aracaju	10,76	44,94	59,93	53,07
Leste	7,12	17,07	3,62	7,90
Médio Sertão	7,12	0,55	2,00	1,79
Sul	13,76	9,46	9,12	9,44
Sergipe	100	100	100	100

Fonte: IBGE – PIB Municipal 2007. Elaboração própria.

Ressalte-se também que, no período de 2000 a 2007, essa distribuição da importância relativa de cada um dos oito territórios na formação do PIB a

preço básico de Sergipe pouco se alterou, mantendo praticamente a mesma estrutura.

A Tabela III-9, a seguir, apresenta a distribuição do total de empregos da economia sergipana, assim como estabelece a comparação relativa dos empregos de cada um dos três setores econômicos entre os oito territórios de planejamento. Importante sempre registrar que, por se tratar de dados da RAIS, as informações referem-se apenas a empregos formais.

Observa-se assim que, o território da Grande Aracaju concentra mais da metade (55,79%) dos empregos industriais de Sergipe, localizados, sobretudo no município de Aracaju, com 48,67% dos empregos industriais do estado. No território do Agreste Central localizam-se 8% dos empregos industriais sergipanos, com destaque para o município de Itabaiana. Por fim, vêm os territórios Sul (6,5%), com destaque para o município de Estância, e o território do Leste (5,4%), com os municípios de Japaratuba e Carmópolis.

Tabela III-9: Sergipe: Importância relativa do número de empregos entre os territórios por setor de atividade econômica, 2008. (%)

Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	5,86	8,00	6,11	6,48
Alto Sertão	0,89	1,10	3,00	2,53
Baixo São Francisco	15,39	2,46	3,45	3,73
Centro Sul	4,85	6,39	4,88	5,18
Grande Aracaju	31,93	55,70	65,26	62,02
Leste	16,91	5,40	3,31	4,27
Médio Sertão	1,62	2,21	1,55	1,68
Sul	10,89	6,50	5,07	5,59
Sergipe	100	100	100	100

Fonte: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

A Tabela III-10, a seguir, mostra a distribuição dos empregos industriais formais de Sergipe, por atividade, entre os oito territórios.

Tabela III-10: Sergipe: Importância relativa do número de empregos industriais entre os territórios por atividade, 2008. (%)

Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	Total
Agreste Central	0,99	22,39	5,83	2,54	7,59	4,55	2,32	0,27	3,12	8,00
Alto Sertão	0,35	0,60	0,00	0,00	0,00	0,25	1,60	1,95	1,10	1,10
Baixo São Francisco	1,90	3,96	2,20	0,21	0,20	6,74	6,30	0,03	0,70	2,46
Centro Sul	2,60	3,54	4,14	0,69	21,32	9,02	3,68	1,02	1,38	6,39
Grande Aracaju	54,02	42,23	75,76	95,13	60,19	64,29	59,32	82,63	88,88	67,94
Leste	40,14	4,81	2,87	0,00	6,02	0,46	2,68	2,00	3,89	5,40
Médio Sertão	0,00	0,20	0,08	0,00	0,00	0,31	13,03	0,00	0,07	2,21
Sul	0,00	22,28	9,12	1,44	4,68	14,38	11,07	12,10	0,86	6,50
Sergipe	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

(1) Extrativa Mineral, (2) Mineral não Metálica, (3) Metalúrgica, (4) Papel e Gráfica, (5) Química, (6) Têxtil, (7) Alimentos e Bebidas, (8) Eletricidade, Água e Gás, (9) Construção Civil.

Fonte: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Conforme os dados apresentados na tabela acima, nota-se que, o segmento extrativo-mineral apresenta 94,16% dos seus empregos formais no estado localizados nos territórios do Leste e da Grande Aracaju, dos quais 39,92% no município de Aracaju e 23,28% no município de Japarutuba. Os demais territórios expressam percentuais irrisórios.

A tabela revela igualmente a enorme concentração dos empregos industriais no território da Grande Aracaju. Em todas as atividades industriais esse território participa com mais de 50% do total, excetuado o caso do segmento de minerais não metálicos, no qual sua participação é de 42,23%. Neste segmento, o emprego localiza-se também no território do Agreste Central (22,39%) e do Sul (22,28%).

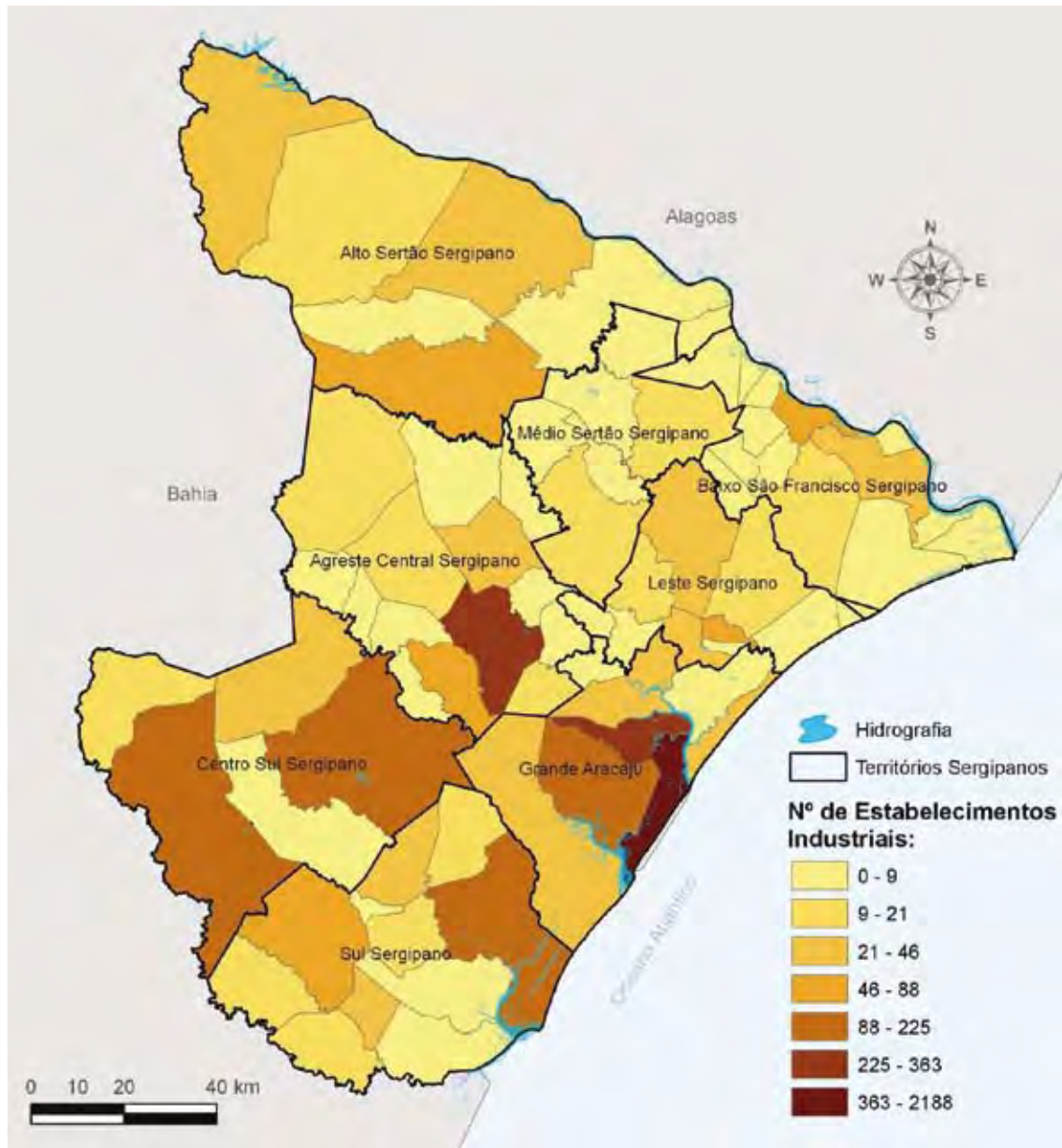
Em termos do emprego no segmento químico merece destaque também a importância relativa dos territórios do Centro Sul (21,32%) e do Agreste Central (7,69%).

Registre-se também que, no caso da indústria têxtil, os territórios do Sul (14,38%), do Centro Sul (8,02%) e do Baixo São Francisco (6,74%) têm uma participação relativa significativa na distribuição estadual do emprego.

Por fim, deve-se ressaltar o caso da indústria de alimentos e bebidas, com expressivas participações relativas do território do Médio Sertão e do Sul, respectivamente com 13,03% e 11,07% do emprego total neste segmento.

Finalmente, para concluir estas discussões da distribuição espacial da indústria sergipana, apresenta-se, a seguir, alguns cartogramas que ilustram estas questões. Em primeiro lugar, a figura III-1 demonstra, com base nas informações da RAIS, em números absolutos, a localização espacial dos estabelecimentos industriais de Sergipe no ano de 2008.

Como se observa na Figura III-1, quase oitocentos estabelecimentos industriais situam-se em Aracaju, os quais somados aos dos municípios de Nossa Sra. do Socorro e de São Cristóvão ultrapassam a cifra dos mil estabelecimentos. Além destes municípios, aparecem com destaque na Figura III-1, os municípios de Itabaiana, Lagarto, Estância e Tobias Barreto.

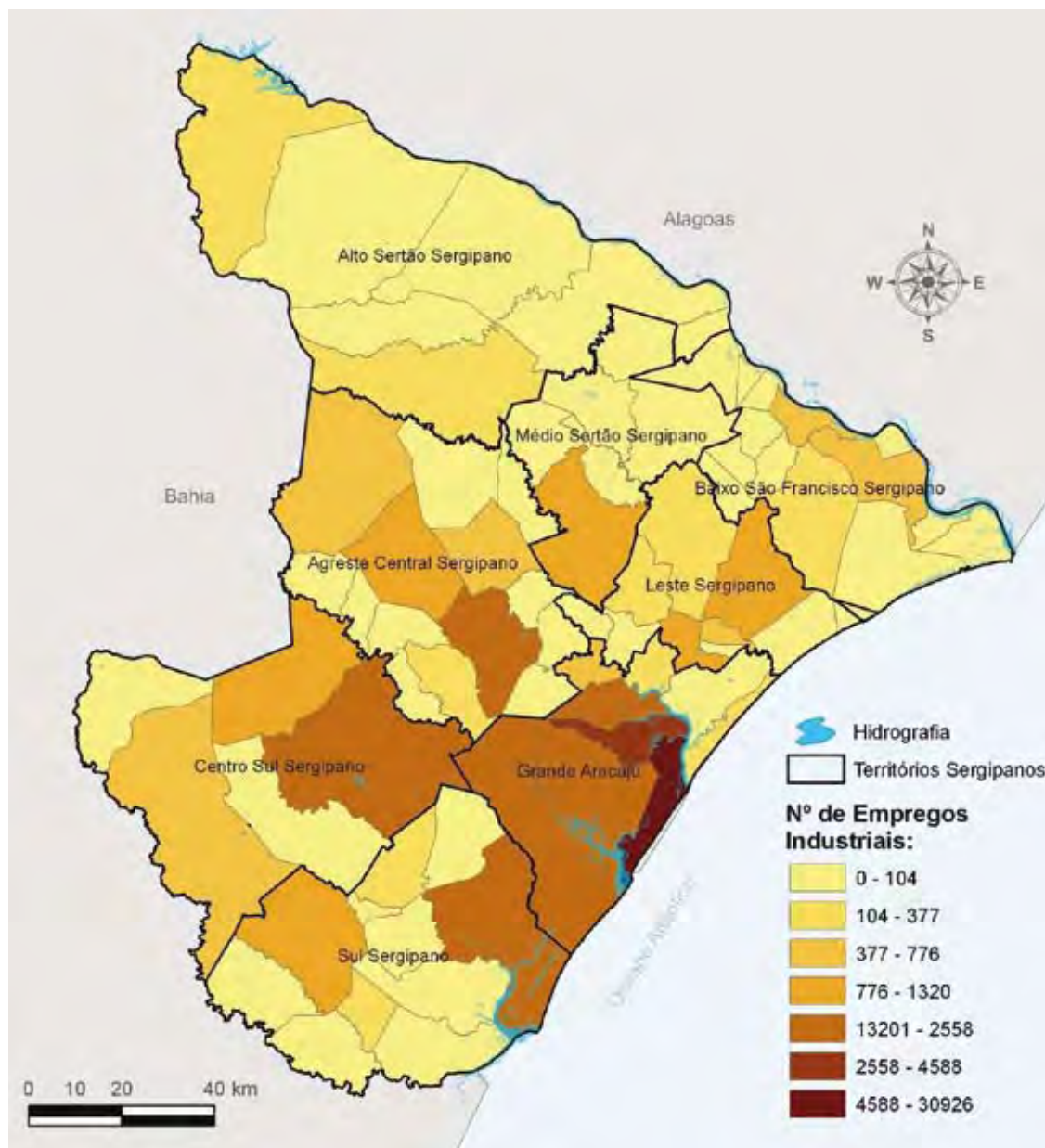
Figura III-1: Sergipe: Distribuição espacial dos estabelecimentos industriais, 2008

Base Cartográfica: Atlas Digital sobre Recursos Hídricos de Sergipe, 2004.

Fonte de dados: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Em segundo lugar, a figura III-2 apresenta, também com base nas informações da RAIS, em números absolutos, a localização espacial dos empregos industriais de Sergipe no ano de 2008.

Figura III-2: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos industriais, 2008

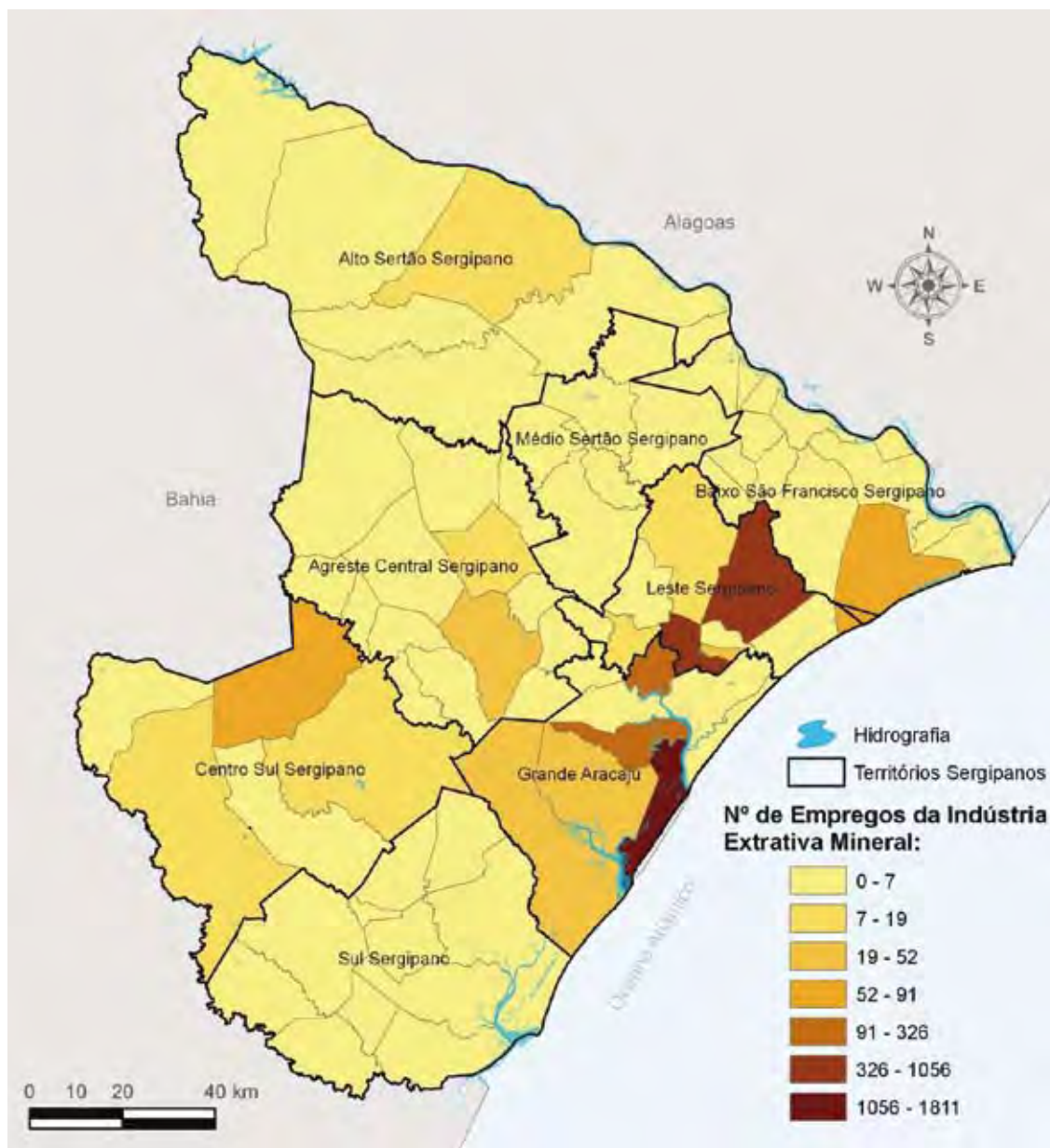


Base Cartográfica: Atlas Digital sobre Recursos Hídricos de Sergipe, 2004.

Fonte de dados: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Em terceiro lugar, a figura III-3 apresenta, em números absolutos, a localização espacial dos empregos do segmento extrativo-mineral da indústria sergipana, no ano de 2008.

Figura III-3: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos da indústria extrativa mineral, 2008

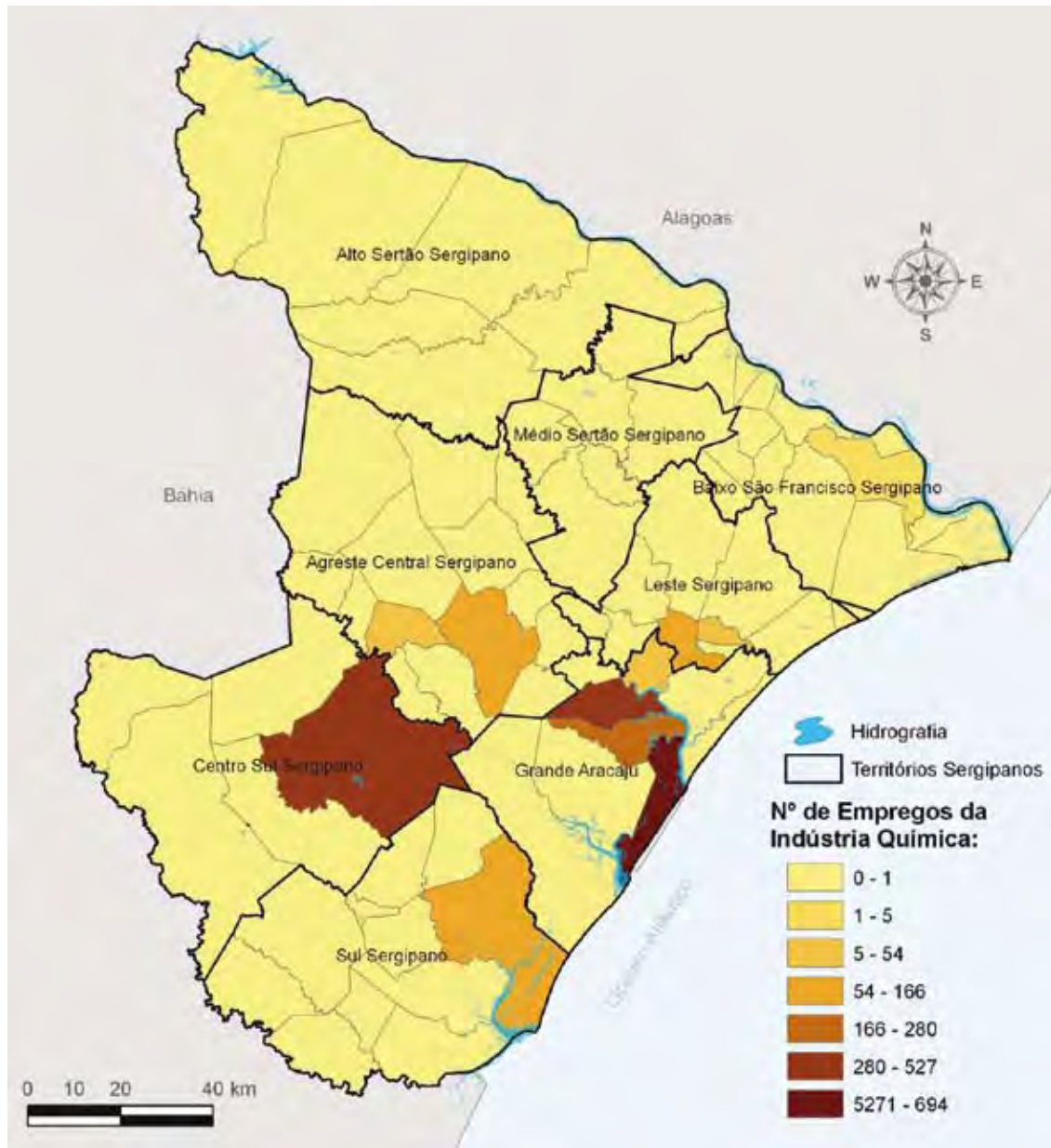


Base Cartográfica: Atlas Digital sobre Recursos Hídricos de Sergipe, 2004.

Fonte de dados: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Em quarto lugar, a figura III-4, a seguir, apresenta, em números absolutos, a localização espacial dos empregos da indústria química sergipana, no ano de 2008.

Figura III-4: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos da indústria química, 2008



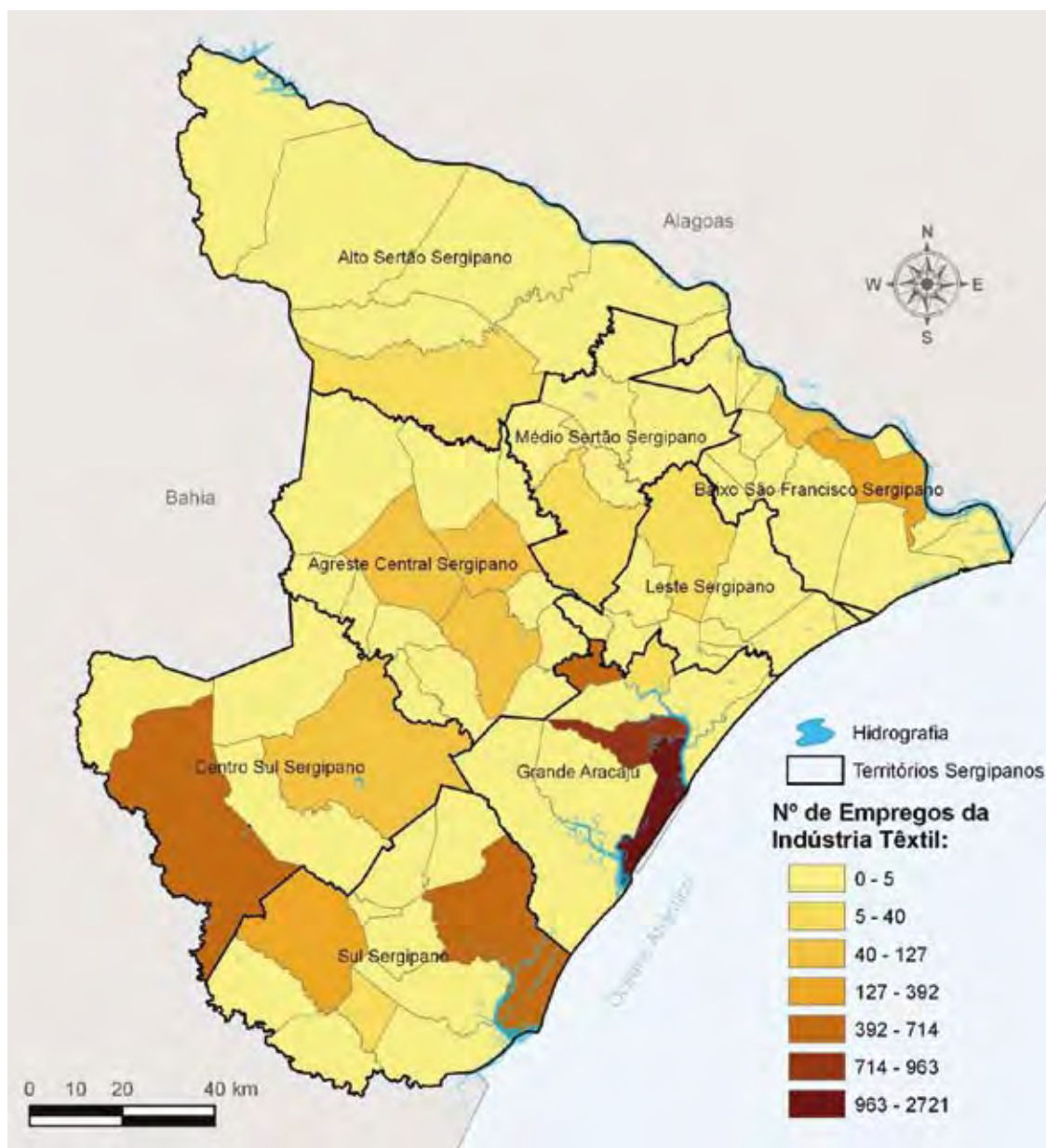
Base Cartográfica: Atlas Digital sobre Recursos Hídricos de Sergipe, 2004.

Fonte de dados: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Observa-se no cartograma acima que, 60,19% dos empregos da Indústria Química de Sergipe estão no território da Grande Aracaju, com destaques para os municípios de Aracaju e Laranjeiras. Em seguida, o território do Centro Sul concentra 21,32% dos empregos dessa indústria, dos quais quase todos no município de Lagarto.

Em quinto lugar, a figura III-5, a seguir, apresenta, em números absolutos, a localização espacial dos empregos da indústria têxtil sergipana, no ano de 2008.

Figura III-5: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos na indústria têxtil, 2008



Base Cartográfica: Atlas Digital sobre Recursos Hídricos de Sergipe, 2004.

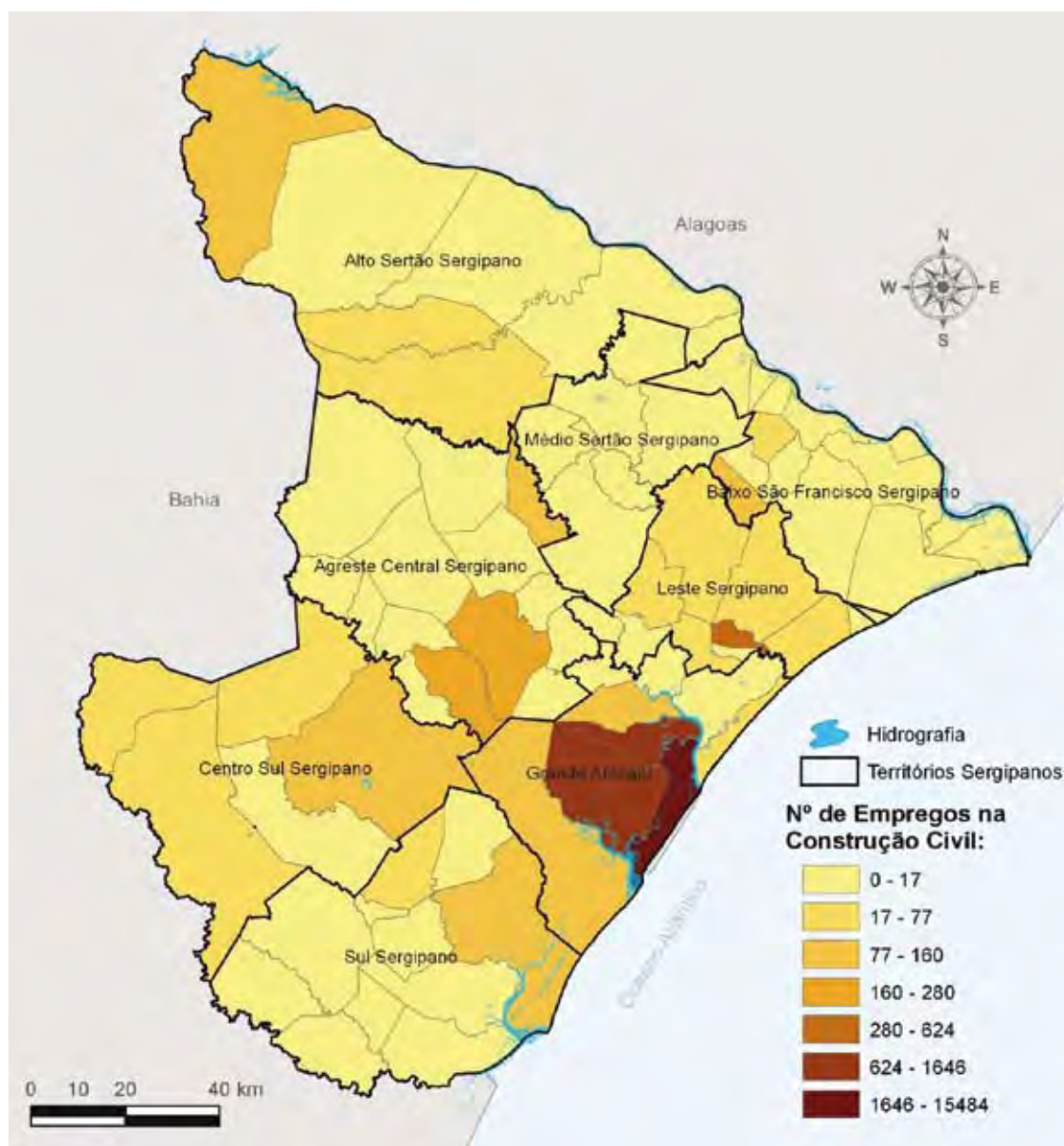
Fonte de dados: MTE – RAIS, 2008. Elaboração própria.

Como se pode observar, o território da Grande Aracaju concentra 64,29% dos empregos formais da Indústria Têxtil do estado, seguida pelo território do Sul com

14,38% dos empregos totais – onde destaca-se o município de Estância com 10,57% do total – e o território do Centro Sul com 9,02 % e o destaque do município de Tobias Barreto com 7,91 % desse total.

Por fim, a figura III-6, a seguir, apresenta, em números absolutos, a localização espacial dos empregos da indústria da construção civil sergipana, no ano de 2008.

Figura III-6: Sergipe: Distribuição espacial dos empregos na Construção Civil, 2008



Conforme visto anteriormente, o segmento da construção civil é a atividade industrial que mais gera empregos no estado de Sergipe. Destes empregos, quase 90% deles estão localizados no território da Grande Aracaju, sendo 73,74% apenas no município de Aracaju. Portanto, sobra apenas um valor residual desses empregos para serem distribuídos entre os territórios restantes, onde se destacam o território do Agreste Central, com 3,12% do total e o território do Leste e o município de Japarutuba, com 3,89% e 2,87%, respectivamente.

Em termos da distribuição da atividade industrial entre os territórios, a indústria sergipana está mais fortemente presente na Grande Aracaju, no Agreste Central, onde se destaca o município de Itabaiana, no Centro-Sul, com destaque para Lagarto, e no Sul Sergipano, destacando-se Estância. Em termos da distribuição considerando cada um dos setores de atividade da indústria, ressalta-se que a atividade extrativa- mineral está concentrada nos territórios do Leste e da Grande Aracaju, que respondem por aproximadamente 95% dos seus empregos formais no estado, localizados principalmente nos municípios de Aracaju e Japarutuba.

No caso da indústria química, a concentração está nos territórios da Grande Aracaju e Centro-Sul, merecendo destaque nesse caso o município de Lagarto. No caso da indústria têxtil, os principais territórios são da Grande Aracaju, do Centro-Sul, com destaque para Tobias Barreto, e Sul, com destaque para Estância. Por fim, no caso da construção civil, há uma concentração na Grande Aracaju.





IV CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS SERGIPANAS

A delimitação dos principais setores de atividade da indústria sergipana fornece informações relevantes para o estudo das aglomerações produtivas, objeto de análise do presente capítulo. Nesse sentido, foram estudadas as principais cadeias produtivas localizadas em Sergipe, mas sempre com a ressalva que a aglomeração produtiva presente no estado na verdade compõe uma parte do total de atividades envolvidas ao longo da cadeia.

O conceito de cadeia produtiva, segundo o Instituto Euvaldo Lodi de Minas Gerais - IEL/MG (2010) “parte da premissa de que a produção de bens pode ser representada como um sistema, onde os diversos atores estão interconectados por fluxos de materiais, de capital e de informação, objetivando suprir um mercado consumidor final com os produtos do sistema”. Esta visão sistêmica implica perceber que existe uma forte interdependência entre os diversos elos da cadeia produtiva, e, portanto, seu dinamismo está condicionado à natureza das relações entre as partes e à competitividade e eficiência das empresas que a compõe.

É nesta perspectiva que serão analisadas as principais cadeias produtivas sergipanas, buscando examinar oportunidades e desafios que possam subsidiar o desenvolvimento regional, gerando crescimento sócio-econômico, notadamente emprego e renda. O objetivo principal desta discussão é que, a partir do diagnóstico do ambiente e conjuntura em que empresas de determinada cadeia produtiva operam, possam ser identificados: i) os fatores condicionantes da atuação das empresas sergipanas, ii) os principais desafios a serem enfrentados e iii) as demandas a serem respondidas, com o propósito de aumentar a participação e o volume de negócios das empresas locais naquela cadeia produtiva.

Em razão de o parque industrial sergipano abranger diversos segmentos, a caracterização das principais cadeias produtivas pautou-se pelos critérios de relevância econômica, com ênfase na participação dos principais setores de atividade industrial no Produto Interno Bruto. Conquanto pesem as estatísticas oficiais, foram também determinantes na seleção das principais cadeias as entrevistas presenciais realizadas com um significativo número de instituições empresariais e entidades públicas ligadas ou relacionadas ao desenvolvimento do setor industrial.

A Tabela IV-1 apresenta as principais atividades produtivas, a partir da participação no Valor Adicionado Bruto – VAB, como apresentado no capítulo I. Para a indústria de transformação, foram consideradas os quatro principais setores de atividade, a partir dos dados do Valor de Transformação Industrial – VTI, como mostrado no capítulo II. Para efeito de compatibilização, considerou-se a participação do setor no VTI em relação à participação de 9,7% da indústria de transformação no VAB, de tal forma que foi estimada a participação de todos os setores em relação ao PIB. A indústria, em 2007, como apresentado anteriormente, chega a 30,6% do PIB de Sergipe. Considerando-se este percentual como total, procedeu-se o cálculo da participação de cada um dos setores no PIB industrial.

Tabela IV-1: Sergipe: Estimativa da participação dos setores de atividades da indústria no PIB e no PIB industrial, 2007

Atividade Industrial / Setor de Atividade	Participação no PIB (%)	Participação no PIB Industrial (%)
Extrativa mineral	6,2	20,3
Transformação	9,7	31,8
Alimentos e bebidas	3,2	10,5
Prod. minerais não metálicos	1,9	6,1
Química	1,5	4,9
Têxtil	1,1	3,6
Construção Civil	6,6	21,6
Eletricidade, gás e água	8,1	26,4
Total da Indústria	30,6	100,0

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007. IBGE – Pesquisa Industrial Anual, 2007. Elaboração própria.

Os dados da Tabela IV-1 mostram que dentre as atividades industriais, a indústria de transformação é a mais importante, respondendo por 9,7% do PIB e 31,8% do PIB industrial, em 2007. A atividade da construção civil aparece com 21,6% do PIB industrial, enquanto a atividade extrativa mineral responde por 20,3% deste, no mesmo período. Essas atividades montam a base para importantes cadeias produtivas do estado, o que não ocorre com a atividade produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, cuja elevada participação verifica-se por conta da usina hidrelétrica de Xingó. As principais cadeias produtivas do estado e os setores de atividade industrial associados estão representados no Quadro IV-1.

Quadro IV-1: Sergipe: Principais cadeias produtivas e setores de atividade industrial associados

Principais Cadeias Produtivas	Principais Setores de Atividade Industrial associados
Petróleo e gás	Extrativa mineral
Fertilizantes	Química
Alimentos e bebidas	Alimentos e bebidas
Têxtil e confecções	Têxtil
Cimento	Prod. minerais não metálicos
Cerâmica	
Construção Civil	Construção Civil

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro IV-1 mostra como mais relevantes em Sergipe a cadeia de petróleo e gás e a cadeia de fertilizantes, vinculadas ao complexo minero-químico, com forte presença da Petrobras. Mostra ainda a cadeia de alimentos e bebidas, que tem sido impulsionada no estado, e a cadeia têxtil e confecções, ambas com tradição em Sergipe. Por fim, apresenta a cadeia da construção civil e de materiais vinculados à construção civil, como cimento e cerâmica. O detalhamento de cada uma dessas cadeias é feito nas seções subsequentes. O conceito de cadeia produtiva não se restringe ao âmbito geográfico estadual. Entretanto, o capítulo aborda a participação de segmentos do estado de Sergipe mais fortemente presentes em cada uma das cadeias produtivas. O objetivo é verificar, em cada uma das cadeias produtivas, quais os segmentos locais com maior presença e que impactos podem ter sobre a economia local, motivando atividades vinculadas.

IV.1 Petróleo e Gás

A produção de petróleo e gás constitui-se na atividade mais importante da indústria extrativa mineral em Sergipe, responsável por cerca de 20% do PIB industrial do estado em 2007. Entre 2000 e 2009, houve um crescimento da atividade de extração de petróleo da ordem de 30%. Em 2010, a produção de petróleo e gás deve continuar em ritmo de expansão acelerada, tendo em vista a previsão de investimentos, da ordem de

R\$ 1,5 bilhão. Tais indicadores iniciais dão a dimensão do segmento de produção de petróleo e gás no estado e sua relevância no crescimento de diversas cadeias produtivas a ele relacionadas.

IV.1.1 Cadeia produtiva do petróleo e gás

A cadeia produtiva do petróleo e gás é amplamente diversificada e verticalizada, englobando diversos segmentos industriais e de serviços. Essa cadeia, por exigir investimentos vultosos – a Petrobras projeta investimentos de US\$ 158,2 bilhões no Brasil no período de 2009-2013 –, envolve uma rede de suprimentos bastante competitiva, sendo que uma parte considerável dos produtos e serviços é tradicionalmente importada.

Com o “objetivo de ampliar a participação da indústria nacional de bens e serviços, em bases competitivas e sustentáveis, na implantação de projetos de petróleo e gás natural no Brasil e no exterior” (PROMINP, 2010), o Governo Federal criou em 2003 o Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural - Prominp. Uma das vertentes deste programa foi a parceria firmada entre a Petrobras e o SEBRAE para coordenar e promover a inserção das micro e pequenas empresas no cadastro de fornecedores da Petrobras. A inspiração para o programa teve origem na experiência de sucesso da rede de empresas fornecedoras do setor de petróleo do estado do Rio Grande do Sul – Rede Petro/RS.

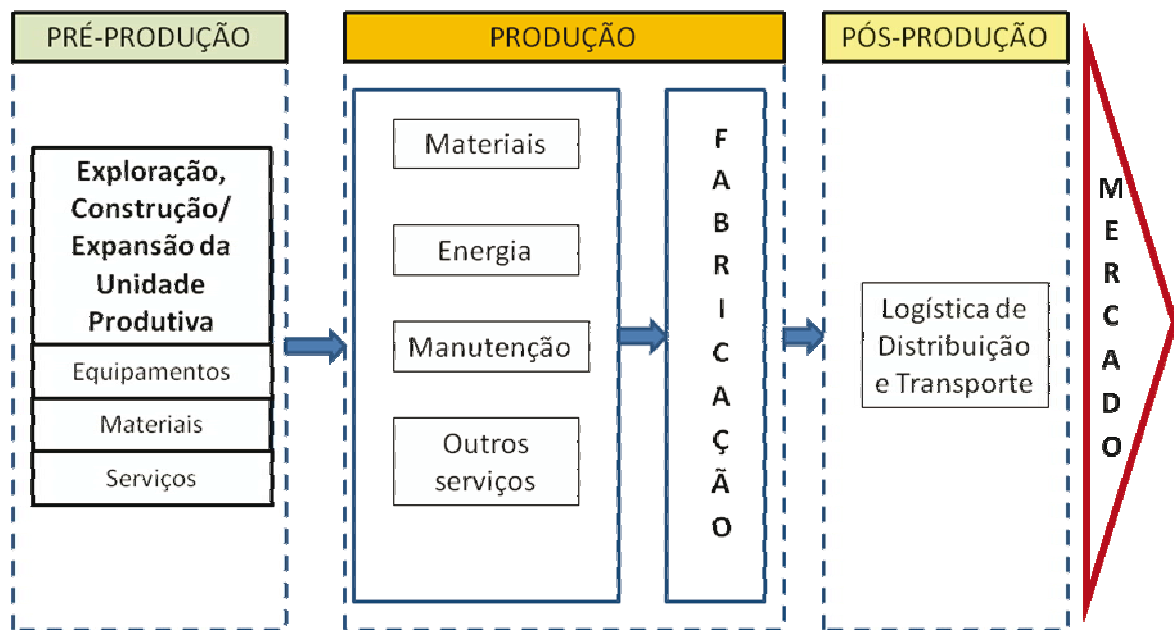
Foram implantados projetos em 12 estados (AL, AM, BA, CE, ES, MG, PR, RJ, RS, RN, SE e SP), tendo como objetivos principais: i) realizar diagnósticos de oportunidades voltadas às micro e pequenas empresas; ii) promover ações de capacitação e qualificação das empresas; iii) promover a integração entre os diversos elos da cadeia produtiva, visando a fortalecer os arranjos produtivos locais da indústria de petróleo e gás.

Em Sergipe, a Rede Petrogas começou a estruturar-se em 2003, após a realização do diagnóstico da cadeia de petróleo e gás, sendo uma ação coordenada pelo Sebrae/SE e pela Petrobras. Em 2005 foi formalizado um convênio pela UNSEAL e pelo Sebrae/SE para capacitar pequenas empresas sergipanas com potencial de fornecer

produtos e serviços para a Petrobras. Atualmente, já foram beneficiados mais de 270 empreendimentos. Desse total, 167 empresas participam de forma mais ativa, respondendo por mais de cinco mil empregos gerados no estado (Agência Sebrae de Notícias, 2010).

A cadeia produtiva do petróleo e gás em Sergipe, voltada para exploração e produção de petróleo e gás, está apresentada no Diagrama IV-1 e é mostrada em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção. Embora tanto o sentido temporal quanto os processos envolvidos nessas fases possam se sobrepor, esta classificação será útil no diagnóstico discutido a seguir.

Diagrama IV-1: Sergipe: cadeia produtiva de petróleo e gás



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

IV.1.1.a Etapa da pré-produção

A fase de pré-produção corresponde, em última análise, à construção/ampliação, montagem e entrada em operação da capacidade produtiva propriamente dita e representa o maior custo da cadeia produtiva. Em geral, essa fase inclui: exploração, perfuração/completação e produção (instalações do processo produtivo). A maioria dos

equipamentos, materiais e serviços envolvidos nessas etapas possui alto grau tecnológico e de especialização. A lista é extensa⁷ e, entre aqueles de maior valor, destacam-se: sismógrafos, computadores de grande porte, espectrômetros de massa, árvore de natal, tubos de revestimento, linhas flexíveis, turbinas a gás, turbo – geradores, turbo – compressores, vasos de pressão.

Entre os serviços de maior valor podem ser citados: levantamento e processamento geofísico, perfuração de poços com fornecimento de sondas terrestres e marítimas, perfilagem, cimentação de poços, afretamento/operação de embarcações especiais. Embora boa parte dos produtos e serviços descritos acima seja importada, há enorme potencial de fornecimento a ser ocupado em outros elos da cadeia como mostrado no Quadro IV.2.

Quadro IV-2: Brasil: Elos da cadeia produtiva de petróleo e gás na etapa de pré-produção

Diagrama IV-2 : Brasil: Elos da cadeia produtiva de petróleo e gás na etapa de pré-produção

EQUIPAMENTOS, PARTES E MATERIAIS	SERVIÇOS
Eletroeletrônica (motores, circuitos e painéis elétricos)	Engenharia, (projeto, construção e montagem)
Hidráulico (sistemas, bombas, válvulas)	Manutenção industrial
Pneumático (sistemas, bombas, válvulas)	Pintura industrial
Equipamentos de segurança	Logística e transporte
Químicos e tratamento de água	Hotelaria
Automação e instrumentação	Saúde
Metalmeccânica (usinagem, caldeiraria, soldagem);	Serviços gerais (limpeza, segurança, alimentação, etc.)
Apoio marítimo (barcos, rebocadores, guindastes, etc.)	Informática e tecnologia da informação

Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

As empresas locais participam em diferentes elos desta cadeia, de acordo com os entrevistados, com destaque para: engenharia (instalação, automação), manutenção, construção civil, perfuração, saúde, hotelaria, serviços gerais (alimentação, limpeza,

⁷ Para uma lista detalhada ver Pellegrin e Araújo (2004:142)

segurança), apoio marítimo, tecnologia de informação, fabricação de equipamentos. Em 2008, a UN/SEAL adquiriu R\$ 518 milhões em bens, sendo que aproximadamente 22% foram comprados em Sergipe. Em 2009, o valor total contratado para prestação de serviços no estado alcançou R\$ 2,7 bilhões, tendo as empresas locais participado com 21% desse valor.

IV.1.1.b Etapa da produção

A etapa de produção da indústria de petróleo e gás possui uma dinâmica bem diferente sobre a economia sergipana da fase de pré-produção, onde está concentrada grande parte dos investimentos anunciados. Nessa etapa, merecem destaque três elementos importantes. Um primeiro elemento refere-se ao impacto sobre a geração de empregos e sobre o incremento dos serviços a associados, tais como: saúde, alimentação, transporte, treinamento. Observe-se que, de acordo com os entrevistados, a Petrobras manteve em 2009 cerca de 1.900 funcionários efetivos e 7.100 terceirizados além de gerar aproximadamente 30.000 empregos indiretos.

O segundo elemento diz respeito aos impactos gerados pela manutenção de equipamentos e instalações. Além de ser um componente significativo no custo operacional da produção de petróleo e gás, essa atividade tem uma participação considerável de empresas locais. Por fim, o terceiro elemento a considerar refere-se ao peso da atividade no estado em relação ao pagamento de *royalties* e impostos inerentes à atividade.

IV.1.1.c Etapa da pós-produção

A logística de distribuição e transporte na fase de pós-produção está relacionada ao que é produzido na Unidade de Negócios Sergipe-Alagoas (UN/SEAL). Todo petróleo extraído em Sergipe é destinado a refinarias da própria Petrobras, sendo o estado da Bahia o destino principal. No caso da produção em águas rasas ou nos campos em terra, o petróleo segue para o terminal TECARMO, em Aracaju, onde, após um tratamento inicial, é transportado por navio para a Refinaria Landulfo Alves (RELAN), na Bahia. No caso da produção em águas profundas (Piranema), o petróleo segue direto em navio próprio para a RELAN.

O gás natural produzido é transportado por meio de gasodutos. No Nordeste, o gasoduto principal CATU-PILAR segue até Rio Grande do Norte e interliga a produção da região com a malha de gasodutos do Sudeste. A produção diária de gás em Sergipe, de acordo com informações obtidas dos entrevistados, chega a 1,5 milhão de metros cúbicos diários, sendo que cerca de 80% vai para a FAFEN-SE e outros 15% para SERGAS. A produção do gás GLP, gás liquefeito do petróleo, é distribuída diretamente às revendedoras de Sergipe e outras do estado da Bahia.

Em relação à projeções futuras para essa cadeia produtiva, há perspectivas bastante otimistas para as empresas cadastradas como fornecedoras da Petrobras, considerando-se os investimentos, tanto locais quanto nacionais, previstos pela empresa. Em anúncio recente, feito pelo presidente da Petrobras, em 16/03/2010, foi informado que será investido em 2010, R\$ 1,5 bilhão em águas rasas e nos campos terrestres de Sergipe, envolvendo inclusive a prospecção de novos poços na costa do estado. Em exploração, serão investidos R\$ 415 milhões.

Em águas rasas e nos campos terrestres estão programadas ações como: i) injeção de água e revitalização do Campo de Carmópolis (US\$ 700 milhões), ii) ampliações de injeção de água e revitalização dos campos Siririzinho (US\$ 260 milhões) e Riachuelo (US\$ 200 milhões), iii) injeção de água e revitalização dos Campos de Camorim e Dourado (US\$ 1 bilhão), ambos em águas rasas e iv) prospecção em novas zonas no Campo de Piranema (US\$ 280 milhões).

Além dos investimentos diretamente relacionados à indústria de petróleo e gás, a Petrobras, através da Unidade de Exploração e Produção de Sergipe e Alagoas, assinou convênio com o estado de Sergipe, no valor de R\$35.789.044,27, para a melhoria das condições de infraestrutura de rodovias sergipanas utilizadas na logística da produção de petróleo e gás⁸.

IV.1.2 Panorama geral da cadeia produtiva de petróleo e gás

Considerando o processo produtivo relacionado à presença dessa cadeia produtiva em Sergipe e o cenário percebido a partir das entrevistas, foi montado um

⁸ Sobre os dados de investimentos da Petrobras, ver Rosas (2010).

panorama da cadeia produtiva de petróleo e gás no estado, apresentado no Diagrama IV-2. O Diagrama resume os pontos fortes e as estratégias das empresas. Uma contribuição adicional está na identificação dos principais gargalos e oportunidades para as empresas envolvidas na cadeia produtiva de petróleo e gás.

O Diagrama IV-2 destaca como ponto forte a existência de importantes reservas de petróleo e gás no estado, que fazem de Sergipe o quarto maior produtor de petróleo do país. Outro ponto relevante é o desenvolvimento de uma cadeia de fornecedores locais, capazes de internalizar os benefícios da expansão dessa atividade no estado. Nesse sentido, foram desenvolvidas estratégias importantes, tais como: i) o esforço na capacitação de recursos humanos, com cursos de nível técnico e superior, ii) a criação de núcleos de pesquisa nas instituições de pesquisa do estado e na própria Petrobras, através do NUEX, em Aracaju, que buscam atender às demandas tecnológicas da empresa e iii) o desenvolvimento do programa de capacitação de fornecedores, através da Rede Petrogas.

Diagrama IV-2: Sergipe: condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de petróleo e gás

A indústria de petróleo e gás tem se mostrado uma das mais dinâmicas da economia local nos últimos dez anos e as previsões de investimentos sugerem um cenário de volume de negócios nunca antes presenciado na região.



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

Entre os principais gargalos apontados pelos entrevistados, destacam-se a baixa oferta de equipamentos para plataformas, falta de mão de obra nas áreas de engenharia, geologia e projetos e demora nas licenças ambientais. E no que se refere às oportunidades, devem ser destacados as ações do Programa de Mobilização da Indústria de Petróleo no estado, o volume de investimentos previstos na produção de petróleo e gás em Sergipe e a descoberta de mais campos de óleo leve na bacia de Sergipe, que criam perspectivas de expansão para as empresas envolvidas nessa cadeia.

IV.2 Fertilizantes

A produção de fertilizantes é um dos focos de atenção da economia brasileira, em função da sua importância para manter a competitividade em diversos segmentos do agronegócio no país. Do lado governamental, debate-se um pacote de medidas para estimular a produção de fertilizantes. Do lado empresarial, há demonstrações de interesse no setor por parte de grandes empresas, como a Vale e a Petrobras. A Vale adquiriu recentemente a ativos voltados a esse segmento de propriedade da Bunge no país, confirmando que a expansão de suas atividades no setor de fertilizantes é um de seus objetivos estratégicos. A Petrobras, uma das maiores produtoras de matérias-primas para fertilizantes do país, além dos investimentos previstos na expansão de suas três unidades localizadas em Sergipe, Minas Gerais e Espírito Santo, anunciou a instalação da quarta unidade industrial em Mato Grosso do Sul (Agência Estado, 2010).

Essa tendência favorável está atrelada ao fato de o país ser um dos maiores produtores de alimentos do mundo, contando com clima favorável e elevada disponibilidade de água e solo para expansão da atividade agrícola. Apesar dessa grande demanda, há uma deficiência do país em ofertar fertilizantes em quantidade suficiente. O agronegócio brasileiro possui grande dependência externa de fertilizantes, que são essenciais para melhorar a produtividade do solo. É nessa perspectiva que a autosuficiência em fertilizantes é estratégica para o Brasil. Trata-se de um cenário

extremamente favorável a Sergipe, na medida em que a Vale e a Petrobras têm operações neste segmento no estado.

A Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados da Petrobras em Sergipe (FAFEN-SE), instalada em 1980, produz atualmente 340 mil toneladas/ano de amônia e 450 mil toneladas/ano de uréia. Em breve a unidade passará a produzir também sulfato de amônio, que é usado como fertilizante, por exemplo, em culturas de cana-de-açúcar, milho e algodão. Essa nova unidade demandará investimentos da ordem de US\$ 131 milhões (CARDOSO, 2010).

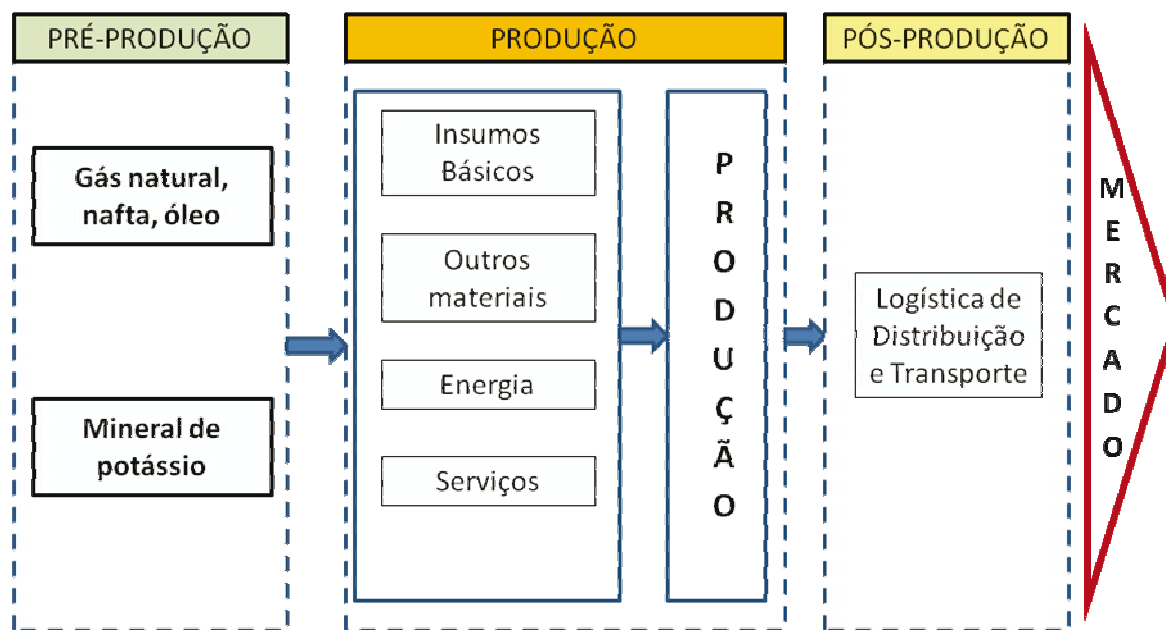
O empreendimento em fertilizantes da Vale em Sergipe engloba a exploração da mina subterrânea Taquari-Vassouras no município de Rosário do Catete e uma usina de beneficiamento na superfície para produção de cloreto de potássio. Com capacidade instalada de 850 mil toneladas/ano é a única mina que produz potássio no Brasil. No médio e longo prazos, o empreendimento estratégico da Vale é a exploração do minério carnalita em Sergipe. Segundo entrevistados, há dois fatores impactantes na continuidade de produção de cloreto de potássio proveniente da lavra subterrânea da silvinita na mina Taquari-Vassouras. Em primeiro lugar, ao ritmo da produção atual, de 850 toneladas/ano, a mina tende a se esgotar nos próximos 6 a 9 anos. Em segundo lugar, sua produção, a partir de operações de extração de silvinita, realizadas a 500 metros de profundidade, envolve custos elevados, quando comparados a outras tecnologias mais avançadas nesse processo produtivo.

Com uma planta piloto instalada em 2007 na cidade de Maruim e investimentos já realizados de US\$ 100 milhões, a Vale pretende concluir nos próximos meses, a partir do projeto piloto, o teste de viabilidade da produção de potássio a partir da carnalita, em Sergipe. Para a exploração efetiva, a nova unidade prevê investimentos de R\$ 2,1 bilhões, devendo gerar a produção de 1.200 toneladas/ano, a partir de 2014. Recentemente, a Administração Estadual de Meio Ambiente do estado de Sergipe (ADEMA) entregou à Vale a licença prévia de para a implantação deste projeto (CARDOSO, 2010).

IV.2.1 Cadeia produtiva da indústria de fertilizantes

A cadeia produtiva da indústria de fertilizantes em Sergipe está apresentada no Diagrama IV-3, incluindo os fertilizantes nitrogenados (FAFEN-SE) e potássicos (Vale). A cadeia produtiva da indústria de fertilizantes é mostrada em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção.

Diagrama IV-3: Sergipe: cadeia produtiva de fertilizantes



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

Os fertilizantes industrializados são produzidos a partir de três elementos básicos, que quando misturados, são denominados de NPK: nitrogênio (N), fósforo (P) e potássio (K). Quando o teor de cada um destes elementos se sobrepõe aos demais, os fertilizantes são classificados, respectivamente, como: nitrogenados, fosfatados e potássicos.

IV.2.1.a Etapa de pré-produção

A fase de pré-produção engloba a obtenção de matérias-primas básicas provenientes de fontes naturais; para os fertilizantes nitrogenados, incluem-se o gás natural, nafta ou óleo e para os fertilizantes potássicos, os minerais de potássio.

IV.2.1.b Etapa de produção

O insumo básico para a produção dos fertilizantes nitrogenados é a amônia, obtida pela reação do nitrogênio (N) proveniente do ar com o hidrogênio (H) procedente do gás natural, nafta ou óleo. A partir da amônia são produzidos os fertilizantes nitrogenados: nitrato de amônia e uréia. No caso do fertilizante potássico, o insumo básico é silvinita ou carnalita, a partir dos quais, por meio de um processo de dissolução, é produzido o cloreto de potássio.

Em relação aos outros materiais da cadeia produtiva, os itens mais relevantes são partes e peças de manutenção, na maioria importados. A energia – elétrica e gás natural – é importante no custo, assim como serviços de manutenção que são subcontratados em Sergipe, Bahia e São Paulo. Segundo os entrevistados, esse é um item crítico, em razão da falta de mão de obra técnica qualificada.

IV.2.1.c Etapa de pós-produção

Os clientes da cadeia produtiva de fertilizantes são as empresas misturadoras, que combinam os diversos ingredientes para atender às necessidades de N, P e K na formulação desejada. Entre as principais misturadoras localizadas no Brasil, destacam-se a Bunge Fertilizantes, Mosaic Fertilizantes, Adubos Trevo, Fertibras e Fertilizantes Heringer, esta última, com unidade industrial em Sergipe. As vendas são *free on board* (FOB) e os principais clientes estão localizados nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil.

A logística de distribuição e transporte é essencial para o segmento de fertilizantes, dada a capilaridade exigida para a distribuição ao cliente final, composto por pequenos produtores, empresas agrícolas e cooperativas. O transporte rodoviário é o mais utilizado. Nesta perspectiva, segundo os entrevistados, a duplicação da BR 101 é um condicionante importante na redução do custo de frete, aumentando assim a competitividade das empresas sediadas no estado. Ainda nesse item, há necessidade de estudar alternativas de transporte marítimo e ferroviário. O Terminal Marítimo Inácio Barbosa, administrado pela Vale, embora tenha operado pouco no transporte de fertilizantes, pode vir a ser uma alternativa importante no futuro. E a Ferrovia Centro-

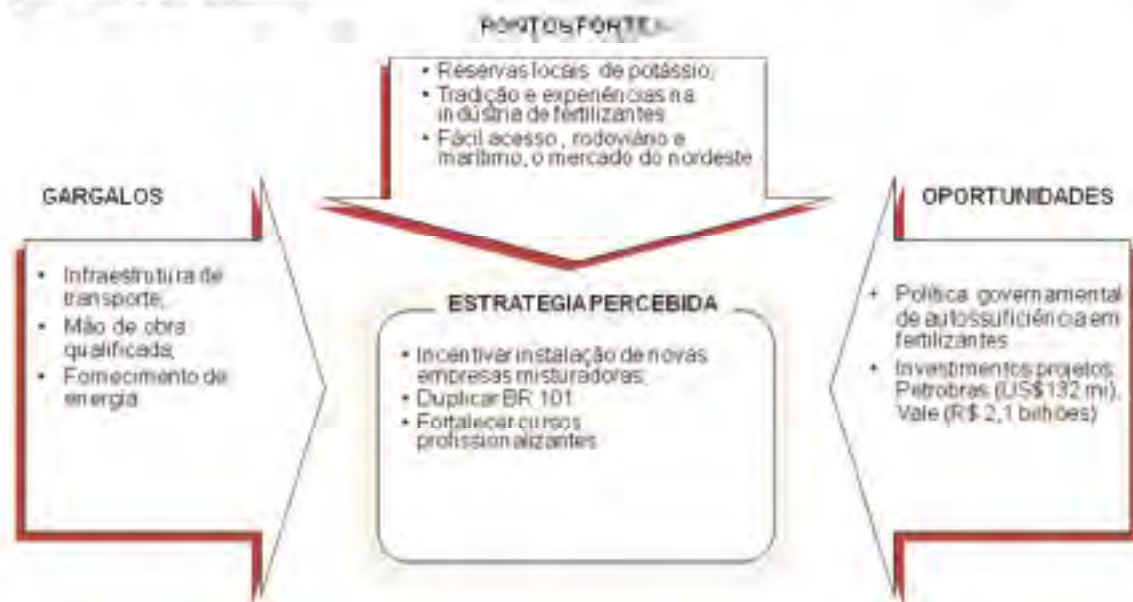
Atlântica, empresa controlada da Vale, tem perspectiva de voltar a funcionar no estado a partir do segundo semestre de 2010.

IV.2.2 Panorama geral da cadeia produtiva da indústria de fertilizantes

A partir do processo produtivo relacionado à presença dessa cadeia produtiva em Sergipe, foi montado um panorama da cadeia produtiva de fertilizantes no estado, apresentado no Diagrama IV-4. O Diagrama resume os pontos fortes e as estratégias requeridas pelas empresas, além da identificação dos principais gargalos e oportunidades para as empresas envolvidas na cadeia produtiva de fertilizantes.

O Diagrama IV-4 apresenta como pontos fortes a existência de importantes reservas de silvinita e carnalita, para a produção de potássio, a tradição da indústria de fertilizantes no estado e a possibilidade de fácil acesso aos mercados do Nordeste, em função da posição de Sergipe na região. Para melhorar o desempenho do estado nesta cadeia produtiva, foram sugeridos pontos como: i) o incentivo à instalação de novas empresas misturadoras no estado, ii) a duplicação da BR-101 em toda a extensão do estado de Sergipe, e iii) o fortalecimento de cursos profissionalizantes.

Diagrama IV-4: Sergipe: condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de fertilizantes.



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

Entre os principais gargalos apontados pelos entrevistados, destacam-se a inadequação da infraestrutura de transportes e a insuficiência no fornecimento de energia para suportar o crescimento das atividades nessa cadeia produtiva, além da carência de mão de obra qualificada. E no que se refere às oportunidades, podem ser citados, por um lado, os investimentos previstos pela Vale e pela Petrobras destinados à expansão da produção de fertilizantes no estado e, por outro lado, a preocupação com a autossuficiência nacional em fertilizantes, que devem incentivar políticas favoráveis às atividades relacionadas a essa cadeia produtiva.

IV.3 Alimentos e Bebidas

Em uma caracterização geral da indústria de alimentos e bebidas, pode-se afirmar que, além de sua relevância econômica, a produção de alimentos e bebidas ocupa posição chave em questões relacionadas ao meio ambiente e ao bem-estar das pessoas. Sua dependência de recursos naturais – terras para produção de matérias-primas e água, que é também o insumo básico para bebidas –, implica forte interdependência com o meio ambiente. Por outro lado, o consumo destes produtos está diretamente relacionado ao cotidiano das pessoas, e pode influenciar a saúde e, por consequência, o bem-estar da população.

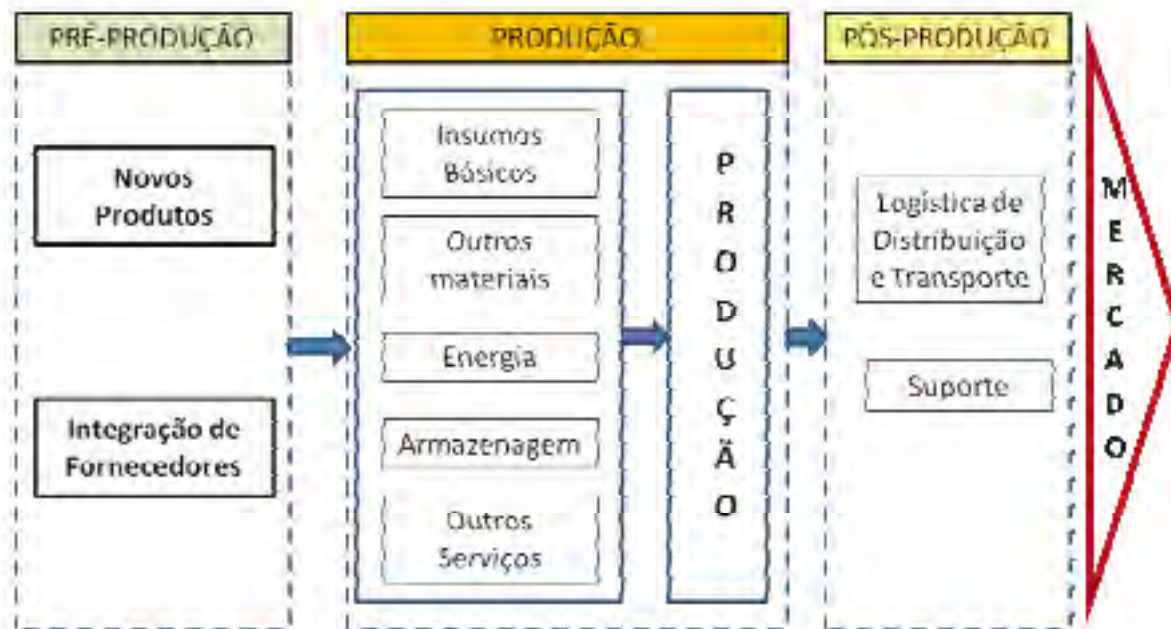
Em Sergipe, a cadeia produtiva de alimentos e bebidas é tradicionalmente uma das mais importantes. O setor de alimentos e bebidas, considerando os dados do IBGE (2010), é o que detém a maior participação na indústria de transformação, chegando a responder por 10,5% do PIB industrial e 3,2% do PIB do estado. Em termos de emprego, foi responsável por 24,5% dos empregos da indústria em 2007.

Segundo os entrevistados, a cadeia produtiva de alimentos e bebidas em Sergipe, embora tenha sido negativamente influenciada pela crise iniciada no final de 2008, voltou a crescer a partir do último trimestre de 2009. Em 2010, as perspectivas são favoráveis, sendo estimado um crescimento de 5% em relação ao ano de 2009.

IV.3.1 Cadeia produtiva de alimentos e bebidas

A cadeia produtiva de alimentos e bebidas é apresentada de forma ampla no Diagrama IV-5, incluindo seus diferentes produtos. Entretanto, as particularidades dos produtos mais relevantes serão exploradas ao longo do texto que se segue.

Diagrama IV-5: Sergipe: cadeia produtiva de alimentos e bebidas



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

A fabricação de produtos alimentícios e bebidas compõe-se de um grande número de micro, pequenas e médias empresas, principalmente no segmento de alimentos, onde inúmeros pequenos empreendimentos têm como foco atender a mercados locais e regionais. Na fabricação de bebidas, em razão dos altos investimentos exigidos, houve um aumento expressivo de fusões e aquisições nos últimos anos, fazendo com que este setor seja predominantemente dominado por poucas empresas, com foco em altas escalas de produção visando os mercados regional e nacional.

A indústria de alimentos e bebidas abrange, em Sergipe, beneficiamento ou transformação de produtos da agropecuária tradicional: café, leite, carne, frutas, cana-de-açúcar, milho, chá, pimenta, dentre outros produtos.

IV.3.1.a Etapa da pré-produção

Em setores muito competitivos, como o da indústria de alimentos e bebidas, o lançamento de novos produtos tornou-se essencial à sobrevivência das empresas. Entre as razões desta competição acirrada, destacam-se a presente competição global, o surgimento de novas tecnologias, o crescimento do nível de conhecimento e as exigências do consumidor quanto à qualidade e valor do produto, ao mesmo tempo em que diminui sua fidelidade às marcas. O desenvolvimento de novos produtos assume diferentes formas, que vão desde uma mudança de embalagem até a introdução de um produto inteiramente novo.

A integração entre fornecedores é parte essencial da estratégia corporativa de empresas eficientes e com vantagem competitiva. Embora essa parceria se altere de empresa para empresa, a integração de fornecedores implica objetivos comuns, confiança mútua, integração de processos internos, e compartilhamento dos bons e maus resultados. Embora a integração de fornecedores seja uma tendência em todas as atividades que envolvam a relação cliente-fornecedor, a ênfase dada à indústria de alimentos e bebidas está relacionada ao perfil de sua cadeia de suprimentos. Isso ocorre principalmente nas indústrias de alimentos, onde as matérias-primas são fornecidas por inúmeros produtores pequenos expostos ao risco de intempéries climáticas, pragas e doenças e falta de informações, dentre outros.

IV.3.1.b Etapa da produção

Os elos mais significativos da cadeia produtiva da indústria local de alimentos na economia sergipana são mostrados no Quadro IV-3, sendo a maioria das unidades industriais constituída de pequenos produtores. Uma questão relevante, levantada pela maioria dos entrevistados, é o nível de informalidade de pequenos produtores do setor, que se traduz em sonegação fiscal, meios irregulares de produção sem atender à legislação sanitária, falta de qualidade do produto e concorrência desleal.

Quadro IV-3: Sergipe: Elos da cadeia produtiva de alimentos na etapa da produção

Segmento	Produtos	Insumos básicos	Outros itens relevantes
Abate e fabricação de produtos de carne	Frango	Milho Soja	Energia Manutenção Armazenagem
Laticínios	Bebidas lácteas, Leite, Queijo, Requeijão, Manteiga, etc.	Leite	
Fabricação e refino de açúcar	Açúcar	Cana-de-açúcar Adubos	
Torrefação e moagem de café	Café em grãos, Moido e Solúvel	Café	
Sucos concentrados de frutas	Sucos de frutas	Polpa Água	
Outros Produtos Alimentícios	Tempero, especiaria, adoçante, chá, chocolate em pó, gelatina, etc.	Pimenta, chá, cacau, etc.	

Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

As informações apresentadas no Quadro IV-3 merecem comentários específicos para cada segmento. No caso do segmento de abate e fabricação de produtos de carne, Sergipe tem participação ativa na avicultura. Embora a avicultura para corte em Sergipe tenha se modernizado nos últimos anos, sua produção vem caindo. Em 2000 a produção foi de 2,5 milhões de aves por mês, e atualmente, está em 1,5 milhão de aves por mês, atendendo aproximadamente 50% do mercado local. Entre os principais gargalos e condicionantes ao crescimento do setor, destacam-se três fatores (Avicultura Industrial, 2010).

O primeiro é a baixa produção local de grãos utilizados para a alimentação dos frangos, o que representa cerca de 70% a 80% do custo de produção. O segundo é a necessidade de regularização e adequação – resfriamento de frangos – dos abatedouros. Com cerca de 7.000 empregados no segmento, apenas quatro empresas trabalham com a produção de frangos congelados, enquanto centenas de outras pequenas empresas oferecem o frango abatido na hora. O terceiro fator consiste em melhorar a fiscalização

dos produtos que chegam ao estado e são comercializados irregularmente (Avicultura Industrial, 2010).

No caso da indústria de laticínios, Sergipe apresenta grande potencial para crescer, levando-se em consideração as perspectivas de crescimento do setor como um todo e oportunidades estratégicas a serem exploradas, tais como o desenvolvimento de novos produtos e maior participação no mercado local e nacional. Atualmente, a produção está bastante centrada na atividade queijeira, oriunda da horta leiteira de Nossa Senhora da Glória, localizada no sertão sergipano.

O aumento da competitividade da indústria de laticínios em Sergipe está condicionado a alguns fatores apresentados pelos entrevistados desse segmento. Um fator importante refere-se às grandes oscilações no preço e no volume de produção, tendo em vista as condições de produção. O fornecimento local do principal insumo do setor – o leite, que representa cerca de 75% dos custos de produção – ocorre a partir da produção leiteira em torno da região de Nossa Senhora da Glória, que enfrenta forte sazonalidade em decorrências das secas. Outro fator está relacionado à qualidade do leite, que pode ficar comprometida em razão da falta de tanques para armazenamento.

Entre outros fatores, destacam-se: i) necessidade de formalizar as atividades de inúmeros pequenos produtores, aprimorando sua capacitação tecnológica e gerencial, ii) estabelecimento de um padrão de qualidade para os produtos regionais derivados do leite, iii) melhoria da infraestrutura de acesso aos produtores, iv) disponibilidade de crédito e juros em condições mais competitivas com o porte das empresas atuantes neste segmento.

Em relação à fabricação e refino de açúcar, pode-se afirmar que no segmento sucroalcooleiro encontra-se uma das mais tradicionais atividades industriais locais, contando, segundo entrevistados, com cerca de seis importantes usinas produtoras de açúcar e álcool e ampla participação dos municípios sergipanos na produção de cana-de-açúcar. Sua cadeia produtiva é bastante ampla, envolvendo o setor de suprimentos agrícolas, a produção agropecuária, a indústria de transformação e a distribuição de produtos primários e processados. Dentre os principais insumos, destacam-se mudas, calcário, fosfato, fertilizante, além de equipamentos e máquinas. Nesse item, que são em geral de propriedade dos produtores, incluem-se tratores, pulverizadores, plantadeiras,

colheitadeiras, dentre outros. Excetuando as mudas, a maioria dos insumos, máquinas e equipamentos é adquirida fora do estado de Sergipe.

Os principais produtos derivados da cana-de-açúcar são o açúcar e o álcool, tendo também subprodutos importantes: bagaço, vinhaça e levedura. O bagaço pode ser utilizado na produção de energia, como ração animal e na produção de papel. A vinhaça pode ser usada como fertilizante. E a levedura pode ser empregada na indústria de alimentos. A produção sucroalcooleira do estado está voltada, primeiramente, para a produção de álcool, e depois para a fabricação de açúcar. Mais recentemente, tem aumentado a presença deste segmento na produção de energia elétrica, através do aproveitamento total do bagaço, pontas e palha da cana-de-açúcar. Segundo um entrevistado, a incorporação desta receita adicional deve aumentar a lucratividade do setor.

Conquanto a topografia sergipana, de acordo com entrevistados, diferentemente da região Centro-Sul do Brasil, dificulte a mecanização da lavoura, a atividade canavieira local tem algumas vantagens comparativas. Em particular, as unidades de produção estão localizadas bem mais próximas dos centros consumidores e dos portos do que as indústrias sucroalcooleiras situadas no Centro-Sul do país. Ademais, com uma produtividade estimada em 65 toneladas/hectare, o setor sucroalcooleiro sergipano é extremamente competitivo no mercado externo.

Entre os principais gargalos e condicionantes apontados pelos entrevistados à expansão da indústria sucroalcooleira em Sergipe, destacam-se: o baixo volume de produção de cana-de-açúcar e a deficiência de infraestrutura rodoviária. Em razão do baixo volume e da irregularidade da precipitação pluviométrica na região, é necessário implantar grandes projetos de irrigação para aumentar a produtividade e, conseqüentemente, elevar a oferta de cana-de-açúcar para a indústria. Mesmo reconhecendo avanços na melhoria das estradas estaduais, os entrevistados contabilizam aumento no custo de transporte em razão da baixa velocidade de escoamento das cargas.

Os demais segmentos apresentados no Quadro IV-3 são: i) torrefação e moagem de café, ii) sucos concentrados de frutas, e iii) outros produtos alimentícios, relacionados, por exemplo a temperos, especiarias e chás. Todos estão na carteira de produtos do maior conglomerado sergipano do setor de alimentos, que emprega quase

4.000 funcionários diretos. Com quatro unidades industriais em Sergipe e uma na Bahia, além filiais em diversos estados, este grupo empresarial abastece praticamente todo o Brasil (excetuando-se a região Sul) e atua na exportação de sucos concentrados. O grupo atua ainda na agropecuária, no segmento de embalagens plásticas e em produtos relacionados ao fumo.

Na atuação que tem no segmento de torrefação e moagem de café, deve-se observar a cadeia produtiva completa relacionada a este segmento produtivo. A cadeia produtiva da atividade cafeeira é ampla, envolvendo a produção agrícola e beneficiamento do café, a indústria de torrefação e moagem, a indústria de solúvel e a comercialização de produtos primários e processados. Não há produção agrícola local para o beneficiamento de café em Sergipe. Os grãos são adquiridos em Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Com uma linha extensa e competitiva de produtos processados de café, o principal grupo sergipino neste segmento é a terceira maior empresa do Brasil na industrialização do café, sendo a maior torrefadora com capital 100% nacional.

No segmento de sucos concentrados de frutas, é importante observar a relação deste com a atividade de fruticultura. A fruticultura é um dos segmentos que mais tem se destacado na agricultura sergipina, envolvendo a produção de frutas, a indústria de transformação e a comercialização de produtos primários e produtos processados tais como polpas, sucos concentrados e sorvetes. Dois programas de incentivos foram dedicados ao segmento de produção de frutas no estado. O Programa de Revitalização da Citricultura buscou incrementar a tradicional produção de laranja, cultura tradicional no estado. Sergipe ocupa no momento a terceira posição na produção brasileira de laranja. E o Projeto de Fruticultura Irrigada no Platô de Neópolis, que conta com canais de irrigação com capacidade para abastecer 7,3 mil hectares, buscou diversificar a produção do estado, com foco nas culturas de manga, banana, maracujá e coco-anão (BNB, 2010).

No que diz respeito à cadeia produtiva da indústria local de bebidas na economia sergipina, os elos mais significativos estão apresentados no Quadro IV-4. Os produtos economicamente mais significativos desta cadeia – refrigerante, cerveja e refresco – são fabricados por poucas empresas com elevadas escalas de produção, visando tanto o mercado local quanto o mercado nacional, com foco no mercado nordestino. Deve-se

destacar que os insumos básicos de produção – xarope, malte, e essência – são adquiridos fora do estado de Sergipe.

Quadro IV-4: Sergipe: Elos da cadeia produtiva de bebidas na etapa da produção

Segmento	Produto	Insumos básicos	Outros itens relevantes
Fabricação de bebidas alcoólicas	Cerveja	Água, malte	Energia Manutenção Embalagem
Fabricação de bebidas alcoólicas	Cachaça	Cana-de-açúcar	
Fabricação de bebidas não-alcoólicas	Refrigerante	Água, xarope, açúcar	
Fabricação de bebidas não-alcoólicas	Refrescos e Pós para refrescos	Açúcar Essência	
Fabricação de bebidas não-alcoólicas	Água mineral	Água	

Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

Os materiais de embalagem são itens importantes em toda a cadeia produtiva da indústria de alimentos e bebidas. Como em outros segmentos industriais anteriormente analisados, eles são, em geral, comprados em outros estados, principalmente em Pernambuco e São Paulo. Um ponto de inflexão importante neste quadro foi a inauguração, em 2008, de uma unidade industrial para fabricação de latas de alumínio para bebidas. Com investimentos de R\$ 122 milhões, a unidade atinge atualmente a produção de um bilhão de latas/ano. Já estão previstos investimentos de 50 milhões de dólares para duplicação desta capacidade (Revista Nordeste, 2010).

IV.3.1.c Etapa da pós-produção

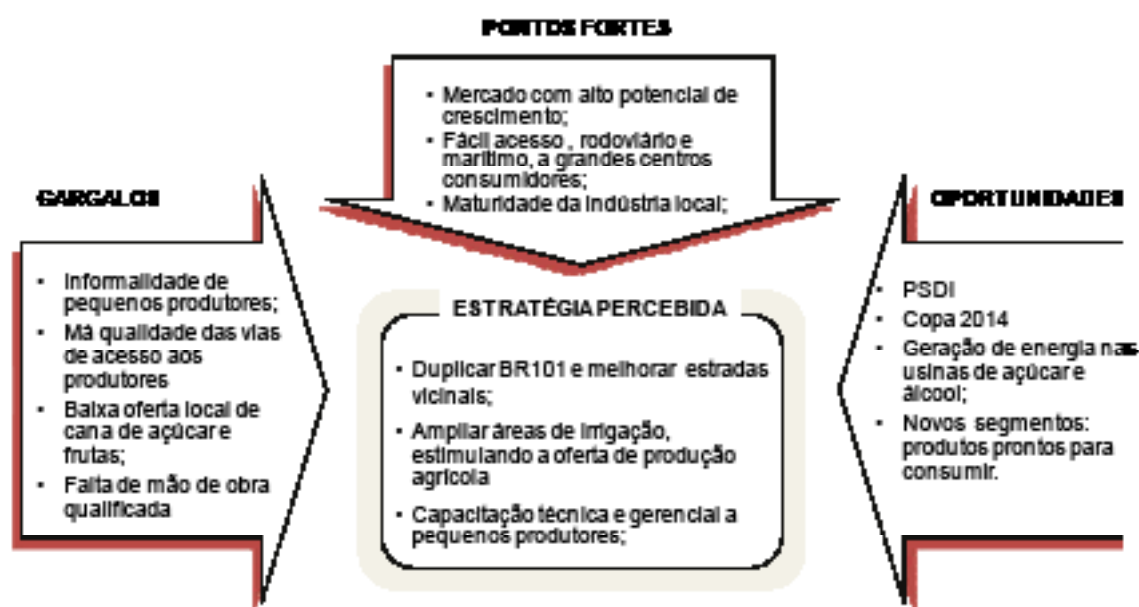
A logística de distribuição e transporte na indústria de alimentos e bebidas é altamente complexa, sendo um dos elementos-chave na vantagem comparativa das empresas. Dentre os fatores estruturais desta complexidade, destacam-se: i) a diversificação de produtos, ii) a distância e segmentação do mercado, iii) os menores

ciclos de vida, e iv) a maior exigência de serviços. Segundo um entrevistado, uma barreira à entrada de produtos fabricados fora do estado no mercado sergipano é justamente a logística de distribuição e transporte das empresas locais, que conseguem atender desde o pequeno varejista no interior do estado até grandes empresas nos maiores centros urbanos. Outros fatores importantes que comprometem a competitividade da cadeia produtiva de alimentos e bebidas estão relacionados com deficiências na malha viária, insegurança nas estradas e baixa oferta de fretes diretos para as regiões Norte e Nordeste do país. Estes fatores agregam custos extraordinários devido ao tempo maior de deslocamento e desgaste das frutas.

IV.3.2 Panorama geral da cadeia produtiva de alimentos e bebidas

Os principais pontos relacionados à cadeia produtiva de alimentos e bebidas em Sergipe estão sistematizados no Diagrama IV-6. O Diagrama resume os pontos fortes e as estratégias requeridas pelas empresas. Identificam-se ainda os principais gargalos e oportunidades para as empresas envolvidas na cadeia produtiva de alimentos e bebidas.

Diagrama IV-6: Sergipe: condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de alimentos e bebidas



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

Como pontos fortes podem ser destacados a tradição dos empresários locais na atuação em segmentos industriais dessa cadeia produtiva, o alto potencial de crescimento da demanda e a proximidade de acesso aos canais de escoamento da produção para os grandes centros consumidores. Para melhorar o desempenho do estado nessa cadeia produtiva, foram sugeridos pontos como: i) a duplicação da BR-101 no estado de Sergipe e melhoria das estradas vicinais, ii) a ampliação das áreas de irrigação, e iii) a formação de programas de capacitação técnica e gerencial voltados aos pequenos produtores.

Entre os principais gargalos apontados pelos entrevistados, destacam-se os elevados níveis de informalidade dos pequenos produtores, as deficiências na malha viária de acesso às unidades de produção, a baixa oferta de cana-de-açúcar e a carência de mão-de-obra qualificada. E no tange às oportunidades, podem ser citados, o Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial, que tem atraído diversas empresas nessa cadeia produtiva, a possibilidade de ampliação do mercado com a Copa do Mundo de Futebol de 2014, que deve incrementar os negócios no Ceará, na Bahia e em Pernambuco, e a possibilidade de ampliação de produção de insumos por empresas locais, em determinados segmentos produtivos.

IV.4 Têxtil e Confecções

A indústria têxtil de Sergipe é uma atividade bastante antiga, em que boa parte do seu parque industrial foi montado antes da metade do século passado. Posteriormente, novas empresas implantaram-se entre 1960 e 1980 do século XX, motivadas principalmente pelo programa de incentivos fiscais criado pelo governo federal e implementado através da SUDENE. Mais recentemente, surgiram novas empresas têxteis, de porte menor do que suas antecessoras, atraídas pelos incentivos criados pelo PSDI. Atualmente convivem, portanto no segmento têxtil dessa cadeia, grupos econômicos tradicionais e novas empresas que foram criadas na segunda metade dos anos 90 e nos primeiros anos do século XXI, nos termos da nova política de

desenvolvimento industrial. A indústria têxtil implantada nos anos noventa e na primeira década do século XXI é relativamente de menor porte e mais interiorizada. (MELO *et al.*, 2008)

Com relação ao segmento de confecções desta cadeia, a trajetória é similar à observada no segmento têxtil. Ou seja, a partir dos anos setenta, os estímulos fiscais da SUDENE possibilitaram um forte desenvolvimento da indústria de confecções em toda região Nordeste. Assim, em Sergipe, duas confecções de porte foram instaladas no Distrito Industrial de Aracaju: a Alpargatas e a Villa Romana. Essas empresas, pertencentes a grupos econômicos fortes e com boa inserção no mercado nacional, inaugurariam um período de expansão da indústria de confecções no estado. Entretanto, após um período de crescimento e uma aparente consolidação, nos anos 1990, essas indústrias enfrentaram problemas que culminaram com o encerramento de suas atividades no estado. Posteriormente, a partir de 1995, inicia-se em Sergipe uma nova etapa na trajetória do segmento de confecções, sob o forte incentivo do PSDI. Atualmente, o segmento de confecções de Sergipe conta com três pólos principais: o Metropolitano, nos municípios de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro, e os pólos de Itabaianinha e de Tobias Barreto, no território do Centro-Sul do estado.

Atualmente, no estado de Sergipe, a cadeia produtiva do segmento têxtil e de confecções é bastante diversificada, sendo composta por um grande número de micro, pequenas e médias empresas que abrangem diversas atividades industriais e de serviços. Essa cadeia, que havia sido fortemente afetada pelos processos associados de abertura comercial do Brasil no plano internacional e de valorização cambial no início da década de noventa, conseguiu realizar importantes reestruturações produtivas no estado, modernizando seu processo de fabricação e adequando-se aos novos cenários colocados pela acirrada concorrência global.

A partir da segunda metade da década, a dinâmica econômica de crescimento da economia brasileira, aliada à melhoria da distribuição social da renda nacional, ampliou relativamente às vendas internas dos diversos segmentos que compõe a cadeia produtiva têxtil e de confecções no Brasil e, igualmente, em Sergipe. A Tabela IV-2 ilustra a

dinâmica ocorrida nos segmentos têxtil e de confecções em Sergipe na segunda metade da década de noventa e na década atual.

Como se pode perceber, tanto em termos do segmento da indústria têxtil como no segmento da indústria de confecções desta cadeia no estado de Sergipe, no final da década passada, houve uma diminuição do número de grandes empresas. A partir dos anos 2000, percebe-se uma ampliação do número de micro, pequenas e médias empresas. Este comportamento explica-se, em grande parte, em função dos estímulos atrativos estabelecidos pelo Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial – PSDI (MELO *et al.*, 2008).

Tabela IV-2: Sergipe: Número de estabelecimentos, segundo o porte (absoluto e relativo) nas indústrias têxtil e de confecções, 1994 a 2008

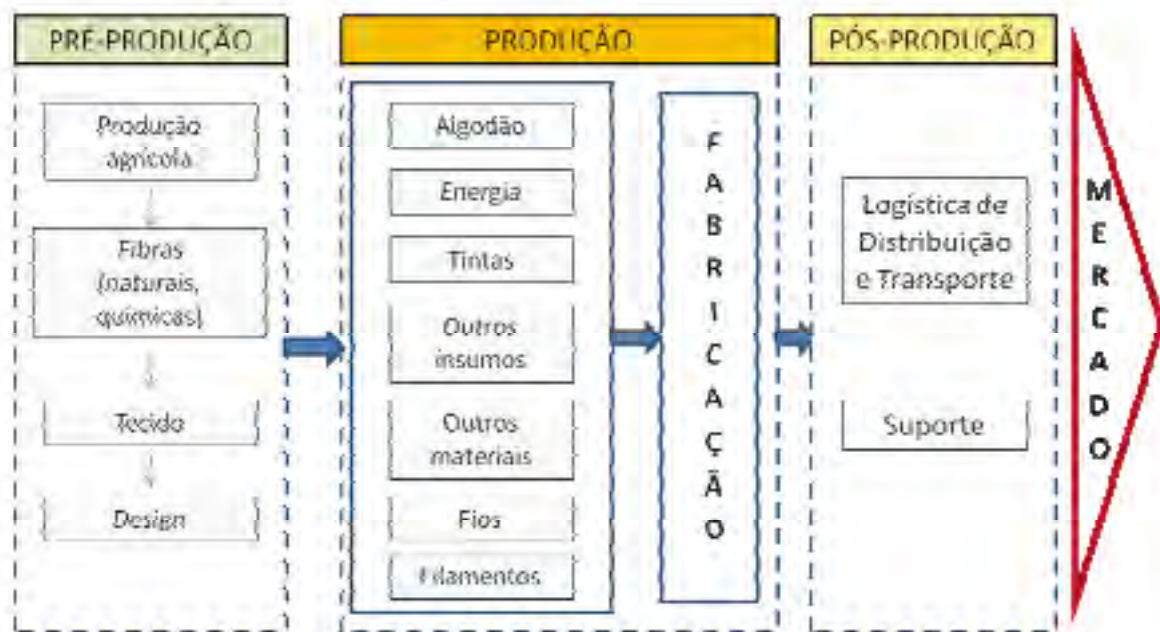
INDUSTRIA TEXTIL										
PERIODO	Micro		Pequena		Média		Grande		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1994	26	61,90	1	2,38	10	23,81	5	11,90	42	100,00
1998	27	61,36	7	15,91	8	18,18	2	4,55	44	100,00
2000	27	61,36	8	18,18	9	20,45	0	0,00	44	100,00
2005	41	66,13	11	17,74	10	16,13	0	0,00	62	100,00
2006	47	68,12	11	15,94	11	15,94	0	0,00	69	100,00
2007	41	68,33	8	13,33	10	16,67	1	1,67	60	100,00
2008	58	72,50	11	13,75	10	12,50	1	1,25	80	100,00

INDUSTRIA DE CONFECÇÕES										
PERIODO	Micro		Pequena		Média		Grande		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1994	57	85,07	9	13,43	0	0,00	1	1,49	67	100,00
1998	72	90,00	7	8,75	0	0,00	1	1,25	80	100,00
2000	139	93,92	6	4,05	2	1,35	1	0,68	148	100,00
2005	102	85,71	10	8,40	7	5,88	0	0,00	119	100,00
2006	115	85,19	10	7,41	10	7,41	0	0,00	135	100,00
2007	132	87,42	8	5,30	11	7,28	0	0,00	151	100,00
2008	115	83,94	11	8,03	10	7,30	1	0,73	137	100,00

Fonte: MTE-RAIS, Diversos anos.

IV.4.1 Cadeia produtiva da indústria têxtil e de confecções

A cadeia produtiva têxtil e de confecções em Sergipe está apresentada no Diagrama IV-7.

Diagrama IV-7: Sergipe: cadeia produtiva têxtil e de confecções

Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

IV.4.2 a Etapa da pré-produção

A etapa de pré-produção desta cadeia corresponde a toda transformação necessária para disponibilizar aos segmentos têxtil e de confecções o conjunto de produtos e serviços necessários como matérias-primas à sua produção. Em geral, estes elos da cadeia incluem as atividades centradas na produção agrícola do algodão – principal componente dos seus produtos – mas que, no caso de Sergipe, tendo em vista questões de qualidade e volume necessário, é importado principalmente dos Estados Unidos.

Além disso, outras indústrias pré-processadoras do algodão, juntamente com o segmento químico, respondem pelos demais produtos necessários à produção da cadeia têxtil e de confecções em Sergipe. Ressalte-se que, no caso da indústria de confecções, é o próprio produto da indústria têxtil – o tecido – que constitui sua principal matéria-prima.

IV.4.2.b Etapa da produção

A etapa de produção da cadeia de produção têxtil e de confecções é relativamente específica ao segmento em que a empresa atua. No caso da indústria têxtil, o algodão representa em torno de 40% do custo de produção do produto final, sendo seu principal componente. Em seguida, têm-se os gastos com mão de obra que adicionam aproximadamente 20% a esta soma. A energia utilizada para o aquecimento dos processos de tinturaria e para a operação das máquinas e equipamentos em geral contribui por sua vez com outras 15 a 20% no custo total. Os produtos químicos, onde se destacam as tintas, são responsáveis por em torno de 10% do custo total do produto e os demais materiais e serviços completam as necessidades da produção do segmento têxtil.

No caso da indústria de confecções o processo produtivo se estrutura a partir dos produtos da indústria têxtil e onde os elementos principais que compõe seu custo de produção são, além do produto têxtil, a energia, a mão de obra, as máquinas e equipamentos e os materiais e serviços diversos.

IV.4.2.c Etapa da pós-produção

A logística de distribuição e transporte está relacionada à totalidade dos produtos – finais e intermediários – produzidos na cadeia têxtil e de confecções. Embora em ambos os segmentos o transporte não seja considerado um dos mais importantes componentes do custo de produção, sua importância é vital, tendo em vista sua presença em diversas fases da pré-produção, da produção e da pós-produção.

No caso da indústria têxtil, os principais mercados localizam-se em outros estados brasileiros abrangendo principalmente comerciantes atacadistas e mesmo varejistas, os quais revendem estes produtos, seja aos consumidores finais ou a indústrias do vestuário e de confecções em geral.

No caso do segmento de confecções, além dos comerciantes atacadistas e varejistas, a produção se destina ainda a outras indústrias para serviços de acabamento ou as empresas ou serviços de facionistas ou a distribuição na rede de franquias associadas.

Um dos principais obstáculos relatados pelos empresários desta cadeia concerne à questão da infraestrutura energética. Nesse sentido, embora a oferta atual de energia elétrica não seja considerada problemática no curto prazo, há o entrave representado pelo nível da tarifa cobrada nos horários de pico de consumo. Isso traz um considerável acréscimo no custo de produção, inviabilizando a obtenção de margens de preço competitivas e impedindo a adoção de novos turnos de trabalho ou a colocação em operação de equipamentos e máquinas – grandes consumidoras de energia. Da mesma forma, do ponto de vista da utilização da energia do gás natural, importante alternativa energética, o gargalo principal se coloca não apenas no nível de sua tarifa atual, mas principalmente na extensão de sua malha de distribuição no estado.

Naquilo que concerne às oportunidades desta cadeia, deve-se ressaltar que, os segmentos impactados procuram manter investimentos constantes em inovações de equipamentos, além de realizarem diversificações no processo produtivo, gerando novos produtos e podendo assim atuar adequadamente frente à concorrência, num segmento que é bastante competitivo. Além do crescimento e dinamização prevista para as empresas já instaladas, no curto prazo outras indústrias devem se instalar, diversificando a cadeia produtiva de confecções e aumentando o consumo local dos produtos têxteis.

IV.4.2 Panorama geral da cadeia produtiva têxtil e de confecções

Os principais pontos relacionados à cadeia produtiva têxtil e de confecções em Sergipe estão resumidos no Diagrama IV-8. O diagrama aponta os pontos fortes e as estratégias requeridas pelas empresas. Identificam-se ainda os principais gargalos e oportunidades para as empresas envolvidas na cadeia produtiva de alimentos e bebidas.

Como pontos fortes deste segmento industrial podem ser destacados a presença de um tecido empresarial composto por uma miríade de micros, pequenas e médias empresas, a elevada dimensão dos mercados a serem atendidos e o perfil da mão de obra local. As estratégias utilizadas recentemente nessa cadeia produtiva, em Sergipe, consistiram no aumento dos investimentos em inovação dos processos produtivos, na diversificação das atividades e dos produtos com o intuito de atingir novos mercados regionais e nacionais e na atração de novas empresas através do PSDI.

Diagrama IV-8: Sergipe: Condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva de têxtil e confecções



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

Entre os principais gargalos apontados pelos entrevistados, merecem ser citados o elevado nível da tarifa de energia elétrica e a concorrência internacional. No que se refere às oportunidades, podem ser citados, as perspectivas que podem resultar dos investimentos na inovação dos processos produtivos e na diversificação da produção.

IV.5 Construção Civil e Materiais para Construção

A indústria da construção civil ocupa uma posição de destaque na economia sergipana, chegando a responder, em 2007, por 6,6% do PIB do estado. Considerando-se o PIB industrial, a indústria da construção civil responde por 21,6% do total. Isso equivale à participação da indústria extrativa mineral no estado. Deve-se observar, contudo, que a indústria da construção civil abrange ainda a indústria de materiais para construção em Sergipe, baseada em três segmentos principais: cimento e agregados, revestimentos cerâmicos e cerâmica vermelha. Quando considerados esses segmentos, a importância da indústria da construção civil é ainda mais significativa, em termos da composição do PIB.

Além de amplamente reconhecido como um dos principais indutores de crescimento da economia, a indústria da construção civil trabalha com um baixo consumo de materiais importados e agrega uma vasta cadeia produtiva, que estimula outros setores. Acrescenta-se a isso o fato de que a construção civil é tradicionalmente uma atividade com financiamento totalmente nacional e fortemente intensiva em mão de obra – cada emprego no canteiro de obra gera, segundo os entrevistados, de 5 a 10 outros empregos.

A indústria da construção civil terminou o ano de 2009 aquecida. Segundo informações do Ministério do Trabalho e Emprego (ASN, 20/01/2010), dos 11.000 empregos gerados em Sergipe, nesse ano, 3.640 novos postos de trabalho vieram da construção civil. Para 2010, os empresários estão bastante otimistas, e a expectativa é de incremento das atividades, tendo como consequência a compra de um maior volume de matérias-primas e serviços, além da contratação de mais trabalhadores.

O otimismo do cenário atual, como observa um dos entrevistados da construção civil, é resultado de diversas medidas adotadas nos últimos anos, pois “o que cria mercado imobiliário é o crédito”. A consolidação de um ambiente macroeconômico favorável em horizontes mais longos, assim como a Lei 10.931, de 02 de agosto de 2004, editada com o objetivo de aumentar a segurança jurídica entre as partes envolvidas num negócio de incorporação imobiliária, foram determinantes na maior oferta de crédito imobiliário. A força do setor pode ser ilustrada pelo fato de que atualmente, segundo o entrevistado, cerca de 40% do financiamento é realizado pela indústria da construção civil.

Do lado da demanda, foram adotadas duas medidas importantes. Em janeiro de 2007 foi anunciado pelo governo federal o Programa de Aceleração de Crescimento – PAC, abrangendo cinco grandes temas: investimentos em infraestrutura, estímulo ao crédito e financiamento, melhoria do ambiente de investimento, desoneração e aperfeiçoamento tributário, além de medidas fiscais de longo prazo. Embora a execução dos orçamentos do PAC tenham sido até então aquém do previsto – principalmente considerando os valores efetivamente pagos –, os empresários entrevistados reconhecem o mérito do PAC em termos da retomada dos investimentos públicos, da sua importância na superação da crise recente e do seu papel estruturante na construção de obras de infraestrutura.

Em março de 2009, mesmo no curso da crise financeira deflagrada em setembro de 2008, foi lançado o programa habitacional Minha Casa, Minha Vida, tendo como objetivo construir um milhão de moradias para famílias de baixa renda. Com uma meta inicial prevista de 400 mil moradias até o final de 2009, foram contratadas cerca de 280 mil unidades. Apesar dessa diferença, as contratações de moradias em 2009 representam um recorde. E as perspectivas para 2010 são parte integrante do otimismo presente do setor de construção civil. Como observou um entrevistado, o segmento imobiliário para populações de baixa renda tornou-se relevante para as estratégias das empresas.

Enfim, o setor de construção civil sergipano está otimista e suas razões fundamentam-se nos desafios e resultados alcançados, na maturação do setor e nas oportunidades e perspectivas de investimentos em infraestrutura e no crescimento do setor imobiliário. Tudo isso, é claro, inserido no contexto de uma perspectiva de crescimento sustentável para os próximos anos, tanto para a economia nacional quanto para a economia sergipana. Entretanto, há novos desafios a serem superados que são examinados a seguir.

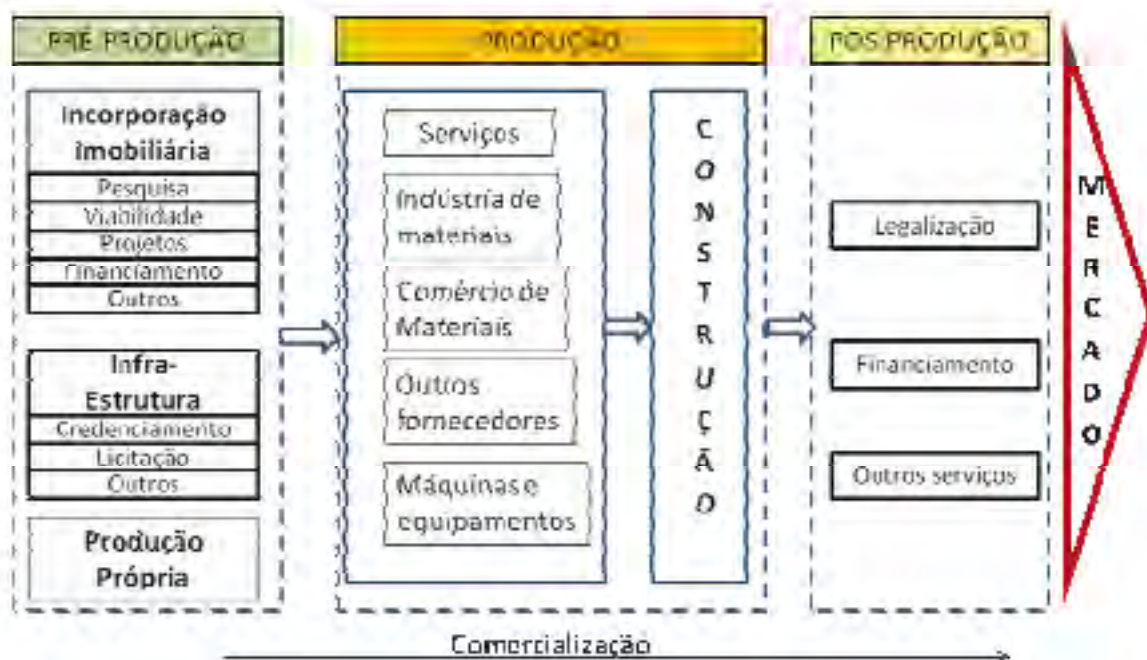
Esse quadro favorável impulsiona também a indústria de materiais para construção, com efeitos potencialmente favoráveis para a produção de cimento, de revestimentos cerâmicos e de cerâmica vermelha. No caso do cimento, segundo entrevistados, o consumo anual no estado é estimado em 300 mil toneladas e representa pouco mais de 13% da produção local. Na indústria de revestimentos cerâmicos sergipana, o foco está nos produtos de menor preço, sendo a produção, em sua maior parte, destinada ao consumidor final. A demanda em Sergipe absorve cerca de 35% da produção local. Com perfil similar, o segmento de cerâmica vermelha vende 40% de sua produção ao mercado sergipano. É importante ressaltar que os produtos da indústria cerâmica sergipana são típicos para construções do Programa Minha Casa, Minha Vida.

IV.5.1 Cadeia produtiva da indústria da construção civil

O diagrama IV-9 mostra a presença da cadeia produtiva da construção civil, em Sergipe, montada em três fases distintas: pré-produção, produção e pós-produção.

Resalte-se que o sentido temporal e os processos envolvidos nessas etapas podem se sobrepor. O diagrama é ilustrativo do fluxo de processos envolvidos na cadeia.

Diagrama IV-9: Sergipe: cadeia produtiva da construção civil



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

IV.5.1 a Etapa de pré-produção

O mercado imobiliário, na fase de pré-produção envolve, em última instância, a “decisão de investir”. Em se tratando de incorporação imobiliária, há diversas atividades a serem desenvolvidas, tais como: pesquisa de mercado, projeto, estudos de viabilidade, mecanismo de financiamento, definição de estratégias de vendas, dentre outros. Tais atividades são, em geral, realizadas pela própria construtora ou contratadas localmente. Estas atividades tornam-se bem mais simplificadas quando a construção é gerida pelo próprio consumidor.

As oportunidades e potencialidades do mercado imobiliário em Sergipe são enormes. Na avaliação de um entrevistado, os investimentos no mercado imobiliário para os próximos 5 anos são da ordem de R\$ 500 milhões anuais. Se, por um lado, a demanda é promissora, por outro lado, Sergipe também conta com empresas construtoras e incorporadoras sólidas e competitivas, embora haja desafios a serem superados. Para o mercado imobiliário voltado às

classes A e B, as construtoras locais possuem um espreitivo “*land banking*”⁹. Entretanto, a expansão do mercado para classes C e D (foco do Programa Minha Casa, Minha Vida) vai exigir criação de novas zonas de expansão.

As obras de infraestrutura em Sergipe igualmente representam oportunidades e potencialidades para segmento de construção civil, abrangendo investimentos previstos na segunda etapa do PAC (urbanização, energia e irrigação), obras estaduais e municipais, novas instalações e expansões industriais. Diferentemente do mercado imobiliário de incorporações, as empresas locais não têm participação relevante nas obras de infraestrutura do estado de Sergipe. É digno de nota que não há empresa local capaz de executar obras rodoviárias de porte razoável e entre as maiores construtoras, somente uma tem unidade de negócio voltada exclusivamente para obras públicas.

Deve-se registrar que, além da falta de tradição das construtoras locais em obras públicas, a Lei de Licitação 8.666, de 21/06/1993, desestimula novos negócios e novos entrantes no mercado. Na opinião de um entrevistado, “os preços que as empresas públicas oferecem não são suficientes para as empresas organizadas trabalharem, gerando como resultado as obras paralisadas.”

Outros gargalos do segmento da construção civil, que estão mais diretamente relacionadas com a pré-produção, são: alta taxa de juros, falta de financiamentos mais longos e demora no processo de obtenção da certificação legal dos empreendimentos.

IV.5.1.b Etapa de produção

Na fase de produção pode-se observar mais diretamente a relação da indústria da construção civil com diversos outros setores da economia. O setor de fornecimento de serviços abrange marcenaria, vidraçaria, transporte, limpeza, alimentação, hospedagem, dentre outros. Por sua vez, a indústria de materiais abastece o segmento da construção civil com aço, ferro, cimento, concreto, pisos cerâmicos, cerâmica vermelha, tinta, louças sanitárias, PVC, material elétrico, vidros, dentre outros. Podem ser destacados ainda outros fornecedores: areia, brita, argila, gesso, etc. Por fim o segmento de

⁹ Disponibilidade de terrenos para futuras construções.

máquinas e equipamentos participa com, guinchos, máquinas de terraplanagem, betoneiras, e outros equipamentos.

A dimensão do impacto econômico da construção civil local sobre a economia sergipana pode ser avaliada tendo como ponto de partida a Tabela IV-3. Embora a composição da cadeia produtiva tenha sido elaborada para o mercado brasileiro, ela é adequada para os propósitos de uma avaliação qualitativa. Merece destaque a indústria de materiais para construção civil, que representa pouco mais de 20% da cadeia, devendo ser analisada com maior detalhe neste trabalho.

Tabela IV-3: Brasil: Composição da cadeia produtiva da construção civil, 2008 (%)

ELOS DA CADEIA	PARTICIPAÇÃO (%)
Construção	59,9
Indústria de materiais	20,3
Serviços	6,0
Conteúdo de materiais da construção	8,4
Diversos fornecedores	3,5
Máquinas e equipamentos para a construção	1,9
Total	100,0

Fonte: Câmara Brasileira da Indústria da Construção

Entre os principais gargalos apontados pelos entrevistados que estão relacionados à fase de produção da indústria de construção civil, destacam-se: elevada carga tributária, carência de trabalhadores qualificados e alto custo da mão de obra.

Entre as oportunidades para fortalecer e dinamizar a indústria local de materiais de construção seguem duas considerações estratégicas. A primeira é incluir como pauta de discussão a viabilidade de atrair investimentos no segmento industrial de tintas. Como argumentou um entrevistado, o mercado de tintas atinge todos os tipos de construção e a relação peso/preço do produto é baixa, favorecendo que a unidade se instale junto aos mercados consumidores.

A segunda, apontada por muitos como o futuro do setor, é fomentar o desenvolvimento local de construção pré-fabricada usando concreto pré-moldado. Segundo especialistas, o sistema é econômico e sustentável, pois possibilita uma construção eficiente, sem desperdício de material no canteiro de obra, com ganhos para o construtor e para o consumidor. Alternativas construtivas de menor custo são essenciais para o programa Minha

Casa, Minha Vida e o próprio programa prevê financiamentos no desenvolvimento de produtos pré-moldados ou pré-fabricados. Além disso, por ser uma alternativa para construção popular, a indústria de construção civil pode criar condições competitivas para aumentar a sua participação num segmento de mercado com expressivo potencial.

IV.5.1.c Etapa de pós-produção

O segmento de atuação da indústria de construção civil local está voltado, em grande medida, para o segmento de incorporação imobiliária no estado de Sergipe. Como mencionado anteriormente, a participação em obras públicas é relativamente menor. Para as maiores construtoras é estratégico atuar em outros mercados e a maioria delas já têm presença significativa em outros estados, em especial, Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco. Além das obras previstas no PAC e no programa Minha Casa, Minha Vida, a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014, a ser realizada no Brasil, é vista como uma oportunidade ímpar para expandir os negócios em outros estados.

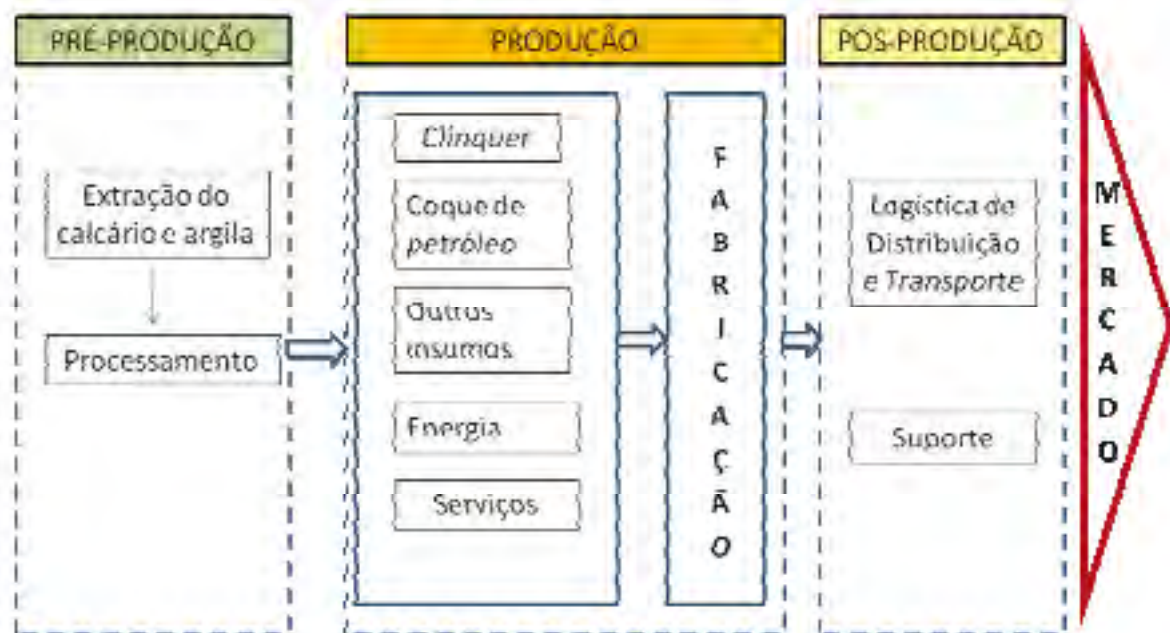
IV.5.2 Indústria de cimento

A cadeia produtiva do cimento está apresentada no Diagrama IV-10. Como se observa, na fase de pré-produção, os insumos básicos são o calcário e a argila, extraídos de jazidas a céu aberto. Tais recursos são normalmente de propriedade das empresas que fabricam o cimento, sendo a sua ocorrência determinante para a localização da planta industrial. O calcário e a argila são processados para se obter o produto intermediário na fabricação de cimento denominado "clínquer".

A relação entre a indústria de cimento e outros setores da economia pode ser percebida na fase produção. O cimento é produzido moendo-se o clínquer com o gesso, juntando-se determinados aditivos (cinzas volantes, escórias de alto forno, folhas de calcário etc.) em teores especificados de acordo com o tipo de cimento a ser produzido. O processo produtivo requer muito combustível (coque de petróleo) e energia. Está ainda firmemente envolvido nesse processo o segmento de fornecimento de serviços, que inclui, entre outros, manutenção dos equipamentos.

Em termos de custos de produção, de acordo com os entrevistados, a extração do calcário representa 10%, enquanto o coque de petróleo, importado dos Estados Unidos, responde por 30% dos custos. A energia elétrica representa 20% dos custos de produção. Nesse aspecto, devem ser ressaltados dois pontos. Em relação à energia elétrica, há o problema da grande elevação de preços no horário de pico, entre as 19:00h e 21:00h, levando as empresas a desligarem alguns equipamentos nesse período. O segundo ponto é em relação ao coque, que corresponde ao produto importado de maior movimentação nas instalações portuárias do estado. Esse movimento de importação é necessário, tendo em vista que, frente a uma demanda nacional estimada de 6 milhões de toneladas, a produção brasileira é de somente 1 milhão de toneladas do produto.

Diagrama IV-10: Sergipe: cadeia produtiva do cimento



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

O impacto do crescimento da indústria do cimento, estimado pelos empresários em 6% anuais para os próximos anos, é pequeno nos diferentes setores que compõem sua cadeia produtiva, à exceção da energia consumida e dos serviços de transporte. Inclusive na geração de empregos o impacto é reduzido, tendo em vista o fato de essa indústria não ser intensiva

em mão-de-obra. Evidentemente, isso não diminui a relevância deste segmento para a economia sergipana como um todo, por ser uma indústria estratégica para a construção civil, tendo uma participação expressiva no PIB do setor industrial sergipano.

A indústria de cimento em Sergipe tem unidades industriais das duas maiores empresas de cimento do país: Votorantim e Nassa. Em operação no estado desde 1985, a fábrica de Cimento de Sergipe S/A – CIMESA –, do Grupo Votorantim, produz cimentos Poty e Anatu. Com a nova linha 3, inaugurada em 2007, resultante de investimentos realizados de US\$120 milhões, a CIMESA passou a produzir 1,8 milhão de toneladas cimento por ano. Os principais clientes estão localizados no Nordeste, principalmente no estado da Bahia, que possui uma demanda estimada anual de 3,0 milhões de toneladas.

Atualmente, segundo o entrevistado, a empresa emprega 650 funcionários no estado – 300 diretos e 350 indiretos. Antes da crise (2008), a empresa exportava 20% da sua produção para os Estados Unidos da América. Com a crise, a produção voltou-se para o mercado nacional, sem alteração nos volumes de produção e emprego. Não há previsão de expansão da CIMESA nos próximos anos. Na estratégia da empresa, consta a construção de uma nova fábrica no Rio Grande do Norte.

O principal condicionante de expansão apontado pelos entrevistados está relacionado com a logística de transporte. Segundo os empresários do setor, o frete rodoviário é muito caro, assim como o frete marítimo com destino ao mercado brasileiro. Outro gargalo está na falta de pessoal qualificado, tanto em nível técnico – mecânicos e eletricitas – quanto em nível superior – engenheiros mecânicos e químicos.

IV.5.3 Indústria de cerâmica de revestimento

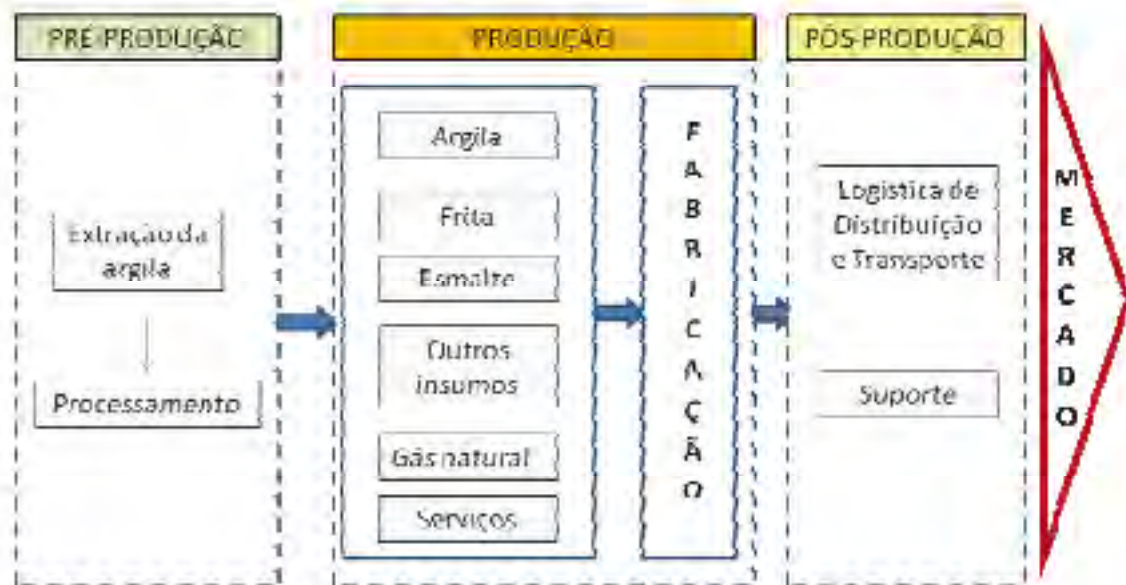
A indústria de cerâmica de revestimento constitui um segmento da indústria de transformação, de capital intensivo, e tem como atividade a produção de pisos e azulejos. Suas principais características técnicas são: absorção de água, abrasão superficial, resistência às manchas, resistência à ácidos, dureza e choque térmico.

As cerâmicas classificam-se em esmaltadas ou não-esmaltadas, sendo que o esmalte corresponde a uma fina cobertura vítrea que impermeabiliza e decora uma das

faces da placa. O porcelanato é atualmente a cerâmica de revestimentos que apresenta as melhores características técnicas e estéticas, se comparada com as demais cerâmicas encontradas no mercado. A cadeia produtiva da cerâmica de revestimento está representada no Diagrama IV-11.

A cadeia produtiva da cerâmica de revestimento tem como insumo básico a argila extraída das jazidas. Basicamente, o processamento da argila envolve as etapas de secagem, moagem a seco, peneiragem e queima, representando 7% do custo de fabricação. Na sequência, é feita a aplicação do vitrado, queima e embalagem, onde os insumos principais são a frita e o esmalte, que são fornecidos localmente. Devido à utilização de fornos, o processo produtivo é dispendioso em energia, utilizando o gás natural, que representa 33% do custo de fabricação. Por ter uma relação peso/preço do produto alta, o transporte é um item crítico.

Diagrama IV-11: Sergipe: cadeia produtiva de cerâmica de revestimentos



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

O estado de Sergipe conta com duas empresas consideradas de grande porte – mais de 500 mil m²/mês –, com a linha de produção voltada para revestimentos cerâmicos esmaltados. O porcelanato não é fabricado localmente, mas importado e comercializado na região Nordeste.

O impacto do aumento da produção de revestimentos cerâmicos nos elos da cadeia produtiva local é mais significativo no gás natural e nos serviços de transporte. Observe-se que mais de 50% da produção de cerâmica é vendida fora do estado. Embora os insumos frita e esmalte sejam em grande parte adquiridos da produção local, há uma dependência de materiais importados.

Como no caso da indústria de cimento, o principal condicionante de expansão apontado está relacionado com a logística e custo de transporte. Um dos entrevistados, que planeja dobrar a produção nos próximos cinco anos, considera a alternativa de instalar essa nova unidade fora do estado de Sergipe, caso este gargalo não seja contornado.

IV.5.4 Indústria da cerâmica vermelha

De forma geral, a localização das indústrias de cerâmica vermelha é determinada por dois fatores principais: a proximidade das jazidas (em função do volume de matéria-prima processada e da necessidade de transporte deste grande volume e peso) e a proximidade dos mercados consumidores. No que se refere à matéria-prima, utiliza basicamente argila comum e água, é intensiva em mão de obra (pouca automatizada) e consome muita energia. Em razão do alto custo do gás, a lenha é preferencialmente utilizada no aquecimento dos fornos.

O segmento de cerâmica vermelha sergipano é constituído por empresas de grande e médio porte e inúmeras de pequeno porte, quase sempre artesanais, e que operam, em grande parte, na informalidade. Entre os produtos fabricados no estado, destacam-se tijolos e lajotas de teto. A produção local de telhas atende apenas 20% da demanda e sua baixa produção deve-se às características da argila local que, embora tenha boa qualidade, não tem uniformidade na cor. Em relação aos tijolos e lajotas, 40% é voltado para o mercado local e 60% destinados aos mercados dos estados da Bahia e de Alagoas.

Em relação aos principais gargalos mencionados pelos entrevistados, destacam-se: obtenção de licenças ambientais, acesso a fontes de financiamento e elevados custos de transporte.

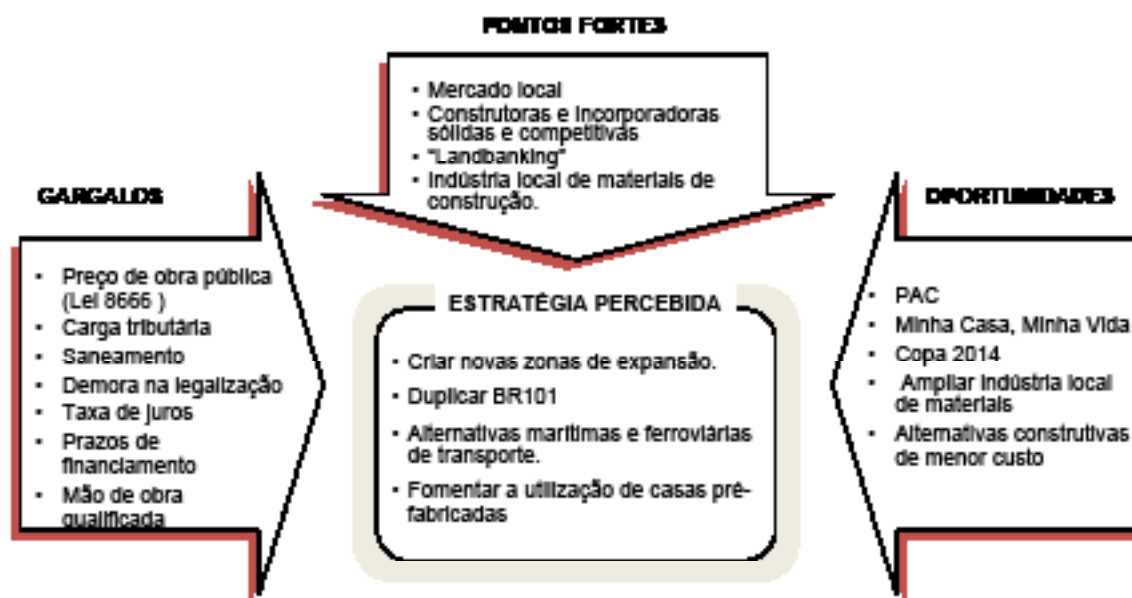
IV.5.5 Panorama geral da cadeia produtiva da indústria da construção civil

O Diagrama IV-12 resume os principais pontos relacionados à cadeia produtiva da construção civil em Sergipe. O Diagrama resume os pontos fortes e as estratégias requeridas pelas empresas. Identificam-se ainda os principais gargalos e oportunidades para as empresas envolvidas na cadeia produtiva da indústria da construção civil.

Como pontos fortes podem ser destacados a expansão do mercado local, a existência de empresas construtoras e incorporadoras sólidas e competitivas e os impactos positivos para a indústria local de materiais de construção. Para melhorar o desempenho do estado nesta cadeia produtiva, foram sugeridos pontos como: i) a criação de novas zonas de expansão, ii) o fomento à utilização de casas pré-fabricadas, iii) a duplicação da BR-101 no estado de Sergipe, e iv) o investimento em alternativas de transporte marítimas e ferroviárias.

Diagrama IV-12: Sergipe: Condicionantes, gargalos e oportunidades da cadeia produtiva da construção civil

A indústria da construção civil possui baixo consumo de materiais importados, uma vasta cadeia produtiva que estímula outros setores, seu financiamento é todo nacional e fortemente intensiva em mão de obra.



Fonte: Elaboração própria, com base em entrevistas com especialistas.

Entre os principais gargalos apontados pelos entrevistados, destacam-se o preço das obras públicas, a demora nos processos de legalização dos empreendimentos, fatores macroeconômicos, relacionados à elevada carga tributária, aos altos juros e aos prazos para financiamento dos imóveis, além da carência de mão de obra qualificada no estado. E no que diz respeito às oportunidades, merecem destaque as tendências favoráveis oriundas de programas do governo federal, com o Programa de Aceleração do Crescimento e o Programa Minha Casa, Minha Vida, e da realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, em 2014. Ainda como oportunidades, podem ser citadas as perspectivas em relação ao crescimento do mercado para residências de menor custo e à ampliação da indústria local de materiais para construção.



TRIUNFO II

TRIUNFO II

TRIUNFO II



PARTE II

CENÁRIO E PERSPECTIVAS



V CENÁRIO ATUAL PARA A ECONOMIA SERGIPANA

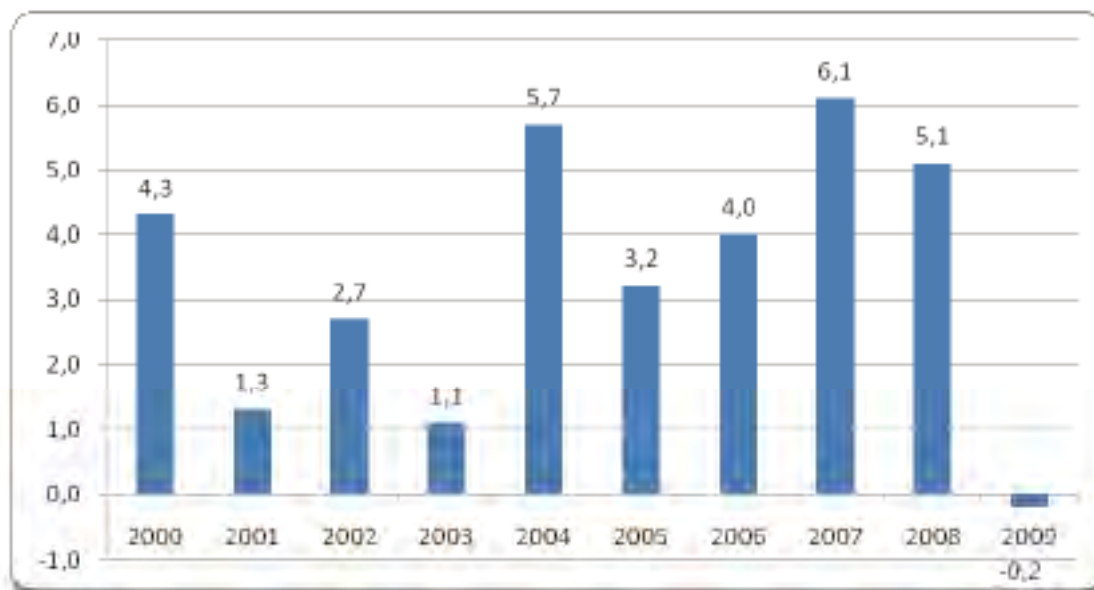
A economia sergipana, embora tenha mostrado, nesta década em particular, desempenho superior à economia brasileira, sofre elevada influência do que ocorre no país. Isso pode ser percebido, por exemplo, com a reversão da tendência de crescimento, ocorrida no período da crise financeira internacional, a partir do final de 2008. A economia sergipana não ficou imune a esse acontecimento, embora tenha sido impactada de forma diferente do que se observou na economia brasileira. Neste capítulo, é feita uma avaliação geral dos impactos da crise financeira na economia brasileira. Em seguida analisa-se em detalhe, nos diversos segmentos industriais, os efeitos da crise. Por fim, apresenta-se a percepção de empresários e gestores públicos sobre os impactos da crise na economia sergipana.

V.1 Os Efeitos da Crise Financeira Recente sobre a Economia Brasileira

O período recente, sobretudo a partir do final de 2008, ficou marcado pela crise financeira em nível mundial, com impactos severos sobre a economia brasileira, sentidos principalmente em 2009. Os impactos mostraram-se significativos para o setor industrial brasileiro. Apesar da gravidade da situação, a partir do final de 2009, observa-se uma recuperação da economia da economia brasileira, com tendência ascendente nas taxas de crescimento.

O Gráfico V-1 mostra a taxa anual de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços de mercado. Os dados mostram uma trajetória ascendente de crescimento, principalmente a partir de 2003, fazendo com que se alcançasse, em 2007, a taxa de 6,1%. Essa trajetória foi em parte revertida no final de 2008, quando ainda se obteve uma taxa de 5,1%. Em 2009, quando se obtém a taxa de -0,2%, percebe-se a brusca reversão na tendência da década.

Gráfico V-1: Brasil: Taxa de crescimento anual do Produto Interno Bruto, a preços de mercado¹⁰, 2000-2009. (%)



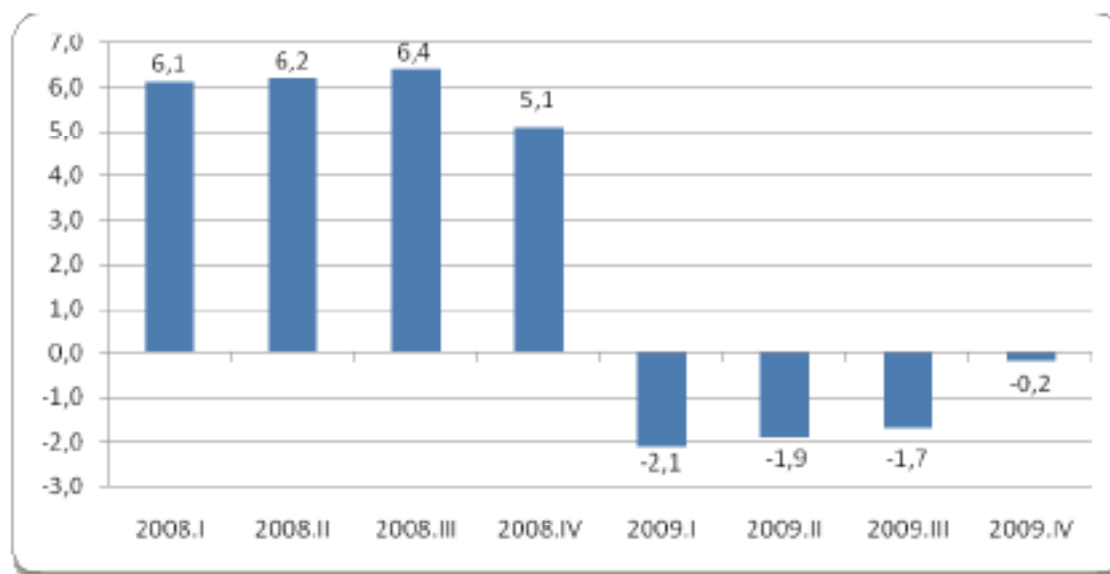
Fonte: IBGE - Contas Nacionais do Brasil 1995-2007. IBGE - Contas Nacionais Trimestrais do Brasil 2010. Elaboração própria.

Essa tendência pode ser melhor percebida a partir dos dados trimestrais de crescimento do Produto Interno Bruto a preços de mercado, considerando o acumulado ao longo do ano, considerando o mesmo período do ano anterior, como mostrado no Gráfico V-2. Em 2008, percebe-se uma tendência ascendente no acumulado até o terceiro trimestre, quando se alcançou a taxa de 6,4%. No quarto trimestre desse ano, quando aparecem os efeitos da crise financeira mundial, percebe-se uma redução na tendência, fazendo com que o país fechasse o ano com a taxa de crescimento de 5,1%, inferior à tendência que se anunciava ao longo dos três trimestres anteriores.

Em 2009, o primeiro trimestre revela o quadro agravante da crise mundial. O país fecha a taxa de crescimento, no acumulado do ano, em -2,1%. Essa tendência negativa, contudo, não se agravou ao longo do ano. Alguns setores conseguiram crescer ao longo do ano, amenizando a tendência negativa e permitindo ao Brasil fechar o ano de 2009 com uma taxa de -0,2%. Embora negativa, esta taxa fechou em um número bem menor do que o apresentado no primeiro trimestre.

¹⁰ Preços de mercado correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, incluindo os impostos sobre produtos.

Gráfico V-2: Brasil: Taxa de crescimento trimestral do Produto Interno Bruto, a preços de mercado, 2008.I – 2009.IV (acumulada ao longo de ano / mesmo período de ano anterior). (%)



Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais do Brasil 2010. Elaboração própria.

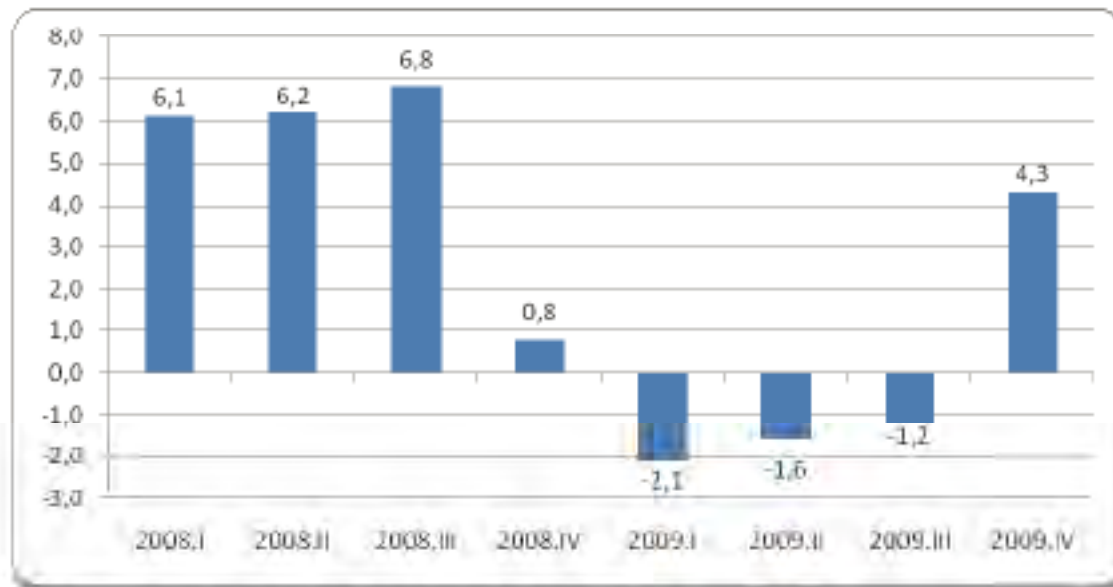
Os dados apresentados mostram o movimento da taxa de crescimento ao acumulado do ano. Como foi discutido acima, esse movimento apresenta uma dinâmica ao longo dos trimestres. Uma maneira de investigar essa tendência é observar não apenas a taxa acumulada, que guarda a memória dos três trimestres anteriores, mas investigar o comportamento da taxa de crescimento no trimestre quando comparada ao mesmo trimestre do ano anterior. Dessa forma, percebe-se como o comportamento da economia no trimestre do ano em questão em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Os dados apresentados no Gráfico V-3 mostram claramente a reversão da tendência de crescimento no final de 2008. Enquanto os três primeiros trimestres mostram um crescimento acentuado em 2008, acima de 6,0%, em relação aos períodos equivalentes de 2007, no último trimestre há uma nítida desaceleração. O quarto trimestre de 2008 apresenta uma taxa de crescimento de apenas 0,8%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em 2009, os trimestres iniciais apresentam taxas negativas de crescimento, mais acentuadas no primeiro trimestre, onde o PIB cai 2,1%, em relação ao primeiro trimestre

de 2008. Esta tendência é revertida no quarto trimestre de 2009, que apresenta crescimento de 4,3%, quando comparado ao quarto trimestre de 2008. Embora isso não consiga reverter a taxa negativa acumulada de -0,2%, em 2009, como mostrado anteriormente, percebe-se que a economia brasileira começa a sair da crise a partir do último trimestre.

Gráfico V-3: Brasil: Taxa de crescimento trimestral do Produto Interno Bruto, a preços de mercado, 2008.I – 2009.IV (trimestre / mesmo trimestre do ano anterior). (%)



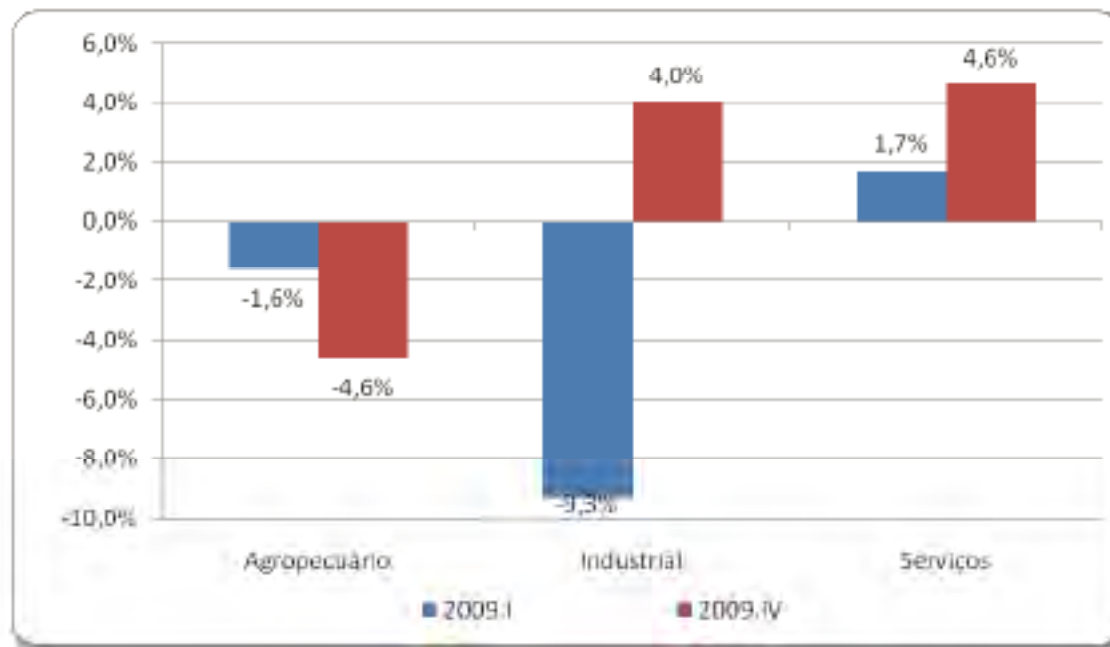
Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais do Brasil 2010. Elaboração própria.

Esse movimento de 2009, passando de uma taxa de crescimento negativo de -2,1%, no primeiro trimestre, para uma taxa de crescimento de 4,3%, no quarto trimestre, afeta os setores de atividade de forma distinta, como pode ser observado a partir dos dados apresentados no Gráfico V-4.

O setor industrial foi o mais afetado pela crise. Como mostra o Gráfico V-4, somente o setor serviços apresentou taxa de crescimento positiva de 1,7%. O setor agropecuário apresentou taxa negativa, de -1,6%, enquanto o setor industrial apresentou uma taxa negativa bastante acentuada, de -9,3%, o que demonstra a elevada retração do setor, quando comparado com o primeiro trimestre de 2009.

Mas se o setor industrial chama atenção pela retração, no primeiro trimestre de 2009, também revela o potencial de recuperação, no quarto trimestre do mesmo ano. O setor agropecuário acentua sua retração, mantendo uma taxa negativa, de -4,6%, no último trimestre de 2009. E o setor de serviços acentua sua tendência de crescimento, atingindo 4,6%, no último trimestre de 2009. Enquanto isso, o setor industrial apresenta uma completa reversão ao longo do ano, passando da taxa negativa do primeiro trimestre para uma taxa positiva, de 4,0%, no quarto trimestre de 2009.

Gráfico V-4: Brasil: Taxa de crescimento trimestral de Valor Adicionado Bruto dos setores de atividade, 2009.I – 2009.IV (trimestre / mesmo trimestre do ano anterior). (%)



Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais do Brasil 2010. Elaboração própria.

No setor industrial, a reversão da tendência de crescimento, em 2009, verifica-se nas diversas atividades industriais, mas com intensidade bastante distinta, como mostra o Gráfico V-5.

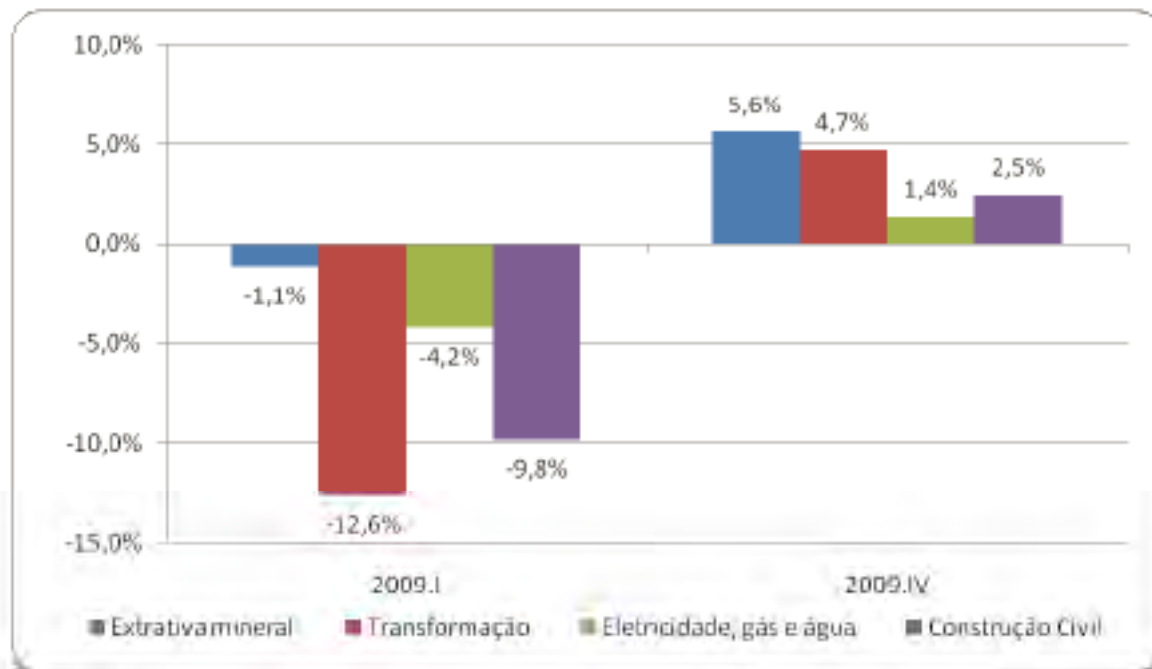
No primeiro trimestre de 2009, as diversas atividades industriais apresentam taxas negativas, mas com impacto menor na indústria extrativa mineral, que teve queda

de 1,1%, em comparação com o primeiro trimestre de 2008. As atividades mais afetadas foram a indústria de transformação, com taxa de -12,6%, seguida da construção civil, com taxa de -9,8%.

No momento da recuperação, ocorrida no quarto trimestre de 2009, destaca-se mais uma vez a indústria extrativa mineral, com taxa de crescimento de 5,6%. Chama atenção a recuperação acentuada da indústria de transformação, que é a segunda atividade com maior taxa de crescimento, chegando a 4,7%, seguida da construção civil, com 2,5%, quando comparadas com o quarto trimestre de 2008.

A pujança da indústria extrativa mineral pode ser atribuída à força da exploração de petróleo e minérios voltados à exportação. No caso da construção civil, os programas governamentais, com obras de infraestrutura e programas de habitação, ajudam a explicar a recuperação da atividade. E no caso da indústria de transformação, os incentivos através da redução de impostos para produtos industrializados ajudaram a manter o consumo desses bens, auxiliando na recuperação rápida da atividade.

Gráfico V-5: Brasil: Taxa de crescimento trimestral do Valor Adicionado Bruto das atividades industriais, 2009.I – 2009.IV (trimestre / mesmo trimestre do ano anterior). (%)



Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais do Brasil 2010. Elaboração própria.

Os dados mostram que a economia brasileira entrou em crise a partir do quarto trimestre de 2008, com forte impacto no primeiro trimestre de 2009. O setor industrial foi o que mais sofreu com a crise num primeiro momento, mas respondeu bem no momento de recuperação da crise.

Em 2009, o setor industrial brasileiro chegou a apresentar uma queda de 9,3%, no primeiro trimestre, quando comparado ao primeiro trimestre de 2008. A queda do setor agropecuário foi bem menor, enquanto o setor de serviços apresentou crescimento. Chama atenção a recuperação do setor industrial, que chegou ao quarto trimestre com taxa de crescimento de 4,0%, comparada com o quarto trimestre de 2008. Esta taxa é próxima da obtida pelo setor serviços, que também alcançou taxa positiva, enquanto o setor agropecuário teve queda também nesse trimestre.

Em nível nacional, no setor industrial, as diversas atividades seguiram a tendência de queda no primeiro trimestre de 2009 e crescimento no último trimestre, mas com intensidades diferentes. A atividade extrativa mineral foi a que menos caiu, no primeiro trimestre, e a que mais cresceu, no quarto trimestre. A indústria de transformação foi a que apresentou maior queda, seguida da construção civil, no primeiro trimestre. Mas a indústria de transformação foi a segunda atividade de maior crescimento, no quarto trimestre, seguida da construção civil.

V.2 Impactos da Crise Financeira sobre a Economia Sergipana

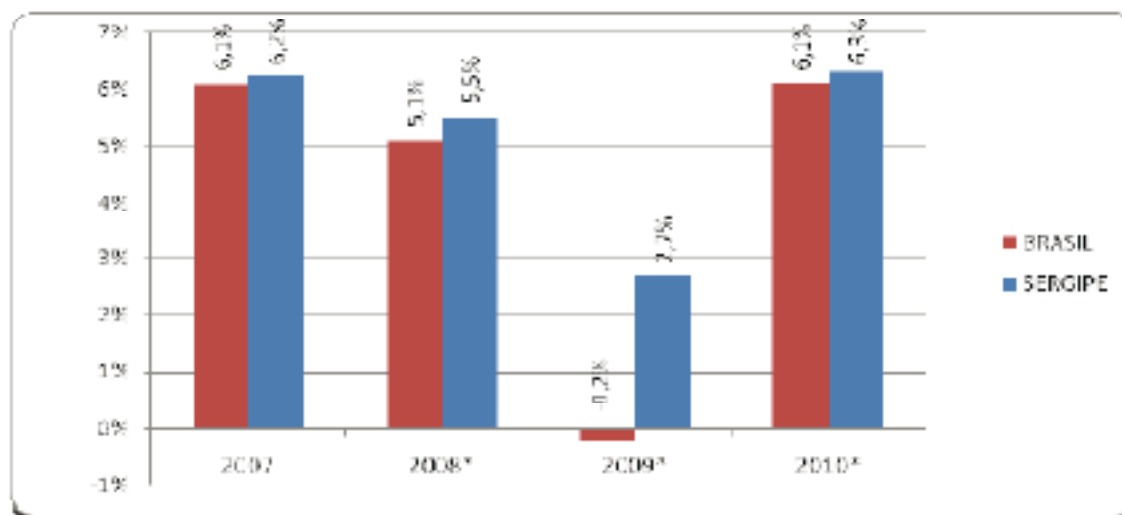
No que se refere especificamente ao nível de atividade econômica de Sergipe, a crise internacional se traduziu em desaceleração intensa do forte ritmo de crescimento que vinha registrando ou na queda da atividade econômica, dependendo do período, do setor e do indicador analisados. Isso pode ser observado nas diferentes trajetórias das atividades industriais e nos impactos provocados nos segmentos voltados para o setor externo.

O comportamento da economia sergipana no período recente pode ser observado de forma comparativa com o desempenho da economia brasileira a partir dos dados apresentados no Gráfico V-6.

Depois de crescer 6,2%, em 2007, e 5,5%, em 2008, o Produto Interno Bruto de Sergipe, segundo estimativas preliminares, desacelerou em 2009, mas manteve ainda taxa de crescimento positivo, de 2,7%, frente ao recuo de 0,2% do PIB brasileiro. A projeção da Revista Nordeste Econômico de abril de 2010 é de crescimento de 6,3% em 2010, acima dos 6,1% da projeção do mercado para a economia brasileira no final de abril. Esse comportamento reflete a influência da crise internacional sobre a economia do estado.

A crise internacional impactou a economia sergipana por meio de alguns canais principais, quais sejam: i) o contingenciamento do crédito e retração da liquidez no sistema econômico, no primeiro momento, ainda em 2008, ii) a contração do comércio mundial e queda nas cotações das principais commodities sergipanas, como suco de laranja, petróleo, potássio, amônia e ureia, e iii) a crise de confiança que atingiu empresários e consumidores.

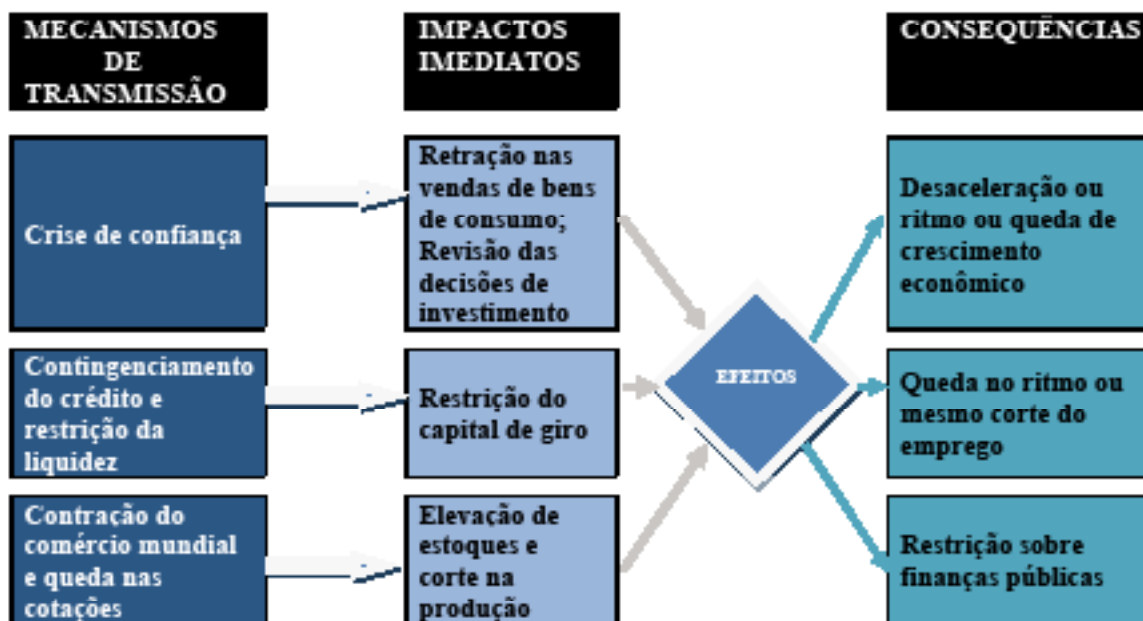
Gráfico V-6: Brasil e Sergipe: Taxa de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços de mercado, 2007 a 2010 (%)



Fonte: IBGE – Contas Nacionais para o Brasil. Para Sergipe, Contas regionais, em 2007, Estimativa SEPLAN-SE para 2008 e estimativa Revista Nordeste Econômico 2009 e 2010. Elaboração própria.

O Diagrama V-1, abaixo, ilustra os mecanismos de transmissão da crise na economia sergipana.

Diagrama V-1: Mecanismo de Transmissão da Crise na Economia Sergipana



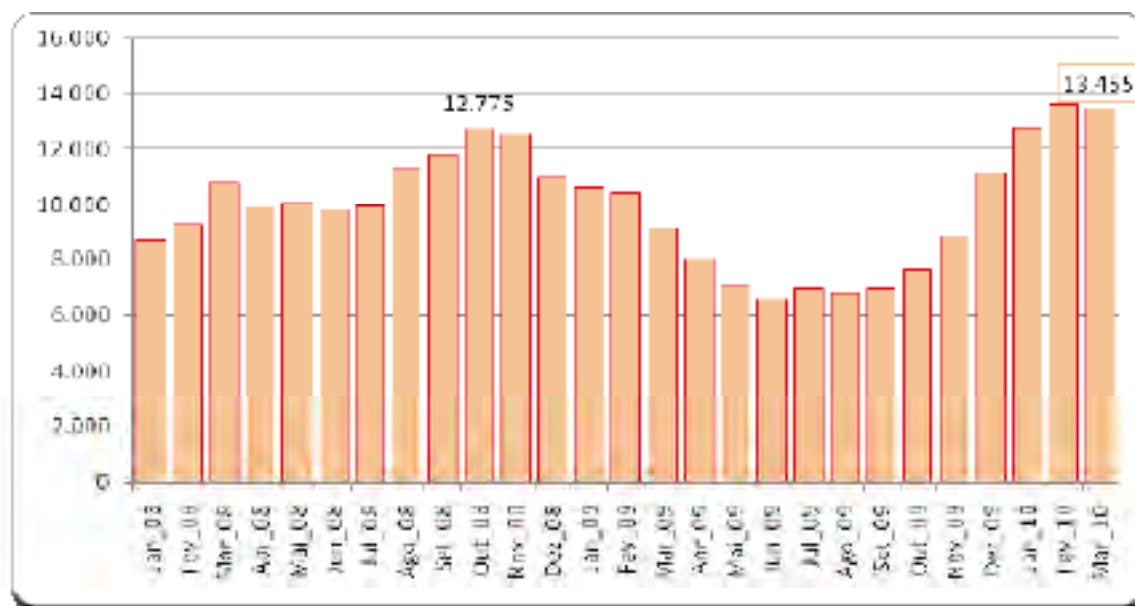
Fonte: Elaboração própria.

Alguns desses mecanismos foram revertidos rapidamente, como no caso da restrição do crédito, em função das ações dos bancos públicos voltadas para assegurar o suprimento normal de crédito. A confiança do consumidor e dos empresários retornou paulatinamente, graças às medidas tomadas pelo governo federal para ativar o mercado interno. O efeito mais prolongado foi sentido nas exportações, nas cotações das *commodities* e nas finanças públicas. Por um lado, a falta de crédito e a queda nas cotações praticamente paralisou as exportações de suco de laranja no início de 2009. Por outro lado, a produção sergipana de insumos para fertilizantes (potássio, amônia e uréia) também se ressentiu da rápida queda de cotações e das indefinições do mercado que restringiram o giro das empresas.

No mercado de trabalho, a crise financeira internacional interrompeu a trajetória de forte geração de emprego formal na economia sergipana, como mostram os dados do Gráfico V-7. A série anualizada de geração de emprego

refletiu a desaceleração do ritmo de atividade na economia sergipana a partir de novembro de 2008. Em outubro a geração de emprego formal em doze meses havia gerado o saldo de 12.775 postos de trabalho. Nesse momento, a economia sergipana encontrava-se em forte processo de expansão do emprego, em parte explicado pelo aquecimento da economia nacional, em parte devido à chegada de novos empreendimentos no estado.

Gráfico V-7: Sergipe: Saldo do emprego formal. 2008 a 2010. Acumulado de doze meses



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração própria.

Até novembro de 2008, a economia sergipana havia gerado 13.518 empregos formais no melhor resultado já registrado pela série do CAGED- Cadastro de Emprego e Desemprego do Ministério do Trabalho e Emprego. O saldo do emprego é ainda positivo (1.770), ainda que inferior ao de novembro de 2008 (1.974). Ao final do mês de dezembro, é normal a redução do emprego, tanto no setor industrial, quanto nas atividades de comércio e serviços. Mas a queda da geração de empregos em dezembro de 2008 fugiu muito do padrão dos anos anteriores, com o corte de 2.480 vagas, 1,17%, taxa 88% maior do que a de 2007. O início da tendência descendente ocorre de fato a partir de outubro de 2008. Nos meses subsequentes a outubro de 2008, até junho de

2009, a geração de empregos era inferior àquela verificada no mesmo mês do ano anterior, rebaixando o saldo de doze meses da série.

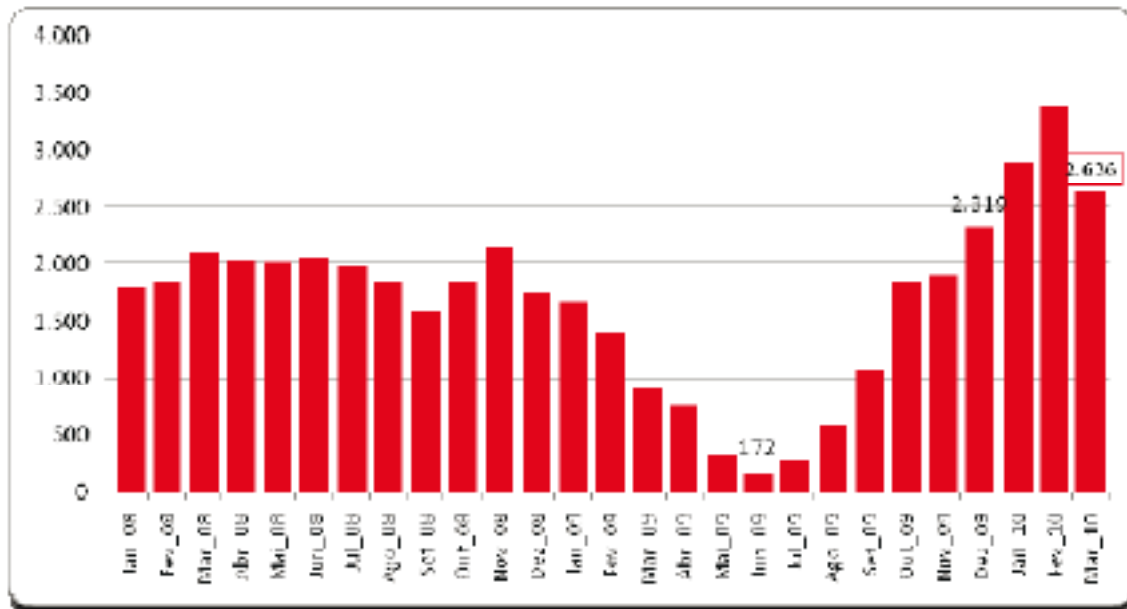
A estabilização da série de geração de empregos ocorreu entre junho e setembro de 2009, apontando para a reversão da trajetória. De outubro de 2009 em diante, a geração de emprego formal em doze meses assumiu ritmo fortemente ascendente. Em março de 2010, a economia sergipana havia criado 13.455 novos empregos na série acumulada de doze meses, acima do nível máximo atingido antes da crise. Para 2010, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, projetou crescimento de cerca de 15 mil empregos formais na economia sergipana, apontando a força de sua recuperação.

V.2.1 Impactos sobre o setor industrial

O setor industrial sofreu mais fortemente o impacto da crise do que a média da economia. De um lado porque as vendas do setor são mais dependentes de crédito. E de outro lado porque são atividades em que o mercado externo tem peso mais significativo do que nos demais setores. Em todos os meses de janeiro a junho de 2009 o emprego formal da indústria de transformação recuou em Sergipe, como mostra o Gráfico V-8.

O saldo de criação do emprego da indústria de transformação, na série de doze meses acumulados, caiu acentuadamente a partir de dezembro de 2008. Em meados de 2009, a geração de emprego nessa série se aproximou de zero, com a criação de meros 172 postos de trabalho. A recuperação do emprego na indústria de transformação somente iniciou-se em julho, ainda de forma tímida. A partir de agosto de 2009, a retomada da produção industrial fez com que o emprego setorial crescesse rapidamente e tivesse fechado o ano de 2009 com a geração de 2.319 empregos, melhor resultado anual desde 2003.

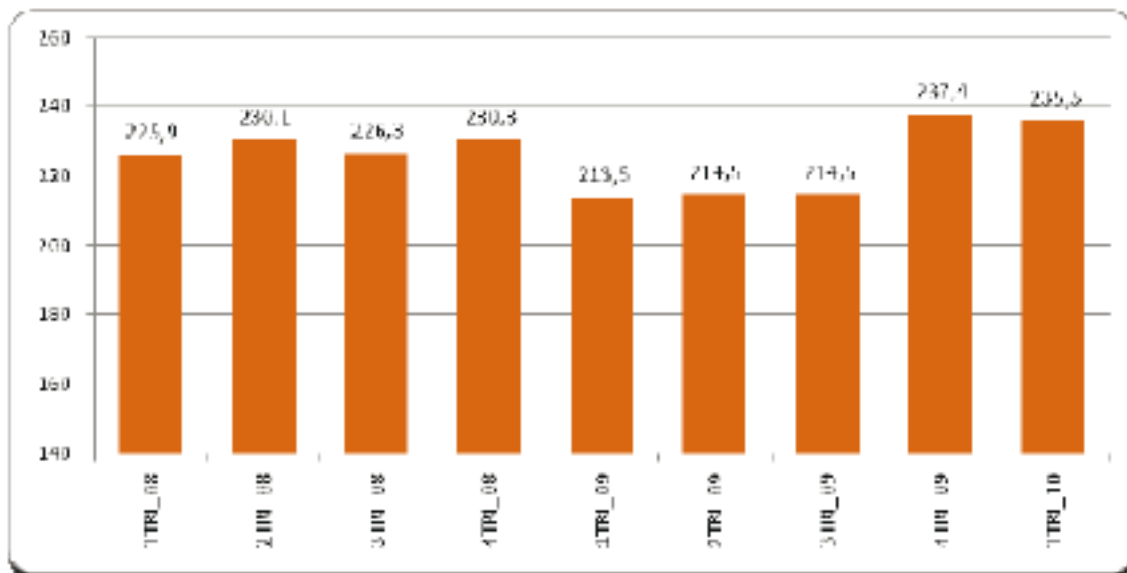
Gráfico V-8: Sergipe: Saldo do Emprego formal na indústria de transformação. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração própria.

A retração do nível da atividade produtiva crise econômica pode ser inferida pela evolução do consumo de energia elétrica, apresentado no Gráfico V-9.

Gráfico V-9: Sergipe: Soma do consumo industrial e do consumo do mercado livre trimestrais da área da Energia. 2008 a 2010. (GWh)



Fonte: Energia. Elaboração própria.

A trajetória do consumo industrial de energia elétrica e a demanda dos grandes consumidores no mercado livre, os chamados Consumidores Livres, na área da Energisa, refletem o impacto sobre a atividade econômica, notadamente do setor industrial, nos três primeiros trimestres de 2009. No primeiro trimestre de 2009, o agregado do consumo industrial e do consumo livre recuou para 213,5 GWh, frente aos 230,3 GWh do quarto trimestre de 2008, significando uma retração de 7,3%. Quando comparado ao primeiro trimestre de 2008, com consumo de 225,9 GWh, a retração chega a 5,5%. A partir do terceiro trimestre de 2009, esse consumo recuperou-se e superou o patamar anterior a crise econômica, percebendo-se o movimento de recuperação do nível de atividade.

V.2.2 Impactos sobre os setores de atividade nas cadeias produtivas

Em termos dos segmentos industriais, o impacto da crise foi muito diferenciado entre as atividades, tanto em termos do grau de retração quanto de sua duração. Nesse sentido, foram observados os impactos sobre os diversos setores de atividade industrial, buscando agregá-los em torno do tipo de mercado a que se destinam os bens produzidos. Foram então consideradas: i) as cadeias voltadas a bens de consumo, envolvendo os segmentos da cadeia produtiva de têxtil e confecções e da cadeia produtiva de alimentos e bebidas, além da indústria de couros e calçados, ii) as cadeias voltadas a produtos minerais e químicos, envolvendo a cadeia produtiva de petróleo e gás, a cadeia produtiva de fertilizantes, a cadeia produtiva de cimento e a parte da indústria química, e iii) a cadeia produtiva da construção civil.

V.2.2.a Impactos nas cadeias voltadas a bens de consumo

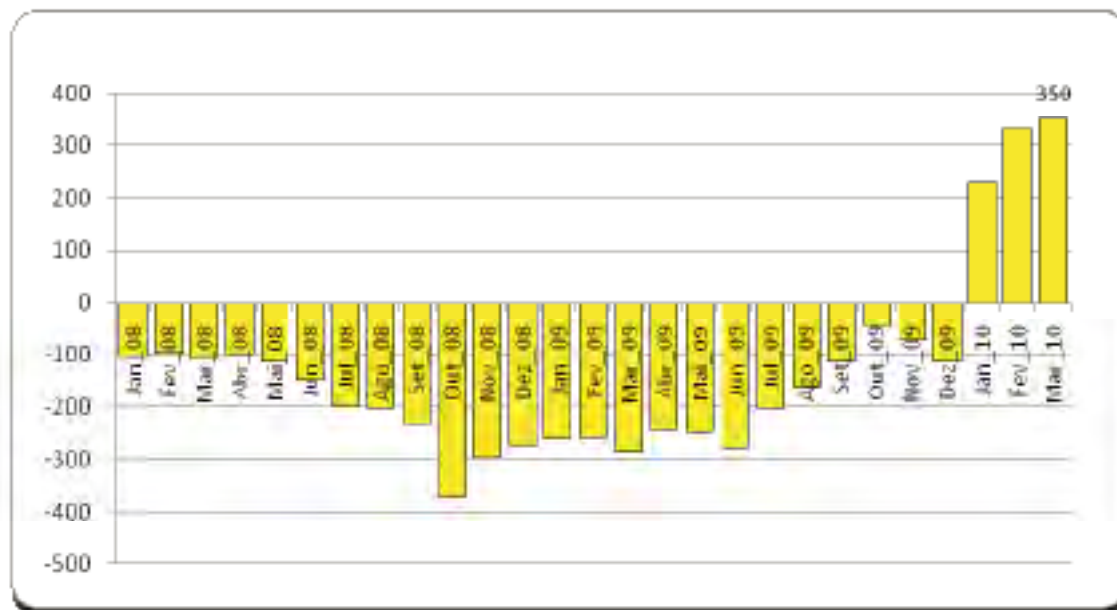
As atividades industriais voltadas à fabricação de bens de consumo, como têxteis e confecções, calçados e alimentos e bebidas, sofreram retração no período mais agudo da crise. A evolução desses setores pode ser acompanhada por meio da evolução do emprego formal.

As dificuldades enfrentadas pela cadeia têxtil-confecção brasileira antecedem o estouro da crise financeira internacional, estando mais associadas a importantes mudanças no cenário do mercado setorial, com a presença crescente da produção

chinesa. A valorização da moeda nacional e as práticas internacionais de *dumping* são elementos constitutivos da grave situação do setor.

A crise financeira internacional, todavia, concorreu para o agravamento do quadro de problemas. A situação do emprego na cadeia têxtil-confecção de Sergipe refletiu esse quadro nacional, e somente iniciou a reversão para uma trajetória positiva a partir do final de 2009, como mostra o Gráfico V-10. Esse comportamento reflete a aceleração do crescimento do mercado interno e a adoção, por parte das autoridades alfandegárias brasileiras, de medidas de defesa contra práticas desleais de comércio.

Gráfico V-10: Sergipe: Saldo do Emprego Formal nas Indústrias Têxtil e de Confecção, 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses



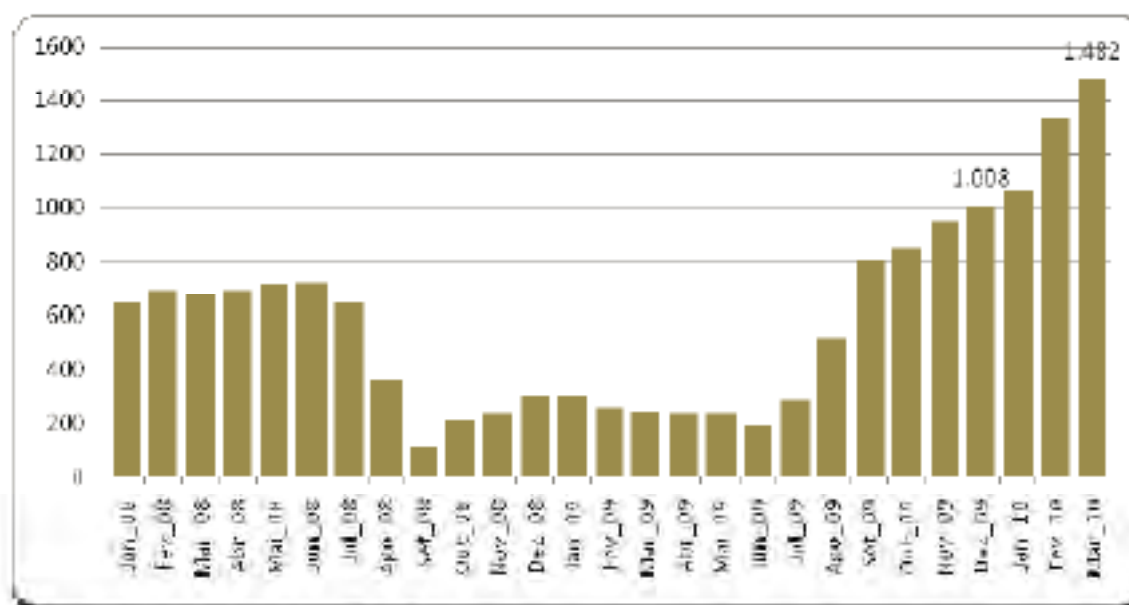
Fonte: CAGED-MTR. Elaboração própria.

O período de maior corte do emprego no segmento têxtil antecedeu a crise financeira internacional. O corte de emprego, todavia, na série de saldo acumulado no acumulado de doze meses manteve-se elevado até junho de 2009. De julho em diante, iniciou-se uma trajetória de contratação no segmento, fazendo com que, na virada para o ano de 2010, o saldo de emprego em doze meses tenha assumido valores positivos e crescentes.

Entre todos os segmentos produtivos, a fabricação de calçados em Sergipe foi o que apresentou a maior oscilação no emprego no período recente. Assim como o setor

têxtil, o período de corte antecedeu a crise financeira internacional, pelos mesmos fatores: a concorrência com a produção asiática e o câmbio valorizado que retiraram competitividade da produção brasileira. A crise internacional, todavia, concorreu para agravar o cenário setorial. O Gráfico V-11 mostra a evolução do saldo do emprego formal no setor de calçados e couro.

Gráfico V-11: Sergipe: Saldo do emprego formal na indústria de calçados e couro, 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses



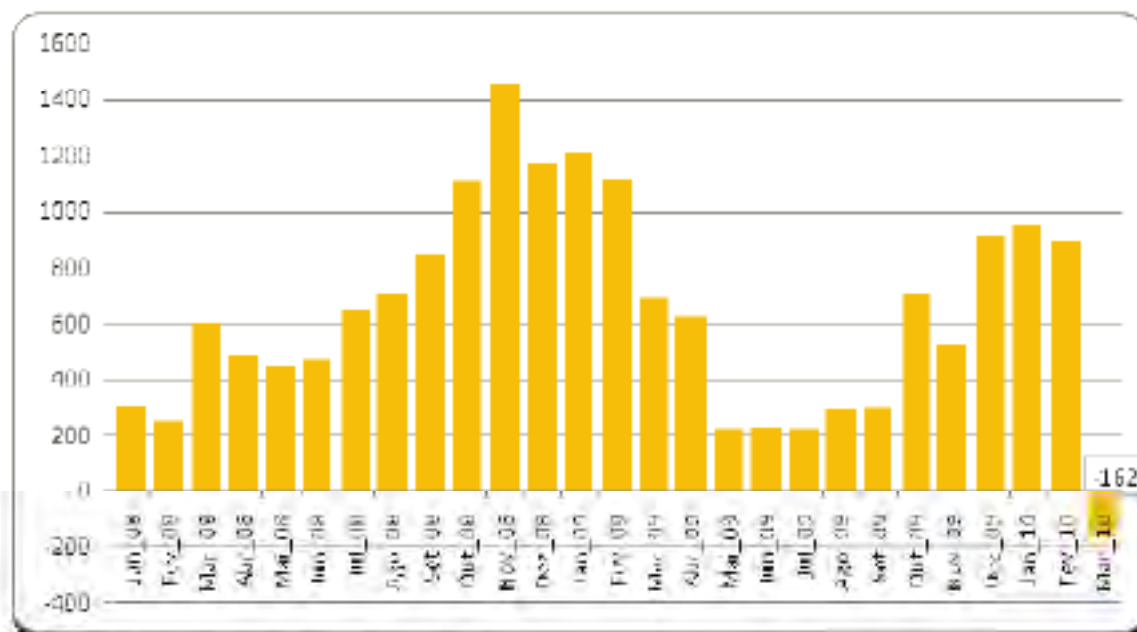
Fonte: CAGED-MTE. Elaboração própria.

Em Sergipe, entre dezembro de 2008 e julho de 2009, foram registrados cortes mensais de emprego no setor de calçados. A partir de julho de 2009, com o aquecimento no mercado interno e a adoção de medidas de penalização da concorrência desleal, verificou-se uma reativação do emprego no setor, com a abertura de novas linhas de produção. Ao final de 2009, o setor de calçados havia gerado 1.008 postos de trabalho na economia sergipana, o que representava 44% do emprego anual criado pela indústria de transformação. Com os novos e expressivos investimentos realizados, a fabricação de calçados passou a apresentar participação das mais importantes no total de emprego da indústria sergipana.

No caso da indústria de alimentos e bebidas, que abrange um número expressivo de subsectores na economia sergipana, a evolução do emprego sofreu forte retração diante a

crise financeira. Isto se fez notar não apenas na produção de suco de laranja, como também na fabricação de outras bebidas. Entre dezembro de 2008 e maio de 2009, combinaram-se o forte impacto da crise econômica sobre o setor de alimentos e bebidas com os cortes de emprego relativos à sazonalidade da produção sucroalcooleira. O Gráfico V-12 apresenta a evolução do saldo do emprego formal no setor de alimentos e bebidas.

Gráfico V-12: Sergipe: Saldo do emprego formal na indústria de alimentos e bebidas, 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses.



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração própria.

Na série de empregos gerados em doze meses, após um forte incremento do emprego ao longo do ano de 2008, iniciou-se em dezembro daquele ano, uma trajetória de resultados decrescentes até maio de 2009 e que permaneceram rebaixados até setembro de 2009. É importante destacar que, a partir de final de 2008, a trajetória do emprego na indústria de alimentos e bebidas se tornou mais sensível aos efeitos sazonais, em função da implantação de novas indústrias no segmento sucroalcooleiro.

V.2.2.b Impactos nas cadeias voltadas a produtos minerais e químicos

No caso da fabricação de produtos minerais e químicos, que envolve cadeias produtivas importantes do estado como petróleo e gás e fertilizantes, além da cadeia produtiva

de cimento, os efeitos da crise foram também significativos. O conjunto dessas atividades compõe aquilo que se costuma denominar de complexo minero-químico.

As atividades do complexo minero-químico de Sergipe foram muito atingidas pela mudança abrupta do cenário internacional no final de 2008. Parte expressiva da produção minero-química é de commodities, cujos preços, estabelecidos internacionalmente mesmo quando a produção é destinada ao mercado interno, tiveram suas cotações fortemente rebaixadas pela crise financeira internacional. Com a reversão do cenário e o fechamento das fontes internacionais de crédito no auge da crise, algumas empresas enfrentaram problemas de liquidez, que mais adiante foram atenuados pela oferta de financiamento de bancos públicos nacionais. É importante destacar que a combinação do rebaixamento das cotações com a diminuição da quantidade produzida nas principais atividades desse complexo resultou em importante redução das receitas governamentais a elas vinculadas, inclusive em Sergipe.

No caso do petróleo, a mudança no cenário internacional se refletiu no nível da produção de Sergipe. Com os investimentos realizados pela Petrobras na recuperação dos chamados campos maduros e, principalmente, a partir do segundo semestre de 2007, com a entrada em operação do Campo de Piranema, a produção de petróleo de Sergipe aumentou 33,2% entre 2002 e 2008.

A reversão do mercado internacional de petróleo atingiu fortemente a cotação do barril de petróleo a partir do segundo semestre de 2008. Foi intenso o reflexo dessa mudança no cenário mundial sobre o preço mensal de referência utilizado pela Agência Nacional de Petróleo- ANP para pagamento de royalties. Ao longo de 2008, este preço vinha se elevando até atingir US\$ 117,72 o barril, em julho. Em dezembro de 2008, a cotação de referência para os royalties, que seriam pagos em fevereiro de 2009, era de apenas US\$ 31,40.

Além dos efeitos da queda na cotação do produto, a atividade de petróleo de Sergipe sofreu a retração do quantitativo produzido a partir do final de 2008, em função de problemas enfrentados no campo de Piranema, somente recuperando-se, parcialmente, no segundo semestre de 2009. Depois de atingir seu pico, de 1,63 milhões de barris equivalentes de petróleo- bep, em julho de 2008, a produção caiu nos meses seguintes alcançando seu ponto mais baixo em fevereiro de 2009, 1,26 milhões

dep. A partir de julho de 2009, iniciou-se recuperação da produção, sem retomar, todavia, o patamar anterior à crise. O Gráfico V-13 apresenta o comparativo da evolução da produção de petróleo em Sergipe, no período 2008-2010.

Durante todo o ano de 2009, a produção mensal de petróleo de Sergipe permaneceu em patamar inferior ao do mês correspondente de 2008 até o mês de outubro, como mostra o Gráfico V-13. No acumulado de janeiro a dezembro, a produção de petróleo de Sergipe de 2009 se situou 6,4% inferior ao resultado de 2008, ainda que o resultado seja 3% superior ao da produção de 2007. A produção do primeiro trimestre de 2010 se mantém 0,7% acima do igual período de 2009 e 8,6 abaixo do resultado de 2008. Há perspectivas, todavia, de abertura de uma nova fase de ampliação da produção. A partir de março de 2010, três navios-sonda contratados pela Petrobras, segundo informações obtidas na entrevista com a empresa, estão prospectando petróleo no litoral sergipano.

Gráfico V-13: Sergipe: Produção de petróleo. 2008-2010. (Em mil Barris Equivalentes de Petróleo)



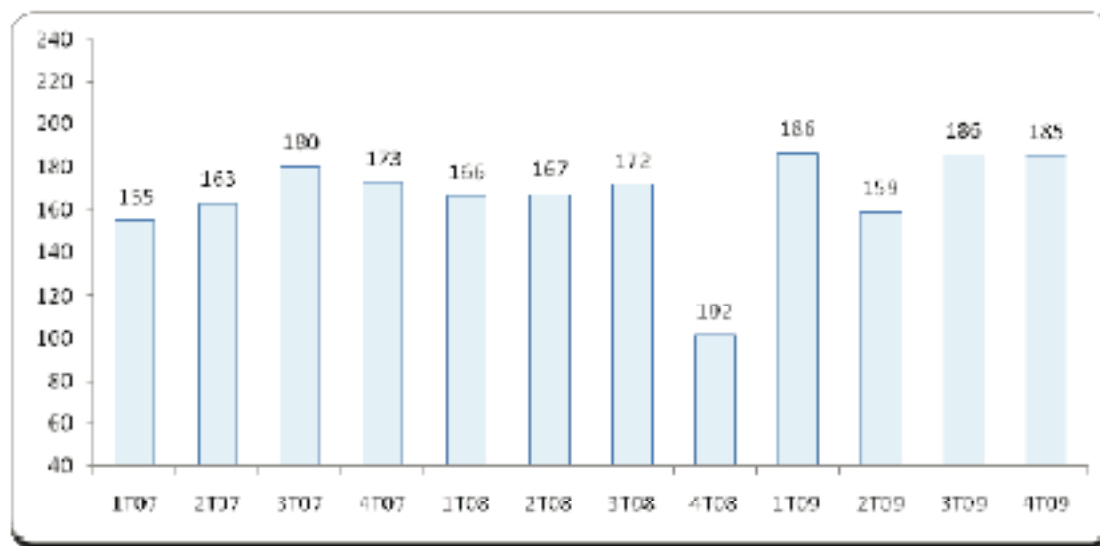
Fonte: ANP. Elaboração própria.

Como ocorreu na extração de petróleo, a produção de fertilizantes também foi atingida pela crise internacional, acompanhada de forte retração nos preços dos principais produtos. Em novembro de 2008, a Companhia Vale paralisou a produção de

potássio na mina Taquari-Vassouras, em Sergipe, por conta da necessidade de ajustar os estoques à forte retração internacional da demanda pelo produto.

Com isso, a produção de potássio do 4º trimestre de 2008 sofreu redução de 40,9%, em relação ao trimestre anterior e de 41,3%, na comparação com o 4º trimestre de 2007. A produção anual de potássio de Sergipe em 2008 ficou 9,6% abaixo do resultado de 2007, como se pode observar a partir dos dados apresentados no Gráfico V-14. No primeiro trimestre de 2009, o nível de atividade na mina Taquari-Vassouras havia se normalizado e nos períodos subsequentes manteve-se em patamar elevado. No acumulado de janeiro a dezembro de 2009, a produção de potássio de Sergipe superou em 13,7% o resultado do mesmo período de 2008 e se situa 2,8% acima do montante de 2007.

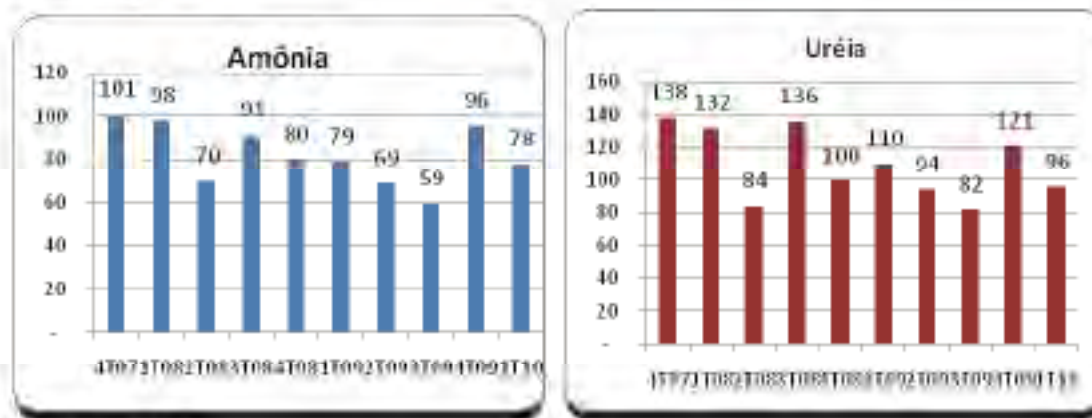
Gráfico V-14: Sergipe: Produção de potássio. 2008-2010. (Em mil toneladas)



Fonte: Vale

A produção de insumos para fertilizantes da Fafen – antiga Nitrofértil – não recuperou tanto no primeiro momento da crise quanto a retração de potássio da Vale. Mas manteve-se rebaixada por um período relativamente longo, somente se recuperando de forma mais consistente a partir do mês de setembro de 2009, como mostram os dados apresentados no Gráfico V-15.

Gráfico V-15: Sergipe: Produção de amônia e uréia. 2008-2010. (Em mil toneladas)



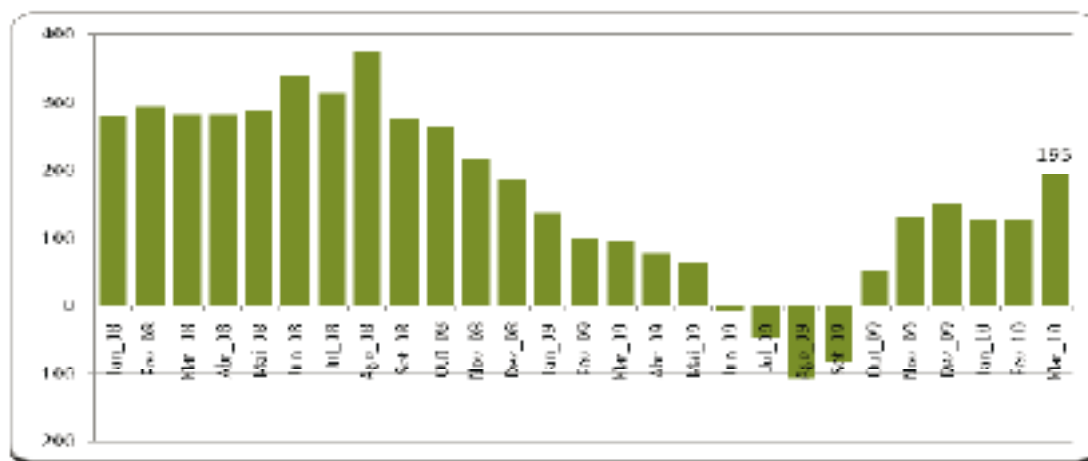
Fonte: SEBLAN-SIB

O período de maio a julho de 2009 foi o de queda mais acentuada. Até o mês de agosto de 2009, as quantidades produzidas acumuladas no ano de amônia e uréia resultaram, respectivamente, 23,2% e 21,2% abaixo da produção do mesmo período em 2008. Nos meses de setembro a novembro de 2009, no caso de amônia, e de outubro e novembro, no caso de uréia, a Fafen passou a produzir em níveis superiores aos dos mesmos meses de 2008, indicando uma recuperação consistente. Ainda assim, em relação a 2008, o ano de 2009 encerrou com recuo de 10,9 % na produção de uréia e de 9,8% na de amônia.

No primeiro trimestre de 2010, a produção da Fafen permaneceu rebaixada em relação a 2008 e 2009. A produção de amônia no primeiro trimestre somou 78 mil toneladas, frente 79 mil toneladas no primeiro trimestre de 2009 e 98 mil toneladas no primeiro trimestre de 2008. A produção de uréia resultou em 96 mil toneladas, no primeiro trimestre de 2010, frente a 110 mil toneladas no mesmo período de 2009 e 132 mil toneladas, em 2008. No início de 2010, foram anunciados importantes investimentos na empresa, abrindo perspectiva de ampliação significativa da produção nos próximos anos.

No caso das cadeias produtivas vinculadas à produção de minerais não metálicos, como a fabricação de cimentos e produtos cerâmicos, houve impactos também significativos com a reversão do cenário internacional, como ilustra o Gráfico V-16.

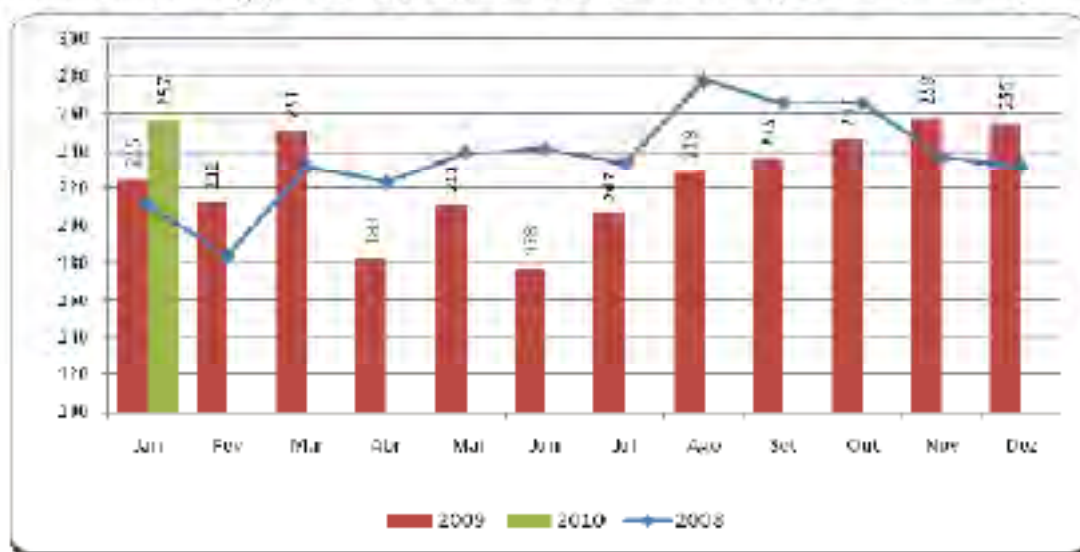
Gráfico V-16: Sergipe: Saldo do emprego formal na indústria de minerais não Metálicos. 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração própria.

Em setembro de 2008, teve início um longo período de corte do emprego neste segmento, somente interrompido em agosto de 2009. Na série de saldo acumulado de doze meses, o emprego gerado no setor declinou a partir de setembro de 2008 e chegou a registrar resultado negativo entre julho e setembro de 2009. A partir de outubro daquele ano, iniciou-se uma importante recuperação do nível da atividade do setor, em sintonia com a aceleração da retomada do crescimento brasileiro. Nesse quadro, é importante analisar o comportamento da produção de cimento em Sergipe, apresentada no Gráfico V-17.

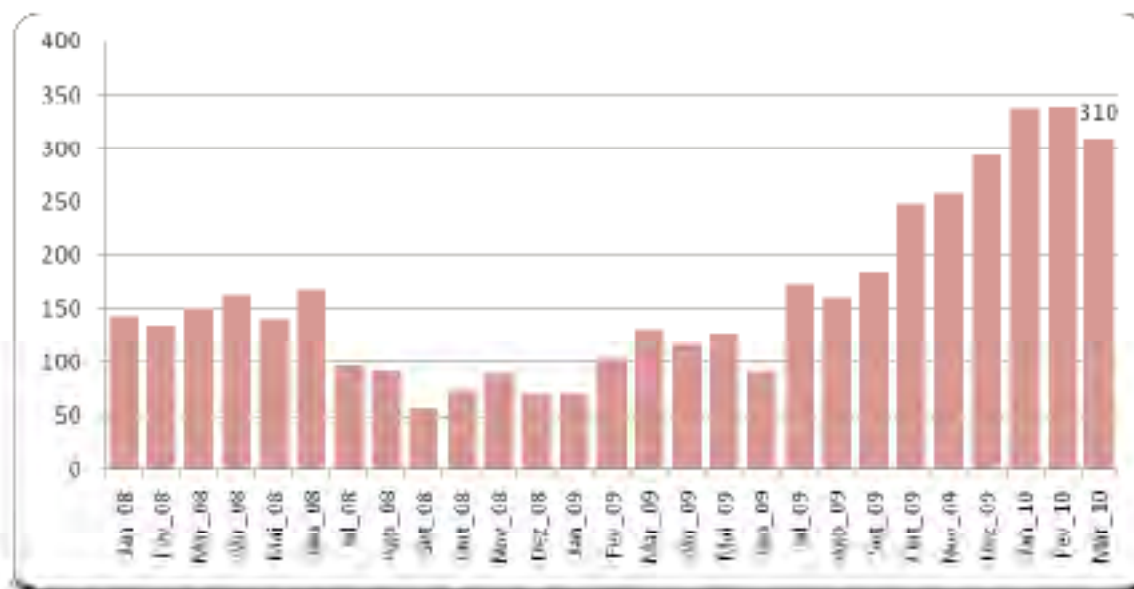
Gráfico V-17: Sergipe: Produção de cimento. 2008-2010. (Em mil toneladas)



Fonte: SNIIC

A produção de cimento de Sergipe começou a refletir o impacto da crise em outubro de 2008. A produção manteve-se relativamente rebaixada a partir de março de 2009, considerando as variações sazonais, mas de agosto de 2009 em diante registrou-se a retomada da produção de cimento, que passou a apresentar uma curva fortemente ascendente. Por fim, outra observação interessante refere-se à indústria química sergipana abrange o pólo de fertilizantes e a nascente cadeia produtiva de cosméticos e produtos de higiene, como destacado no Gráfico V-18.

Gráfico V-18: Sergipe: Saldo do emprego formal na indústria de produtos químicos, farmacêuticos e veterinários. Acumulado de 12 meses



Fonte: CAGED-MTR. Elaboração própria.

Sergipe tem recebido importantes investimentos no setor, com a implantação de novas empresas. Com isso, o saldo de emprego acumulado em doze meses refletiu de forma atenuada os impactos da crise financeira internacional. A partir de julho de 2009, a trajetória da série de empregos gerados em doze meses apresentou-se fortemente ascendente, indicando a ampliação da atividade no setor.

V.2.2.c Impactos na cadeia da construção civil

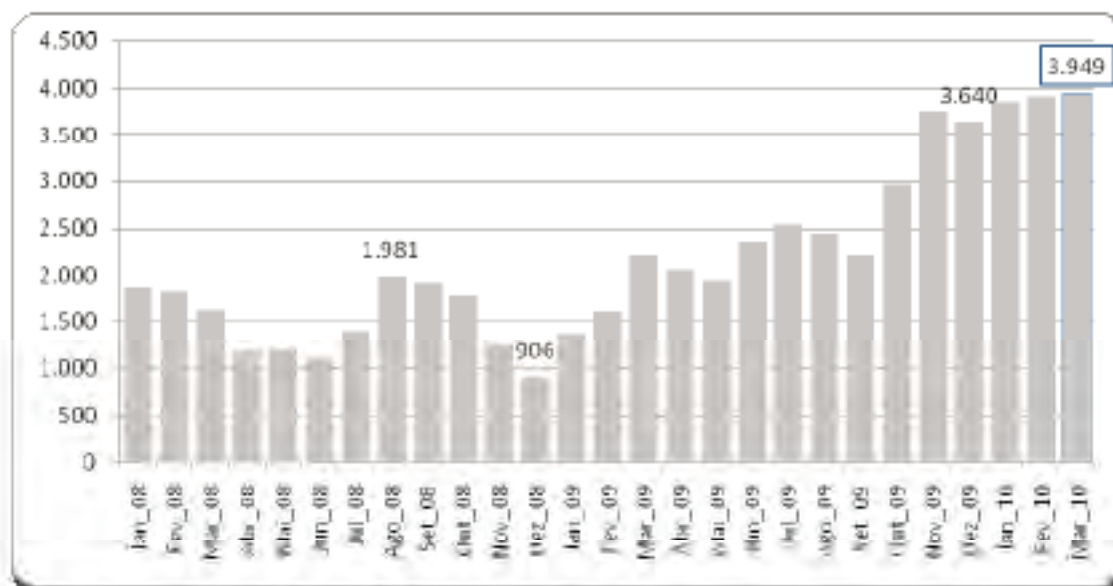
A indústria da construção civil em Sergipe foi relativamente menos atingida pelos efeitos da crise econômica do que os setores de atividade da indústria de

transformação. A crise financeira internacional teve origem no mercado imobiliário americano com o estouro da bolha de valorização de imóveis residenciais.

No Brasil, o mercado imobiliário também foi fortemente afetado pela contração do crédito e pela reversão das expectativas sobre a evolução dos preços dos ativos. Muitas empresas que estavam fortemente alavancadas no mercado financeiro enfrentaram problemas de liquidez diante da dificuldade de refinanceir suas operações e tiveram que rever os investimentos projetados. Em Sergipe, a construção civil também se ressentiu no final de 2008 da reversão nas expectativas e do aperto da liquidez. Com a mudança no cenário para o setor, grandes incorporadoras nacionais, que se preparavam para atuar no mercado sergipano, adiaram seus planos de investimentos.

A trajetória do emprego na construção civil sergipana durante a crise foi muito diferenciada em relação aos demais setores, como pode ser percebido a partir dos dados do Gráfico V-19. Esse segmento havia iniciado um ciclo de expansão robusta do emprego em 2007, com a criação de 1.809 novas vagas, quando em 2006 haviam sido gerados apenas 193 postos de trabalho.

Gráfico V-19: Sergipe: Saldo do Emprego Formal na Indústria da Construção, 2008 a 2010. Acumulado de 12 meses



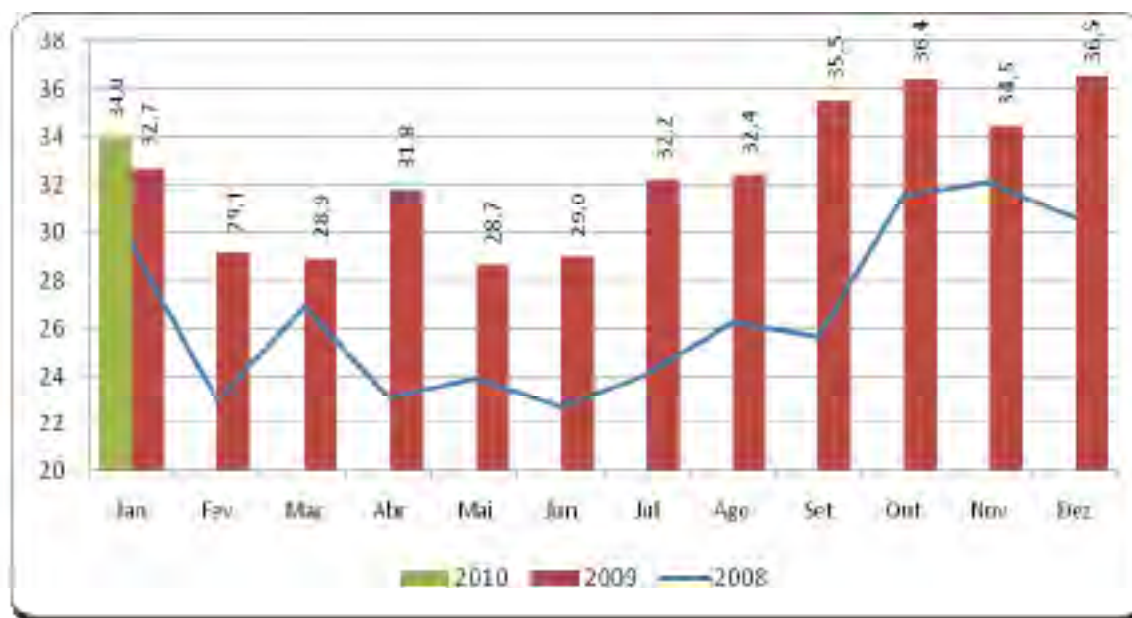
Fonte: CAGED- MTE. Elaboração própria.

No primeiro momento da crise financeira, o emprego na indústria de construção sofreu forte retração, particularmente nos meses de novembro e dezembro de 2008. Entre janeiro e outubro de 2008, na comparação com o mesmo período do ano anterior, o estoque de emprego na construção civil de Sergipe aumentou 8,5%, muito acima do resultado do total da economia sergipana, que no mesmo período havia crescido 5,67%.

A situação começou a se inverter em novembro de 2008, quando o setor cortou 303 postos de trabalho, enquanto em novembro de 2007 haviam sido gerados 219 empregos. Em dezembro de 2009, o setor procedeu um forte corte de postos de trabalho (443), frente à redução de 89 vagas em dezembro de 2007. Na série de geração acumulada em doze meses, após o setor de construção ter registrado a criação de 1.981 empregos em agosto de 2008, e se manter em patamar elevado de geração de novos empregos, ainda que de forma descendente, em setembro e outubro, os meses de novembro e dezembro marcaram o período de maior crise no emprego setorial.

A trajetória recente do emprego na construção civil em Sergipe foi marcada, também, pela força de sua recuperação e, principalmente, pela sua expansão acelerada a partir do mês de junho de 2009. Já no início de 2009, o setor voltou a empregar, revendo o corte excessivo do final do ano anterior.

A partir de meados do ano, estimulada pela manutenção dos investimentos em infraestrutura no estado e pelo programa habitacional, Minha Casa, Minha Vida, iniciou-se uma trajetória fortemente ascendente do emprego no acumulado de doze meses do setor em Sergipe. A criação de novas vagas a partir de junho superou a dos mesmos meses de 2007 e de 2008, com exceção do mês de setembro. Ao final do ano, haviam sido gerados 3.640 novos postos de trabalho no setor. Um dado que ilustra o comportamento da construção civil é o consumo aparente de cimento, apresentado no Gráfico V-20.

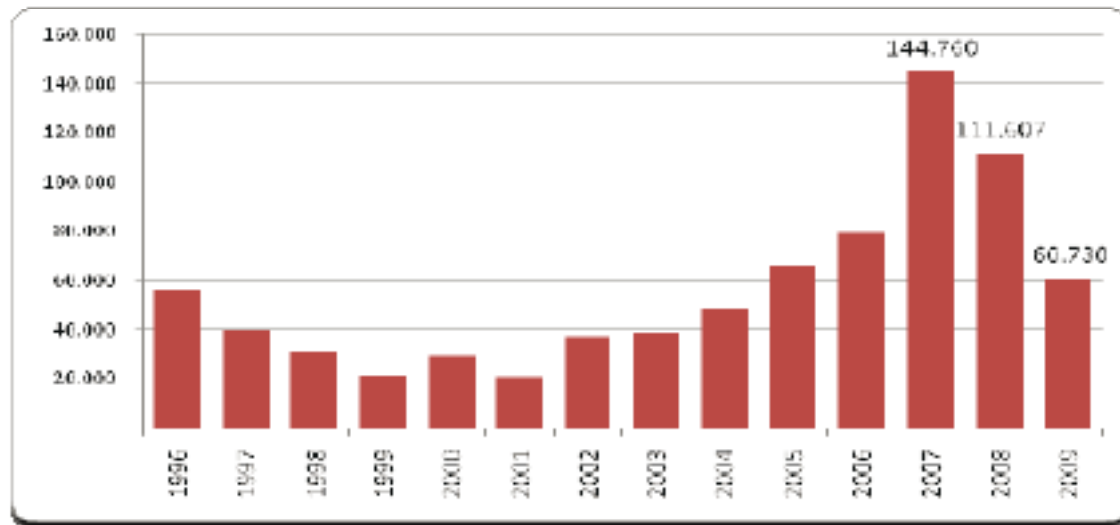
Gráfico V-20: Sergipe: Consumo aparente de cimento. 2008 a 2010. (toneladas)

Fonte: SNEC.

A evolução do consumo aparente de cimento em Sergipe, diferença entre a produção local e a parte destinada aos mercados de fora do estado, em 2009, foi menos exuberante do que o crescimento do emprego na construção, mas se manteve positiva, apesar da crise. A partir do mês de setembro de 2009 o consumo aparente de cimento mudou para patamar mais elevado. Ao final do ano, esse consumo havia atingido 405 mil toneladas, frente ao consumo de 388 mil toneladas de 2008, taxa de incremento de 4,5%.

V.2.3 Impactos sobre o comércio exterior

A crise financeira interrompeu a trajetória ascendente das exportações sergipanas iniciada em 2004. O auge das exportações anuais ocorreu em 2007, com o valor das vendas externas atingindo US\$ 144,8 milhões, US\$ frente a 39,9 milhões em 2003, um incremento de 162,9% no período. Em 2008, as exportações alcançaram ainda um valor expressivo ainda que 23% abaixo do resultado do ano anterior. Em 2009, as exportações somaram US\$ 60,7 milhões, queda de 46%, retornando a patamar próximo ao de 2005. Isso está apresentado no Gráfico V-21.

Gráfico V-21: Sergipe: Exportações Anuais, 1996-2009 (em mil US\$)

Fonte: MDIC-Sersex.

Vários dos principais setores exportadores de Sergipe sofreram retração acentuada das vendas externas na comparação entre 2008 e 2009, como a exportação de suco de laranja (-57%), cimento (-67%), calçados e couro (-47%) e tecidos e confecções (-11%). O setor açucareiro foi a única exceção, entre os setores de maior peso na pauta exportadora. Isso está mostrado no Gráfico V-22.

Enquanto os segmentos de cimento, calçados e tecidos e confecções recuperaram o nível de atividade ao longo de 2009, estimulados pelo crescimento da demanda do mercado interno, o setor citrícultor não contou com essa alternativa. No primeiro quadrimestre de 2010, as exportações de suco de laranja atingiram US\$ 7,7 milhões, 30% acima do resultado do mesmo período de 2009, mas ainda 63% abaixo do valor de 2008.

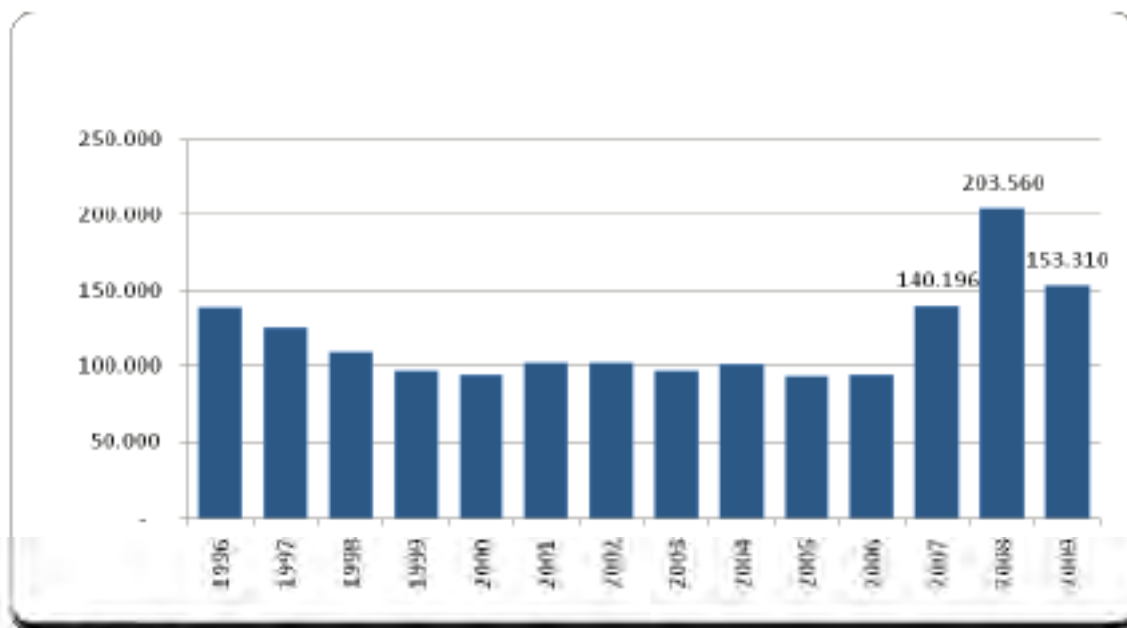
Gráfico V-22: Sergipe: Taxa de crescimento das exportações anuais. 2008 a 2009. Produtos selecionados. (em %)



Fonte: MDIC-Sersex

As exportações de janeiro a abril de 2010 somaram US\$ 20,3 milhões, 2,4% abaixo dos US\$ 20,8 milhões do primeiro trimestre de 2009, e 58,5% inferior ao resultado do mesmo período de 2008. A trajetória das importações de Sergipe não foi tão ascendente quanto a das exportações no período 2004-2008, como mostra o Gráfico V-23.

Gráfico V-23: Sergipe: Importações anuais. 1996-2009 (em mil US\$)



Fonte: MDIC-Sersex

Somente em 2007 registrou-se forte incremento a partir de 2007. As importações sergipanas de 2008, diferentemente do comportamento das exportações, superam o resultado de 2007, US\$ 203,6 milhões e US\$ 140 milhões, respectivamente. Em 2009, como resultado da crise financeira, elas se retraíram 24,7%, para US\$ 153, 3 milhões.

No primeiro quadrimestre de 2010, frente ao aquecimento da atividade econômica no mercado interno, as importações sergipanas somaram US\$ 57,4 milhões comparativamente a US\$ 52,6 milhões do mesmo período de 2009, crescimento de 9,1%, e US\$ 53,8 milhões de 2008.

Os dados analisados mostram que a crise financeira afetou significativamente o desempenho positivo da economia sergipana, embora o estado tenha sido bem menos afetado do que a economia brasileira. A taxa de crescimento da economia sergipana caiu de 5,5%, em 2008, para 2,7%, em 2009, enquanto na economia nacional a taxa de crescimento caiu de 5,1% para -0,2%, no mesmo período. Os dados de geração de empregos confirmam essa tendência.

A indústria em Sergipe, como no Brasil, também foi bastante afetada no período de crise. Durante todo o primeiro semestre de 2009 a economia sergipana esteve em declínio, apresentando redução considerável na geração de emprego na indústria. Somente no final de 2009, inicia-se a tendência de recuperação, o que é confirmado pelos dados de consumo de energia elétrica.

Nas atividades industriais relacionadas à produção de bens de consumo, a crise agrava o declínio que já vinha sendo observado nas atividades da cadeia de têxtil e confecções e na indústria de calçados. Esses segmentos já vinham sofrendo com a concorrência asiática e com o câmbio valorizado. No caso da cadeia de alimentos e bebidas, houve forte retração na geração de empregos, sobretudo na produção de suco de laranja.

Nas atividades vinculadas ao complexo minero-químico, os impactos da crise também foram sentidos. No caso do petróleo, houve uma retração da produção, motivada pela redução nos preços internacionais do produto. No caso da produção de fertilizantes, houve também retração um pouco mais forte da produção, motivada retração dos preços internacionais e da demanda. Na indústria do cimento, a produção de cimento esteve rebaixada no estado durante praticamente todo o ano de 2009.

Ao contrário dos demais segmentos, a indústria da construção civil apresentou uma tendência crescente na geração de empregos desde o primeiro semestre de 2009, motivada pelos programas federais e estaduais, que mantiveram aquecida a demanda do setor, tanto em obras de infraestrutura como no segmento de habitações populares.

Por fim, nos segmentos voltados à exportação, houve um efeito negativo considerável da crise. Vários dos principais setores de Sergipe sofreram retração acentuada das vendas externas na comparação entre 2008 e 2009, como a exportação tecidos e confecções (-11%), calçados e couro (-47%) de suco de laranja (-57%) e cimento (-67%). O impacto menos intenso da crise sobre a economia sergipana, quando comparada à economia brasileira, pode estar relacionada ao fato de haver um maior grau de abertura econômica de Sergipe, quando comparado ao Brasil.

V.3 Percepção da Crise nos Principais Setores de Atividade da Indústria Sergipana

A avaliação dos impactos sobre a economia sergipana em decorrência da crise financeira internacional envolveu, além dos dados apresentados na seção anterior, a percepção dos empresários atuantes nos respectivos segmentos produtivos da economia sergipana. Foi considerado ainda o ponto de vista dos organismos responsáveis pela gestão do desenvolvimento industrial no estado.

De maneira geral, pode-se apreender do conjunto deste material qualitativo que, como avaliou um dos entrevistados, “a crise repercutiu no estado, porém com menos intensidade do que havia sido esperada”. Nesse plano pode-se argumentar que, na medida em que o perfil da economia industrial sergipana não é marcadamente exportador, alguns ajustes de estratégias de produção e de mercado nos diversos segmentos industriais permitiram atravessar o período da crise com expectativa atenuação dos efeitos esperados.

A avaliação feita pelos segmentos públicos envolvidos com o desenvolvimento industrial do estado indica que os segmentos industriais mais atingidos foram aqueles com fortes ligações com o exterior. Entre estes, destacam-se as empresas de suco de laranja, as quais foram atingidas mais diretamente, pois tendo estoques naquele momento muito elevados, tiveram enormes dificuldades para fazer frente às dificuldades de exportação. Da mesma forma, na avaliação destes

segmentos públicos, a indústria do cimento teve fortes consequências em termos da queda do volume exportado, originalmente destinado principalmente aos Estados Unidos.

As avaliações feitas pelos organismos governamentais de planejamento estadual, que monitoram regularmente as atividades de comércio exterior das empresas sergipanas, ilustram o desempenho do estado. As exportações sergipanas, no contexto da região Nordeste, tiveram forte redução durante o período da crise, considerando-se que houve redução de 1,1% do volume total exportado pela região, no período anterior à crise, para 0,09% deste total e, nos primeiros meses de 2009.

De acordo com as informações dos entrevistados, os setores têxtil e calçadista também atravessaram momentos difíceis diante da crise, devido principalmente à concorrência com os produtos importados da China e à retração dos mercados europeu e americano. Em função disso, segundo os gestores públicos entrevistados, esses setores tiveram que receber uma atenção diferenciada. Houve assim redução do recolhimento tributário de seus produtos, de forma a garantir compromissos de evitar a redução de pessoal ou de volume de produção.

Outra informação importante revelada pelos entrevistados refere-se ao fato de que algumas empresas do segmento da construção civil estavam, no período que antecede à crise, em fase final de um processo de conversão em sociedades de capital aberto. A crise financeira internacional, ao gerar um cenário de dívidas e confiabilidade, praticamente suspendeu este processo. Mas além desses elementos relacionados à retração de mercado doméstico e à redução do comércio exterior, outros fatores foram destacados, conforme resume o Quadro V-1.

Quadro V-1: Sergipe: Impactos da crise de 2008 e fatores mitigadores

Impactos da crise	Fatores mitigadores
Retração de mercado e de volume de produção	- Ajustes de estratégias empresariais
Redução do comércio exterior	- Novas estratégias e novos mercados nacionais
Redução da arrecadação tributária e das transferências governamentais, redução da receita de royalties	- Redução de despesas de custeio do governo, mas mantendo investimentos prioritários; - Captação pelo governo de recursos externos
Menor disponibilidade de crédito internacional	- Execução dos programas PEF I, PCPR e Sergipe Cidades - Ações governamentais para ampliação do crédito nos bancos públicos

Fonte: Elaboração própria, a partir de entrevistas com empresários e gestores públicos de Sergipe, 2010.

Um dos fatores relevantes destacados no Quadro V-1 está associado à disponibilidade de crédito durante a crise financeira internacional. Poderia ter ocorrido um fechamento do mercado de crédito para o setor industrial sergipano, não fosse a intervenção rápida e direta do governo e dos bancos públicos (federal e estadual), garantindo e qualificando a oferta de crédito. Isso permitiu a segurança para a continuidade das atividades industriais sem grandes oscilações nos seus volumes de produção, de emprego ou mesmo do plano de investimentos.

No que concerne aos impactos da crise nas finanças públicas do Estado, foi possível perceber, a partir das entrevistas com gestores públicos, uma avaliação de que, apesar de relativas oscilações em pontos específicos, não foram percebidos grandes problemas ou soluções de descontinuidade na gestão das políticas e programas dos governos federal e estadual. Neste plano, registre-se que, em 2008, o governo possuía uma boa reserva financeira oriunda da própria arrecadação estadual e dos convênios com o governo federal.

Deve-se considerar, contudo, que o governo estadual teve uma perda de arrecadação no primeiro bimestre de 2009, em torno de R\$ 50 milhões. E, em relação ao mesmo período de 2008, deixou de arrecadar algo em torno de R\$ 130 milhões. Nessas condições, as atividades e investimentos que estavam planejados e com fonte de recursos assegurada continuaram, mas novos investimentos tiveram que ser temporariamente adiados. Este quadro começa a ser revertido a partir do final do ano de 2009, quando se observa a retomada dos projetos e investimentos previstos.

De maneira geral, do ponto de vista dos segmentos empresariais entrevistados, pode-se perceber uma avaliação semelhante àquela feita pelos gestores públicos em relação às políticas e programas de desenvolvimento industrial no Estado. Ou seja, a crise econômica repercutiu de maneira diferenciada e específica entre os vários setores industriais. Nos setores que apresentam maiores interações com o mercado exterior – seja por suas vendas de produtos ou por compras de matérias-primas – é onde os impactos puderam ser sentidos em maior proporção.

Nesse sentido, dentre os segmentados industriais entrevistados vale a pena destacar, seja pela importância em relação ao PIB industrial ou por alguma

especificidade do mesmo em relação à esta tendência geral da indústria de Sergipe, os casos dos setores: petróleo e gás, alimentos, calçados, cimento e construção civil. O Quadro V-2 resume estas informações.

Quadro V-2: Sergipe: Impactos da crise de 2008 em setores selecionados

Setores de Atividade	Intensidade da crise	Estratégias Percebidas
Petróleo e Gás	Moderada	Ampliação dos Investimentos
Fertilizantes	Moderada	Redução de estoques e diminuição do ritmo de produção
Têxtil e Confecções	Forte	Atração de Incentivos Governamentais para redução dos Custos
Calçados	Forte	Verticalização de fases da produção
Alimentos e bebidas	Forte	Investimentos em manutenção dos estoques
Cimento	Moderada	Redirecionamento da produção para mercado doméstico
Construção Civil	Fraca	Ampliação do crédito em bancos públicos

Fonte: Elaboração própria, a partir de entrevistas com empresários e gestores públicos de Sergipe, 2010.

Em termos dos relatos dos dirigentes empresariais do segmento de petróleo e gás em Sergipe, foi possível apreender que a crise não produziu fortes efeitos diretos. Medidas e estratégias de redução dos custos de produção permitiram manter neste período o volume de produção de petróleo estável, em relação a 2008. Foi mantida ainda a realização dos investimentos previstos no setor. Registre-se ainda que, a descoberta e consolidação da exploração de petróleo da camada do Pré-Sal, contribuíram para reduzir possíveis impactos da crise ou mesmo dos impactos da tendência recente da diminuição do preço do barril de petróleo, mantendo economicamente aquecido o segmento.

No segmento produtor de calçados, os impactos da crise puderam ser mais fortemente sentidos. Neste segmento, como relatam os dirigentes, a crise desacelerou o comércio internacional, reduzindo as vendas de calçados no exterior, gerando enormes volumes de estoque e redução no emprego. Com a crise, houve uma redução imediata de aproximadamente 50% nas vendas do segmento. A reação das empresas consistiu, num primeiro momento, para evitar gargalos maiores, na continuidade da produção, com aumento dos estoques, mesmo com as dificuldades de importação de matéria-prima.

Para fazer frente a estes problemas e ocupar a mão-de-obra ociosa, pois os estoques de produtos acabados estavam elevados, foram adotadas estratégias de readequação dos mercados e, principalmente, internalização de atividades antes realizadas em outros segmentos da cadeia produtiva. Estas medidas permitiram combater os reflexos da crise e, no final das contas, significaram, ainda no ano de 2009, o restabelecimento do crescimento do segmento, aumentando a produção e ampliando o volume de pessoal ocupado.

No caso da indústria de alimentos, segundo o testemunho dos empresários, as repercussões da crise também foram fortes e levaram a uma queda do volume de vendas em torno de 20%, no final de 2008. No setor de sucos deste segmento, com fortes vínculos com o mercado europeu e americano, o impacto foi ainda maior, reduzindo em torno de 80% o seu faturamento. Neste caso, foram as dificuldades na obtenção de crédito internacional para a aquisição dos produtos exportados pelo segmento que levaram a esta significativa retração das vendas. A produção, reduzida no período da crise, não retornou, até o presente momento, aos patamares anteriores, ao menos no nível do emprego.

Em relação à indústria do cimento, na medida em que possuía fortes vínculos com o mercado externo, em termos de importação e de exportação, os impactos poderiam ter sido bastante fortes. Em relação ao primeiro item, na produção do cimento, o consumo de coque de petróleo importado representa em torno de 30% dos seus custos de produção. E em relação às exportações, o segmento destinava aproximadamente 20% de sua produção para o mercado exterior, principalmente para os Estados Unidos. Os relatos dos dirigentes industriais dão conta, contudo, de que mudanças nas estratégias de mercado, redirecionando a produção a novos mercados nacionais, fizeram que o segmento atravessasse o período de crise amenizando as reduções no volume de produção e no emprego.

Do ponto de vista da indústria da construção civil, os relatos dos dirigentes revelam que as adequadas políticas, programas e fomento dos agentes públicos possibilitaram a minimização e diluição dos efeitos da crise. No que concerne ao crédito

– importante “insumo” do segmento, tanto para a produção como para o acesso dos consumidores às vendas –, a imediata escassez e cautela por parte do setor bancário em realizar financiamentos trouxe enormes problemas de continuidade aos seus projetos, colocando em risco o processo de crescimento da produção que vinha se verificando nos últimos anos. Nesta conjuntura, segundo os entrevistados, as ações governamentais foram extremamente eficientes, ampliando, através de programas e bancos oficiais, a faixa de potenciais clientes do segmento e de financiamento dos imóveis. Estas medidas fizeram com que os efeitos da crise pudessem ser enfrentados pelas empresas do setor, sem modificar ou afetar seus volumes de produção, emprego ou mesmo dos planos de investimentos previstos. Este foi o segmento produtivo industrial menos afetado pela crise em Sergipe.

De um modo geral, a percepção dos empresários e gestores públicos entrevistados estão bastante próximas do que apresentam os dados analisados na seção anterior, seja em relação ao impacto da crise nos diversos segmentos industriais, seja em relação à observação de que foram mais afetados pela crise aqueles setores que tinham maior vinculação com mercados externos.

Nesse sentido, os setores industriais que foram fortemente impactados pela crise financeira foram aqueles voltados à produção de bens de consumo, como têxtil e confecções, calçados e alimentos e bebidas. O efeito moderado da crise foi sentido nos segmentos industriais vinculados ao complexo minero-químico, como petróleo e gás, fertilizantes e cimento. Por fim, o efeito mais fraco da crise foi percebido no segmento da construção civil, que foi incentivada por programas governamentais de incentivo a esse segmento.





VI PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA SERGIPANA

Uma vez realizada a discussão sobre os efeitos da crise econômica recente na economia brasileira, assim como seus impactos na economia sergipana e, especialmente, no setor industrial, nos seus principais eixos produtivos e no comércio exterior, cumpre, no texto que se segue realizar uma análise das perspectivas de desenvolvimento da indústria sergipana, tentando evidenciar os gargalos e obstáculos mais significativos nesse processo, assim como os investimentos com maior potencial de estruturação do setor e, a partir desses elementos, traçar as oportunidades mais gerais que podem ser vislumbradas.

Para tanto, foram sistematizadas as perspectivas de desenvolvimento do setor, utilizando-se sempre da análise dos dados secundários, feita até então, e das entrevistas e percepções reveladas pelo empresariado industrial sergipano e pelos gestores públicos implicados nesta questão.

VI.1 Principais Gargalos para o Desempenho Futuro da Indústria Sergipana

Por ocasião das entrevistas procurou-se ressaltar o conjunto de fatores que poderiam ser considerados obstáculos, estrangulamentos ou gargalos à continuidade e à expansão das dinâmicas econômicas em curso na economia industrial sergipana. A partir disso, procurou-se sistematizar o debate entre as questões problemáticas levantadas pelo segmento empresarial nesse sentido e o ponto de vista dos gestores públicos e das empresas de apoio ao desenvolvimento a respeito dos problemas suscitados. Desta articulação foi possível sistematizar o quadro abaixo, o qual resume as informações que serão discutidas mais detalhadamente logo a seguir.

Assim, como se observa no Quadro VI.1, no que concerne à avaliação feita pelos empresários, o elemento que pode ser considerado um grande obstáculo ao desenvolvimento de diversos dos segmentos industriais sergipanos é a questão da infraestrutura, a qual, dependendo das especificidades do segmento que está se tratando, assume a forma de portos, estradas, ferrovias, comunicações, disponibilidade energética etc.

Naqueles segmentos onde a questão dos transportes – seja das matérias-primas ou dos produtos finais – é um importante elemento do custo final, avalia-se que a inexistência de transportes intermodais no estado, articulando portos, ferrovias e estradas de rodagem, dificulta as estratégias de competitividade e o acesso a novos mercados de fornecedores ou consumidores.

As melhorias na infraestrutura portuária ou na revitalização na malha ferroviária do estado poderiam, portanto, representar a superação de importantes obstáculos ao crescimento e à expansão de diversas atividades. Nas entrevistas, este foi o caso relatado pelos empresários do segmento de cerâmica, de revestimentos cerâmicos, de cimento, de açúcar e álcool, alimentos, entre outros.

Quadro VI-1: Sergipe: Principais fatores condicionantes do desenvolvimento industrial (2010-2015)

Questão Principal	Fatores Condicionantes	Principais cadeias produtivas Impactadas	Encaminhamentos percebidos
Infraestrutura de transporte	<ul style="list-style-type: none"> •Inexistência de transportes intermodais, articulando portos, ferrovias e estradas. •Restrição do porto •Custo do transporte 	<ul style="list-style-type: none"> •Cimento •Cerâmica •Têxtil •Naval • Açúcar e Álcool •Alimentos etc. 	<ul style="list-style-type: none"> •Transporte rodoviário com boa malha e bom estado de conservação •Transporte ferroviário com problemas estruturais e de difícil solução no médio prazo •Transporte aéreo sendo encaminhado no médio prazo
Infraestrutura energética	<ul style="list-style-type: none"> •Limites de oferta economicamente viável de energia elétrica em horários de ponta •Limites de oferta de gás natural (rede de distribuição) 	<ul style="list-style-type: none"> • Calçados • Alimentos • Cerâmica •Têxtil •Cimento •Extrativo-Mineral 	<ul style="list-style-type: none"> •Incorporação de novas fontes energéticas •Negociações tarifárias •Entrada em Operação de Gasoduto Sudeste-Nordeste de distribuição de gás •Investimentos previstos da Petrobras e Sergás
Perfil e qualificação da mão de obra	<ul style="list-style-type: none"> •Insuficiência de oferta de mão de obra qualificada 	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentos • Cerâmica • Têxtil •Extrativo-Mineral •Petróleo e Gás •Calçados 	<ul style="list-style-type: none"> •Nova concepção dos Distritos Industriais – 3 unidades instaladas •Instalação de Centro de Vocação Tecnológicas •Reformatação da estrutura e pedagogia dos cursos do SENAI •Valorização dos cursos SENAI itinerantes nas empresas •Ampliação da oferta de cursos superiores
Oferta de crédito	<ul style="list-style-type: none"> •Custo das operações (juros altos), elevando o custo de produção 	<ul style="list-style-type: none"> • Calçados • Têxtil • Extrativo-Mineral 	<ul style="list-style-type: none"> •Ampliação da oferta de crédito em bancos públicos •Aumento da oferta de incentivos locacionais para compensação
Proteção ambiental	<ul style="list-style-type: none"> •Morosidade nos processos de licenciamento ambiental dos projetos 	<ul style="list-style-type: none"> •Diversas 	<ul style="list-style-type: none"> •Instalação de escritório local de licenciamento ambiental

Fonte: Entrevistas com empresários e gestores públicos de Sergipe, 2010.

Em termos das ferrovias que atravessam o estado, a revitalização abrangeria a modernização e equipagem de todas as partes do processo de transporte, permitindo sua interligação à malha nordestina e brasileira: trilhos adequados ao padrão, estações de carga/descarga, vagões, locomotivas etc.

Em termos de estrutura portuária, o fato de ela ser pequena e de restringir suas operações com mercadorias de origem graneleira e não operar com contêineres fechados limita possíveis expansões de indústrias que necessitariam contar com essa infraestrutura e estabelece, até certo ponto, uma ociosidade de seu uso em determinados momentos, como se pode observar por ocasião da crise e o redirecionamento dos mercados consumidores da indústria de cimento (principal usuário do porto).

Sobre a infraestrutura em termos de estradas, embora a malha rodoviária estadual e federal tenha recebido atenção nos últimos tempos e se encontre em bom estado de conservação, os empresários encontram ainda muitas dificuldades nas estradas secundárias e vicinais, as quais tendo em vista a escassez de recursos municipais, são melhoradas por iniciativa de empresas diretamente interessadas ou mesmo do governo estadual. Nessa direção, se pode citar o convênio assinado recentemente entre o Estado de Sergipe e a Petrobras para a melhoria das condições de infraestrutura das rodovias sergipanas, no valor de mais de trinta e cinco bilhões de reais¹¹.

Outro condicionante importante da expansão industrial destacado foi a questão da disponibilidade energética. Do ponto de vista da energia elétrica, as observações colhidas reclamam da falta de incentivo ao consumo industrial em determinados horários de pico de consumo, pois a tarifa torna proibitivo seu uso. Economicamente, o uso da energia elétrica nestes horários, pelo forte acréscimo ao custo de produção que representaria, inviabiliza o planejamento e a adoção de novos turnos de produção por

¹¹ Conforme entrevista do gerente geral da UN-SEAL divulgada na imprensa sergipana, neste convênio, serão realizados as seguintes obras: restauração das rodovias SE-160 (antiga SE-102), no trecho entre os municípios de Divina Pastora e Sítio; SE-343 (antiga SE-426), no trecho entre os municípios de Rosário do Catete e General Maynard, e a restauração do acesso ao município de Rosário do Catete, no trecho entre a BR-101 e o município; SE-240, nos trechos, entre a SE-100 (município de Itahá) e o acesso ao município de Santa Amaro das Brotas, entre o acesso ao município e a SE-341 (Maruim), entre a SE-431 e a BR-101 (Maruim). Além disso, serão realizadas a construção de ponte e a reconfiguração geométrica da SE-160, no trecho do estreitamento com a SE-245 e a estrada do município de Riachuelo e o rejuvenescimento da pavimentação, da sinalização e da iluminação da rodovia SE-100, no trecho entre os municípios de Barra dos Coqueiros e Picamba.

exemplo, no setor de derivados de leite ou impõe estratégias com fontes energéticas próprias e complementares, como o caso da indústria de calçados.

No caso das grandes indústrias consumidoras de gás natural, os possíveis obstáculos à expansão poderiam surgir principalmente a partir dos limites da rede de sua distribuição. Nesse sentido, as informações obtidas junto aos responsáveis pela Petrobras em Sergipe, de certa forma, garantem o fornecimento da quantidade necessária para a ampliação de produção prevista pela indústria de fertilizantes e pela indústria extrativo-mineral no território do leste sergipano¹².

De toda forma, conforme avaliação da Sergás nesse sentido, as empresas localizadas na parte oriental do estado não têm acesso a possibilidade de comparar custos entre diferentes ofertas energéticas (elétrica e gás por exemplo), pois para a instalação dos gasodutos necessários interagem diversos fatores (licença ambiental, lucratividade da obra, margem liberada, produtividade etc.) que inviabilizam no curto prazo o empreendimento.

As questões que envolvem o perfil e a qualificação do mercado de trabalho industrial sergipano também foram ressaltadas como importantes fatores que podem condicionar o desenvolvimento do setor. A maior parte dos segmentos entrevistados, dentro de suas especificidades técnicas, relata as dificuldades na obtenção de mão de obra qualificada.

Estas dificuldades vão desde os postos de trabalhos mais simples, os ditos de chão de fábrica, até os mais complexos e que exigem maior formação profissional. Via de regra as empresas têm procurado suprir esta carência pela realização de processos internos de treinamento e capacitação de seus funcionários, ou pela articulação com os setores de apoio à indústria em Sergipe, como principalmente a FIES, o SENAI e o IEL. Mas, como os relatos indicam, estas estratégias não têm sido suficientes e, em muitos casos, a mão de obra necessária tem que vir de fora do estado¹³.

¹² A margem é liberada por órgão regulador e calculada segundo fórmula negociada entre a Petrobras e, no caso de Sergipe, a SERGAS.

¹³ Nesta questão, deve-se registrar como foi lembrado por um dos entrevistados, as dificuldades de contratação de mão de obra em Sergipe de deficientes físicos mais qualificados e, assim cumprir as exigências legais. Mesmo neste caso, a solução, em muitos casos, é trazer mão de obra de fora do estado.

Por outro lado, na avaliação dos empresários entrevistados, a disponibilidade de crédito para a realização dos investimentos não tem sido, e não deverá ser no médio prazo, um entrave à expansão dos diversos segmentos da indústria sergipana. Isso não significa que, os níveis atuais dos juros dos financiamentos não sejam um problema. No caso dos segmentos que sofrem concorrência direta dos produtos importados de países com forte incentivo à exportação, como os asiáticos por exemplo, as atuais taxas de juros, representam importante diferencial.

Outro fator condicionante destacado por diversos segmentos foram as questões que envolvem os processos de licenciamento ambiental para o desenvolvimento das atividades industriais. Conflitos de interesses, falta de padronização entre os procedimentos dos diversos órgãos públicos envolvidos, lentidão dos processos, exigência do uso de equipamentos onerosos, são algumas das dificuldades colocadas ao desenvolvimento pelas questões do licenciamento ambiental, na avaliação dos empresários.

Por outro lado, tendo o conhecimento destes fatores condicionantes, destacados pelos empresários, procuramos ainda obter, junto aos diferentes setores do apoio público ao desenvolvimento industrial, uma avaliação da questão. Essa avaliação permitiu entender melhor como os problemas estão sendo encaminhados – o que resultou nos elementos da última coluna do quadro anterior – e quais panoramas condicionantes estão sendo antevistos por estes agentes.

Assim destaca-se que, nos diversos segmentos dos setores entrevistados, a ausência de uma infraestrutura de transportes intermodais no estado – que pudesse articular mais de uma modalidade e possibilitar o aproveitamento das vantagens competitivas de cada um – é reconhecida como um importante gargalo ao desenvolvimento. Em termos da infraestrutura rodoviária, avalia-se que a malha é capaz de suprir as necessidades atuais de interligação do transporte e encontra-se, em seus segmentos federal e estadual, em bom estado de conservação.

As debilidades são reconhecidas na mobilidade ferroviária que, com padrões tecnológicos e estado de conservação deteriorados, encontra-se atualmente fora de operação e, com difíceis perspectivas de encaminhamento no curto prazo. Do ponto de

vista das atividades portuárias, a relativa ociosidade atual, devido às mudanças estratégicas de mercado da indústria cimenteira, até então principal usuário do porto, revelam os pontos de seu estrangulamento: dimensão e limite de operação.

Nas entrevistas foi possível perceber que, as ações necessárias à recuperação da atividade portuária de ampliação, de modernização e de adequação para operação com *containers* por exemplo, dificilmente poderão ser vislumbradas num horizonte de cinco anos. Quanto ao transporte aéreo, embora ainda seja pouco utilizado pelo setor industrial, as reformas e ampliações encaminhadas em seu terminal de carga permitirão às empresas sergipanas, no médio prazo, importantes operações de transporte.

No que concerne à questão da infraestrutura energética, as informações obtidas junto as empresas do setor permitem registrar as seguintes observações. As questões do volume da oferta de energia elétrica não são problemáticas para o curto prazo, tendo em vista já disponibilizar-se de bom volume e também poder-se contar, em breve, com a incorporação de novas fontes¹⁴ (operação do parque eólico e aquisição de energia produzida nas usinas).

O problema é no nível da tarifa cobrada nos horários de pico de consumo, inviabilizando a adoção de novos turnos de trabalho ou a colocação em operação de equipamentos e máquinas grandes consumidoras de energia pelo acréscimo do custo de produção e inviabilização de margens de preço competitivas. Tais questões se evidenciam em diversos segmentos, mas foram percebidos nas entrevistas, notadamente na Indústria de Calçados, na Indústria de Alimentos e na Indústria Têxtil e de Confecções.

Do ponto de vista da utilização da energia do gás natural, importante alternativa energética, o gargalo principal se coloca também ao nível de sua tarifa atual, mas principalmente na extensão de sua malha de distribuição no estado. Apesar destas questões não serem uma exclusividade sergipana, na medida em que

¹⁴ Poder-se-ia ainda considerar que, conforme o planejamento governamental, no longo prazo, a instalação de uma Usina Nuclear, seja em Sergipe ou nos estados vizinhos, aumentará exponencialmente a oferta de energia elétrica.

a estrutura de distribuição do gás natural no Brasil ainda é pequena diante das necessidades e que sua oferta sofre intervenção direta da empresa produtora – a Petrobras –, as limitações impostas por esse fator condicionante são relativamente incógnitas.

No que diz respeito à ampliação do volume disponível para operações da Sergás – empresa sergipana de capital misto criada para administrar a distribuição deste recurso natural no estado¹⁵ – segundo o aval fornecido pela Petrobras, não haverá nenhum problema para a elevação da oferta podendo atender, no curto prazo, as ampliações previstas, e em curso, dos segmentos da Indústria Cerâmica e de Revestimentos, Têxtil e, principalmente, Extrativo-Mineral. No médio prazo, no entanto, observa-se que os limites da malha de distribuição no interior do estado (além da zona da mata) inviabilizarão essa alternativa energética a diversos empreendimentos ali instalados.

Sobre o obstáculo “perfil e qualificação da mão de obra”, apontado pelos empresários industriais, percebeu-se que, mesmo que as soluções possam vir a ser mais efetivamente sentidas somente a partir do médio prazo, algumas ações importantes neste sentido já podem ser notadas. Todos os setores governamentais reconhecem a importância e a necessidade de aumentar a oferta de mão de obra qualificada para alimentar a atual estrutura da indústria sergipana, assim como sua expansão prevista.

De fato, a questão da qualificação e formação da mão de obra é permanentemente um fator desafiador. Nesse sentido, sempre foi – e o é constantemente – necessário aumentar os investimentos na qualificação da mão de obra. De maneira geral, o panorama que se pode vislumbrar em Sergipe, no horizonte de cinco anos; com a entrada plena em funcionamento de todas as políticas federais de expansão do ensino

¹⁵ A participação societária da SERGÁS é distribuída da seguinte forma: o estado de Sergipe (concessionária, indica o diretor-presidente) e possui 17% da empresa, a Petrobras (parte técnica, indica o diretor-técnico) e possui 41,5% do capital e a empresa privada Mitsui Investidor, indica o diretor-financeiro) e possui o restante dos 41,5% do capital.

superior e tecnológico que estão contratadas – Universidade Federal de Sergipe (UFS)¹⁶ e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), Programas PROUNI e UAB – associadas com os programas e projetos do governo do estado e com as demais políticas de serviços e de consolidação do ensino técnico nos diferentes territórios¹⁷ é de uma melhoria expressiva da questão e de efetivo apoio ao desenvolvimento industrial. Deve-se destacar ainda a atuação da Federação das Indústrias do estado - em seus segmentos do Serviço de Aprendizagem Industrial (SENAI)¹⁸ e de sua central de articulação com a estrutura educacional - o Instituto Euvaldo Lodi, com importantes contribuições ao setor público na superação deste obstáculo estrutural.

Nessa direção deve-se destacar também o projeto de criação dos Centros de Vocação Tecnológica (CVT'S). No planejamento do governo do estado, no médio prazo, haverá uma espacialização prevista de, ao menos, uma unidade por território no estado, o que deverá contribuir para a superação deste atual obstáculo.

Por fim, ligado ao aspecto educacional, e da formação de capital humano para o trabalho industrial em todas suas formas, é igualmente importante destacar que, no que tange o trabalho de pesquisa desenvolvido no estado, os indicadores mostram resultados frágeis, revelando uma associação bastante fraca entre a pesquisa tecnológica e o segmento empresarial-industrial.

¹⁶ Como se pode perceber na entrevista com um dos principais gestores da Universidade Federal de Sergipe, neste horizonte de cinco anos, mantido o atual ritmo de expansão e dinamismo nas atividades da instituição, com alguma certeza, poder-se-á contar com campi da Universidade Federal nos municípios de São Cristóvão (Aracaju), Itabaiana, Lagoinhas, Lagarto, Estância e Nossa Senhora da Glória.

¹⁷ O governo do Estado de Sergipe recentemente colocou em funcionamento duas importantes escolas técnicas, as quais, juntamente com as outras quatro em fase de construção, deverão entusiasmamente contribuir para sanar esse obstáculo.

¹⁸ De acordo com o dirigente principal do SENAI, na década passada, o curso técnico no Brasil estava abandonado, existindo a partir de uma tecnologia estranha e com, talvez por isso mesmo, com graves problemas de insuficiência de demanda. Assim, o SENAI, que antes trabalhava apenas com a formação da mão de obra industrial, recentemente passou a suprir algumas deficiências do ensino formal e começou a oferecer cursos técnicos de formação média e, mesmo cursos superiores e de pós-graduação.

VL2 Principais Investimentos Industriais Previstos em Sergipe

No que concerne aos investimentos previstos pelo conjunto das empresas, assim como os investimentos públicos que terão reflexos diretos no desenvolvimento industrial, as entrevistas revelaram interessantes elementos que poderiam ser agrupados, enquanto quais “investimentos estruturantes” que podem ser vislumbrados, pois sua execução deverá incitar o crescimento de diversas cadeias produtivas e dinamizar todos os segmentos associados. Nesse sentido, apresenta-se o Quadro VI-2, a seguir.

De maneira geral, os termos atuais do estatuto do Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial (PSDI) são avaliados como sendo bastante competitivos em relação a outros estados da região Nordeste e, por isso, continuamente a instalação de novos investimentos no estado é anunciada.

Em termos de um horizonte de cinco anos pode-se antever a realização de alguns ajustes no Programa de forma a introduzir alguns critérios de diferenciação dos incentivos oferecidos. Ou seja, diferentemente de hoje em que o redutor de tributação é linearmente concedido a todos os empreendimentos no âmbito do programa, a idéia seria de introduzir algumas diferenciações nessas concessões, como por exemplo por porte da empresa, por quantidade de emprego gerado, por grau de interiorização da localização, por capacidade de impactação na respectiva cadeia produtiva. Afinal, é no quadro dos incentivos locais oferecidos pelo Programa que a maior parte dos novos investimentos industriais de Sergipe deverá se efetivar.

De acordo com os dados amplamente divulgados, o PSDI, apenas neste ano de 2010, contabiliza a ampliação de três importantes plantas industriais nas cadeias produtivas de bebidas, metal-metânica, química e cosméticos. Além disso, existem neste momento, dezesseis plantas em implantação em todo o território estadual, com perfis produtivos bastante diversos.

Quadro VI-2: Sergipe: Investimentos industriais estruturantes (2010-2015)

Investimento Estruturante	Ação Principal	Principais cadeias produtivas impactadas	Estágio da Ação
Instalação de novas empresas atraídas pelo PSDI	• Concessão de incentivos locacionais	• Diversas	Em continuidade
Investimentos da Cadeia de Petróleo e Gás	• Investimentos da Petrobras e Sergás	• Petróleo e Gás • Metal-Mecânica • Serviços de apoio industrial	Em implantação
Grandes Obras Públicas (PAC1, PAC2 e Programas Habitacionais)	• Investimentos governamentais	• Construção Civil • Cimento	Em implantação, Investimentos contratados
Consolidação do Pólo Calçadista	• Ampliação de indústrias existentes • Instalação de novas empresas	• Calçados • Serviços de apoio industrial	Em implantação
Investimentos Agroindustriais	• Instalação de novas empresas	• Alimentos • Sucoalcooleira • Embalagens	Em implantação
Extrativo-mineral	• Ampliação da FAFEN • Nova Unidade da VALE	• Metal-mecânica, • Química e fertilizantes, • Serviços de apoio industrial, • Agropecuária	Em implantação
Novos Distritos Industriais	• Investimentos Governamentais	• Diversas	• 3 Unidades em implantação, • 6 unidades planejadas
Investimentos turísticos	• Instalação de novas empresas • Produtor • Promoção do destino	• Construção Civil, • Cerâmica • Restauração e Hotelaria, • Serviços	• Novas rotas, • Consolidação de Infra-estrutura, • Novos equipamentos

Fonte: Entrevistas com empresários e gestores públicos de Sergipe, 2010.

Segundo as avaliações, o número desses empreendimentos e ampliações realizadas no âmbito do Programa tende a se ampliar no horizonte de cinco anos¹⁹, tendo em vista a nova

¹⁹ De acordo com a exposição feita pelo Governador do Estado aos empresários sergipanos em março de 2010, atualmente mais de cinquenta projetos encontram-se fase de análise e/ou negociação com a CODESA, com potencial de geração de seis mil novos empregos no setor. Nesta ocasião, o governador indicou ainda que, grandes marcas nacionais, a exemplo de Estrela e Alkermid, estejam apontando em Sergipe.

leitura dos distritos industriais em execução. Nestes distritos, além da garantia de infraestrutura para instalação das empresas (água, energia, telecomunicações, terraplanagem e pavimentação, etc), serão fornecidos galpões industriais e lotes de terrenos e serão integrados ao complexo industrial centros de qualificação de mão de obra (Centro de Vocação Tecnológica) e de comercialização dos produtos²⁰.

Em termos do volume de recursos mobilizados, os investimentos previstos pela cadeia produtiva de petróleo e gás representam, sem dúvidas, os mais importantes a serem realizados no horizonte de cinco anos. Apenas em 2010 será investido aproximadamente um bilhão e meio de reais na exploração de petróleo em águas rasas e nos campos terrestres de Sergipe. Em exploração, serão investidos outros 415 milhões de reais. Em 2011, os investimentos previstos deverão ser da ordem de 1 bilhão e 876 milhões de reais e, em 2012, de 1 bilhão e 645 milhões de reais. Esses investimentos contribuirão enormemente para a estruturação e o fortalecimento da cadeia produtiva de petróleo e gás no estado, encetando o desenvolvimento de externalidades positivas na indústria naval, metal-mecânica e de produtos e serviços de apoio a exploração e produção de petróleo.

Outro investimento que poderá se tornar estruturante pelo conjunto de negócios que poderão surgir e crescer a partir de sua execução, concerne às obras públicas previstas e em execução no estado. Além dos investimentos realizados pelo governo federal, algumas ações do governo estadual merecem destaque pelo impacto direto que devem ter na economia. Assim, no desenvolvimento da infraestrutura de estradas um total de mais de 420 milhões de reais serão investidos na recuperação e ampliação da malha viária de todo o estado (aproximadamente 580 km de extensão).

No “Programa Águas de Sergipe”, cujo objetivo é o fortalecimento do marco institucional e de políticas de gestão integrada dos recursos hídricos e implementação de ações que contribuam para a revitalização da bacia hidrográfica do rio Sergipe, desenvolvido em parceria com o Banco Mundial deverão ser injetados, no prazo de cinco anos, outros 117 milhões de dólares na economia sergipana.

²⁰ Segundo as informações obtidas, esses “novos distritos” encontram-se em implantação nos municípios sergipanos de Itabaianinha, Tobias Barreto e Nossa Senhora do Socorro.

Nos Programas “Sergipe Cidades” e “Sergipe Capital”, respectivamente sob os objetivos de promover o desenvolvimento urbano e territorial sustentável do estado, interiorizando os investimentos em infraestrutura social e produtiva e de dotar a capital do estado de infraestrutura urbana, turística e esportiva, deverão ser investidos, em parceria com o BNDES, mais de 420 milhões de reais.

No Programa habitacional “Casa nova, vida nova”, como objetivo de atender às necessidades habitacionais das famílias de baixa renda, integrando ações de construção de casas, execução de infraestrutura, realização de trabalho social e implantação de equipamento comunitário deverá ser investido mais de 330 milhões de reais. Estes investimentos contribuirão enormemente para a estruturação da cadeia produtiva da construção civil e obras públicas, com repercussões diretas na fabricação do cimento e demais materiais de construção, assim como na criação de emprego e renda em todo estado.

Os investimentos previstos na cadeia produtiva de calçados deverão colaborar na consolidação do estado como verdadeiro pólo calçadista. Seja na ampliação das indústrias já instaladas em Sergipe –seja com a instalação de novas empresas – as estimativas governamentais indicam, para esse segmento, a criação de novos três mil empregos, distribuídos em diversos municípios. De acordo com um dos empresários dessa cadeia produtiva, os investimentos a serem realizados no segmento apontam para um sólido crescimento de 15 a 20% ao ano do volume produzido.

Outros investimentos que podem ser considerados estruturantes são aqueles que devem ser realizados no âmbito da cadeia produtiva extrativo-mineral. Para a ampliação da produção da FAFEN deverão ser aplicados a partir do próximo ano em torno de 131 milhões de dólares. Da mesma forma, a implantação nos próximos anos de nova unidade da Vale para produção de potássio a partir do mineral carnalita, deverá realizar um investimento aproximado de 850 milhões de dólares. Os impactos diretos desses investimentos se darão principalmente nas cadeias produtivas metal-mecânica, química e fertilizantes e de serviços de apoio industrial.

Por fim, cabe ressaltar os efeitos estruturantes que podem vir a ter os diversos investimentos realizados no plano do desenvolvimento turístico. Com a expansão e

instalação de novas empresas de hotelaria e restauração, com as promoções de destino turístico e com os investimentos em infraestrutura turística do PRODETUR previstos para os próximos anos, deverá haver repercussões positivas em diversas cadeias produtivas do estado e, em especial, na construção civil e materiais de construção (cimento, cerâmica, revestimentos etc.) e nos serviços e produtos em geral necessários para tal.

VL3 Principais Oportunidades a Serem Aproveitadas pelo Desenvolvimento da Indústria Sergipana

No que concerne às oportunidades e perspectivas de desenvolvimento industrial no estado de Sergipe para o médio prazo (horizonte aproximado de cinco anos) foi possível obter no conjunto das entrevistas uma série de informações e avaliações.

Num primeiro momento pretende-se relatar o conjunto de avaliações mais gerais, registrando as perspectivas que impactam diretamente em mais de um segmento específico e que possam representar, para o setor industrial como um todo, em projetos e ações estruturantes. Tais informações estão sistematizadas no Quadro VI-3.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que, no horizonte de cinco anos, boas surpresas para o crescimento do setor industrial sergipano poderão surgir, no curto prazo, do desenvolvimento agroindustrial, notadamente da indústria alimentícia de derivados de milho e leite e de carne e no segmento sucroalcooleiro. Na medida em que estas empresas impactam fortemente na indústria primária, elas terminam dinamizando e profissionalizando a produção da agricultura sergipana. De um lado, uma indústria de alimentos bastante integrada com a agricultura do estado, poderá contribuir enormemente para melhorar o perfil de ocupação de mão de obra e de renda no estado em todos os elos da cadeia produtiva.

Outro importante elemento bastante destacado no campo das novas oportunidades de desenvolvimento da indústria sergipana foi a permanência no cenário econômico das atividades de novas empresas representadas pelo estatuto do Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial (PSDI). Neste contexto, se for

pensada a economia do estado como um todo, a internalização de determinados elos de cadeias produtivas específicas que antes se localizavam fora do território estadual, como foi o caso recente dos segmentos de bebidas e cerâmico, por exemplo, deve apontar novas oportunidades de desenvolvimento da indústria. Neste momento, segundo as informações, algumas empresas já estão se adaptando e caminhando neste processo de verticalização e procurando instalar unidades de embalagens e outros insumos, anteriormente adquiridos de outros estados.

Para a consolidação dos processos de atração de novas empresas, segundo as informações dos organismos e empresas responsáveis, no cenário do curto e médio prazo, estão garantidas as condições de infra estrutura da economia sergipana, tanto no plano das rodovias²¹ sob responsabilidade do Estado (SEINFRA), como sob o ponto de vista da disponibilidade energética - elétrica ou gás - (Petrobras e Sergás), para a instalação dos empreendimentos.

A ampliação e diversificação da cadeia produtiva extrativo-mineral em Sergipe - a qual deverá receber nos próximos anos sólidos investimentos da Petrobras e da Vale - representa uma excelente oportunidade de desenvolvimento de novos negócios. De fato, os investimentos a serem realizados na ampliação de produção da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados de Sergipe (FAFEN) da Petrobras (em torno de 131 milhões de dólares) e a instalação de nova unidade fabril da Vale (orçada em aproximadamente 850 milhões de dólares)²² repercutirão diretamente na expansão do emprego e na possibilidade de ampliação dos negócios de todos os elos da cadeia produtiva implicada: metal-mecânica, petróleo e gás, química e fertilizantes e serviços e produtos de apoio industrial.

Em termos da cadeia produtiva de petróleo e gás, segundo a avaliação dos dirigentes da Unidade de Exploração e Produção de Sergipe e Alagoas (UN-SEAL) da

²¹ No que concerne ao estado de conservação das estradas municipais e vicinais, de responsabilidade dos municípios, a instalação e desenvolvimento de indústrias que se utilizam enormemente destas estruturas, a exemplo das indústrias de laticínios, poderá representar um forte obstáculo à expansão de alguns setores.

²² Conforme valores divulgados no Jornal da Cidade de 17 de março de 2010.

Petrobras, as oportunidades nos próximos anos, tanto para a realização de novos empreendimentos, quanto para a ampliação do pessoal ocupado, deverão se concentrar nas áreas de engenharia e nas atividades de suporte à exploração de petróleo e gás *off-shore* (fornecimento de materiais, hotelaria, imobiliário, serviços etc.). Afinal, segundo estas fontes, o potencial de descoberta de petróleo e gás da região é de aproximadamente 800 milhões de barris. Desse total, a reserva comprovada é de 300 milhões de barris, cujos blocos de exploração já foram licitados para serem perfurados poços no curto prazo e, estima-se que, no mínimo, em torno de 70% a 80% deste potencial de 800 milhões de barris possa ser comprovado.

De fato, no período dos próximos anos, o desenvolvimento da cadeia produtiva sergipana de petróleo e gás, tendo em conta os investimentos locais e nacionais previstos, representa uma oportunidade extraordinária de ampliação dos negócios. De acordo com o anúncio do presidente da Petrobras, em março deste ano, na imprensa local²³, apenas em 2010 será investido aproximadamente um bilhão e meio de reais na exploração do petróleo em águas rasas e nos campos terrestres de Sergipe. Em exploração, serão investidos outros 415 milhões de reais. Para participar desta dinâmica de crescimento que se vislumbra, as empresas do estado precisam adequar-se ao perfil proposto pelo programa de qualificação de fornecedores da Petrobras e integrar seu cadastro²⁴.

Por outro lado, as entrevistas com os empresários da indústria sergipana também permitiram vislumbrar os cenários prospectivos de alguns segmentos mais específicos, em termos de colocação de novos produtos nos mercados, do desenvolvimento de novos negócios, das perspectivas tecnológicas que estão sendo pensadas e suas consequências no volume da produção, do emprego e dos investimentos.

²³ Conforme anúncio oficial feito em 18 de março de 2010 e noticiado no Jornal da Cidade.

²⁴ Trata-se do cadastro formulado a partir do PROMINP - Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural, visando basicamente, em uma de suas principais vertentes, coordenar e promover a inserção micro e pequenas empresas no cadastro de fornecedores da Petrobras. Em Sergipe, essa rede começou a se estruturar a partir de 2003 e, em 2005, foi formalizado um convênio entre a Petrobras (UN-SEAL) e SEBRAB/SE a fim de capacitar empresas locais para o fornecimento de produtos e serviços para a cadeia produtiva. Atualmente, há 270 empreendimentos cadastrados no estado e, desse total, 167 empresas participam de forma mais ativa, respondendo por mais de cinco mil empregos gerados (Agência Sebrae de Notícias, 15/10/2009).

Quadro VI - 3: Sergipe: Potencialidades e Oportunidades Estruturantes do setor industrial – Horizonte 2010/2015

Perspectivas Estruturantes	Oportunidades de Negócios Percebidas	Cadeias produtivas Implicadas	Estágio atual do processo	Principais Impactos esperados
Desenvolvimento Agroindustrial	<ul style="list-style-type: none"> • Indústria de Alimentos – Derivados de Milho • Indústria de Alimentos – Derivados de Leite e Carne • Indústria de Fertilizantes e Produtos Nitrogenados 	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentos • Metal-mecânica • Fertilizantes e Insumos Agrícolas • Açúcar e Alcool 	<ul style="list-style-type: none"> • Empresas principais em processo de instalação e consolidação • Garantias do PSDI 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação do emprego e da renda • Aumento da qualidade e produtividade agrícola • Maior especialização de cadeias produtivas
Fortalecimento da Cadeia de Petróleo e Gás	<ul style="list-style-type: none"> • Sólidos Investimentos da Petrobrás no período • Ampliação do Fornecimento de Serviços Off-shore 	<ul style="list-style-type: none"> • Metal-mecânica • Naval • Materiais • Serviços de Apoio Industrial 	<ul style="list-style-type: none"> • Investimentos da Petrobrás em execução • Instalação de Grandes Empreendimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação do emprego e da renda • Elevação do PIB • Aumento de Pagamentos de Royalties (público e privado). • Elevação da demanda por serviços de apoio industrial
Projetos Governamentais de Infraestrutura e Habitação	<ul style="list-style-type: none"> • Construção Civil • Materiais e Equipamentos • Fornecimento de Serviços Industriais • Fornecimento de Serviços de Apoio 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção Civil • Metal-mecânica • Materiais 	<ul style="list-style-type: none"> • Obras em andamento • Obras e serviços em contratação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação do emprego e da renda • Estruturação de novas empresas • Melhorias socioeconômicas
Ampliação da produção extrativo-mineral	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração de novas jazidas minerais • Ampliação da produção mineral 	<ul style="list-style-type: none"> • Extrativo-mineral • Química e fertilizantes • Metal-mecânica • Serviços de apoio industrial 	<ul style="list-style-type: none"> • Jazidas em exploração experimental • Ampliação de unidades projetadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação do emprego e da renda • Aumento de Pagamentos de Royalties (público e privado). • Elevação da demanda por serviços de apoio industrial
Pólo de Cosméticos	<ul style="list-style-type: none"> • Regime tributário especial para a implantação de centros de distribuição cativos 	<ul style="list-style-type: none"> • Cosméticos e produtos de higiene pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> • Empresas implantadas e em implantação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação do emprego e da renda • Elevação do PIB • Novos produtos exportados

Perspectivas Estruturantes	Oportunidades de Negócios Percebidas	Cadeias produtivas Implicadas	Estágio atual do processo	Principais impactos esperados
Implantação e Consolidação de Parque Tecnológico	<ul style="list-style-type: none"> • Investimentos com perfil inovador • Negócios de Biotecnologia • Produção de Energias Renováveis • Produção de Hardware e software 	<ul style="list-style-type: none"> • Biotecnologia • Energia • Tecnologia da Informação e comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> • Instalações do parque tecnológico em construção • Algumas empresas já instaladas • Investimentos governamentais crescentes em C&T 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação da Produtividade Industrial • Ampliação da Incorporação de Inovação na Indústria • Aumento do número de patentes
Consolidação dos Arranjos Produtos Locais	<ul style="list-style-type: none"> • Fomento à pequena e média produção industrial e artesanal 	<ul style="list-style-type: none"> • Têxtil e confecções • Cerâmica • Produção artesanal diversa 	<ul style="list-style-type: none"> • Programas governamentais de incentivo e financiamento • Formalização e normalização de atividades 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação do emprego e da renda • Maior especialização de cadeias produtivas
Ampliação da Zona de Processamento de Exportações	<ul style="list-style-type: none"> • Atração de investimentos com perfil exportador 	<ul style="list-style-type: none"> • Cadeias produtivas voltadas para exportação 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de ampliação da infraestrutura portuária e aeroportuária • Atração de empresas pelo PSDI 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação das Exportações de Sergipe
Desenvolvimento turístico	<ul style="list-style-type: none"> • Novos investimentos turísticos • Consolidação de empreendimentos locais e territoriais • Exploração de novos produtos 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção civil • Materiais • Restauração e hotelaria • Serviços em geral 	<ul style="list-style-type: none"> • Novas vias rodoviárias • im plantadas • Reforma projetada do aeroporto • Financiamentos assegurados • Concessão de incentivos de atração 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação do emprego e da renda • Maior especialização do desenvolvimento • Sustentabilidade

Fonte: Entrevistas com o empresários e gestores públicos de Sergipe, 2010.

Nesse sentido, outra direção importante do desenvolvimento industrial, e que poderá representar novas oportunidades, é caracterizada pelo fomento à pequena produção industrial organizada em Arranjos Produtivos Locais, principalmente no interior do estado, por exemplo, na área de produção de confecções, de cerâmica e do artesanato. Neste sentido, para esta avaliação, embora a pequena produção industrial possa impactar pouco no PIB, ela possui grande impacto no plano social, quando se considera o emprego, a ocupação de mão de obra ou a melhoria dos indicadores sociais.

Com relação a novas oportunidades de desenvolvimento industrial no estado, foi lembrado também que o parque tecnológico, administrado pela SERGIPETEC, é um espaço apropriado para receber empresas inovadoras com atividades promissoras nos campos das tecnologias da informação, da biotecnologia e da energia. Neste espaço, poder-se-á ter uma contribuição relevante no processo de introduzir, na economia industrial, novas atividades dinâmicas e, talvez, representar um passo importante caso se estruture um ambiente capaz de fomentar e atrair investimentos privados.

Da mesma forma, no médio prazo, a Zona de Processamento de Exportações (ZPE) de Sergipe também pode vir a ser um elemento de diferenciação capaz de atrair investimentos privados de maior porte com perfil exportador. Apesar da agenda de ZPE ainda ser uma incógnita, já que a atividade industrial recebeu nos últimos tempos diferentes incentivos, esta política se tornou um fator de pouca relevância, mas poderá com um esforço maior servir como atrativo para indústrias de perfil exportador se instalarem no estado.

Do ponto de vista das empresas já instaladas, registre-se que, no caso do segmento de produtos cerâmicos, o consumo do mercado sergipano responde apenas por 40% da produção do segmento. O restante da produção (os outros 60%) é destinada principalmente aos estados vizinhos: Bahia e Alagoas. Pelas avaliações, observa-se um segmento em expansão, com previsão de crescimento dos mercados locais de consumo nos próximos anos, onde as oportunidades vislumbradas se colocam na melhoria da qualidade dos produtos (novos produtos com novos compostos) e no aumento das escalas de produção (adicionamento de mais um turno na produção, por exemplo).

No que concerne ao segmento da produção de revestimentos cerâmicos, o cenário estratégico vislumbrado também aponta para a melhoria e intensificação do processo produtivo, incorporando novas faixas da população e ampliando os mercados das empresas. Contudo, as inovações tecnológicas, em termos do desenvolvimento de novos produtos utilizando-se, por exemplo, de derivados do petróleo em sua composição, somente podem ser pensadas num horizonte de quinze anos. No médio prazo, as inovações continuarão sendo focadas principalmente no processo produtivo. Isso significa a incorporação de novas máquinas e equipamentos no processo produtivo do segmento, a fim de buscar a diminuição dos custos e a melhoria da qualidade, podendo bastar ainda mais os produtos – consolidando os mercados das classes B e C, e incorporar novos produtos (como o porcelanato por exemplo) para atingir o consumo da classe A.

Em termos do segmento têxtil, as perspectivas relatadas por ocasião das entrevistas são similares a estas últimas. Como se pode constatar, o segmento procura manter investimentos constantes em inovações de equipamentos e realizar diversificações no processo produtivo, gerando novos produtos e podendo assim fazer frente à concorrência num segmento que é bastante competitivo. Além do crescimento e dinamização prevista para as empresas já instaladas, no curto prazo outras indústrias estarão se instalando, diversificando a cadeia produtiva de confecções e aumentando o consumo local dos produtos têxteis.

No estado de Sergipe, a indústria de construção civil concentra sua atuação principalmente no segmento de incorporação e construção imobiliária²³ para os consumidores finais. Em todas as empresas entrevistadas observa-se que a continuidade dos programas habitacionais do governo representa a grande oportunidade de expansão dos negócios no curto e médio prazo. As avaliações feitas demonstram que as perspectivas deste mercado em Sergipe são enormes, potencializando e dinamizando o crescimento que o setor apresentou nos últimos anos e podendo atingir um crescimento anual maior que 6% no faturamento das empresas e no volume de emprego.

²³ Somente uma das empresas sergipenses do segmento da construção civil atua, além da incorporação imobiliária, no mercado das grandes obras públicas, onde realiza obras de engenharia e, desde pouco tempo, também obras de terraplenagem e pavimentação.

Desde algum tempo, as maiores construtoras perceberam a importância estratégica de atuar em outros mercados regionais (a maioria delas já têm presença significativa nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco) e, nesse sentido, as obras previstas no PAC 1 e 2, nos programas habitacionais e as obras incentivadas pela realização no Brasil da Copa 2014 representam uma oportunidade ímpar para expandir os negócios das empresas, em Sergipe e nos outros estados do Nordeste.

No setor de produção de calçados, as oportunidades previstas pelos empresários indicam boas perspectivas para o desenvolvimento dos negócios do setor. Com novas empresas previstas de se instalarem no estado, Sergipe gradativamente assume a posição de mais um pólo calçadista da região Nordeste. Uma das grandes empresas do setor, em Sergipe, pretende transformar suas unidades em especializadas na produção de calçados femininos, representando, nesse caso, a totalidade da produção do grupo empresarial nessa área e assim, fortalecendo as exportações do produto.

A consolidação do estado como pólo calçadista passa por estratégias que vão além das suas fronteiras, pois as principais unidades fabris instaladas desse segmento integram grandes grupos empresariais de outras regiões do país, atraídos, nos últimos tempos, pelas características do PSDI. Por isso, as oportunidades e potencialidades principais se colocam no plano do aumento da escala de produção e da internalização de fases do processo produtivo que possam ser fabricadas em outras unidades, o que repercutirá positivamente em termos do volume do emprego e seus efeitos no desenvolvimento dos territórios implicados. Segundo as informações levantadas, esse aumento de produção poderá representar também uma ótima oportunidade no desenvolvimento das atividades de transporte, tanto em Sergipe, como para o restante do Brasil.

O pólo de cosméticos, implantado e ampliado a partir de regime tributário especial para a implantação de centros de distribuição cativos, a exemplo da Indústria Leite de Rosas, GUF e Raízes Embalagens, uma vez consolidado poderá, com os efeitos dinâmicos que devem ser gerados, estruturar uma cadeia produtiva destes produtos, com

repercussões positivas em toda economia industrial de Sergipe, principalmente em termos de ampliação do emprego e da renda e elevação do PIB.

Por sua vez, o setor turístico do estado – com a realização de novos investimentos turísticos, com a implantação e consolidação de empreendimentos locais e territoriais e com a exploração de novos produtos – deverá incentivar o desenvolvimento econômico principalmente de cadeias produtivas implicadas como a construção civil, os materiais, a restauração e hotelaria e os serviços em geral.

Os investimentos públicos realizados, as novas vias rodoviárias implantadas, a reforma projetada do aeroporto, a concessão de incentivos de atração de empresas, além de ter assegurado, sob a forma de contratos assinados, os financiamentos necessários à expansão do setor, poderá representar a ampliação do emprego e da renda em diversos segmentos da economia sergipana e uma maior espacialização do desenvolvimento, na direção da construção de sua sustentabilidade.

Com a instalação de novos empreendimentos no estado, de indústrias de produtos derivados do leite e de carne, diversas oportunidades de crescimento e dinamização das cadeias produtivas locais deverão ser verificadas. Além disso, o empreendimento atualmente instalado no alto sertão do estado pretende nos próximos dois anos diversificar a produção, aproveitando economicamente elementos hoje considerados resíduos no processo e ampliando o volume de emprego no território.

Finalmente, no segmento de produtos alimentares, observa-se também um panorama otimista com relação às boas perspectivas de crescimento e dinamização dos negócios que se apresentam. Para ampliação do volume de produção nos próximos anos, o segmento conta, além da aplicação de recursos próprios, com o acesso a fontes de financiamento nos bancos oficiais, que estão disponíveis e são bastante atrativas, segundo a avaliação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA AGENDA PRÓ-DESENVOLVIMENTO PARA O ESTADO DE SERGIPE

Esse documento, apresentado pela Federação das Indústrias de Sergipe, com informações recentes sobre o desempenho, desafios e perspectivas da indústria do estado, constitui-se em um instrumento fundamental na busca do desenvolvimento e crescimento sustentado do complexo industrial sergipano. Durante a apresentação dos resultados e análises dos capítulos anteriores, diversas reflexões e recomendações foram feitas. Neste texto final, apresenta-se uma agenda de desenvolvimento.

A dinâmica recente da indústria sergipana trouxe diversos resultados socioeconômicos significativos para o estado. Sua trajetória mostra a relevância da convergência das demandas e estratégias do setor industrial com as ações governamentais. Um exemplo disso está nos resultados obtidos pelo setor industrial em Sergipe.

No período de 1996 a 2007, conforme revelado neste estudo, a indústria sergipana apresentou uma dinâmica de crescimento maior do que a da indústria no Nordeste e no Brasil. Revendo brevemente alguns indicadores, observou-se que, em 2007, o número de unidades já se apresentava, em relação a 1996, 80% superior e o pessoal ocupado quase havia dobrado, neste período. Assim, em 2007, o setor industrial chegou a 855 unidades industriais ativas e 37.097 pessoas ocupadas. O Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial e o Fundo de Apoio à Industrialização foram extremamente importantes para determinar esta dinâmica.

O cenário e as perspectivas futuras de desenvolvimento e crescimento, na avaliação de empresários e gestores públicos entrevistados, embora sejam promissoras, revelam, no entanto, novos desafios a serem enfrentados.

Os desafios, oportunidades e agenda de projetos prioritários para o desenvolvimento da indústria no estado, levantados ao longo do estudo, estão sintetizados no Quadro VII-1. As informações apresentadas são relevantes para potencializar as vantagens comparativas de Sergipe e de sua indústria. O permanente estreitamento de parcerias da FIES com os governos federal e estadual irá consolidar, cada vez mais, uma agenda de desenvolvimento industrial para o estado de Sergipe.

Quadro VII-1: Sergipe: Agenda pro-desenvolvimento da indústria do estado de Sergipe

GARGALOS	OPORTUNIDADES	PROJETOS PRIORITÁRIOS
<ul style="list-style-type: none"> • Insuficiência de transportes intermodais, articulando porto, ferrovias e estradas • Restrição do porto • Custo do transporte • Oferta e custo elevado de energia elétrica nos bairros da zona • Limites de oferta de gás natural (rede de distribuição) • Falta de mão de obra qualificada • Demora nos processos de licenciamento ambiental • Elevado índice de informalidade dos produtores de pequeno porte 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação da base de fornecedores locais à indústria de petróleo e gás, com ênfase em segmentos de maior valor agregado, em especial a construção naval • Expansão dos projetos de irrigação para aumentar oferta local de caju-de-aceite e frutas • Atração de novos indústrias no novo formato dos Distritos Industriais • Ampliação da base de fornecedores locais de materiais para construção • Atração de indústrias para Zona de Processamento de Exportações • Apoio ao desenvolvimento e produção de materiais de alto valor agregado para a construção civil, com ênfase para casas pré-fabricadas. • Regime tributário especial para a implantação de centros de distribuição ativos do Polo de Comodores • Ampliação da produção extrativa-mineral • Implantação e Consolidação do Parque Tecnológico • Projetos Governamentais de Infra-Estrutura e Habitação 	<ul style="list-style-type: none"> • Duplicação da BR101 • Reativação da Ferrovia Centro-Alcaldista • Expansão e modernização do Aeroporto e sistema portuário • Criação de novas zonas de expansão metropolitana e melhoria no saneamento básico das cidades • Priorização na formação profissional voltada à indústria têxtil e malharia • Instalação de equipamentos de aquecimento e iluminação industrial • Promoção de especialização gerencial, tecnológica e científica • Atuação da Agência de Inovação e Pesquisa (FINEP/UNIVERSIDADE) • Apoio ao registro das empresas que se encontram em formalização, através de implementação de processos e de isenção de taxas • Investimento em energia elétrica nas indústrias de alimentos e bebidas • Ampliação da distribuição de energia elétrica e de gás natural nos distritos industriais • Expansão da educação profissionalizante com foco em educação tecnológica, habilitação e qualificação profissional • Fomento, pesquisa, desenvolvimento e difusão de tecnologias voltadas às cadeias produtivas

Fonte: Entrevistas com empresários e gestores públicos do Sergipe, 2010.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA ESTADO. **Petrobras acerta detalhes da fábrica de fertilizantes-MS**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ae.com.br/>>. Acesso em: 27 abr. 2010.

AGÊNCIA NACIONAL DE PETRÓLEO. **Preços de referência para efeito de participações governamentais**. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/?id=534>>.. Acesso em: 27 abr. 2010.

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS, **Okamoto reúne-se com empresários da Rede PetroGás em Sergipe**. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2009.

AVICULTURA INDUSTRIAL. **Sem abate na hora**. Disponível em: <<http://aviculturabrasileira.com/>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

BANCO DO NORDESTE - BNB. **Perfil dos estados – Sergipe**. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: abr. 2010.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL. **Composição da cadeia produtiva da Construção Civil -2008**. Disponível em: <<http://www.cbic.org.br/>>. Acesso em: abr. 2010.

CARDOSO, J. Vale recebe licença prévia para projeto em Sergipe. **Valor on Line**. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2010.

DEZEN, E. Seminário **A Petrobrás em Sergipe**. São Paulo, 30 set. 2009.

FALCON, M. L. Planejamento Territorializado e Participativo de Sergipe, In: **Congresso CONSAD de Gestão Pública**. Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Administração. Brasília, 26 a 28 maio 2008.

FIES. **Sergipe: Dinâmica recente e perspectivas do Setor Industrial**. Aracaju, 2007. 205p.

IBGE. **Cadastro Central de Empresas 2007**. Brasília, 2008.

_____. **Censo 2000**. Brasília, 2001.

_____. **Contagem da População 2007**. Brasília, 2008.

_____. **Contas Nacionais 2002-2007**. Brasília. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: fev. 2010.

_____. **Contas Nacionais Trimestrais do Brasil 2009**. Brasília. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: abr. 2010.

_____. **Contas Nacionais Trimestrais do Brasil 2010**. Brasília. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: abr. 2010.

_____. **Contas Regionais do Brasil 1995-2001** (dados retropolados). Brasília. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: fev. 2010.

_____. **Contas Regionais do Brasil 2002-2007**. Brasília. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: fev. 2010.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 1996**. Brasília, 1997.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 1997**. Brasília, 1998.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 1998**. Brasília, 1999.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 1999**. Brasília, 2000.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2000**. Brasília, 2001.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2001**. Brasília, 2002.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2002**. Brasília, 2003.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2003**. Brasília, 2004.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2004**. Brasília, 2005.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2005**. Brasília, 2006.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2006**. Brasília, 2007.

_____. **Pesquisa Industrial Anual 2007**. Brasília, 2008.

_____. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2007**. Brasília, 2008.

_____. **Produto Interno Bruto dos Municípios Revisado**. Brasília, 2008.

INSTITUTO EUVALDO LODI – Núcleo Regional de Minas Gerais (IEL/MG).

Cadeias Produtivas. Disponível em: <<http://www.fiemg.org.br/>>. Acesso em: abr. 2010.

IPEA. Emprego e oferta qualificada de mão de obra no Brasil: impactos do crescimento econômico pós-crise. **Comunicados do IPEA**, n. 41, 10 mar. 2010.

MELO, Ricardo L.; SOARES, Alexandra de Alencar; LIMA, Rodrigo Rocha Pereira. **Perfil da cadeia têxtil-confecções de Sergipe**. Aracaju: FIES-UFS, 2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais 2000**. Brasília, 2001.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais 2008**. Brasília, 2009.

NORDESTE ECONÔMICO. 18. ed., ano 4, jan./mar., 2010, Recife.

OKAMOTTO reúne-se com empresários da Rede PetroGás em Sergipe. **Agência Sebrae de Notícias**: online. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br>>. Acesso em abril de 2010.

PELLEGRIN, I.; ARAÚJO, R. S. B. **Caracterização do arranjo produtivo do petróleo e gás da bacia de Campos e a estruturação de uma rede de empresas**. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2004. (Série de Estudos).

PROMINP – Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás. **O que é o PROMINP?** Disponível em: <<http://www.prominp.com.br>>. Acesso em: abr. 2010.

REVISTA NORDESTE. **Crown Embalagens duplicará produção em Sergipe**. Disponível em: <<http://www.revistanordeste.com.br>>. Acesso em: 07 abr. 2010.

ROSAS, G. Petrobras deve investir R\$ 1,5 bilhão em exploração em Sergipe. **Valor on line**. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO DO GOVERNO DE SERGIPE (SEPLAN-SE). **Planejamento Participativo de Sergipe**: Relatório de Atividades. Aracaju, out. 2007.

LISTA DE ENTREVISTADOS

Adriano Laércio Pires – Vulcabrás – Azaléia
Ancelmo de Oliveira – CODISE
André Nin Ferreira – Leite de Rosas
Antonio Carlos Borges Freire – Grupo José Augusto Vieira (Maratá)
Bruno Loeser Prado de Oliveira – H. Dantas
Cristiano Ramos Cobo - Vale S/A
Cristiano Teixeira – Construtora Norcon
Edson José dos Santos – Starfish Resort
Eduardo Prado de Oliveira – FIES
Elísio Alcântara Neto – Votorantim Cimentos
Eugênio Dezen – Petrobras
Flávio Santos Dantas – Natville Alimentos
Ivonez Lourenço dos Santos – SERGAS
Jorge Santana de Oliveira - SEDETEC
José Abílio G. Primo – Cerâmica São José
José Carlos Dalles – Empresa Peixoto e Gonçalves S/A
José Ernane Mesquita Dória – Vale S/A
José Manoel Emanuel Monteiro Ferreira – Energisa Sergipe
José Manoel Pinto Alvelos – UFS
José Roberto de Lima Andrade – EMSETUR
Lúcia Falcón –SEPLAN
Luciano Franco Barreto – Construtora Celi
Marcelo Prado de Oliveira – H. Dantas
Márcio Sobral Porto – Petrobrás
Marcos Wandir Nery Lobão – SERGIPETEC
Osíres Ashton Vital Brazil – Petrobrás Biocombustível
Osvaldo Leite Franco – Usina São José do Pinheiro
Paulo Sérgio de Andrade Bergamini – SENAI - IEL
Sadi Paulo Castiel Gitz – Escurial Revestimentos Cerâmicos – ACESE
Valmor Barbosa Bezerra – SEINFRA
Wellington Antonio S. Silva – Vulcabrás – Azaléia

FOLHA DE CRÉDITOS

Elaboração/Organização

Federação das Indústrias do Estado de Sergipe
Instituto Euvaldo Lodi – Núcleo Regional de Sergipe

Equipe Técnica:

<i>José Ricardo de Santana (coordenador)</i>	UFS - Universidade Federal de Sergipe
<i>Luíz Rogério de Camargos</i>	UFS - Universidade Federal de Sergipe
<i>Olívio Alberto Teixeira</i>	UFS - Universidade Federal de Sergipe
<i>Ricardo Oliveira Lacerda de Melo</i>	UFS - Universidade Federal de Sergipe

Pesquisador convidado

<i>Guilherme Cavalcante Vieira</i>	UFS - Universidade Federal de Sergipe
------------------------------------	---------------------------------------

Apoio Técnico

<i>Rodrigo Rocha Pereira Lima (coordenador)</i>	Núcleo de Informações Econômicas da FIES
<i>Mariana Paulino Nascimento</i>	Núcleo de Informações Econômicas da FIES
<i>Dalva Larissa Brito Silva</i>	Núcleo de Informações Econômicas da FIES
<i>Helma Monteiro V. Vasconcelos</i>	Núcleo de Informações Econômicas da FIES
<i>Edileide da Silva Aciole</i>	Núcleo de Informações Econômicas da FIES

Imagens

<i>Patrícia Dantas Rodrigues</i>	Unidade de Comunicação da FIES
----------------------------------	--------------------------------

Capa

<i>Helder Dantas Bittencourt</i>	Unidade de Comunicação da FIES
----------------------------------	--------------------------------

Cartografia

<i>Alan Juliano da Rocha Santos</i>	UFS - Universidade Federal de Sergipe
-------------------------------------	---------------------------------------

Correção Ortográfica

<i>Valéria Maria dos Santos</i>	UFS - Universidade Federal de Sergipe
---------------------------------	---------------------------------------

Normalização Bibliográfica

<i>Genilda Mendes de Farias</i>	SENAI – GEP – Gerência de Educação Profissional
<i>Vania Cristina Gracia Gonçalves</i>	SENAI – GRM – Gerência de Relações com o Mercado

Impressão

Gráfica Editora J. Andrade Ltda.

ANEXOS



Tabela 0-1: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto, a preços básicos, 1996-2007

Ano	Brasil	Nordeste	Sergipe
1996	1,93%	1,85%	3,23%
1997	2,91%	3,80%	6,32%
1998	0,27%	-0,35%	-0,11%
1999	0,70%	1,27%	-0,39%
2000	3,86%	3,79%	3,38%
2001	1,44%	0,85%	1,16%
2002	3,11%	3,23%	4,11%
2003	1,24%	1,92%	2,77%
2004	5,61%	6,42%	6,62%
2005	2,96%	4,28%	5,20%
2006	3,68%	4,48%	3,76%
2007	5,82%	4,61%	6,08%

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nota: Preços básicos correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, excluindo os impostos sobre produtos.

Tabela 0-2: Brasil, Nordeste e Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, do setor industrial, 1996-2007

Ano	Brasil	Nordeste	Sergipe
1996	1,07%	-0,27%	1,00%
1997	4,24%	8,23%	17,44%
1998	-2,59%	1,18%	-0,98%
1999	-1,91%	0,00%	-2,28%
2000	4,83%	2,68%	4,34%
2001	-0,62%	-2,11%	-2,42%
2002	2,08%	1,49%	5,50%
2003	1,28%	3,16%	0,70%
2004	7,89%	8,82%	9,66%
2005	2,08%	2,40%	6,26%
2006	2,21%	3,30%	4,64%
2007	5,27%	5,19%	6,72%

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nota: Preços básicos correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, excluindo os impostos sobre produtos.

Tabela 0-3: Sergipe: Taxa média de crescimento do Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, dos setores de atividade, 1996-2007

Ano	Agropecuária	Indústria	Serviços
1996	7,08%	1,00%	3,72%
1997	-1,03%	17,44%	3,16%
1998	-4,92%	-0,98%	0,58%
1999	-2,47%	-2,28%	0,50%
2000	-5,21%	4,34%	3,67%
2001	-0,53%	-2,42%	2,53%
2002	3,91%	5,50%	3,46%
2003	7,34%	0,70%	3,49%
2004	8,90%	9,66%	4,61%
2005	12,22%	6,26%	4,06%
2006	5,40%	4,64%	3,18%
2007	7,52%	6,72%	5,65%

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nota: Preços básicos correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, excluindo os impostos sobre produtos.

Tabela 0-4: Nordeste e Sergipe: Participação proporcional no PIB a preços básicos do Brasil, 1995-2007

Ano	Nordeste	Sergipe
1996	12,31%	0,56%
1997	12,71%	0,58%
1998	12,71%	0,59%
1999	12,65%	0,59%
2000	12,75%	0,57%
2001	12,74%	0,57%
2002	12,84%	0,64%
2003	13,25%	0,66%
2004	13,03%	0,66%
2005	13,02%	0,66%
2006	13,34%	0,65%
2007	13,34%	0,66%

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nota: Preços básicos correspondem à soma dos valores adicionados dos diversos setores, excluindo os impostos sobre produtos.

Tabela 0-5: Brasil: Participação das atividades econômicas no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, 1995-2007. (%)

Setor / Atividade	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Agropecuário	5,8	5,5	5,4	5,5	5,5	5,6	6,0	6,6	7,4	6,9	5,7	5,5	5,6
Industrial	27,5	26,0	26,1	25,7	25,9	27,7	26,9	27,1	27,8	30,1	29,3	28,8	27,8
Extrativa mineral	0,8	0,9	0,8	0,7	1,0	1,6	1,5	1,6	1,7	1,9	2,5	2,9	2,3
Transformação	18,6	16,8	16,7	15,7	16,1	17,2	17,1	16,9	18,0	19,2	18,1	17,4	17,0
Eletricidade, gás e água ¹	2,6	2,6	2,6	3,1	3,2	3,4	3,0	3,3	3,4	3,9	3,8	3,8	3,6
Construção Civil	5,5	5,7	6,0	6,2	5,6	5,5	5,3	5,3	4,7	5,1	4,9	4,7	4,9
Serviços	66,7	68,5	68,5	68,8	68,6	66,7	67,1	66,3	64,8	63,0	65,0	65,8	66,6
Comércio	11,7	10,4	10,3	9,9	10,0	10,6	10,7	10,2	10,6	11,0	11,2	11,5	12,1
Intermediação financeira ²	9,0	8,1	7,7	7,9	7,3	6,0	6,8	7,5	7,1	5,8	7,1	7,2	7,7
Administração Pública ³	15,6	15,3	14,7	15,1	15,2	14,9	15,5	15,5	15,1	14,7	15,0	15,3	15,5
Outros Serviços ⁴	30,4	34,7	35,8	35,9	36,0	35,2	34,1	33,2	32,0	31,5	31,7	31,8	31,4
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007

Nota: (1) Abrange produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, (2) Abrange intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados, (3) Abrange administração, saúde e educação públicas e seguridade social, (4) Abrange: i) alojamento e alimentação, ii) transporte e armazenagem, iii) comunicações, iv) atividades imobiliárias, aluguéis, v) saúde e educação mercantis, vi) serviços prestados às empresas, vii) serviços domésticos, viii) outros serviços coletivos, sociais e pessoais.

Tabela 0-6: Sergipe: Participação das atividades econômicas no Valor Adicionado Bruto, a preços básicos, 1995-2007. (%)

Setor / Atividade	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Agropecuário	6,5	6,1	5,0	5,4	5,2	4,6	4,3	4,5	6,4	4,7	4,4	4,9	4,6
Industrial	26,0	23,9	26,8	26,1	25,2	24,7	31,2	32,0	34,3	34,5	33,3	31,4	30,6
Extrativa mineral	1,5	1,6	1,5	1,5	1,9	2,2	3,9	3,7	4,1	4,4	6,0	7,4	6,2
Transformação	14,5	13,4	14,4	14,1	14,4	14,0	11,8	11,7	12,6	11,1	10,7	9,7	9,7
Eletricidade, gás e água ¹	1,0	0,9	0,9	0,9	0,9	0,8	9,2	10,5	11,6	12,0	9,8	8,2	8,1
Construção Civil	9,0	8,0	9,9	9,6	8,0	7,7	6,2	6,2	6,0	7,1	6,8	6,0	6,6
Serviços	67,5	70,0	68,2	68,5	69,6	70,7	64,5	63,5	59,2	60,8	62,3	63,7	64,8
Comércio	12,2	11,0	10,7	10,0	10,4	11,6	10,5	10,2	8,2	9,5	10,7	9,8	11,0
Intermediação financeira ²	2,3	2,1	2,0	2,2	2,0	3,8	3,8	4,9	4,0	3,3	4,0	3,8	4,0
Administração Pública ³	25,8	22,7	21,1	22,2	23,9	23,5	22,8	22,8	21,7	21,0	22,4	24,5	24,5
Outros Serviços ⁴	27,2	34,2	34,4	34,0	33,4	31,9	27,4	25,7	25,3	27,0	25,1	25,7	25,3
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 2002-2007

Nota: (1) Abrange produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, (2) Abrange intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados, (3) Abrange administração, saúde e educação públicas e seguridade social, (4) Abrange: i) alojamento e alimentação, ii) transporte e armazenagem, iii) comunicações, iv) atividades imobiliárias, aluguéis, v) saúde e educação mercantis, vi) serviços prestados às empresas, vii) serviços domésticos, viii) outros serviços coletivos, sociais e pessoais.

Tabela 0-7: Sergipe: Participação proporcional na composição do Valor Adicionado Bruto do Brasil, a preços básicos, por atividade econômica, 1995-2007. (%)

Setor / Atividade	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Agropecuário	0,64	0,64	0,55	0,58	0,54	0,47	0,46	0,45	0,58	0,44	0,51	0,59	0,55
Industrial	0,53	0,53	0,61	0,60	0,56	0,51	0,74	0,78	0,82	0,75	0,74	0,72	0,73
Extrativa mineral	1,02	1,02	1,11	1,22	1,11	0,79	1,70	1,51	1,59	1,49	1,58	1,71	1,76
Transformação	0,44	0,46	0,51	0,53	0,51	0,46	0,44	0,46	0,46	0,38	0,39	0,37	0,38
Eleticidade, gás e água ¹	0,21	0,21	0,19	0,17	0,17	0,13	1,97	2,10	2,24	2,03	1,66	1,45	1,50
Construção Civil	0,93	0,81	0,99	0,92	0,82	0,80	0,74	0,77	0,85	0,91	0,91	0,84	0,90
Serviços	0,57	0,59	0,59	0,58	0,58	0,61	0,62	0,63	0,60	0,63	0,62	0,64	0,64
Comércio	0,59	0,61	0,62	0,60	0,60	0,62	0,63	0,66	0,51	0,57	0,62	0,57	0,60
Intermediação financeira ²	0,14	0,15	0,15	0,16	0,15	0,36	0,36	0,43	0,38	0,38	0,37	0,35	0,35
Administração Pública ³	0,93	0,86	0,85	0,87	0,90	0,90	0,94	0,97	0,95	0,94	0,97	1,06	1,05
Outros Serviços ⁴	0,50	0,57	0,57	0,56	0,53	0,52	0,51	0,51	0,52	0,56	0,51	0,54	0,53
Total	0,56	0,58	0,59	0,59	0,57	0,57	0,64	0,66	0,66	0,66	0,65	0,66	0,66

Fonte: IBGE - Contas Regionais do Brasil 1995-2007

Nota: (1) Abrange produção e distribuição de eletricidade e gás, água e esgoto e limpeza urbana, (2) Abrange intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados, (3) Abrange administração, saúde e educação públicas e seguridade social, (4) Abrange: i) alojamento e alimentação, ii) transporte e armazenagem, iii) comunicações, iv) atividades imobiliárias, aluguéis, v) saúde e educação mercantis, vi) serviços prestados às empresas, vii) serviços domésticos, viii) outros serviços coletivos, sociais e pessoais.

Tabela 0-8: Brasil, Nordeste e Sergipe: Número de unidades locais e de pessoal ocupado na Indústria Geral, 1996-2007

ANO	Unidades Locais (und.)			Pessoal Ocupado (und.)		
	BR	NE	SERGIPE	BR	NE	SERGIPE
1996	246.736	22.643	475	10.109.956	1.064.942	18.969
1997	243.959	23.601	490	9.822.861	1.051.238	19.104
1998	257.487	25.034	544	9.608.194	1.033.205	19.082
1999	265.342	26.489	538	9.834.831	1.075.686	20.845
2000	279.592	28.375	615	10.462.022	1.188.967	24.178
2001	292.452	29.961	633	10.743.554	1.262.852	24.840
2002	300.020	30.155	661	10.961.699	1.263.904	26.997
2003	309.088	31.784	692	11.782.300	1.394.049	27.294
2004	321.928	33.781	742	12.630.570	1.507.984	28.437
2005	329.186	34.934	819	12.711.562	1.577.236	30.732
2006	345.036	37.424	804	13.350.740	1.669.523	31.216
2007	363.076	40.077	855	14.346.179	1.824.296	37.097

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual 1996-2007.

Tabela 0-9: Brasil, Nordeste e Sergipe: Valor da Transformação Industrial e dos Salários, retiradas e outras remunerações da Indústria Geral 1996-2007. Valores correntes

Ano	Valor da Transformação Industrial			Salários, retiradas e outras remunerações		
	BR	NE	Sergipe	BR	NE	Sergipe
	R\$ Milhões	Part (%)	Part (%)	R\$ Milhões	Part (%)	Part (%)
1996	160.527	7,5	0,2	47.548	6,9	0,4
1997	173.079	7	0,2	50.051	6,8	0,4
1998	173.971	7,3	0,3	50.158	6,7	0,4
1999	210.199	8	0,4	50.624	6,8	0,4
2000	254.327	8,9	0,4	56.456	7,1	0,4
2001	290.592	8,6	0,4	63.048	7,1	0,4
2002	335.010	8,8	0,4	68.476	7,3	0,4
2003	407.911	8,9	0,5	82.231	7,4	0,5
2004	480.300	9	0,5	94.479	7,7	0,5
2005	508.248	9,3	0,5	104.422	7,9	0,5
2006	551.934	9,9	0,5	116.626	8,3	0,5
2007	606.191	9,5	0,5	131.903	8,3	0,5

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996 a 2007. Elaboração própria

Tabela 0-10: Sergipe: Indústria Extrativa Mineral. Unidades locais, pessoal ocupado, valor da transformação industrial e salários e outras remunerações; 1996-2007

Ano	Unidades locais	Pessoal ocupado (em 31/12)	Salários e outras rendas	VTI
	(Und.)	(Und.)	(R\$ Mil – valores correntes)	(R\$ Mil – valores correntes)
1996	16	2.656	95.166	89.491
1997	18	2.408	93.321	87.511
1998	15	2.221	85.053	131.040
1999	15	1.943	87.199	290.172
2000	14	2.087	93.354	385.079
2001	18	2.466	117.542	398.381
2002	17	2.753	137.800	456.711
2003	16	3.040	222.628	760.616
2004	20	2.822	255.586	984.033
2005	20	2.913	252.629	1.234.986
2006	17	3.205	295.677	1.212.627
2007	24	3.723	343.761	1.186.231

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996 e 2007.

Tabela 0-11: Sergipe: Indústria de Transformação. Unidades locais, pessoal ocupado, valor da transformação industrial e salários e outras remunerações. 1996-2007

Ano	Unidades locais	Pessoal ocupado (em 31/12)	Salários e outras rendas	VTI
	(Und)	(Und)	(R\$ Mil – valores correntes)	(R\$ Mil – valores correntes)
1996	459	16.313	82.533	281.850
1997	472	16.696	86.766	297.226
1998	529	16.861	97.612	391.549
1999	523	18.902	101.236	482.453
2000	601	22.091	127.126	641.777
2001	615	22.374	134.525	906.028
2002	644	24.244	147.705	1.049.355
2003	677	24.253	173.550	1.237.439
2004	722	25.615	208.799	1.413.868
2005	800	27.819	222.861	1.404.341
2006	787	28.010	255.439	1.512.728
2007	831	33.373	306.638	1.668.370

Fonte. IBGE – Pesquisa Industrial Anual . 1996 e 2007.

Tabela 0-12: Sergipe: Produção de Petróleo, 1978-2009. Anos selecionados

Ano	Produção (mil m³)	Índice (1978=100)
1978	2.734	100
1981	2.599	95
1984	2.946	108
1987	2.850	104
1990	2.603	95
1996	2.042	75
1997	1.921	70
1998	2.042	75
1999	2.197	80
2000	2.141	78
2001	2.078	76
2002	2.056	75
2003	2.145	78
2004	2.220	81
2005	2.260	83
2006	2.281	83
2007	2.484	91
2008	2.734	100
2009	2.559	94

Fonte. Petrobras e Agência Nacional de Petróleo.

Tabela 0-13: Sergipe: Produção de Gás Natural, 1994-2009

Ano	Terra		Mar		Total	
	Mil m³	Índice (1994=100)	Mil m³	Índice (1994=100)	Mil m³	Índice (1994=100)
1994	67	100	652	100	719	100
1995	64	96	629	96	692	96
1996	64	96	666	102	730	102
1997	70	105	671	103	741	103
1998	65	97	742	114	807	112
1999	60	90	806	124	866	121
2000	59	88	815	125	874	122
2001	59	89	753	115	812	113
2002	60	89	742	114	802	112
2003	66	99	666	102	733	102
2004	76	114	601	92	677	94
2005	79	118	539	83	618	86
2006	84	126	525	81	609	85
2007	93	140	454	70	547	76
2008	91	137	767	118	858	119
2009	93	139	864	132	956	133

Fonte. Petrobras e Agência Nacional de Petróleo.

Tabela 0-14: Nordeste. Participação dos estados no Valor da Transformação Industrial da indústria de transformação 1996, 2000 e 2007. (%)

Estados	1996	2000	2007
Maranhão	4,5	4,3	4,8
Piauí	1,6	1,0	1,6
Ceará	16,1	16,1	13,0
Rio Grande do Norte	3,5	3,4	2,7
Paraíba	4,9	4,1	3,5
Pernambuco	22,2	14,1	13,7
Alagoas	9,4	6,6	4,0
Sergipe	2,5	3,1	3,2
Bahia	35,3	47,2	53,4

Fonte: IBGE: Pesquisa Industrial Anual. 1996.2000 e 2007.

Tabela 0-15: Brasil, Nordeste e Sergipe: Número de unidades locais e de pessoal ocupado na Indústria Geral, 1996-2007

Ano	Número de unidades locais			Pessoal ocupado em 31/12								
	BR	NE	SERGIPE	BR	NE	SERGIPE	BR	NE	SERGIPE			
1996	246.736	100	22.643	100	475	100	10.109.956	100	1.064.942	100	18.969	100
1997	243.959	99	23.601	104	490	103	9.822.861	97	1.051.238	99	19.104	101
1998	257.487	104	25.034	111	544	115	9.608.194	95	1.033.205	97	19.082	101
1999	265.342	108	26.489	117	538	113	9.834.831	97	1.075.686	101	20.845	110
2000	279.592	113	28.375	125	615	129	10.462.022	103	1.188.967	112	24.178	127
2001	292.452	119	29.961	132	633	133	10.743.554	106	1.262.852	119	24.840	131
2002	300.020	122	30.155	133	661	139	10.961.699	108	1.263.904	119	26.997	142
2003	309.088	125	31.784	140	692	146	11.782.300	117	1.394.049	131	27.294	144
2004	321.928	130	33.781	149	742	156	12.630.570	125	1.507.984	142	28.437	150
2005	329.186	133	34.934	154	819	172	12.711.562	126	1.577.236	148	30.732	162
2006	345.036	140	37.424	165	804	169	13.350.740	132	1.669.523	157	31.216	165
2007	363.076	147	40.077	177	855	180	14.346.179	142	1.824.296	171	37.097	196

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual 1996 a 2007.

Tabela 0-16: Brasil, Nordeste e Sergipe: Valor da Transformação Industrial e dos salários e outras remunerações na Indústria Geral, 1996-2007

ANO	Valor da Transformação Industrial						Salários, retiradas e outras remunerações					
	BR		NE		SERGIPE		BR		NE		SERGIPE	
	R\$ Milhões	Part (%)	R\$ Milhões	Part (%)	R\$ Milhões	Part (%)	R\$ Milhões	Part (%)	R\$ Milhões	Part (%)	R\$ Milhões	Part (%)
1996	160.527	7,5	12.094	0,2	371	0,2	47.548	6,9	3.300	6,9	178	0,4
1997	173.079	7,0	12.088	0,2	385	0,2	50.051	6,8	3.394	6,8	180	0,4
1998	173.971	7,3	12.685	0,3	523	0,3	50.158	6,7	3.367	6,7	183	0,4
1999	210.199	8,0	16.881	0,4	773	0,4	50.624	6,8	3.432	6,8	188	0,4
2000	254.327	8,9	22.516	0,4	1.027	0,4	56.456	7,1	4.013	7,1	220	0,4
2001	290.592	8,6	25.103	0,4	1.304	0,4	63.048	7,1	4.480	7,1	252	0,4
2002	335.010	8,8	29.368	0,4	1.506	0,4	68.476	7,3	5.001	7,3	286	0,4
2003	407.911	8,9	36.195	0,5	1.998	0,5	82.231	7,4	6.112	7,4	396	0,5
2004	480.300	9,0	42.992	0,5	2.398	0,5	94.479	7,7	7.236	7,7	464	0,5
2005	508.248	9,3	47.443	0,5	2.639	0,5	104.422	7,9	8.266	7,9	475	0,5
2006	551.934	9,9	54.367	0,5	2.725	0,5	116.626	8,3	9.663	8,3	551	0,5
2007	606.191	9,5	57.353	0,5	2.855	0,5	131.903	8,3	10.971	8,3	650	0,5

Fonte: IBGE. Pesquisa Industrial Anual. 1996 a 2007

Tabela 0-17: Sergipe: Dados gerais da Indústria Extrativa Mineral, 1996-2007

Ano	Unidades locais		Pessoal ocupado em 31/12		Salários e outras remunerações		Valor da Transformação Industrial	
	N.	Índice (1996= 100)	N.	Índice (1996= 100)	R\$ Mil (Valores correntes)	Índice (1996= 100)	R\$ Mil (Valores correntes)	Índice (1996= 100)
1996	16	100	2.656	100	95.166	100	89.491	100
1997	18	113	2.408	91	93.321	98	87.511	98
1998	15	94	2.221	84	85.053	89	131.040	146
1999	15	94	1.943	73	87.199	92	290.172	324
2000	14	88	2.087	79	93.354	98	385.079	430
2001	18	113	2.466	93	117.542	124	398.381	445
2002	17	106	2.753	104	137.800	145	456.711	510
2003	16	100	3.040	114	222.628	234	760.616	850
2004	20	125	2.822	106	255.586	269	984.033	1.100
2005	20	125	2.913	110	252.629	265	1.234.986	1.380
2006	17	106	3.205	121	295.677	311	1.212.627	1.355
2007	24	150	3.723	140	343.761	361	1.186.231	1.326

Tabela. Indústria Extrativa Mineral de Sergipe. Unidades Locais, Pessoal Ocupado, Valor da Transformação Industrial e Salários e Remunerações, 1996-2007.
 Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual, 1996 a 2007.

Tabela 0-18: Sergipe: Dados gerais da Indústria de Transformação, 1996-2007

Ano	Unidades locais		Pessoal ocupado em 31/12		Valor da Transformação Industrial		Salários e outras remunerações	
	N.	Índice (1996=100)	N.	Índice (1996=100)	R\$ Mil (valores correntes)	Índice (1996= 100)	R\$ Mil (valores correntes)	Índice (1996= 100)
1996	459	100	16.313	100	281.850	100	82.533	100
1997	472	103	16.696	102	297.226	105	86.766	105
1998	529	115	16.861	103	391.549	139	97.612	118
1999	523	114	18.902	116	482.453	171	101.236	123
2000	601	131	22.091	135	641.777	228	127.126	154
2001	615	134	22.374	137	906.028	321	134.525	163
2002	644	140	24.244	149	1.049.355	372	147.705	179
2003	677	147	24.253	149	1.237.439	439	173.550	210
2004	722	157	25.615	157	1.413.868	502	208.799	253
2005	800	174	27.819	171	1.404.341	498	222.861	270
2006	787	171	28.010	172	1.512.728	537	255.439	309
2007	831	181	33.373	205	1.668.370	592	306.638	372

Fonte: IBGE. Pesquisa Industrial Anual- 1996 a 2007.

Tabela 0-19: Sergipe: Número de estabelecimentos por porte de empresa da Indústria de Transformação segundo setor de atividade, 2000

Setor	Nº de Estabelecimentos				Total	Participação Relativa (%)				Total
	De 0 a 19	De 20 a 99	De 100 a 499	500 ou +		De 0 a 19	De 20 a 99	De 100 a 499	500 ou +	
Alim. e bebidas	33	31	9	2	75	44,0	41,3	12,0	2,7	100
Mín. não Metálicos	15	31	4	0	50	30,0	62,0	8,0	-	100
Vestuário	8	6	2	1	17	47,1	35,3	11,8	5,9	100
Móveis e diversos	16	9	0	0	25	64,0	36,0	-	-	100
Têxtil	7	8	9	0	24	29,2	33,3	37,5	-	100
Edição e gráfica	10	4	1	0	15	66,7	26,7	6,7	-	100
Plástico e borracha	5	7	1	0	13	38,5	53,8	7,7	-	100
Ind. Química	3	7	1	0	11	27,3	63,6	9,1	-	100
Produtos de metal	10	8	0	0	18	55,6	44,4	-	-	100
Maq. e equip.	1	0	0	0	1	100,0	-	-	-	100
Calçados e couro	2	1	0	1	4	50,0	25,0	-	25,0	100
Produtos de madeira	11	3	0	0	14	78,6	21,4	-	-	100
Celulose e papel	1	1	0	0	2	50,0	50,0	-	-	100
Veic, Carroc e reboques	0	0	0	0	0	-	-	-	-	-
Fumo	1	1	1	0	3	33,3	33,3	33,3	-	100
Refino de petróleo, elaboração de combustíveis	0	0	1	1	2	-	-	50,0	50,0	100
Outros	4	7	1	0	12	33,3	58,3	8,3	-	100
Total	127	124	30	5	286	44,4	43,4	10,5	1,7	100

Fonte: MTE. Relatório Anual de Informações Sociais. 2000

Tabela 0-20: Sergipe: Número de Estabelecimentos por porte de empresa da Indústria de Transformação segundo setor de atividade, 2008

Setor	Nº de Estabelecimentos				Total	Participação Relativa (%)				Total
	De 0 a 19	De 20 a 99	De 100 a 499	500 ou +		De 0 a 19	De 20 a 99	De 100 a 499	500 ou +	
Alim. e bebidas	67	34	13	2	116	57,8	29,3	11,2	1,7	100
Mín. não Metálicos	39	56	4	0	99	39,4	56,6	4,0	-	100
Vestuário	20	11	10	0	41	48,8	26,8	24,4	-	100
Móveis e diversos	19	18	1	0	38	50,0	47,4	2,6	-	100
Têxtil	12	11	10	1	34	35,3	32,4	29,4	2,9	100
Edição e gráfica	11	12	1	0	24	45,8	50,0	4,2	-	100
Plástico e borracha	15	5	3	0	23	65,2	21,7	13,0	-	100
Ind. Química	11	8	3	0	22	50,0	36,4	13,6	-	100
Produtos de metal	9	11	2	0	22	40,9	50,0	9,1	-	100
Maq. e equip.	6	5	0	1	12	50,0	41,7	-	8,3	100
Calçados e couro	3	3	3	2	11	27,3	27,3	27,3	18,2	100
Produtos de madeira	4	4	0	0	8	50,0	50,0	-	-	100
Celulose e papel	2	4	1	0	7	28,6	57,1	14,3	-	100
Veic, Carroc e reboques	2	5	0	0	7	28,6	71,4	-	-	100
Fumo	1	2	1	0	4	25,0	50,0	25,0	-	100
Refino de petróleo, elaboração de combustíveis	0	3	0	1	4	-	75,0	-	25,0	100
Outros	7	8	2	0	17	41,2	47,1	11,8	-	100
Total	228	200	54	7	489	46,6	40,9	11,0	1,4	100

Fonte: MTE – Relatório Anual de Informações Sociais 2008.

Tabela 0-21: Caracterização dos territórios e municípios de sergipanos: PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano

Município / Território	PIB ¹ (R\$ 1.000)	População ²	Número de unidades locais ³	Pessoal ocupado total ³	Pessoal ocupado assalariado ³	Salários e outras remunerações (R\$ 1.000) ³	Salário médio mensal (Salários mínimos) ³	IDH ⁴
Agreste Central	1.265.036,72	222.197	2.697	20.521	17.439	138.868	1,64	0,646
Areia Branca	70.914,53	16.072	67	871	800	8.676	2,1	0,644
Campo do Brito	66.368,55	16.122	210	995	759	4.659	1,2	0,661
Carira	81.485,29	18.965	191	922	710	6.821	2,0	0,581
Frei Paulo	157.049,76	12.589	158	1.887	1.720	14.910	1,8	0,646
Itabaiana	565.198,28	83.161	1.474	10.145	8.285	63.754	1,6	0,678
Macambira	23.676,88	6.295	63	523	462	3.033	1,4	0,649
Malhador	43.253,54	11.728	57	805	720	4.797	1,4	0,618
Moita Bonita	39.971,31	10.910	79	473	415	3.694	1,9	0,662
Nossa Senhora Aparecida	37.933,47	8.517	57	479	442	4.430	1,9	0,567
Pedra Mole	12.148,93	2.774	19	222	215	2.047	2,0	0,620
Pinhão	22.671,28	5.590	39	360	330	2.228	1,5	0,600
Ribeirópolis	81.358,31	15.676	185	1.732	1.552	12.739	1,7	0,656
São Domingos	47.032,99	10.128	80	814	750	5.248	1,4	0,594
São Miguel do Aleixo	15.973,61	3.670	18	293	279	1.832	1,4	0,608
Alto Sertão	1.433.872,04	137.926	1.133	9.328	8.209	72.343	1,90	0,575
Canindé de São Francisco	890.447,26	21.806	159	2.640	2.472	18.442	1,8	0,580
Gararu	47.333,21	11.606	61	579	527	5.016	1,4	0,572
Monte Alegre de Sergipe	52.849,97	13.199	79	554	476	4.580	2,0	0,568
Nossa Senhora da Glória	193.108,56	29.546	368	2.335	1.954	17.990	1,9	0,631
Nossa Senhora de Lourdes	25.980,48	6.280	26	353	332	2.687	1,7	0,583
Poço Redondo	110.889,96	28.969	168	1.184	1.039	10.580	2,1	0,536
Porto da Folha	113.262,60	26.520	272	1.683	1.409	13.048	2,1	0,556

Continuação da Tabela 0-21

Baixo São Francisco	714.396,20	123.482	1.108	11.733	10.620	86.405	1,73	0,614
Amparo de São Francisco	9.891,34	2.197	9	267	265	2.261	2,1	0,602
Brejo Grande	36.756,60	7.760	37	389	351	2.343	1,4	0,550
Canhoba	16.012,89	3.910	11	375	365	2.740	1,7	0,597
Cedro de São João	23.081,43	5.358	43	415	380	2.803	1,6	0,684
Ilha das Flores	32.395,55	8.598	52	546	490	3.906	1,7	0,584
Japoatã	81.040,53	13.539	65	2.099	2.055	14.224	1,8	0,604
Malhada dos Bois	22.244,87	3.658	31	473	442	3.454	1,6	0,630
Muribeca	29.835,73	7.225	52	742	711	4.249	1,5	0,597
Neópolis	107.424,50	18.909	281	2.111	1.799	14.652	1,6	0,621
Pacatuba	101.307,93	12.377	44	711	679	4.977	1,5	0,584
Propriá	209.340,85	27.629	431	2.792	2.330	24.714	2,0	0,653
Santana do São Francisco	19.742,25	6.596	15	217	205	1.567	1,6	0,579
São Francisco	12.408,70	2.874	19	248	223	2.005	1,7	0,629
Telha	12.913,03	2.852	18	348	325	2.510	1,6	0,601
Centro Sul	1.075.540,02	213.492	2.465	18.275	15.692	131.908	1,75	0,599
Lagarto	533.018,45	88.980	1.050	8.953	7.825	64.518	1,7	0,614
Poço Verde	85.271,44	21.083	239	1.360	1.188	10.432	2,0	0,597
Riachão do Dantas	72.421,30	19.019	101	1.122	1.014	10.635	2,1	0,556
Simão Dias	185.079,91	37.145	333	3.344	3.007	22.260	1,6	0,591
Tobias Barreto	199.748,92	47.265	742	3.496	2.658	24.063	1,8	0,596
Grande Aracaju	9.254.796,78	847.941	15.783	242.264	222.550	3.389.804	3,22	0,751
Aracaju	6.353.204,98	520.303	12.828	202.137	185.689	2.893.476	3,3	0,794
Barra dos Coqueiros	198.629,67	19.218	217	2.371	2.128	2.1719	2,2	0,676
Itaporanga d'Ajuda	343.700,33	28.131	263	4.084	3.848	34.529	1,9	0,638
Laranjeiras	769.718,13	23.923	226	5.709	5.518	122.854	4,5	0,642
Maruim	121.239,63	15.150	114	1.621	1.515	14.726	2,1	0,662
Nossa Senhora do Socorro	956.980,36	148.546	1.162	12.680	11.293	140.808	2,6	0,696
Riachuelo	107.308,88	9.087	62	1.332	1.284	10.265	1,7	0,671
Santo Amaro das Brotas	54.763,42	11.652	73	520	446	3.710	1,7	0,655
São Cristóvão	349.251,38	71.931	838	11.810	10.829	147.717	2,9	0,700

Continuação da Tabela 0-21

Leste	1.255.392,04	90.452	780	12.003	11.197	222.444	4,10	0,645
Capela	133.243,63	27.913	165	1.857	1.706	13.305	1,7	0,615
Carmópolis	308.684,43	11.911	191	3.308	3.104	33.794	2,2	0,676
Divina Pastora	111.439,42	4.198	21	497	482	3.906	1,7	0,655
General Maynard	12.997,57	2.773	23	412	395	3.674	2,0	0,671
Japarutuba	313.372,25	15.450	107	2.402	2.296	121.758	10,9	0,651
Pirambu	44.339,78	8.227	61	547	485	4.269	1,5	0,652
Rosário do Catete	217.138,85	8.518	110	1.845	1.705	33.318	4,1	0,672
Santa Rosa de Lima	23.052,77	3.844	61	423	363	2.570	1,5	0,628
Siriri	91.123,36	7.618	41	712	661	5.850	1,9	0,645
Médio Sertão	284.711,01	62.644	438	4.271	3.814	28.685	1,55	0,621
Aquidabã	87.269,48	19.185	141	1.478	1.304	9.130	1,4	0,605
Cumbe	16.688,65	3.741	17	286	275	2.244	1,7	0,638
Feira Nova	26.453,70	5.628	22	304	293	2.429	1,7	0,620
Graccho Cardoso	24.262,26	5.554	46	358	323	2.118	1,3	0,594
Itabi	22.023,79	4.736	40	380	350	2.560	1,5	0,623
Nossa Senhora das Dores	108.013,14	23.800	172	1.465	1.269	10.204	1,7	0,637
Sul	1.611.945,89	241.292	2.361	20.129	17.526	165.400	1,87	0,616
Araúá	49.783,39	11.633	54	655	590	4.767	1,7	0,621
Boquim	123.257,25	24.472	260	1.495	1.220	10.391	1,7	0,634
Cristinápolis	60.497,69	15.867	126	831	713	7.110	1,8	0,577
Estância	864.669,61	61.368	893	8.636	7.620	78.114	2,0	0,672
Indiaroba	63.542,71	17.089	73	707	625	6.054	2,0	0,605
Itabaianinha	148.786,35	37.431	340	2.673	2.301	20.697	1,8	0,590
Pedrinhas	32.098,31	8.389	56	409	362	2.503	1,4	0,601
Salgado	71.320,33	18.563	199	1.256	1.090	9.320	1,7	0,611
Santa Luzia do Itanhy	56.180,34	13.041	74	882	868	7.402	1,8	0,545
Tomar do Geru	45.478,52	12.877	72	715	637	6.010	1,9	0,563
Umbaúba	96.331,38	20.562	214	1.870	1.500	13.032	1,8	0,601
Sergipe	16.895.690,70	1.939.426	26.765	338.524	307.047	4.235.857	2,9	0,682

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-22: Caracterização dos territórios e municípios sergipanos: Distribuição relativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB ¹	População ²	Número de unidades locais ³	Pessoal ocupado total ³	Pessoal ocupado assalariado ³	Salários e outras remunerações ³	Salário médio mensal ³	IDH ⁴
Agreste Central	7,49	11,46	10,08	6,06	5,68	3,28	56,65	94,72
Areia Branca	0,42	0,83	0,25	0,26	0,26	0,20	72,41	94,43
Campo do Brito	0,39	0,83	0,78	0,29	0,25	0,11	41,38	96,92
Carira	0,48	0,98	0,71	0,27	0,23	0,16	68,97	85,19
Frei Paulo	0,93	0,65	0,59	0,56	0,56	0,35	62,07	94,72
Itabaiana	3,35	4,29	5,51	3,00	2,70	1,51	55,17	99,41
Macambira	0,14	0,32	0,24	0,15	0,15	0,07	48,28	95,16
Malhador	0,26	0,60	0,21	0,24	0,23	0,11	48,28	90,62
Moita Bonita	0,24	0,56	0,30	0,14	0,14	0,09	65,52	97,07
Nossa Senhora Aparecida	0,22	0,44	0,21	0,14	0,14	0,10	65,52	83,14
Pedra Mole	0,07	0,14	0,07	0,07	0,07	0,05	68,97	90,91
Pinhão	0,13	0,29	0,15	0,11	0,11	0,05	51,72	87,98
Ribeirópolis	0,48	0,81	0,69	0,51	0,51	0,30	58,62	96,19
São Domingos	0,28	0,52	0,30	0,24	0,24	0,12	48,28	87,10
São Miguel do Aleixo	0,09	0,19	0,07	0,09	0,09	0,04	48,28	89,15

Continuação da Tabela 0-22

Alto Sertão	8,49	7,11	4,23	2,76	2,67	1,71	65,35	84,37
Canindé de São Francisco	5,27	1,12	0,59	0,78	0,81	0,44	62,07	85,04
Gararu	0,28	0,60	0,23	0,17	0,17	0,12	48,28	83,87
Monte Alegre de Sergipe	0,31	0,68	0,30	0,16	0,16	0,11	68,97	83,28
Nossa Senhora da Glória	1,14	1,52	1,37	0,69	0,64	0,42	65,52	92,52
Nossa Senhora de Lourdes	0,15	0,32	0,10	0,10	0,11	0,06	58,62	85,48
Poço Redondo	0,66	1,49	0,63	0,35	0,34	0,25	72,41	78,59
Porto da Folha	0,67	1,37	1,02	0,50	0,46	0,31	72,41	81,52
Baixo São Francisco	4,23	6,37	4,14	3,47	3,46	2,04	59,63	89,96
Amparo de São Francisco	0,06	0,11	0,03	0,08	0,09	0,05	72,41	88,27
Brejo Grande	0,22	0,40	0,14	0,11	0,11	0,06	48,28	80,65
Canhoba	0,09	0,20	0,04	0,11	0,12	0,06	58,62	87,54
Cedro de São João	0,14	0,28	0,16	0,12	0,12	0,07	55,17	100,29
Ilha das Flores	0,19	0,44	0,19	0,16	0,16	0,09	58,62	85,63
Japoatã	0,48	0,70	0,24	0,62	0,67	0,34	62,07	88,56
Malhada dos Bois	0,13	0,19	0,12	0,14	0,14	0,08	55,17	92,38
Muribeca	0,18	0,37	0,19	0,22	0,23	0,10	51,72	87,54
Neópolis	0,64	0,97	1,05	0,62	0,59	0,35	55,17	91,06
Pacatuba	0,60	0,64	0,16	0,21	0,22	0,12	51,72	85,63
Propriá	1,24	1,42	1,61	0,82	0,76	0,58	68,97	95,75
Santana do São Francisco	0,12	0,34	0,06	0,06	0,07	0,04	55,17	84,90
São Francisco	0,07	0,15	0,07	0,07	0,07	0,05	58,62	92,23
Telha	0,08	0,15	0,07	0,10	0,11	0,06	55,17	88,12

Continuação da Tabela 0-22

Centro Sul	6,37	11,01	9,21	5,40	5,11	3,11	60,22	87,85
Lagarto	3,15	4,59	3,92	2,64	2,55	1,52	58,62	90,03
Poço Verde	0,50	1,09	0,89	0,40	0,39	0,25	68,97	87,54
Riachão do Dantas	0,43	0,98	0,38	0,33	0,33	0,25	72,41	81,52
Simão Dias	1,10	1,92	1,24	0,99	0,98	0,53	55,17	86,66
Tobias Barreto	1,18	2,44	2,77	1,03	0,87	0,57	62,07	87,39
Grande Aracaju	54,78	43,72	58,97	71,56	72,48	80,03	111,02	110,14
Aracaju	37,60	26,83	47,93	59,71	60,48	68,31	113,79	116,42
Barra dos Coqueiros	1,18	0,99	0,81	0,70	0,69	0,51	75,86	99,12
Itaporanga d'Ajuda	2,03	1,45	0,98	1,21	1,25	0,82	65,52	93,55
Laranjeiras	4,56	1,23	0,84	1,69	1,80	2,90	155,17	94,13
Maruim	0,72	0,78	0,43	0,48	0,49	0,35	72,41	97,07
Nossa Senhora do Socorro	5,66	7,66	4,34	3,75	3,68	3,32	89,66	102,05
Riachuelo	0,64	0,47	0,23	0,39	0,42	0,24	58,62	98,39
Santo Amaro das Brotas	0,32	0,60	0,27	0,15	0,15	0,09	58,62	96,04
São Cristóvão	2,07	3,71	3,13	3,49	3,53	3,49	100,00	102,64
Leste	7,43	4,66	2,91	3,55	3,65	5,25	141,30	94,51
Capela	0,79	1,44	0,62	0,55	0,56	0,31	58,62	90,18
Carmópolis	1,83	0,61	0,71	0,98	1,01	0,80	75,86	99,12
Divina Pastora	0,66	0,22	0,08	0,15	0,16	0,09	58,62	96,04
General Maynard	0,08	0,14	0,09	0,12	0,13	0,09	68,97	98,39
Japarutuba	1,85	0,80	0,40	0,71	0,75	2,87	375,86	95,45
Pirambu	0,26	0,42	0,23	0,16	0,16	0,10	51,72	95,60
Rosário do Catete	1,29	0,44	0,41	0,55	0,56	0,79	141,38	98,53
Santa Rosa de Lima	0,14	0,20	0,23	0,12	0,12	0,06	51,72	92,08
Siriú	0,54	0,39	0,15	0,21	0,22	0,14	65,52	94,57

Continuação da Tabela 0-22

Médio Sertão	1,69	3,23	1,64	1,26	1,24	0,68	53,28	91,04
Aquidabã	0,52	0,99	0,53	0,44	0,42	0,22	48,28	88,71
Cumbe	0,10	0,19	0,06	0,08	0,09	0,05	58,62	93,55
Feira Nova	0,16	0,29	0,08	0,09	0,10	0,06	58,62	90,91
Graccho Cardoso	0,14	0,29	0,17	0,11	0,11	0,05	44,83	87,10
Itabi	0,13	0,24	0,15	0,11	0,11	0,06	51,72	91,35
Nossa Senhora das Dores	0,64	1,23	0,64	0,43	0,41	0,24	58,62	93,40
Sul	9,54	12,44	8,82	5,95	5,71	3,90	64,58	90,33
Araúá	0,29	0,60	0,20	0,19	0,19	0,11	58,62	91,06
Boquim	0,73	1,26	0,97	0,44	0,40	0,25	58,62	92,96
Cristinápolis	0,36	0,82	0,47	0,25	0,23	0,17	62,07	84,60
Estância	5,12	3,16	3,34	2,55	2,48	1,84	68,97	98,53
Indiaroba	0,38	0,88	0,27	0,21	0,20	0,14	68,97	88,71
Itabaianinha	0,88	1,93	1,27	0,79	0,75	0,49	62,07	86,51
Pedrinhas	0,19	0,43	0,21	0,12	0,12	0,06	48,28	88,12
Salgado	0,42	0,96	0,74	0,37	0,35	0,22	58,62	89,59
Santa Luzia do Itanhy	0,33	0,67	0,28	0,26	0,28	0,17	62,07	79,91
Tomar do Geru	0,27	0,66	0,27	0,21	0,21	0,14	65,52	82,55
Umabaíba	0,57	1,06	0,80	0,55	0,49	0,31	62,07	88,12
Sergipe	100	100	100	100	100	100	-	-

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-23: Caracterização do Território Agreste Central e seus municípios: Distribuição relativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB ¹	População ²	Número de unidades locais ³	Pessoal ocupado total ³	Pessoal ocupado assalariado ³	Salários e outras remunerações ³	Salário médio mensal ³	IDH ⁴
Agreste Central	100	100	100	100	100	100	-	-
Areia Branca	5,61	7,23	2,48	4,24	4,59	6,25	127,83	99,70
Campo do Brito	5,25	7,26	7,79	4,85	4,35	3,35	73,04	102,33
Carira	6,44	8,54	7,08	4,49	4,07	4,91	121,74	89,94
Frei Paulo	12,41	5,67	5,86	9,20	9,86	10,74	109,56	100,01
Itabaiana	44,68	37,43	54,65	49,44	47,51	45,91	97,39	104,96
Macambira	1,87	2,83	2,34	2,55	2,65	2,18	85,22	100,47
Malhador	3,42	5,28	2,11	3,92	4,13	3,45	85,22	95,67
Moita Bonita	3,16	4,91	2,93	2,30	2,38	2,66	115,65	102,48
Nossa Senhora Aparecida	3,00	3,83	2,11	2,33	2,53	3,19	115,65	87,78
Pedra Mole	0,96	1,25	0,70	1,08	1,23	1,47	121,74	95,98
Pinhão	1,79	2,52	1,45	1,75	1,89	1,60	91,30	92,88
Ribeirópolis	6,43	7,06	6,86	8,44	8,90	9,17	103,48	101,55
São Domingos	3,72	4,56	2,97	3,97	4,30	3,78	85,22	91,96
São Miguel do Aleixo	1,26	1,65	0,67	1,43	1,60	1,32	85,22	94,12

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-24: Caracterização do Território Alto Sertão e seus Municípios: Distribuição relativa de PIB, população residente, n número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB1	População2	Número de unidades locais3	Pessoal ocupado total3	Pessoal ocupado assalariado3	Salários e outras remunerações3	Salário médio mensal3	IDH4
Alto Sertão	100	100	100	100	100	100	-	-
Canindé de São Francisco	62,10	15,81	14,03	28,30	30,11	25,49	94,98	100,80
Gararu	3,30	8,41	5,38	6,21	6,42	6,93	73,87	99,41
Monte Alegre de Sergipe	3,69	9,57	6,97	5,94	5,80	6,33	105,53	98,72
Nossa Senhora da Glória	13,47	21,42	32,48	25,03	23,80	24,87	100,26	109,67
Nossa Senhora de Lourdes	1,81	4,55	2,29	3,78	4,04	3,71	89,70	101,32
Poço Redondo	7,73	21,00	14,83	12,69	12,66	14,62	110,81	93,16
Porto da Folha	7,90	19,23	24,01	18,04	17,16	18,04	110,81	96,63

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-25: Caracterização do território do Baixo São Francisco e seus municípios: distribuição relativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, Pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras Remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB1	População2	Número de unidades locais3	Pessoal ocupado total3	Pessoal ocupado assalariado3	Salários e outras remunerações3	Salário médio mensal3	IDH4
Baixo São Francisco	100	100	100	100	100	100	-	-
Amparo de São Francisco	1,38	1,78	0,81	2,28	2,50	2,62	121,43	98,12
Brejo Grande	5,15	6,28	3,34	3,32	3,31	2,71	80,95	89,65
Canhoba	2,24	3,17	0,99	3,20	3,44	3,17	98,30	97,31
Cedro de São João	3,23	4,34	3,88	3,54	3,58	3,24	92,52	111,49
Ilha das Flores	4,53	6,96	4,69	4,65	4,61	4,52	98,30	95,19
Japoatã	11,34	10,96	5,87	17,89	19,35	16,46	104,08	98,45
Malhada dos Bois	3,11	2,96	2,80	4,03	4,16	4,00	92,52	102,68
Muribeca	4,18	5,85	4,69	6,32	6,69	4,92	86,74	97,31
Neópolis	15,04	15,31	25,36	17,99	16,94	16,96	92,52	101,22
Pacatuba	14,18	10,02	3,97	6,06	6,39	5,76	86,74	95,19
Propriá	29,30	22,37	38,90	23,80	21,94	28,60	115,65	106,43
Santana do São Francisco	2,76	5,34	1,35	1,85	1,93	1,81	92,52	94,37
São Francisco	1,74	2,33	1,71	2,11	2,10	2,32	98,30	102,52
Telha	1,81	2,31	1,62	2,97	3,06	2,90	92,52	97,96

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-26: Caracterização do território Centro Sul e seus municípios: Distribuição relativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB1	População2	Número de unidades locais3	Pessoal ocupado total3	Pessoal ocupado assalariado3	Salários e outras remunerações3	Salário médio mensal3	IDH4
Centro Sul	100	100	100	100	100	100	-	-
Lagarto	49,56	41,68	42,60	48,99	49,87	48,91	97,35	102,48
Poço Verde	7,93	9,88	9,70	7,44	7,57	7,91	114,53	99,64
Riachão do Dantas	6,73	8,91	4,10	6,14	6,46	8,06	120,25	92,80
Simão Dias	17,21	17,40	13,51	18,30	19,16	16,88	91,62	98,64
Tobias Barreto	18,57	22,14	30,10	19,13	16,94	18,24	103,07	99,47

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-27: Caracterização do território da Grande Aracaju e seus municípios: Distribuição relativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB1	População2	Número de unidades locais3	Pessoal ocupado total3	Pessoal ocupado assalariado3	Salários e outras remunerações3	Salário médio mensal3	IDH4
Grande Aracaju	100	100	100	100	100	100	-	-
Aracaju	68,65	61,36	81,28	83,44	83,44	85,36	102,50	105,71
Barra dos Coqueiros	2,15	2,27	1,37	0,98	0,96	0,64	68,33	90,00
Itaporanga d'Ajuda	3,71	3,32	1,67	1,69	1,73	1,02	59,02	84,94
Laranjeiras	8,32	2,82	1,43	2,36	2,48	3,62	139,78	85,47
Maruim	1,31	1,79	0,72	0,67	0,68	0,43	65,23	88,13
Nossa Senhora do Socorro	10,34	17,52	7,36	5,23	5,07	4,15	80,76	92,66
Riachuelo	1,16	1,07	0,39	0,55	0,58	0,30	52,80	89,33
Santo Amaro das Brotas	0,59	1,37	0,46	0,21	0,20	0,11	52,80	87,20
São Cristóvão	3,77	8,48	5,31	4,87	4,87	4,36	90,08	93,19

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-28: Caracterização do Território Leste e seus municípios: Distribuição orlativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB1	População2	Número de unidades locais3	Pessoal ocupado total3	Pessoal ocupado assalariado3	Salários e outras remunerações3	Salário médio mensal3	IDH4
Leste	100	100	100	100	100	100	-	-
Capela	10,61	30,86	21,15	15,47	15,24	5,98	41,49	95,41
Carmópolis	24,59	13,17	24,49	27,56	27,72	15,19	53,69	104,88
Divina Pastora	8,88	4,64	2,69	4,14	4,30	1,76	41,49	101,62
General Maynard	1,04	3,07	2,95	3,43	3,53	1,65	48,81	104,10
Japarutaba	24,96	17,08	13,72	20,01	20,51	54,74	266,00	101,00
Pirambu	0,26	0,42	0,23	0,16	0,16	0,10	51,72	95,60
Rosário do Catete	1,29	0,44	0,41	0,55	0,56	0,79	141,38	98,53
Santa Rosa de Lima	0,14	0,20	0,23	0,12	0,12	0,06	51,72	92,08
Siriri	0,54	0,39	0,15	0,21	0,22	0,14	65,52	94,57

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-29: Caracterização do território do Médio Sertão e seus municípios: Distribuição relativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB1	População2	Número de unidades locais3	Pessoal ocupado total3	Pessoal ocupado assalariado3	Salários e outras remunerações3	Salário médio mensal3	IDH4
Médio Sertão	1,69	3,23	1,64	1,26	1,24	0,68	-	-
Aquidabã	0,52	0,99	0,53	0,44	0,42	0,22	48,28	88,71
Cumbe	0,10	0,19	0,06	0,08	0,09	0,05	58,62	93,55
Feira Nova	0,16	0,29	0,08	0,09	0,10	0,06	58,62	90,91
Graccho Cardoso	0,14	0,29	0,17	0,11	0,11	0,05	44,83	87,10
Itabi	0,13	0,24	0,15	0,11	0,11	0,06	51,72	91,35
Nossa Senhora das Dores	0,64	1,23	0,64	0,43	0,41	0,24	58,62	93,40

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-30: Caracterização do Território Sul e seus municípios: Distribuição relativa de PIB, população residente, número de unidades locais de empresas, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e Índice de Desenvolvimento Humano. (%)

Município / Território	PIB1	População2	Número de unidades locais3	Pessoal ocupado total3	Pessoal ocupado assalariado3	Salários e outras remunerações3	Salário médio mensal3	IDH4
Sul	9,54	12,44	8,82	5,95	5,71	3,90	-	-
Araúá	0,29	0,60	0,20	0,19	0,19	0,11	58,62	91,06
Boquim	0,73	1,26	0,97	0,44	0,40	0,25	58,62	92,96
Cristinápolis	0,36	0,82	0,47	0,25	0,23	0,17	62,07	84,60
Estância	5,12	3,16	3,34	2,55	2,48	1,84	68,97	98,53
Indiaroba	0,38	0,88	0,27	0,21	0,20	0,14	68,97	88,71
Itabaianinha	0,88	1,93	1,27	0,79	0,75	0,49	62,07	86,51
Pedrinhas	0,19	0,43	0,21	0,12	0,12	0,06	48,28	88,12
Salgado	0,42	0,96	0,74	0,37	0,35	0,22	58,62	89,59
Santa Luzia do Itanhy	0,33	0,67	0,28	0,26	0,28	0,17	62,07	79,91
Tomar do Geru	0,27	0,66	0,27	0,21	0,21	0,14	65,52	82,55
Umbatuba	0,57	1,06	0,80	0,55	0,49	0,31	62,07	88,12

Fonte: (1) IBGE – PIB Municipal 2007, (2) IBGE – Contagem da População 2007, (3) Cadastro Central de Empresas 2007, (4) IPEA, calculado com base no Censo 2000.

Tabela 0-31: Composição do PIB dos municípios e territórios de Sergipe: Valor Adicionado Bruto por setor de atividade, PIB a preço básico e PIB a preços de mercado, 1999. (R\$ Mil)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Impostos	PIB preço básico	PIB preço de mercado
Agreste Central	44.721,74	60.060,79	330.933,07	29.904,39	435.715,60	465.619,99
Areia Branca	5.721,45	4.180,00	18.990,75	1.253,98	28.892,20	30.146,17
Campo do Brito	2.676,05	4.480,98	22.739,06	1.237,91	29.896,09	31.134,00
Carira	4.911,92	2.130,26	22.908,65	1.270,70	29.950,83	31.221,53
Frei Paulo	3.179,02	17.490,12	19.816,63	4.355,85	40.485,77	44.841,62
Itabaiana	12.464,17	20.208,95	157.751,22	17.263,74	190.424,34	207.688,08
Macambira	1.282,85	821,93	8.064,01	388,31	10.168,79	10.557,10
Malhador	2.439,64	1.953,70	14.565,61	539,48	18.938,95	19.498,42
Moita Bonita	2.075,39	1.456,60	13.504,54	514,56	17.036,53	17.551,08
Nossa Senhora Aparecida	2.447,83	938,48	9.346,48	460,55	12.732,78	13.193,33
Pedra Mole	614,38	319,75	3.695,99	122,81	4.630,11	4.752,92
Pinhão	1.671,77	597,54	6.184,68	318,01	8.453,98	8.771,99
Ribeirópolis	2.636,18	3.493,90	19.664,97	1.464,25	25.795,05	27.259,30
São Domingos	1.737,02	1.525,91	9.418,53	546,91	12.681,47	13.228,38
São Miguel do Aleixo	864,07	462,69	4.281,97	167,35	5.608,72	5.776,07
Alto Sertão	35.954,31	54.139,19	140.633,48	9.033,77	230.726,99	239.760,76
Canindé de São Francisco	5.063,92	41.701,50	24.719,40	1.696,01	71.484,82	73.180,83
Gararu	4.647,44	1.108,58	11.341,68	664,37	17.097,69	17.762,06
Monte Alegre de Sergipe	3.749,39	1.309,22	12.866,88	776,53	17.925,49	18.702,02
Nossa Senhora da Glória	8.312,30	3.881,02	37.352,25	2.975,87	49.545,57	52.521,44
Nossa Senhora de Lourdes	1.153,78	730,44	6.616,82	244,76	8.501,04	8.745,80
Poço Redondo	5.628,64	2.534,80	21.214,30	1.180,60	29.377,73	30.558,33
Porto da Folha	7.398,85	2.873,65	26.522,14	1.495,64	36.794,64	38.290,28
Baixo São Francisco	28.103,34	56.174,40	171.579,41	19.447,59	255.857,15	275.304,74
Amparo de São Francisco	341,31	296,22	2.942,66	145,29	3.580,19	3.725,47
Brejo Grande	2.645,26	2.131,18	7.832,76	404,66	12.609,20	13.013,86
Canhoba	1.307,32	494,31	4.764,80	251,73	6.566,42	6.818,15
Cedro de São João	755,26	680,56	7.476,68	278,70	8.912,50	9.191,20

Continuação da Tabela 0-31

Ilha das Flores	1.664,01	1.018,24	9.836,65	423,22	12.518,91	12.942,13
Japoatã	5.087,75	15.769,08	16.310,14	3.805,47	37.166,96	40.972,43
Malhada dos Bois	741,22	640,51	6.046,04	545,33	7.427,77	7.973,10
Muribeca	852,33	878,31	9.376,10	468,39	11.106,74	11.575,13
Neópolis	3.006,68	10.448,69	24.753,85	3.852,83	38.209,21	42.062,04
Pacatuba	7.185,69	2.404,38	13.979,91	997,34	23.569,98	24.567,32
Propriá	2.096,50	19.870,43	53.951,59	7.790,49	75.918,52	83.709,00
Santana do São Francisco	801,95	692,01	6.419,43	177,67	7.913,38	8.091,05
São Francisco	892,77	381,47	3.936,96	153,57	5.211,20	5.364,77
Telha	725,30	469,03	3.951,85	152,92	5.146,17	5.299,09
Centro Sul	58.162,50	57.785,45	290.131,18	31.543,48	406.079,13	437.622,61
Lagarto	28.477,97	32.666,99	139.811,52	20.368,47	200.956,47	221.324,95
Poço Verde	5.945,61	2.109,60	21.973,18	1.239,18	30.028,39	31.267,57
Riachão do Dantas	7.946,89	2.108,16	20.724,56	1.149,85	30.779,61	31.929,46
Simão Dias	10.822,43	10.630,52	48.211,73	4.289,29	69.664,68	73.953,98
Tobias Barreto	4.969,60	10.270,19	59.410,19	4.496,69	74.649,98	79.146,66
Grande Aracaju	34.964,77	794.149,22	2.219.608,98	393.385,21	3.048.722,96	3.442.108,17
Aracaju	3.588,54	533.809,58	1.723.831,94	296.949,53	2.261.230,07	2.558.179,59
Barra dos Coqueiros	2.435,62	25.839,48	38.236,94	4.055,51	66.512,04	70.567,56
Itaporanga d'Ajuda	6.771,50	20.952,57	32.802,49	4.297,10	60.526,56	64.823,66
Laranjeiras	3.723,23	63.816,30	95.980,35	26.342,67	163.519,88	189.862,55
Maruim	3.797,16	9.706,71	23.025,90	2.703,55	36.529,78	39.233,33
Nossa Senhora do Socorro	1.815,70	96.541,57	189.563,58	46.919,79	287.920,86	334.840,65
Riachuelo	1.325,49	20.977,07	16.088,17	4.512,29	38.390,73	42.903,02
Santo Amaro das Brotas	4.288,17	2.019,28	13.507,37	938,63	19.814,82	20.753,45
São Cristóvão	7.219,36	20.486,65	86.572,22	6.666,14	114.278,23	120.944,37
Leste	16.903,83	88.788,61	129.111,25	16.257,57	234.803,68	251.061,25
Capela	4.452,37	4.034,40	37.375,96	1.858,27	45.862,72	47.720,99
Carmópolis	766,14	16.034,28	16.243,15	2.969,48	33.043,57	36.013,05
Divina Pastora	1.100,69	5.383,73	4.819,58	190,90	11.303,99	11.494,89

Continuação da Tabela 0-31

General Maynard	160,05	510,20	3.849,33	73,52	4.519,58	4.593,10
Japarutuba	5.274,25	28.841,31	24.580,68	2.471,42	58.696,24	61.167,65
Pirambu	1.672,25	1.462,96	9.781,88	450,27	12.917,10	13.367,37
Rosário do Catete	716,50	27.432,56	17.695,54	7.572,08	45.844,60	53.416,68
Santa Rosa de Lima	1.006,27	444,18	5.273,24	265,47	6.723,68	6.989,15
Siriri	1.755,33	4.644,99	9.491,89	406,15	15.892,21	16.298,36
Médio Sertão	13.678,87	9.472,01	75.339,75	4.285,86	98.490,63	102.776,48
Aquidabã	3.454,64	4.322,67	23.001,58	1.330,34	30.778,89	32.109,23
Cumbe	882,58	452,94	4.743,52	163,01	6.079,04	6.242,05
Feira Nova	2.003,39	594,15	6.012,20	370,23	8.609,73	8.979,97
Graccho Cardoso	2.083,43	632,28	6.208,33	318,39	8.924,03	9.242,42
Itabi	1.454,28	643,94	6.108,79	397,02	8.207,01	8.604,03
Nossa Senhora das Dores	3.800,55	2.826,03	29.265,34	1.706,86	35.891,92	37.598,79
Sul	44.055,22	223.820,96	356.438,97	103.830,97	624.315,14	728.146,10
Araúá	3.031,23	1.448,33	13.926,53	740,99	18.406,08	19.147,07
Boquim	4.650,48	4.558,66	40.623,98	2.962,43	49.833,11	52.795,55
Cristinápolis	3.112,58	1.783,48	16.765,49	842,77	21.661,55	22.504,32
Estância	6.451,60	196.095,64	143.614,16	90.829,67	346.161,40	436.991,06
Indiaroba	4.097,66	1.446,21	14.534,20	674,47	20.078,07	20.752,54
Itabaianinha	5.403,32	7.314,14	39.973,37	2.597,41	52.690,83	55.288,24
Pedrinhas	1.379,72	974,51	8.311,67	443,92	10.665,91	11.109,82
Salgado	5.882,60	3.075,21	23.773,50	1.523,82	32.731,31	34.255,12
Santa Luzia do Itanhy	5.313,97	2.930,10	14.028,14	910,36	22.272,22	23.182,58
Tomar do Geru	2.721,09	1.539,42	13.430,34	499,49	17.690,86	18.190,34
Umbaúba	2.010,96	2.655,26	27.457,59	1.805,65	32.123,80	33.929,45
Sergipe	276.544,57	1.344.390,63	3.713.776,07	607.688,82	5.334.711,27	5.942.400,09

Fonte: IBGE – PIB Municipal Revisado. Elaboração própria.

Tabela 0-32: Composição do PIB dos municípios e territórios de Sergipe: Valor Adicionado Bruto por setor de atividade, PIB a preço básico e PIB a preços de mercado, 2007. (R\$ Mil)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Impostos	PIB preço básico	PIB preço de mercado
Agreste Central	94.846,14	188.788,20	870.209,39	111.193,00	1.153.843,73	1.265.036,72
Areia Branca	12.977,91	6.394,98	48.677,87	2.863,77	68.050,76	70.914,53
Campo do Brito	4.653,50	8.621,30	50.025,47	3.068,28	63.300,27	66.368,55
Carira	10.406,46	7.144,00	60.091,39	3.843,45	77.641,85	81.485,29
Frei Paulo	7.999,28	66.419,80	60.544,06	22.086,62	134.963,14	157.049,76
Itabaiana	22.457,94	57.076,23	422.228,61	63.435,50	501.762,77	565.198,28
Macambira	2.215,99	2.153,01	18.465,92	841,96	22.834,92	23.676,88
Malhador	5.277,35	4.168,11	32.305,02	1.503,06	41.750,48	43.253,54
Moita Bonita	4.106,07	3.623,69	30.818,76	1.422,78	38.548,52	39.971,31
Nossa Senhora Aparecida	8.441,43	2.852,19	25.299,37	1.340,49	36.592,98	37.933,47
Pedra Mole	1.218,50	1.002,14	9.648,48	279,82	11.869,12	12.148,93
Pinhão	3.126,14	1.869,46	16.905,72	769,97	21.901,31	22.671,28
Ribeirópolis	5.588,53	16.110,17	53.472,14	6.187,46	75.170,85	81.358,31
São Domingos	3.962,10	9.432,08	30.746,26	2.892,54	44.140,44	47.032,99
São Miguel do Aleixo	2.414,92	1.921,06	10.980,33	657,30	15.316,31	15.973,61
Alto Sertão	124.257,57	826.364,19	451.538,41	31.711,87	1.402.160,18	1.433.872,04
Canindé de São Francisco	17.089,43	768.572,57	99.743,82	5.041,45	885.405,82	890.447,26
Gararu	13.307,49	3.322,86	29.284,89	1.417,98	45.915,23	47.333,21
Monte Alegre de Sergipe	12.080,93	4.206,30	34.916,70	1.646,04	51.203,93	52.849,97
Nossa Senhora da Glória	30.513,10	30.577,92	116.588,69	15.428,85	177.679,71	193.108,56
Nossa Senhora de Lourdes	4.414,45	2.083,79	18.616,45	865,80	25.114,68	25.980,48
Poço Redondo	22.582,65	8.960,38	75.736,98	3.609,96	107.280,01	110.889,96
Porto da Folha	24.269,53	8.640,39	76.650,88	3.701,80	109.560,80	113.262,60
Baixo São Francisco	94.829,92	135.081,45	436.212,88	51.582,46	666.124,25	717.706,71
Amparo de São Francisco	654,83	823,62	8.197,26	215,63	9.675,71	9.891,34
Brejo Grande	7.656,28	6.806,18	21.177,45	1.116,70	35.639,90	36.756,60
Canhoba	2.431,15	1.315,56	11.896,33	369,85	15.643,04	16.012,89
Cedro de São João	2.259,69	2.109,91	17.773,78	938,06	22.143,37	23.081,43

Continuação da Tabela 0-32

Ilha das Flores	4.976,30	2.787,93	23.581,72	1.049,61	31.345,94	32.395,55
Japoatã	21.517,75	12.741,99	42.245,80	4.534,99	76.505,54	81.040,53
Malhada dos Bois	1.379,67	2.710,33	16.338,54	1.816,33	20.428,55	22.244,87
Muribeca	2.894,89	3.947,88	21.842,34	1.150,63	28.685,10	29.835,73
Neópolis	15.685,32	19.223,68	64.036,44	8.479,07	98.945,43	107.424,50
Pacatuba	19.257,88	33.916,05	39.690,85	8.443,16	92.864,78	101.307,93
Propriá	7.976,88	44.474,77	134.836,24	22.052,97	187.287,88	209.340,85
Santana do São Francisco	4.194,02	1.841,26	16.364,94	652,55	22.400,22	23.052,77
São Francisco	1.841,15	1.032,54	9.175,11	359,90	12.048,80	12.408,70
Telha	2.104,13	1.349,78	9.056,09	403,03	12.510,01	12.913,03
Centro Sul	114.813,18	148.360,89	731.589,66	80.776,29	994.763,73	1.075.540,02
Lagarto	49.288,68	89.423,30	344.835,72	49.470,74	483.547,71	533.018,45
Poço Verde	13.089,65	6.743,40	61.895,27	3.543,12	81.728,32	85.271,44
Riachão do Dantas	12.435,60	5.653,08	52.442,70	1.889,92	70.531,38	72.421,30
Simão Dias	29.156,92	22.987,36	121.420,19	11.515,44	173.564,47	185.079,91
Tobias Barreto	10.842,33	23.553,75	150.995,78	14.357,06	185.391,86	199.748,92
Grande Aracaju	75.342,47	2.085.283,72	5.889.747,95	1.204.422,64	8.050.374,14	9.254.796,78
Aracaju	5.291,41	1.091.306,64	4.396.609,56	859.997,39	5.493.207,60	6.353.204,98
Barra dos Coqueiros	4.439,07	94.440,70	86.726,11	13.023,80	185.605,87	198.629,67
Itaporanga d'Ajuda	14.843,74	166.938,49	129.789,97	32.128,13	311.572,20	343.700,33
Laranjeiras	10.826,66	286.320,89	359.014,30	113.556,29	656.161,85	769.718,13
Maruim	6.455,99	42.665,61	62.754,94	9.363,08	111.876,54	121.239,63
Nossa Senhora do Socorro	4.030,64	256.367,99	558.393,52	138.188,21	818.792,15	956.980,36
Riachuelo	4.589,59	56.173,65	36.755,19	9.790,47	97.518,42	107.308,88
Santo Amaro das Brotas	7.775,88	12.276,29	32.736,01	1.975,23	52.788,19	54.763,42
São Cristóvão	17.089,49	78.793,47	226.968,37	26.400,05	322.851,33	349.251,38
Leste	49.870,62	791.935,84	356.084,28	54.190,79	1.197.890,74	1.252.081,53
Capela	17.263,16	16.391,68	92.424,17	7.164,62	126.079,01	133.243,63
Carmópolis	1.755,59	243.233,48	51.384,24	12.311,12	296.373,30	308.684,43
Divina Pastora	2.216,78	91.320,09	15.535,64	2.366,91	109.072,51	111.439,42
General Maynard	399,55	2.533,98	9.752,27	311,77	12.685,80	12.997,57

Continuação da Tabela 0-32

Japarutaba	13.550,34	237.458,40	55.892,69	6.470,82	306.901,43	313.372,25
Pirambu	4.153,53	11.273,25	27.604,69	1.308,30	43.031,48	44.339,78
Rosário do Catete	2.883,26	129.963,96	64.052,48	20.239,15	196.899,70	217.138,85
Santa Rosa de Lima	2.680,85	1.776,52	14.439,32	845,57	18.896,69	19.742,25
Siriri	4.967,56	57.984,49	24.998,78	3.172,53	87.950,83	91.123,36
Médio Sertão	49.822,60	25.424,23	196.468,08	12.996,10	271.714,91	284.711,01
Aquidabã	13.787,02	9.723,84	59.578,70	4.179,91	83.089,56	87.269,48
Cumbe	3.521,27	1.247,37	11.409,00	511,01	16.177,64	16.688,65
Feira Nova	7.368,92	1.764,09	16.452,56	868,14	25.585,56	26.453,70
Graccho Cardoso	7.024,84	1.731,44	14.789,39	716,60	23.545,66	24.262,26
Itabi	5.310,27	1.617,35	14.393,47	702,70	21.321,09	22.023,79
Nossa Senhora das Dores	12.810,29	9.340,15	79.844,96	6.017,75	101.995,40	108.013,14
Sul	96.315,83	439.072,31	895.975,63	180.582,12	1.431.363,77	1.611.945,89
Araúá	9.207,78	4.003,32	34.410,56	2.161,73	47.621,66	49.783,39
Boquim	7.145,01	15.580,25	91.253,81	9.278,18	113.979,07	123.257,25
Cristinápolis	7.858,52	5.388,85	44.799,14	2.451,18	58.046,51	60.497,69
Estância	15.917,51	358.545,64	348.815,81	141.390,65	723.278,96	864.669,61
Indiaroba	10.617,11	5.104,87	45.516,37	2.304,37	61.238,34	63.542,71
Itabaianinha	11.238,64	22.178,64	107.193,55	8.175,51	140.610,83	148.786,35
Pedrinhas	2.285,72	3.442,59	25.077,41	1.292,59	30.805,72	32.098,31
Salgado	9.125,80	7.497,70	51.917,97	2.778,87	68.541,47	71.320,33
Santa Luzia do Itanhhy	12.287,32	3.987,67	37.627,87	2.277,49	53.902,85	56.180,34
Tomar do Geru	5.738,74	3.963,20	34.633,34	1.143,24	44.335,28	45.478,52
Umbaúba	4.893,68	9.379,58	74.729,82	7.328,31	89.003,07	96.331,38
Sergipe	700.098,33	4.640.310,85	9.827.826,28	1.727.455,26	15.168.235,45	16.895.690,70

Fonte: IBGE – PIB Municipal Revisado. Elaboração própria.

Tabela 0-33: Composição Relativa do PIB a preço básico dos municípios e territórios de Sergipe, 1999. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	PIB preço básico
Agreste Central	10,26%	13,78%	75,95%	100%
Areia Branca	19,80%	14,47%	65,73%	100%
Campo do Brito	8,95%	14,99%	76,06%	100%
Carira	16,40%	7,11%	76,49%	100%
Frei Paulo	7,85%	43,20%	48,95%	100%
Itabaiana	6,55%	10,61%	82,84%	100%
Macambira	12,62%	8,08%	79,30%	100%
Malhador	12,87%	10,30%	76,83%	100%
Moita Bonita	12,18%	8,55%	79,27%	100%
Nossa Senhora Aparecida	19,22%	7,37%	73,40%	100%
Pedra Mole	13,27%	6,91%	79,83%	100%
Pinhão	19,77%	7,07%	73,16%	100%
Ribeirópolis	10,22%	13,54%	76,24%	100%
São Domingos	13,70%	12,03%	74,27%	100%
São Miguel do Aleixo	15,41%	8,25%	76,34%	100%
Alto Sertão	15,58%	23,46%	60,95%	100%
Camindé de São Francisco	7,08%	58,34%	34,58%	100%
Gararu	27,18%	6,48%	66,33%	100%
Monte Alegre de Sergipe	20,92%	7,30%	71,78%	100%
Nossa Senhora da Glória	16,78%	7,83%	75,39%	100%
Nossa Senhora de Lourdes	13,57%	8,59%	77,84%	100%
Poço Redondo	19,16%	8,63%	72,21%	100%
Porto da Folha	20,11%	7,81%	72,08%	100%
Baixo São Francisco	10,98%	21,96%	67,06%	100%
Amparo de São Francisco	9,53%	8,27%	82,19%	100%
Brejo Grande	20,98%	16,90%	62,12%	100%
Canhoba	19,91%	7,53%	72,56%	100%
Cedro de São João	8,47%	7,64%	83,89%	100%
Ilha das Flores	13,29%	8,13%	78,57%	100%

Continuação da Tabela 0-33

Japoatã	13,69%	42,43%	43,88%	100%
Malhada dos Bois	9,98%	8,62%	81,40%	100%
Muribeca	7,67%	7,91%	84,42%	100%
Neópolis	7,87%	27,35%	64,79%	100%
Pacatuba	30,49%	10,20%	59,31%	100%
Propriá	2,76%	26,17%	71,07%	100%
Santana do São Francisco	10,13%	8,74%	81,12%	100%
São Francisco	17,13%	7,32%	75,55%	100%
Telha	14,09%	9,11%	76,79%	100%
Centro Sul	14,32%	14,23%	71,45%	100%
Lagarto	14,17%	16,26%	69,57%	100%
Poço Verde	19,80%	7,03%	73,17%	100%
Riachão do Dantas	25,82%	6,85%	67,33%	100%
Simão Dias	15,54%	15,26%	69,21%	100%
Tobias Barreto	6,66%	13,76%	79,59%	100%
Grande Aracaju	1,15%	26,05%	72,80%	100%
Aracaju	0,16%	23,61%	76,23%	100%
Barra dos Coqueiros	3,66%	38,85%	57,49%	100%
Itaporanga d'Ajuda	11,19%	34,62%	54,20%	100%
Laranjeiras	2,28%	39,03%	58,70%	100%
Maruim	10,39%	26,57%	63,03%	100%
Nossa Senhora do Socorro	0,63%	33,53%	65,84%	100%
Riachuelo	3,45%	54,64%	41,91%	100%
Santo Amaro das Brotas	21,64%	10,19%	68,17%	100%
São Cristóvão	6,32%	17,93%	75,76%	100%
Leste	7,20%	37,81%	54,99%	100%
Capela	9,71%	8,80%	81,50%	100%
Carmópolis	2,32%	48,52%	49,16%	100%
Divina Pastora	9,74%	47,63%	42,64%	100%
General Maynard	3,54%	11,29%	85,17%	100%

Continuação da Tabela 0-33

Japaratuba	8,99%	49,14%	41,88%	100%
Pirambu	12,95%	11,33%	75,73%	100%
Rosário do Catete	1,56%	59,84%	38,60%	100%
Santa Rosa de Lima	14,97%	6,61%	78,43%	100%
Sirií	11,05%	29,23%	59,73%	100%
Médio Sertão	13,89%	9,62%	76,49%	100%
Aquidabã	11,22%	14,04%	74,73%	100%
Cumbe	14,52%	7,45%	78,03%	100%
Feira Nova	23,27%	6,90%	69,83%	100%
Graccho Cardoso	23,35%	7,09%	69,57%	100%
Itabi	17,72%	7,85%	74,43%	100%
Nossa Senhora das Dores	10,59%	7,87%	81,54%	100%
Sul	7,06%	35,85%	57,09%	100%
Araúá	16,47%	7,87%	75,66%	100%
Boquim	9,33%	9,15%	81,52%	100%
Cristinápolis	14,37%	8,23%	77,40%	100%
Estância	1,86%	56,65%	41,49%	100%
Indiaroba	20,41%	7,20%	72,39%	100%
Itabaianinha	10,25%	13,88%	75,86%	100%
Pedrinhas	12,94%	9,14%	77,93%	100%
Salgado	17,97%	9,40%	72,63%	100%
Santa Luzia do Itanhý	23,86%	13,16%	62,98%	100%
Tomar do Geru	15,38%	8,70%	75,92%	100%
Umbaúba	6,26%	8,27%	85,47%	100%
Sergipe	5,18%	25,20%	69,62%	100%

Fonte: IBGE – PIB Municipal Revisado. Elaboração própria.

Tabela 0-34: Composição Relativa do PIB a preço básico dos municípios e territórios de Sergipe, 2007. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	PIB preço básico
Agreste Central	8,22%	16,36%	75,42%	100%
Areia Branca	19,07%	9,40%	71,53%	100%
Campo do Brito	7,35%	13,62%	79,03%	100%
Carira	13,40%	9,20%	77,40%	100%
Frei Paulo	5,93%	49,21%	44,86%	100%
Itabatana	4,48%	11,38%	84,15%	100%
Macambira	9,70%	9,43%	80,87%	100%
Malhador	12,64%	9,98%	77,38%	100%
Moita Bonita	10,65%	9,40%	79,95%	100%
Nossa Senhora Aparecida	23,07%	7,79%	69,14%	100%
Pedra Mole	10,27%	8,44%	81,29%	100%
Pinhão	14,27%	8,54%	77,19%	100%
Ribeirópolis	7,43%	21,43%	71,13%	100%
São Domingos	8,98%	21,37%	69,66%	100%
São Miguel do Aleixo	15,77%	12,54%	71,69%	100%
Alto Serião	8,86%	58,94%	32,20%	100%
Canindé de São Francisco	1,93%	86,80%	11,27%	100%
Gararu	28,98%	7,24%	63,78%	100%
Monte Alegre de Sergipe	23,59%	8,21%	68,19%	100%
Nossa Senhora da Glória	17,17%	17,21%	65,62%	100%
Nossa Senhora de Lourdes	17,58%	8,30%	74,13%	100%
Poço Redondo	21,05%	8,35%	70,60%	100%
Porto da Folha	22,15%	7,89%	69,96%	100%
Baixo São Francisco	14,24%	20,28%	65,49%	100%
Amparo de São Francisco	6,77%	8,51%	84,72%	100%
Brejo Grande	21,48%	19,10%	59,42%	100%
Canhoba	15,54%	8,41%	76,05%	100%
Cedro de São João	10,20%	9,53%	80,27%	100%
Ilha das Flores	15,88%	8,89%	75,23%	100%
Japoatã	28,13%	16,65%	55,22%	100%

Continuação da Tabela 0-34

Malhada dos Bois	6,75%	13,27%	79,98%	100%
Muribeca	10,09%	13,76%	76,15%	100%
Neópolis	15,85%	19,43%	64,72%	100%
Pacatuba	20,74%	36,52%	42,74%	100%
Propriá	4,26%	23,75%	71,99%	100%
Santana do São Francisco	18,72%	8,22%	73,06%	100%
São Francisco	15,28%	8,57%	76,15%	100%
Telha	16,82%	10,79%	72,39%	100%
Centro Sul	11,54%	14,91%	73,54%	100%
Lagarto	10,19%	18,49%	71,31%	100%
Poço Verde	16,02%	8,25%	75,73%	100%
Riachão do Dantas	17,63%	8,01%	74,35%	100%
Simão Dias	16,80%	13,24%	69,96%	100%
Tobias Barreto	5,85%	12,70%	81,45%	100%
Grande Aracaju	0,94%	25,90%	73,16%	100%
Aracaju	0,10%	19,87%	80,04%	100%
Barra dos Coqueiros	2,39%	50,88%	46,73%	100%
Itaporanga d'Ajuda	4,76%	53,58%	41,66%	100%
Laranjeiras	1,65%	43,64%	54,71%	100%
Maruim	5,77%	38,14%	56,09%	100%
Nossa Senhora do Socorro	0,49%	31,31%	68,20%	100%
Riachuelo	4,71%	57,60%	37,69%	100%
Santo Amaro das Brotas	14,73%	23,26%	62,01%	100%
São Cristóvão	5,29%	24,41%	70,30%	100%
Leste	4,16%	66,11%	29,73%	100%
Capela	13,69%	13,00%	73,31%	100%
Carmópolis	0,59%	82,07%	17,34%	100%
Divina Pastora	2,03%	83,72%	14,24%	100%
General Maynard	3,15%	19,97%	76,88%	100%
Japarutuba	4,42%	77,37%	18,21%	100%
Pirambu	9,65%	26,20%	64,15%	100%

Continuação da Tabela 0-34

Rosário do Catete	1,46%	66,01%	32,53%	100%
Santa Rosa de Lima	14,19%	9,40%	76,41%	100%
Siriri	5,65%	65,93%	28,42%	100%
Médio Sertão	18,34%	9,36%	72,31%	100%
Aquidabã	16,59%	11,70%	71,70%	100%
Cumbe	21,77%	7,71%	70,52%	100%
Feira Nova	28,80%	6,89%	64,30%	100%
Graccho Cardoso	29,83%	7,35%	62,81%	100%
Itabi	24,91%	7,59%	67,51%	100%
Nossa Senhora das Dores	12,56%	9,16%	78,28%	100%
Sul	6,73%	30,68%	62,60%	100%
Araúá	19,34%	8,41%	72,26%	100%
Boquim	6,27%	13,67%	80,06%	100%
Cristinápolis	13,54%	9,28%	77,18%	100%
Estância	2,20%	49,57%	48,23%	100%
Indiaroba	17,34%	8,34%	74,33%	100%
Itabaianinha	7,99%	15,77%	76,23%	100%
Pedrinhas	7,42%	11,18%	81,41%	100%
Salgado	13,31%	10,94%	75,75%	100%
Santa Luzia do Itanhý	22,80%	7,40%	69,81%	100%
Tomar do Geru	12,94%	8,94%	78,12%	100%
Umbaúba	5,50%	10,54%	83,96%	100%
Sergipe	4,62%	30,59%	64,79%	100%

Fonte: IBGE – PIB Municipal Revisado. Elaboração própria.

Tabela 0-35: Distribuição do PIB e do Valor Adicionado Bruto por atividade de Sergipe entre seus municípios e territórios, 1999. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Impostos	PIB preço básico	PIB preço de mercado
Agreste Central	16,17%	4,47%	8,91%	4,92%	8,17%	7,84%
Areia Branca	2,07%	0,31%	0,51%	0,21%	0,54%	0,51%
Campo do Brito	0,97%	0,33%	0,61%	0,20%	0,56%	0,52%
Carira	1,78%	0,16%	0,62%	0,21%	0,56%	0,53%
Frei Paulo	1,15%	1,30%	0,53%	0,72%	0,76%	0,75%
Itabaiana	4,51%	1,50%	4,25%	2,84%	3,57%	3,50%
Macambira	0,46%	0,06%	0,22%	0,06%	0,19%	0,18%
Malhador	0,88%	0,15%	0,39%	0,09%	0,36%	0,33%
Moita Bonita	0,75%	0,11%	0,36%	0,08%	0,32%	0,30%
Nossa Senhora Aparecida	0,89%	0,07%	0,25%	0,08%	0,24%	0,22%
Pedra Mole	0,22%	0,02%	0,10%	0,02%	0,09%	0,08%
Pinhão	0,60%	0,04%	0,17%	0,05%	0,16%	0,15%
Ribeirópolis	0,95%	0,26%	0,53%	0,24%	0,48%	0,46%
São Domingos	0,63%	0,11%	0,25%	0,09%	0,24%	0,22%
São Miguel do Aleixo	0,31%	0,03%	0,12%	0,03%	0,11%	0,10%
Alto Serião	13,00%	4,03%	3,79%	1,49%	4,33%	4,03%
Canindé de São Francisco	1,83%	3,10%	0,67%	0,28%	1,34%	1,23%
Gararu	1,68%	0,08%	0,31%	0,11%	0,32%	0,30%
Monte Alegre de Sergipe	1,36%	0,10%	0,35%	0,13%	0,34%	0,31%
Nossa Senhora da Glória	3,01%	0,29%	1,01%	0,49%	0,93%	0,88%
Nossa Senhora de Lourdes	0,42%	0,05%	0,18%	0,04%	0,16%	0,15%
Poço Redondo	2,04%	0,19%	0,57%	0,19%	0,55%	0,51%
Porto da Folha	2,68%	0,21%	0,71%	0,25%	0,69%	0,64%
Baixo São Francisco	10,16%	4,18%	4,62%	3,20%	4,80%	4,63%
Amparo de São Francisco	0,12%	0,02%	0,08%	0,02%	0,07%	0,06%
Brejo Grande	0,96%	0,16%	0,21%	0,07%	0,24%	0,22%
Canhoba	0,47%	0,04%	0,13%	0,04%	0,12%	0,11%
Cedro de São João	0,27%	0,05%	0,20%	0,05%	0,17%	0,15%
Ilha das Flores	0,60%	0,08%	0,26%	0,07%	0,23%	0,22%
Japoatã	1,84%	1,17%	0,44%	0,63%	0,70%	0,69%

Continuação da Tabela 0-35

Malhada dos Bois	0,27%	0,05%	0,16%	0,09%	0,14%	0,13%
Muribeca	0,31%	0,07%	0,25%	0,08%	0,21%	0,19%
Neópolis	1,09%	0,78%	0,67%	0,63%	0,72%	0,71%
Pacatuba	2,60%	0,18%	0,38%	0,16%	0,44%	0,41%
Propriá	0,76%	1,48%	1,45%	1,28%	1,42%	1,41%
Santana do São Francisco	0,29%	0,05%	0,17%	0,03%	0,15%	0,14%
São Francisco	0,32%	0,03%	0,11%	0,03%	0,10%	0,09%
Telha	0,26%	0,03%	0,11%	0,03%	0,10%	0,09%
Centro Sul	21,03%	4,30%	7,81%	5,19%	7,61%	7,36%
Lagarto	10,30%	2,43%	3,76%	3,35%	3,77%	3,72%
Poço Verde	2,15%	0,16%	0,59%	0,20%	0,56%	0,53%
Riachão do Dantas	2,87%	0,16%	0,56%	0,19%	0,58%	0,54%
Simão Dias	3,91%	0,79%	1,30%	0,71%	1,31%	1,24%
Tobias Barreto	1,80%	0,76%	1,60%	0,74%	1,40%	1,33%
Grande Aracaju	12,64%	59,07%	59,77%	64,73%	57,15%	57,92%
Aracaju	1,30%	39,71%	46,42%	48,87%	42,39%	43,05%
Barra dos Coqueiros	0,88%	1,92%	1,03%	0,67%	1,25%	1,19%
Itaporanga d'Ajuda	2,45%	1,56%	0,88%	0,71%	1,13%	1,09%
Laranjeiras	1,35%	4,75%	2,58%	4,33%	3,07%	3,20%
Maruim	1,37%	0,72%	0,62%	0,44%	0,68%	0,66%
Nossa Senhora do Socorro	0,66%	7,18%	5,10%	7,72%	5,40%	5,63%
Riachuelo	0,48%	1,56%	0,43%	0,74%	0,72%	0,72%
Santo Amaro das Brotas	1,55%	0,15%	0,36%	0,15%	0,37%	0,35%
São Cristóvão	2,61%	1,52%	2,33%	1,10%	2,14%	2,04%
Leste	6,11%	6,60%	3,48%	2,68%	4,40%	4,22%
Capela	1,61%	0,30%	1,01%	0,31%	0,86%	0,80%
Carmópolis	0,28%	1,19%	0,44%	0,49%	0,62%	0,61%
Divina Pastora	0,40%	0,40%	0,13%	0,03%	0,21%	0,19%
General Maynard	0,06%	0,04%	0,10%	0,01%	0,08%	0,08%
Japarutuba	1,91%	2,15%	0,66%	0,41%	1,10%	1,03%
Pirambu	0,60%	0,11%	0,26%	0,07%	0,24%	0,22%

Continuação da Tabela 0-35

Rosário do Catete	0,26%	2,04%	0,48%	1,25%	0,86%	0,90%
Santa Rosa de Lima	0,36%	0,03%	0,14%	0,04%	0,13%	0,12%
Siriri	0,63%	0,35%	0,26%	0,07%	0,30%	0,27%
Médio Sertão	4,95%	0,70%	2,03%	0,71%	1,85%	1,73%
Aquidabã	1,25%	0,32%	0,62%	0,22%	0,58%	0,54%
Cumbe	0,32%	0,03%	0,13%	0,03%	0,11%	0,11%
Feira Nova	0,72%	0,04%	0,16%	0,06%	0,16%	0,15%
Graccho Cardoso	0,75%	0,05%	0,17%	0,05%	0,17%	0,16%
Itabi	0,53%	0,05%	0,16%	0,07%	0,15%	0,14%
Nossa Senhora das Dores	1,37%	0,21%	0,79%	0,28%	0,67%	0,63%
Sul	15,93%	16,65%	9,60%	17,09%	11,70%	12,25%
Araúá	1,10%	0,11%	0,37%	0,12%	0,35%	0,32%
Boquim	1,68%	0,34%	1,09%	0,49%	0,93%	0,89%
Cristinápolis	1,13%	0,13%	0,45%	0,14%	0,41%	0,38%
Estância	2,33%	14,59%	3,87%	14,95%	6,49%	7,35%
Indiaroba	1,48%	0,11%	0,39%	0,11%	0,38%	0,35%
Itabaianinha	1,95%	0,54%	1,08%	0,43%	0,99%	0,93%
Pedrinhas	0,50%	0,07%	0,22%	0,07%	0,20%	0,19%
Salgado	2,13%	0,23%	0,64%	0,25%	0,61%	0,58%
Santa Luzia do Itanhy	1,92%	0,22%	0,38%	0,15%	0,42%	0,39%
Tomar do Geru	0,98%	0,11%	0,36%	0,08%	0,33%	0,31%
Umbaúba	0,73%	0,20%	0,74%	0,30%	0,60%	0,57%
Sergipe	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: IBGE – PIB Municipal Revisado. Elaboração própria.

Tabela 0-36: Distribuição do PIB e do Valor Adicionado Bruto por atividade de Sergipe entre seus municípios e territórios, 2007. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Impostos	PIB preço básico	PIB preço de mercado
Agreste Central	13,55%	4,07%	8,85%	6,44%	7,61%	7,49%
Areia Branca	1,85%	0,14%	0,50%	0,17%	0,45%	0,42%
Campo do Brito	0,66%	0,19%	0,51%	0,18%	0,42%	0,39%
Carira	1,49%	0,15%	0,61%	0,22%	0,51%	0,48%
Frei Paulo	1,14%	1,43%	0,62%	1,28%	0,89%	0,93%
Itabaiana		1,23%	4,30%	3,67%	3,31%	3,35%
Macambira	0,32%	0,05%	0,19%	0,05%	0,15%	0,14%
Malhador	0,75%	0,09%	0,33%	0,09%	0,28%	0,26%
Moita Bonita	0,59%	0,08%	0,31%	0,08%	0,25%	0,24%
Nossa Senhora Aparecida	1,21%	0,06%	0,26%	0,08%	0,24%	0,22%
Pedra Mole	0,17%	0,02%	0,10%	0,02%	0,08%	0,07%
Pinhão	0,45%	0,04%	0,17%	0,04%	0,14%	0,13%
Ribeirópolis	0,80%	0,35%	0,54%	0,36%	0,50%	0,48%
São Domingos	0,57%	0,20%	0,31%	0,17%	0,29%	0,28%
São Miguel do Aleixo	0,34%	0,04%	0,11%	0,04%	0,10%	0,09%
Alto Sertão		17,81%	4,59%	1,84%	9,24%	8,49%
Camindé de São Francisco	2,44%	16,56%	1,01%	0,29%	5,84%	5,27%
Gararu	1,90%	0,07%	0,30%	0,08%	0,30%	0,28%
Monte Alegre de Sergipe	1,73%	0,09%	0,36%	0,10%	0,34%	0,31%
Nossa Senhora da Glória	4,36%	0,66%	1,19%	0,89%	1,17%	1,14%
Nossa Senhora de Lourdes	0,63%	0,04%	0,19%	0,05%	0,17%	0,15%
Poço Redondo	3,23%	0,19%	0,77%	0,21%	0,71%	0,66%
Porto da Folha	3,47%	0,19%	0,78%	0,21%	0,72%	0,67%
Baixo São Francisco	13,55%	2,91%	4,44%	2,99%	4,39%	4,25%
Amparo de São Francisco	0,09%	0,02%	0,08%	0,01%	0,06%	0,06%
Brejo Grande	1,09%	0,15%	0,22%	0,06%	0,23%	0,22%
Canhoba	0,35%	0,03%	0,12%	0,02%	0,10%	0,09%
Cedro de São João	0,32%	0,05%	0,18%	0,05%	0,15%	0,14%
Ilha das Flores	0,71%	0,06%	0,24%	0,06%	0,21%	0,19%
Japoatã	3,07%	0,27%	0,43%	0,26%	0,50%	0,48%

Continuação da Tabela 0-36

Malhada dos Bois	0,20%	0,06%	0,17%	0,11%	0,13%	0,13%
Muribeca	0,41%	0,09%	0,22%	0,07%	0,19%	0,18%
Neópolis	2,24%	0,41%	0,65%	0,49%	0,65%	0,64%
Pacatuba	2,75%	0,73%	0,40%	0,49%	0,61%	0,60%
Propriá	1,14%	0,96%	1,37%	1,28%	1,23%	1,24%
Santana do São Francisco	0,60%	0,04%	0,17%	0,04%	0,15%	0,14%
São Francisco	0,26%	0,02%	0,09%	0,02%	0,08%	0,07%
Telha	0,30%	0,03%	0,09%	0,02%	0,08%	0,08%
Centro Sul	16,40%	3,20%	7,44%	4,68%	6,56%	6,37%
Lagarto	7,04%	1,93%	3,51%	2,86%	3,19%	3,15%
Poço Verde	1,87%	0,15%	0,63%	0,21%	0,54%	0,50%
Riachão do Dantas	1,78%	0,12%	0,53%	0,11%	0,46%	0,43%
Simão Dias	4,16%	0,50%	1,24%	0,67%	1,14%	1,10%
Tobias Barreto	1,55%	0,51%	1,54%	0,83%	1,22%	1,18%
Grande Aracaju	10,76%	44,94%	59,93%	69,72%	53,07%	54,78%
Aracaju	0,76%	23,52%	44,74%	49,78%	36,22%	37,60%
Barra dos Coqueiros	0,63%	2,04%	0,88%	0,75%	1,22%	1,18%
Itaporanga d'Ajuda	2,12%	3,60%	1,32%	1,86%	2,05%	2,03%
Laranjeiras	1,55%	6,17%	3,65%	6,57%	4,33%	4,56%
Maruim	0,92%	0,92%	0,64%	0,54%	0,74%	0,72%
Nossa Senhora do Socorro	0,58%	5,52%	5,68%	8,00%	5,40%	5,66%
Riachuelo	0,66%	1,21%	0,37%	0,74%	0,72%	0,72%
Santo Amaro das Brotas	1,11%	0,26%	0,33%	0,15%	0,37%	0,35%
São Cristóvão	2,44%	1,70%	2,31%	1,10%	2,14%	2,04%
Leste	7,12%	17,07%	3,62%	2,68%	4,40%	4,22%
Capela	2,47%	0,35%	0,94%	0,31%	0,86%	0,80%
Carmópolis	0,25%	5,24%	0,52%	0,49%	0,62%	0,61%
Divina Pastora	0,32%	1,97%	0,16%	0,03%	0,21%	0,19%
General Maynard	0,06%	0,05%	0,10%	0,01%	0,08%	0,08%
Japarutuba	1,94%	5,12%	0,57%	0,41%	1,10%	1,03%
Pirambu	0,59%	0,24%	0,28%	0,07%	0,24%	0,22%

Continuação da Tabela 0-36

Rosário do Catete	0,41%	2,80%	0,65%	1,25%	0,86%	0,90%
Santa Rosa de Lima	0,38%	0,04%	0,15%	0,04%	0,13%	0,12%
Siriri	0,71%	1,25%	0,25%	0,07%	0,30%	0,27%
Médio Sertão	7,12%	0,55%	2,00%	0,71%	1,85%	1,73%
Aquidabã	1,97%	0,21%	0,61%	0,22%	0,58%	0,54%
Cumbe	0,50%	0,03%	0,12%	0,03%	0,11%	0,11%
Feira Nova	1,05%	0,04%	0,17%	0,06%	0,16%	0,15%
Graccho Cardoso	1,00%	0,04%	0,15%	0,05%	0,17%	0,16%
Itabi	0,76%	0,03%	0,15%	0,07%	0,15%	0,14%
Nossa Senhora das Dores	1,83%	0,20%	0,81%	0,28%	0,67%	0,63%
Sul	13,76%	9,46%	9,12%	17,09%	11,70%	12,25%
Araúá	1,32%	0,09%	0,35%	0,12%	0,35%	0,32%
Boquim	1,02%	0,34%	0,93%	0,49%	0,93%	0,89%
Cristinápolis	1,12%	0,12%	0,46%	0,14%	0,41%	0,38%
Estância	2,27%	7,73%	3,55%	14,95%	6,49%	7,35%
Indiaroba	1,52%	0,11%	0,46%	0,11%	0,38%	0,35%
Itabaianinha	1,61%	0,48%	1,09%	0,43%	0,99%	0,93%
Pedrinhas	0,33%	0,07%	0,26%	0,07%	0,20%	0,19%
Salgado	1,30%	0,16%	0,53%	0,25%	0,61%	0,58%
Santa Luzia do Itanhý	1,76%	0,09%	0,38%	0,15%	0,42%	0,39%
Tomar do Geru	0,82%	0,09%	0,35%	0,08%	0,33%	0,31%
Umbaúba	0,70%	0,20%	0,76%	0,30%	0,60%	0,57%
Sergipe	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: IBGE – PIB Municipal Revisado. Elaboração própria.

Tabela 0-37: Empregos, Sergipe: Número de empregos por setor de atividade, município e território, 2008

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	749	5.085	14.840	20.674
Areia Branca	110	54	604	768
Campo do Brito	58	335	1.068	1.461
Carira	135	484	1.251	1.870
Frei Paulo	120	1.069	796	1.985
Itabaiana	204	2.243	6.687	9.134
Macambira	15	24	439	478
Malhador	17	0	587	604
Moita Bonita	5	1	485	491
Nossa Senhora Aparecida	14	53	426	493
Pedra Mole	16	7	222	245
Pinhão	22	3	189	214
Ribeirópolis	26	642	1.063	1.731
São Domingos	0	77	711	788
São Miguel do Aleixo	7	93	312	412
Alto Sertão	114	696	7.281	8.091
Canindé de São Francisco	30	204	1.715	1.949
Gararu	8	3	576	587
Monte Alegre de Sergipe	2	47	543	592
Nossa Senhora da Glória	52	373	1.926	2.351
Nossa Senhora de Lourdes	2	14	305	321
Poço Redondo	5	0	851	856
Porto da Folha	15	55	1.365	1.435
Baixo São Francisco	1.966	1.561	8.380	11.907
Amparo do São Francisco	4	0	277	281
Brejo Grande	10	1	406	417
Canhoba	22	0	325	347
Cedro de São João	9	69	359	437
Ilha das Flores	0	1	530	531

Continuação da Tabela 0-37

Japoatã	1.306	182	652	2.140
Malhada dos Bois	9	30	411	450
Muribeca	28	104	503	635
Neópolis	357	461	1.186	2.004
Pacatuba	17	88	605	710
Propriá	64	546	2.375	2.985
Santana de São Francisco	65	29	295	389
São Francisco	9	11	218	238
Telha	66	39	238	343
Centro Sul	620	4.060	11.863	16.543
Lagarto	285	2.225	5.492	8.002
Poço Verde	3	45	1.192	1.240
Riachão do Dantas	67	0	854	921
Simão Dias	211	1.172	2.172	3.555
Tobias Barreto	54	618	2.153	2.825
Grande Aracaju	4.080	35.396	158.533	198.009
Aracaju	1.869	30.926	151.334	184.129
Barra dos Coqueiros	25	375	1.861	2.261
Itaporanga D' Ajuda	509	1.791	1.876	4.176
Laranjeiras	917	1.927	2.314	5.158
Maruim	760	377	1.148	2.285
Nossa Senhora do Socorro	95	4.588	7.816	12.499
Riachuelo	120	614	570	1.304
Santo Amaro das Brotas	64	17	622	703
São Cristóvão	1.209	2.553	8.901	12.663
Leste	2.161	3.432	8.045	13.638
Capela	1.791	341	1.839	3.971
Carmópolis	24	776	1.991	2.791
Divina Pastora	57	23	361	441
General Maynard	6	52	364	422

Continuação da Tabela 0-37

Japarutuba	83	1.083	1.216	2.382
Pirambu	39	44	463	546
Rosário do Catete	66	871	995	1.932
Santa Rosa de Lima	48	3	322	373
Siriri	47	239	494	780
Médio Sertão	207	1.407	3.764	5.378
Aquidabã	46	80	1.348	1.474
Cumbe	18	0	224	242
Feira Nova	26	2	317	345
Graccho Cardoso	13	0	330	343
Itabi	4	5	339	348
Nossa Senhora das Dores	100	1.320	1.206	2.626
Sul	1.392	4.133	12.312	17.837
Araúá	128	37	506	671
Boquim	244	196	1.134	1.574
Cristinápolis	208	14	599	821
Estância	294	2.558	4.427	7.279
Indiaroba	99	18	537	654
Itabaianinha	66	982	1.505	2.553
Pedrinhas	21	0	354	375
Salgado	146	49	954	1.149
Santa Luzia do Itanhy	114	0	670	784
Tomar do Geru	14	27	541	582
Umbaúba	58	252	1.085	1.395
Sergipe	12.777	63.542	242.927	319.246

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Tabela 0-38: Empregos, Sergipe: Composição relativa entre os Setores da economia nos municípios e territórios, 2008. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	3,62	24,60	71,78	100
Areia Branca	14,32	7,03	78,65	100
Campo do Brito	3,97	22,93	73,10	100
Carira	7,22	25,88	66,90	100
Frei Paulo	6,05	53,85	40,10	100
Itabaiana	2,23	24,56	73,21	100
Macambira	3,14	5,02	91,84	100
Malhador	2,81	0,00	97,19	100
Moita Bonita	1,02	0,20	98,78	100
Nossa Senhora Aparecida	2,84	10,75	86,41	100
Pedra Mole	6,53	2,86	90,61	100
Pinhão	10,28	1,40	88,32	100
Ribeirópolis	1,50	37,09	61,41	100
São Domingos	0,00	9,77	90,23	100
São Miguel do Aleixo	1,70	22,57	75,73	100
Alto Sertão	1,41	8,60	89,99	100
Canindé de São Francisco	1,54	10,47	87,99	100
Gararu	1,36	0,51	98,13	100
Monte Alegre de Sergipe	0,34	7,94	91,72	100
Nossa Senhora da Glória	2,21	15,87	81,92	100
Nossa Senhora de Lourdes	0,62	4,36	95,02	100
Poço Redondo	0,58	0,00	99,42	100
Porto da Folha	1,05	3,83	95,12	100
Baixo São Francisco	16,51	13,11	70,38	100
Amparo do São Francisco	1,42	0,00	98,58	100
Brejo Grande	2,40	0,24	97,36	100
Canhoba	6,34	0,00	93,66	100
Cedro de São João	2,06	15,79	82,15	100
Ilha das Flores	0,00	0,19	99,81	100

Continuação da Tabela 0-38

Japoatã	61,03	8,50	30,47	100
Malhada dos Bois	2,00	6,67	91,33	100
Muribeca	4,41	16,38	79,21	100
Neópolis	17,81	23,00	59,18	100
Pacatuba	2,39	12,39	85,21	100
Propriá	2,14	18,29	79,56	100
Santana de São Francisco	16,71	7,46	75,84	100
São Francisco	3,78	4,62	91,60	100
Telha	19,24	11,37	69,39	100
Centro Sul	3,75	24,54	71,71	100
Lagarto	3,56	27,81	68,63	100
Poço Verde	0,24	3,63	96,13	100
Riachão do Dantas	7,27	0,00	92,73	100
Simão Dias	5,94	32,97	61,10	100
Tobias Barreto	1,91	21,88	76,21	100
Grande Aracaju	2,06	17,88	80,06	100
Aracaju	1,02	16,80	82,19	100
Barra dos Coqueiros	1,11	16,59	82,31	100
Itaporanga D'Ajuda	12,19	42,89	44,92	100
Laranjeiras	17,78	37,36	44,86	100
Maruim	33,26	16,50	50,24	100
Nossa Senhora do Socorro	0,76	36,71	62,53	100
Riachuelo	9,20	47,09	43,71	100
Santo Amaro das Brotas	9,10	2,42	88,48	100
São Cristóvão	9,55	20,16	70,29	100
Leste	15,85	25,16	58,99	100
Capela	45,10	8,59	46,31	100
Carmópolis	0,86	27,80	71,34	100
Divina Pastora	12,93	5,22	81,86	100
General Maynard	1,42	12,32	86,26	100

Continuação da Tabela 0-38

Japarutuba	3,48	45,47	51,05	100
Pirambu	7,14	8,06	84,80	100
Rosário do Catete	3,42	45,08	51,50	100
Santa Rosa de Lima	12,87	0,80	86,33	100
Siriri	6,03	30,64	63,33	100
Médio Sertão	3,85	26,16	69,99	100
Aquidabã	3,12	5,43	91,45	100
Cumbe	7,44	0,00	92,56	100
Feira Nova	7,54	0,58	91,88	100
Graccho Cardoso	3,79	0,00	96,21	100
Itabi	1,15	1,44	97,41	100
Nossa Senhora das Dores	3,81	50,27	45,93	100
Sul	7,80	23,17	69,03	100
Araúá	19,08	5,51	75,41	100
Boquim	15,50	12,45	72,05	100
Cristinápolis	25,33	1,71	72,96	100
Estância	4,04	35,14	60,82	100
Indiaroba	15,14	2,75	82,11	100
Itabaianinha	2,59	38,46	58,95	100
Pedrinhas	5,60	0,00	94,40	100
Salgado	12,71	4,26	83,03	100
Santa Luzia do Itanhhy	14,54	0,00	85,46	100
Tomar do Geru	2,41	4,64	92,96	100
Umbaúba	4,16	18,06	77,78	100
Sergipe	4,00	19,90	76,09	100

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Tabela 0-39: Empregos, Sergipe: Distribuição dos empregos entre municípios e territórios, 2008. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	5,86	8,00	6,11	6,48
Areia Branca	0,86	0,08	0,25	0,24
Campo do Brito	0,45	0,53	0,44	0,46
Carira	1,06	0,76	0,51	0,59
Frei Paulo	0,94	1,68	0,33	0,62
Itabaiana	1,60	3,53	2,75	2,86
Macambira	0,12	0,04	0,18	0,15
Malhador	0,13	0,00	0,24	0,19
Moita Bonita	0,04	0,00	0,20	0,15
Nossa Senhora Aparecida	0,11	0,08	0,18	0,15
Pedra Mole	0,13	0,01	0,09	0,08
Pinhão	0,17	0,00	0,08	0,07
Ribeirópolis	0,20	1,01	0,44	0,54
São Domingos	0,00	0,12	0,29	0,25
São Miguel do Aleixo	0,05	0,15	0,13	0,13
Alto Sertão	0,89	1,10	3,00	2,53
Canindé de São Francisco	0,23	0,32	0,71	0,61
Gararu	0,06	0,00	0,24	0,18
Monte Alegre de Sergipe	0,02	0,07	0,22	0,19
Nossa Senhora da Glória	0,41	0,59	0,79	0,74
Nossa Senhora de Lourdes	0,02	0,02	0,13	0,10
Poço Redondo	0,04	0,00	0,35	0,27
Porto da Folha	0,12	0,09	0,56	0,45
Baixo São Francisco	15,39	2,46	3,45	3,73
Amparo do São Francisco	0,03	0,00	0,11	0,09
Brejo Grande	0,08	0,00	0,17	0,13
Canhoba	0,17	0,00	0,13	0,11
Cedro de São João	0,07	0,11	0,15	0,14
Ilha das Flores	0,00	0,00	0,22	0,17

Continuação da Tabela 0-39

Japoatã	10,22	0,29	0,27	0,67
Malhada dos Bois	0,07	0,05	0,17	0,14
Muribeca	0,22	0,16	0,21	0,20
Neópolis	2,79	0,73	0,49	0,63
Pacatuba	0,13	0,14	0,25	0,22
Propriá	0,50	0,86	0,98	0,94
Santana de São Francisco	0,51	0,05	0,12	0,12
São Francisco	0,07	0,02	0,09	0,07
Telha	0,52	0,06	0,10	0,11
Centro Sul	4,85	6,39	4,88	5,18
Lagarto	2,23	3,50	2,26	2,51
Poço Verde	0,02	0,07	0,49	0,39
Riachão do Dantas	0,52	0,00	0,35	0,29
Simão Dias	1,65	1,84	0,89	1,11
Tobias Barreto	0,42	0,97	0,89	0,88
Grande Aracaju	31,93	55,70	65,26	62,02
Aracaju	14,63	48,67	62,30	57,68
Barra dos Coqueiros	0,20	0,59	0,77	0,71
Itaporanga D' Ajuda	3,98	2,82	0,77	1,31
Laranjeiras	7,18	3,03	0,95	1,62
Maruim	5,95	0,59	0,47	0,72
Nossa Senhora do Socorro	0,74	7,22	3,22	3,92
Riachuelo	0,94	0,97	0,23	0,41
Santo Amaro das Brotas	0,50	0,03	0,26	0,22
São Cristóvão	9,46	4,02	3,66	3,97
Leste	16,91	5,40	3,31	4,27
Capela	14,02	0,54	0,76	1,24
Carmópolis	0,19	1,22	0,82	0,87
Divina Pastora	0,45	0,04	0,15	0,14
General Maynard	0,05	0,08	0,15	0,13

Continuação da Tabela 0-39

Japarutaba	0,65	1,70	0,50	0,75
Pirambu	0,31	0,07	0,19	0,17
Rosário do Catete	0,52	1,37	0,41	0,61
Santa Rosa de Lima	0,38	0,00	0,13	0,12
Siriri	0,37	0,38	0,20	0,24
Médio Sertão	1,62	2,21	1,55	1,68
Aquidabã	0,36	0,13	0,55	0,46
Cumbe	0,14	0,00	0,09	0,08
Feira Nova	0,20	0,00	0,13	0,11
Graccho Cardoso	0,10	0,00	0,14	0,11
Itabi	0,03	0,01	0,14	0,11
Nossa Senhora das Dores	0,78	2,08	0,50	0,82
Sul	10,89	6,50	5,07	5,59
Araúá	1,00	0,06	0,21	0,21
Boquim	1,91	0,31	0,47	0,49
Cristinápolis	1,63	0,02	0,25	0,26
Estância	2,30	4,03	1,82	2,28
Indiaroba	0,77	0,03	0,22	0,20
Itabaianinha	0,52	1,55	0,62	0,80
Pedrinhas	0,16	0,00	0,15	0,12
Salgado	1,14	0,08	0,39	0,36
Santa Luzia do Itanhhy	0,89	0,00	0,28	0,25
Tomar do Geru	0,11	0,04	0,22	0,18
Umbaúba	0,45	0,40	0,45	0,44
Sergipe	100	100	100	100

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Tabela 0-40: Empregos, Sergipe: Numero de empregos por sub-setor de atividade Industrial, municípios e territórios, 2008

Município / Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)
Agreste Central	45	1.011	69	21	0	177	286	37	93	188	307	1.942	243	10	656	5.085
Areia Branca	0	37	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	0	7	54
Campo do Brito	0	36	32	0	0	0	10	0	0	0	0	0	31	0	226	335
Carira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	453	16	0	15	484
Frei Paulo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	127	898	36	1	7	1.069
Itabarana	30	933	36	21	0	177	273	37	34	166	82	44	121	9	280	2.243
Macambira	0	0	0	0	0	0	0	0	2	22	0	0	0	0	0	24
Malhador	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Moita Bonita	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Nossa Senhora Aparecida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	53	0	0	0	53
Pedra Mole	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	7
Pinhão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
Ribeirópolis	15	5	0	0	0	0	2	0	0	0	98	494	11	0	17	642
São Domingos	0	0	1	0	0	0	0	0	57	0	0	0	15	0	4	77
São Miguel do Aleixo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	93	93
Alto Sertão	16	27	0	0	0	0	164	0	0	0	17	0	167	73	232	696
Canindé de São Francisco	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	73	130	204
Gararu	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3
Monte Alegre de Sergipe	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	47	47
Nossa Senhora da Glória	0	17	0	0	0	0	164	0	0	0	17	0	152	0	23	373
Nossa Senhora de Lourdes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	14	14
Poço Redondo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Porto da Folha	16	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	14	0	15	55
Baixo São Francisco	86	179	26	0	0	0	0	3	0	5	455	0	658	1	148	1.561
Amparo do São Francisco	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Brejo Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Canhoba	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Cedro de São João	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	33	0	36	69

Tabela 0-41: Empregos, Sergipe: Composição relativa dos empregos industriais nos municípios e territórios, 2008. (%)

Município / Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)
Agreste Central	0,88	19,88	1,36	0,41	0,00	3,48	5,62	0,73	1,83	3,70	6,04	38,19	4,78	0,20	12,90	100
Areia Branca	0,00	68,52	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	18,52	0,00	12,96	100
Campo do Brito	0,00	10,75	9,55	0,00	0,00	0,00	2,99	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	9,25	0,00	67,46	100
Carira	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	93,60	3,31	0,00	3,10	100
Frei Paulo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	11,88	84,00	3,37	0,09	0,65	100
Itabaiana	1,34	41,60	1,60	0,94	0,00	7,89	12,17	1,65	1,52	7,40	3,66	1,96	5,39	0,40	12,48	100
Macambira	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	8,33	91,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100
Malhador																
Moita Bonita	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100
Nossa Senhora Aparecida	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100
Pedra Mole	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100
Pimão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	100
Ribeirópolis	2,34	0,78	0,00	0,00	0,00	0,00	0,31	0,00	0,00	0,00	15,26	76,95	1,71	0,00	2,65	100
São Domingos	0,00	0,00	1,30	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	74,03	0,00	0,00	0,00	19,48	0,00	5,19	100
São Miguel do Aleixo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100
Alto Sertão	2,30	3,88	0,00	0,00	0,00	0,00	23,56	0,00	0,00	0,00	2,44	0,00	23,99	10,49	33,33	100
Canindé de São Francisco	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,49	35,78	63,73	100
Gararu	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100
Monte Alegre de Sergipe	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100
Nossa Senhora da Glória	0,00	4,56	0,00	0,00	0,00	0,00	43,97	0,00	0,00	0,00	4,56	0,00	40,75	0,00	6,17	100
Nossa Senhora de Lourdes	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100
Poço Redondo																
Porto da Folha	29,09	18,18	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	25,45	0,00	27,27	100
Baixo São Francisco	5,51	11,47	1,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,19	0,00	0,32	29,15	0,00	42,15	0,06	9,48	100
Amparo do São Francisco																
Brejo Grande	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100
Canhoba																
Cedro de São João	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	47,83	0,00	52,17	100
Ilha das Flores	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	100

Tabela 0-42: Empregos, Sergipe: Distribuição dos empregos industriais entre os municípios e territórios, 2008. (%)

Município / Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)
Agreste Central	0,99	22,39	5,83	1,78	0,00	31,49	20,47	2,54	12,20	7,59	4,55	57,73	2,32	0,27	3,12	8,00
Areia Branca	0,00	0,82	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,10	0,00	0,03	0,08
Campo do Brito	0,00	0,80	2,70	0,00	0,00	0,00	0,72	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,30	0,00	1,08	0,53
Carra	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	13,47	0,15	0,00	0,07	0,76
Frei Paulo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,88	26,69	0,34	0,03	0,03	1,68
Itabaiana	0,66	20,66	3,04	1,78	0,00	31,49	19,54	2,54	4,46	6,70	1,21	1,31	1,16	0,24	1,33	3,53
Macambira	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,26	0,89	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04
Malhador	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Moita Bonita	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Nossa Senhora Aparecida	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,58	0,00	0,00	0,00	0,08
Pedra Mole	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,01
Pinhão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00
Ribeirópolis	0,33	0,11	0,00	0,00	0,00	0,00	0,14	0,00	0,00	0,00	1,45	14,68	0,11	0,00	0,08	1,01
São Domingos	0,00	0,00	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	7,48	0,00	0,00	0,00	0,14	0,00	0,02	0,12
São Miguel do Aleixo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,44	0,15
Alto Sertão	0,35	0,60	0,00	0,00	0,00	0,00	11,74	0,00	0,00	0,00	0,25	0,00	1,60	1,95	1,10	1,10
Canindé de São Francisco	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	1,95	0,62	0,32
Gararu	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00
Monte Alegre de Sergipe	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,22	0,07
Nossa Senhora da Glória	0,00	0,38	0,00	0,00	0,00	0,00	11,74	0,00	0,00	0,00	0,25	0,00	1,45	0,00	0,11	0,59
Nossa Senhora de Lourdes	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,07	0,02
Poço Redondo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Porto da Folha	0,35	0,22	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,13	0,00	0,07	0,09
Baixo São Francisco	1,90	3,96	2,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,21	0,00	0,20	6,74	0,00	6,30	0,03	0,70	2,46
Amparo do São Francisco	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Brejo Grande	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00
Canhoba	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Cedro de São João	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,32	0,00	0,17	0,11
Ilha das Flores	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00

Tabela 0-43: Estabelecimentos, Sergipe: Número de estabelecimentos por setor de atividade, município e território, 2008

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	381	307	1.318	2.006
Areia Branca	15	3	29	47
Campo do Brito	41	39	83	163
Cariá	66	11	81	158
Frei Paulo	75	13	61	149
Itabaiana	98	205	831	1.134
Macambira	9	4	26	39
Malhador	9	0	22	31
Moita Bonita	5	2	32	39
Nossa Senhora Aparecida	11	2	21	34
Pedra Mole	7	2	5	14
Pinhão	15	1	13	29
Ribeirópolis	22	19	73	114
São Domingos	0	5	33	38
São Miguel do Aleixo	8	1	8	17
Alto Serião	64	67	363	494
Canindé de São Francisco	13	22	73	108
Gararu	8	1	14	23
Monte Alegre de Sergipe	3	1	18	22
Nossa Senhora da Glória	28	27	167	222
Nossa Senhora de Lourdes	1	4	18	23
Poço Redondo	5	2	21	28
Porto da Folha	6	10	52	68
Baixo São Francisco	143	81	456	680
Amparo do São Francisco	2	0	3	5
Brejo Grande	6	1	8	15
Canhoba	11	0	4	15
Cedro de São João	7	7	21	35
Ilha das Flores	0	3	11	14

Continuação da Tabela 0-43

Japoatã	17	5	23	45
Malhada dos Bois	4	6	14	24
Muribeca	10	4	17	31
Neópolis	34	17	74	125
Pacatuba	11	3	19	33
Propriá	26	28	240	294
Santana de São Francisco	5	3	11	19
São Francisco	6	2	5	13
Telha	4	2	6	12
Centro Sul	211	216	1.087	1.514
Lagarto	99	116	565	780
Poço Verde	5	7	75	87
Riachão do Dantas	33	0	23	56
Simão Dias	52	32	167	251
Tobias Barreto	22	61	257	340
Grande Aracaju	648	1.914	10.290	12.852
Aracaju	284	1.492	8.989	10.765
Barra dos Coqueiros	18	16	94	128
Itaporanga D'Ajuda	110	19	93	222
Laranjeiras	38	19	104	161
Maruim	21	15	43	79
Nossa Senhora do Socorro	28	205	562	795
Riachuelo	16	5	26	47
Santo Amaro das Brotas	36	5	21	62
São Cristóvão	97	138	358	593
Leste	155	117	316	588
Capela	40	23	75	138
Carmópolis	4	53	89	146
Divina Pastora	21	2	8	31
General Maynard	4	1	13	18

Continuação da Tabela 0-43				
Japarutuba	27	9	46	82
Pirambu	11	4	29	44
Rosário do Catete	23	11	36	70
Santa Rosa de Lima	7	1	6	14
Siriri	18	13	14	45
Médio Sertão	120	22	260	402
Aquidabã	26	6	75	107
Cumbe	13	0	19	32
Feira Nova	15	2	16	33
Graccho Cardoso	6	1	11	18
Itabi	4	2	12	18
Nossa Senhora das Dores	56	11	127	194
Sul	513	182	961	1.656
Araúá	45	7	17	69
Boquim	85	15	125	225
Cristinápolis	30	9	46	85
Estância	128	72	437	637
Indiaroba	28	5	25	58
Itabaianinha	33	49	98	180
Pedrinhas	6	0	15	21
Salgado	83	8	53	144
Santa Luzia do Itanhhy	37	0	13	50
Tomar do Geru	8	6	26	40
Umbatuba	30	11	106	147
Sergipe	2.235	2.906	15.051	20.192

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Tabela 0-44: Estabelecimentos, Sergipe: Composição relativa dos estabelecimentos por município e território, 2008. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	18,99	15,30	65,70	100
Areia Branca	31,91	6,38	61,70	100
Campo do Brito	25,15	23,93	50,92	100
Carira	41,77	6,96	51,27	100
Frei Paulo	50,34	8,72	40,94	100
Itabaiana	8,64	18,08	73,28	100
Macambira	23,08	10,26	66,67	100
Malhador	29,03	0,00	70,97	100
Moita Bonita	12,82	5,13	82,05	100
Nossa Senhora Aparecida	32,35	5,88	61,76	100
Pedra Mole	50,00	14,29	35,71	100
Pinhão	51,72	3,45	44,83	100
Ribeirópolis	19,30	16,67	64,04	100
São Domingos	0,00	13,16	86,84	100
São Miguel do Aleixo	47,06	5,88	47,06	100
Alto Sertão	12,96	13,56	73,48	100
Canindé de São Francisco	12,04	20,37	67,59	100
Gararu	34,78	4,35	60,87	100
Monte Alegre de Sergipe	13,64	4,55	81,82	100
Nossa Senhora da Glória	12,61	12,16	75,23	100
Nossa Senhora de Lourdes	4,35	17,39	78,26	100
Poço Redondo	17,86	7,14	75,00	100
Porto da Folha	8,82	14,71	76,47	100
Baixo São Francisco	21,03	11,91	67,06	100
Amparo do São Francisco	40,00	0,00	60,00	100
Brejo Grande	40,00	6,67	53,33	100
Canhoba	73,33	0,00	26,67	100
Cedro de São João	20,00	20,00	60,00	100
Ilha das Flores	0,00	21,43	78,57	100

Continuação da Tabela 0-44

Japoatã	37,78	11,11	51,11	100
Malhada dos Bois	16,67	25,00	58,33	100
Muribeca	32,26	12,90	54,84	100
Neópolis	27,20	13,60	59,20	100
Pacatuba	33,33	9,09	57,58	100
Propriá	8,84	9,52	81,63	100
Santana de São Francisco	26,32	15,79	57,89	100
São Francisco	46,15	15,38	38,46	100
Telha	33,33	16,67	50,00	100
Centro Sul	13,94	14,27	71,80	100
Lagarto	12,69	14,87	72,44	100
Poço Verde	5,75	8,05	86,21	100
Riachão do Dantas	58,93	0,00	41,07	100
Simão Dias	20,72	12,75	66,53	100
Tobias Barreto	6,47	17,94	75,59	100
Grande Aracaju	5,04	14,89	80,07	100
Aracaju	2,64	13,86	83,50	100
Barra dos Coqueiros	14,06	12,50	73,44	100
Itaporanga D'Ajuda	49,55	8,56	41,89	100
Laranjeiras	23,60	11,80	64,60	100
Maruim	26,58	18,99	54,43	100
Nossa Senhora do Socorro	3,52	25,79	70,69	100
Riachuelo	34,04	10,64	55,32	100
Santo Amaro das Brotas	58,06	8,06	33,87	100
São Cristóvão	16,36	23,27	60,37	100
Leste	26,36	19,90	53,74	100
Capela	28,99	16,67	54,35	100
Carmópolis	2,74	36,30	60,96	100
Divina Pastora	67,74	6,45	25,81	100
General Maynard	22,22	5,56	72,22	100

Continuação da Tabela 0-44

Japarauba	32,93	10,98	56,10	100
Pirambu	25,00	9,09	65,91	100
Rosário do Catete	32,86	15,71	51,43	100
Santa Rosa de Lima	50,00	7,14	42,86	100
Siriri	40,00	28,89	31,11	100
Médio Sertão	29,85	5,47	64,68	100
Aquidabã	24,30	5,61	70,09	100
Cumbe	40,63	0,00	59,38	100
Feira Nova	45,45	6,06	48,48	100
Graccho Cardoso	33,33	5,56	61,11	100
Itabi	22,22	11,11	66,67	100
Nossa Senhora das Dores	28,87	5,67	65,46	100
Sul	30,98	10,99	58,03	100
Araúá	65,22	10,14	24,64	100
Boquim	37,78	6,67	55,56	100
Cristinápolis	35,29	10,59	54,12	100
Estância	20,09	11,30	68,60	100
Indiaroba	48,28	8,62	43,10	100
Itabaianinha	18,33	27,22	54,44	100
Pedrinhas	28,57	0,00	71,43	100
Salgado	57,64	5,56	36,81	100
Santa Luzia do Itanhy	74,00	0,00	26,00	100
Tomar do Geru	20,00	15,00	65,00	100
Umbaúba	20,41	7,48	72,11	100
Sergipe	11,07	14,39	74,54	100

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Tabela 0-45: Estabelecimentos, Sergipe: Distribuição dos estabelecimentos entre os municípios e territórios, 2008. (%)

Município / Território	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total
Agreste Central	17,05	10,56	8,76	9,93
Areia Branca	0,67	0,10	0,19	0,23
Campo do Brito	1,83	1,34	0,55	0,81
Caira	2,95	0,38	0,54	0,78
Frei Paulo	3,36	0,45	0,41	0,74
Itabaiana	4,38	7,05	5,52	5,62
Macambira	0,40	0,14	0,17	0,19
Malhador	0,40	0,00	0,15	0,15
Moita Bonita	0,22	0,07	0,21	0,19
Nossa Senhora Aparecida	0,49	0,07	0,14	0,17
Pedra Mole	0,31	0,07	0,03	0,07
Pinhão	0,67	0,03	0,09	0,14
Ribeirópolis	0,98	0,65	0,49	0,56
São Domingos	0,00	0,17	0,22	0,19
São Miguel do Aleixo	0,36	0,03	0,05	0,08
Alto Sertão	2,86	2,31	2,41	2,45
Canindé de São Francisco	0,58	0,76	0,49	0,53
Gararu	0,36	0,03	0,09	0,11
Monte Alegre de Sergipe	0,13	0,03	0,12	0,11
Nossa Senhora da Glória	1,25	0,93	1,11	1,10
Nossa Senhora de Lourdes	0,04	0,14	0,12	0,11
Poço Redondo	0,22	0,07	0,14	0,14
Porto da Folha	0,27	0,34	0,35	0,34
Baixo São Francisco	6,40	2,79	3,03	3,37
Amparo do São Francisco	0,09	0,00	0,02	0,02
Brejo Grande	0,27	0,03	0,05	0,07
Canhoba	0,49	0,00	0,03	0,07
Cedro de São João	0,31	0,24	0,14	0,17
Ilha das Flores	0,00	0,10	0,07	0,07

Continuação da Tabela 0-45

Japoatã	0,76	0,17	0,15	0,22
Malhada dos Bois	0,18	0,21	0,09	0,12
Muribeca	0,45	0,14	0,11	0,15
Neópolis	1,52	0,58	0,49	0,62
Pacatuba	0,49	0,10	0,13	0,16
Propriá	1,16	0,96	1,59	1,46
Santana de São Francisco	0,22	0,10	0,07	0,09
São Francisco	0,27	0,07	0,03	0,06
Telha	0,18	0,07	0,04	0,06
Centro Sul	9,44	7,43	7,22	7,50
Lagarto	4,43	3,99	3,75	3,86
Poço Verde	0,22	0,24	0,50	0,43
Riachão do Dantas	1,48	0,00	0,15	0,28
Simão Dias	2,33	1,10	1,11	1,24
Tobias Barreto	0,98	2,10	1,71	1,68
Grande Aracaju	28,99	65,86	68,37	63,65
Aracaju	12,71	51,34	59,72	53,31
Barra dos Coqueiros	0,81	0,55	0,62	0,63
Itaporanga D'Ajuda	4,92	0,65	0,62	1,10
Laranjeiras	1,70	0,65	0,69	0,80
Maruim	0,94	0,52	0,29	0,39
Nossa Senhora do Socorro	1,25	7,05	3,73	3,94
Riachuelo	0,72	0,17	0,17	0,23
Santo Amaro das Brotas	1,61	0,17	0,14	0,31
São Cristóvão	4,34	4,75	2,38	2,94
Leste	6,94	4,03	2,10	2,91
Capela	1,79	0,79	0,50	0,68
Carmópolis	0,18	1,82	0,59	0,72
Divina Pastora	0,94	0,07	0,05	0,15
General Maynard	0,18	0,03	0,09	0,09

Continuação da Tabela 0-45

Japarutaba	1,21	0,31	0,31	0,41
Pirambu	0,49	0,14	0,19	0,22
Rosário do Catete	1,03	0,38	0,24	0,35
Santa Rosa de Lima	0,31	0,03	0,04	0,07
Siriri	0,81	0,45	0,09	0,22
Médio Sertão	5,37	0,76	1,73	1,99
Aquidabã	1,16	0,21	0,50	0,53
Cumbe	0,58	0,00	0,13	0,16
Feira Nova	0,67	0,07	0,11	0,16
Graccho Cardoso	0,27	0,03	0,07	0,09
Itabi	0,18	0,07	0,08	0,09
Nossa Senhora das Dores	2,51	0,38	0,84	0,96
Sul	22,95	6,26	6,38	8,20
Araúá	2,01	0,24	0,11	0,34
Boquim	3,80	0,52	0,83	1,11
Cristinápolis	1,34	0,31	0,31	0,42
Estância	5,73	2,48	2,90	3,15
Indiaroba	1,25	0,17	0,17	0,29
Itabaianinha	1,48	1,69	0,65	0,89
Pedrinhas	0,27	0,00	0,10	0,10
Salgado	3,71	0,28	0,35	0,71
Santa Luzia do Itanhy	1,66	0,00	0,09	0,25
Tomar do Geru	0,36	0,21	0,17	0,20
Umbaúba	1,34	0,38	0,70	0,73
Sergipe	100	100	100	100

Fonte: MTE – RAIS 2008. Elaboração própria.

Tabela 0-46: Estabelecimentos, Sergipe: Numero de estabelecimentos por sub-setor de atividade industrial, municípios e territórios, 2008

Município / Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)
Agreste Central	8	62	25	4	0	10	37	17	13	23	26	9	95	4	106	439
Areia Branca	3	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3	0	2	11
Campo do Brito	0	3	3	0	0	0	4	0	0	6	0	0	8	0	29	53
Carira	0	3	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1	6	1	6	20
Frei Paulo	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4	2	9	1	3	20
Itabaiana	4	51	18	4	0	10	31	15	9	11	15	3	46	1	51	269
Macambira	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	2	6
Malhador	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	1	0	0	5
Moita Bonita	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	2	1	1	7
Nossa Senhora Aparecida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	1	5
Pedra Mole	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
Pinhão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	3
Ribeirópolis	1	4	1	0	0	0	1	0	1	0	4	1	10	0	4	27
São Domingos	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	0	4	9
São Miguel do Aleixo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
Alto Sertão	2	3	4	2	0	0	9	4	2	4	7	0	41	2	77	157
Canindé de São Francisco	1	0	3	0	0	0	1	0	1	1	0	0	10	1	24	42
Gararu	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	4
Monte Alegre de Sergipe	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	4
Nossa Senhora da Glória	0	2	1	2	0	0	5	1	0	2	3	0	20	0	21	57
Nossa Senhora de Lourdes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	5	7
Poço Redondo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	3	0	12	18
Porto da Folha	1	1	0	0	0	0	2	3	0	1	2	0	4	1	10	25
Baixo São Francisco	13	16	6	1	0	0	0	2	1	3	4	0	60	3	33	142
Amparo do São Francisco	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Brejo Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Canhoba	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Cedro de São João	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	3	7

Tabela 0-47: Estabelecimentos, Sergipe: Composição relativa do número de estabelecimentos industriais, por município e território, 2008. (%)

Município / Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)
Agreste Central	1,82	14,12	5,69	0,91	0,00	2,28	8,43	3,87	2,96	5,24	5,92	2,05	21,64	0,91	24,15	100
Areia Branca	27,27	9,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	18,18	0,00	0,00	27,27	0,00	18,18	100
Campo do Brito	0,00	5,66	5,66	0,00	0,00	0,00	7,55	0,00	0,00	11,32	0,00	0,00	15,09	0,00	54,72	100
Carira	0,00	15,00	10,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	5,00	0,00	0,00	5,00	30,00	5,00	30,00	100
Frei Paulo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	5,00	0,00	0,00	20,00	10,00	45,00	5,00	15,00	100
Itabaiana	1,49	18,96	6,69	1,49	0,00	3,72	11,52	5,58	3,35	4,09	5,58	1,12	17,10	0,37	18,96	100
Macambira	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	16,67	16,67	16,67	0,00	0,00	16,67	0,00	33,33	100
Malhador	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	60,00	20,00	0,00	20,00	0,00	0,00	100
Moita Bonita	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	14,29	0,00	0,00	0,00	28,57	0,00	28,57	14,29	14,29	100
Nossa Senhora Aparecida	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	40,00	40,00	0,00	20,00	100
Pedra Mole	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	50,00	0,00	50,00	100
Pinhão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	66,67	0,00	33,33	100
Ribeirópolis	3,70	14,81	3,70	0,00	0,00	0,00	3,70	0,00	3,70	0,00	14,81	3,70	37,04	0,00	14,81	100
São Domingos	0,00	0,00	11,11	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	11,11	0,00	0,00	0,00	33,33	0,00	44,44	100
São Miguel do Aleixo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	50,00	0,00	50,00	100
Alto Serião	1,27	1,91	2,55	1,27	0,00	0,00	5,73	2,55	1,27	2,55	4,46	0,00	26,11	1,27	49,04	100
Canindé de São Francisco	2,38	0,00	7,14	0,00	0,00	0,00	2,38	0,00	2,38	2,38	0,00	0,00	23,81	2,38	57,14	100
Gararu	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	50,00	0,00	50,00	100
Monte Alegre de Sergipe	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	25,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	75,00	100
Nossa Senhora da Glória	0,00	3,51	1,75	3,51	0,00	0,00	8,77	1,75	0,00	3,51	5,26	0,00	35,09	0,00	36,84	100
Nossa Senhora de Lourdes	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	28,57	0,00	71,43	100
Poço Redondo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	5,56	0,00	11,11	0,00	16,67	0,00	66,67	100
Porto da Folha	4,00	4,00	0,00	0,00	0,00	0,00	8,00	12,00	0,00	4,00	8,00	0,00	16,00	4,00	40,00	100
Baixo São Francisco	9,15	11,27	4,23	0,70	0,00	0,00	0,00	1,41	0,70	2,11	2,82	0,00	42,25	2,11	23,24	100
Anparo do São Francisco																
Brejo Grande	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100
Canhoba																
Cedro de São João	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	57,14	0,00	42,86	100

Tabela 0-48: Estabelecimentos, Sergipe: Distribuição dos estabelecimentos industriais entre os municípios e territórios, 2008. (%)

Município / Território	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)
Agreste Central	6,56	24,12	11,16	4,82	0,00	29,41	17,70	6,18	11,02	11,62	5,98	33,33	10,92	8,16	6,22	9,48
Areia Branca	2,46	0,39	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,01	0,00	0,00	0,34	0,00	0,12	0,24
Campo do Brito	0,00	1,17	1,34	0,00	0,00	0,00	1,91	0,00	0,00	3,03	0,00	0,00	0,92	0,00	1,70	1,14
Carira	0,00	1,17	0,89	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,85	0,00	0,00	3,70	0,69	2,04	0,35	0,43
Frei Paulo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,36	0,00	0,00	0,92	7,41	1,03	2,04	0,18	0,43
Itabaiana	3,28	19,84	8,04	4,82	0,00	29,41	14,83	5,45	7,63	5,56	3,45	11,11	5,29	2,04	2,99	5,81
Macambira	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,36	0,85	0,51	0,00	0,00	0,11	0,00	0,12	0,13
Malhador	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,52	0,23	0,00	0,11	0,00	0,00	0,11
Moita Bonita	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,48	0,00	0,00	0,00	0,46	0,00	0,23	2,04	0,06	0,15
Nossa Senhora Aparecida	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	7,41	0,23	0,00	0,06	0,11
Pedra Mole	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,06	0,04
Pinhão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,23	0,00	0,06	0,06
Ribeirópolis	0,82	1,56	0,45	0,00	0,00	0,00	0,48	0,00	0,85	0,00	0,92	3,70	1,15	0,00	0,23	0,58
São Domingos	0,00	0,00	0,45	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,85	0,00	0,00	0,00	0,34	0,00	0,23	0,19
São Miguel do Aleixo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,06	0,04
Alto Sertão	1,64	1,17	1,79	2,41	0,00	0,00	4,31	1,45	1,69	2,02	1,61	0,00	4,71	4,08	4,52	3,39
Canindé de São Francisco	0,82	0,00	1,34	0,00	0,00	0,00	0,48	0,00	0,85	0,51	0,00	0,00	1,15	2,04	1,41	0,91
Gararu	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,23	0,00	0,12	0,09
Monte Alegre de Sergipe	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,48	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,18	0,09
Nossa Senhora da Glória	0,00	0,78	0,45	2,41	0,00	0,00	2,39	0,36	0,00	1,01	0,69	0,00	2,30	0,00	1,23	1,23
Nossa Senhora de Lourdes	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,23	0,00	0,29	0,15
Poço Redondo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,85	0,00	0,46	0,00	0,34	0,00	0,70	0,39
Porto da Folha	0,82	0,39	0,00	0,00	0,00	0,00	0,96	1,09	0,00	0,51	0,46	0,00	0,46	2,04	0,59	0,54
Baixo São Francisco	10,66	6,23	2,68	1,20	0,00	0,00	0,00	0,73	0,85	1,52	0,92	0,00	6,90	6,12	1,94	3,06
Amparo do São Francisco	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Brejo Grande	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2,04	0,00	0,02
Canhoba	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Cedro de São João	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,46	0,00	0,18	0,15
Ilha das Flores	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,57	0,00	0,12	0,15

Continuação da Tabela 0-48

Japoatã	4,92	0,00	0,45	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,69	2,04	0,18	0,37
Malhada dos Bois	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,51	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,69	0,00	0,12	0,19
Muribeca	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,35	0,15
Neópolis	0,82	1,56	1,79	1,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,51	0,46	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,03	2,04	0,23	0,58
Pacatuba	3,28	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,11
Propriá	1,64	3,11	0,45	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,73	0,85	0,51	0,46	0,00	0,00	0,00	0,00	2,87	0,00	0,59	1,12
Santana de São Francisco	0,00	1,17	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,23	0,00	0,00	0,11
São Francisco	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,06	0,04
Telha	0,00	0,39	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,06	0,06
Centro Sul	5,74	7,00	8,48	6,02	0,00	2,94	17,22	3,27	8,47	12,12	24,60	22,22	9,66	6,12	3,76	8,48							
Lagarto	1,64	5,06	4,46	6,02	0,00	0,00	13,88	2,55	4,24	11,11	2,76	18,52	6,09	6,12	1,94	4,30							
Poço Verde	0,82	0,00	0,45	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,57	0,00	0,35	0,32
Riachão do Dantas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,23	0,00	0,06	0,09
Simão Dias	1,64	1,95	0,89	0,00	0,00	2,94	1,44	0,00	1,69	0,51	0,92	3,70	1,15	0,00	0,88	0,99							
Tobias Barreto	1,64	0,00	2,68	0,00	0,00	0,00	1,91	0,73	0,85	0,51	20,69	0,00	1,61	0,00	0,53	2,78							
Grande Aracaju	63,11	35,41	64,29	79,52	75,00	64,71	50,72	81,45	71,19	60,10	50,11	29,63	55,52	59,18	73,18	63,44							
Aracaju	34,43	21,01	48,21	60,24	64,29	47,06	41,63	69,45	52,54	31,31	40,69	22,22	42,07	24,49	54,99	47,23							
Barra dos Coqueiros	3,28	0,00	0,00	2,41	0,00	8,82	0,48	0,73	0,00	1,52	0,23	0,00	0,69	6,12	0,88	0,86							
Itaporanga D' Ajuda	7,38	0,39	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,09	0,00	1,01	0,46	3,70	1,26	0,00	0,95							
Laranjeiras	1,64	0,39	0,89	1,20	3,57	0,00	0,00	0,00	0,00	4,55	0,00	0,00	0,46	0,00	0,76	0,71							
Maruim	2,46	0,39	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,69	1,52	1,38	0,00	0,69	4,08	0,53	0,69							
Nossa Senhora do Socorro	4,92	11,28	11,61	9,64	7,14	8,82	7,18	5,82	10,17	17,17	5,29	3,70	5,86	10,20	7,75	7,84							
Riachuelo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,12	0,13							
Santo Amaro das Brotas	0,82	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,51	0,00	0,00	0,29	0,17							
São Cristóvão	8,20	1,95	3,57	6,02	0,00	0,00	1,44	4,36	6,78	2,53	1,38	0,00	4,25	14,29	6,98	4,86							
Leste	9,02	4,28	5,36	2,41	7,14	0,00	1,91	0,73	1,69	3,03	1,61	3,70	3,68	6,12	4,75	3,80							
Capela	2,46	0,39	0,45	1,20	0,00	0,00	0,48	0,00	0,85	0,00	0,46	3,70	0,92	4,08	0,41	0,60							
Carmópolis	0,00	0,00	3,57	0,00	3,57	0,00	1,44	0,36	0,85	1,52	0,23	0,00	1,49	2,04	2,46	1,60							
Divina Pastora	0,82	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,06	0,06							
General Maynard	0,82	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,18	0,09							

